COMEDIAS FAMOSAS PORTVGVESAS.

Dos Doctores Francisco de Saa de Mirãda, & Antonio Ferreira.

Dedicadas a Gaſpar Seuerim de Faria.

EM LISBOA.

Com todas as licenças, & approuações neceſſarias.

Por Antonio Aluarez Impreſſor, & mercador de liuros E feytas a ſua custa. Anno 1622.

As Comedias deste liuro sam as seguintes.

Do Doutor Francisco de Sâ de Miranda.
Comedia dos Vilhalpandos.
Comedia dos Estrangeiros.

Do Doutor Antonio Ferreyra.
Comedia de Bristo.
Comedia do Cioso.

LICENCAS.

VI estas Comedias do Doutor Francisco de Sà de Miranda, & Antonio Ferreyra nam ha nellas cousa contra nossa Sancta Fee, & bons costumes, pello qual se pode dar licença, para se imprimirem. Em São Francisco de Lisboa 10. de Iulho de 1621.

Fr. Antonio da Conceyção.

VISTA a informação podemse imprimir estas Comedias, & depois de impressas tornem conferidas com seu original para se lhe dar licença para correrem, & sem ellas nam correram Lisboa aos 25. de Iulho de 1621.

Antonio dias Cardoso. *M. Teixeira Eleito de Brasil.*

PODEMSE imprimir estas Comedias do Doutor Francisco de Saa, & Antonio Ferreira. Lisboa 6. de Agosto de 1621.

Viegas.

¶ 2 Pode-

PODEMSE imprimir estas Comedias vistas as licenças do Sancto Officio, & do Ordinario, & nam correram sem tornarem a mesa pera se taxarem. Em Lisboa a 17. de Agosto de 1621.

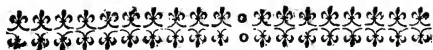
Gama. *Moniz.*

TAxàm este liuro em cento, & trinta reis em papel a 25. de Feuerreiro. de 1622.

D. de Mello. *I. Ferreira.*

REui este liuro depois de impresso, & esta conforme com o Original pello que pode correr. Em S. Francisco de Lisboa oje 25. de Feuereiro de 1622.

Fr. Andre da Resurreiçaõ.

Tem este liuro quarenta folhas, & mea.

A GASPAR SEVERIM DE FARIA, &c.

OMO SEMPRE DESEIEY tirar a luz as obras illustres dos Authores Portuguezes, fiz por vezes muytas diligencias pera auer as Comedias dos Douctores, Francisco de Sà de Miranda, & Antonio Ferreira, porque nellas mais, que em nenhũa outra escritura vulgar, se mostra a Excellencia da lingua Portuguesa, vendose em breues palauras grande grauidade nas sentenças, excellentes discursos, ditos agudos, summa graça, & galantaria no modo de dizer, guardandose sobre tudo o decoro a cada pessoa & as regras da Arte, com tanta perfeição, que não somente igualam as melhores dos Gregos, & Romanos, mas as podem auentajar. Pelo que sam dignissimas de serem trazidas nas mãos de todos, & celebradas nam menos que as de Plauto, & Terencio. Porem estando ja desconfiado de as poder achar, me lembrou, que nam podiam faltar na liuraria dessa casa, na qual por zelo da patria se tem junto com exquisita diligencia hũa bi-

bliotheca Portugueza de todos os Authores deste Reyno, assi impressos, como manuscriptos. Por tanto pedi a V. M. me fizesse merce dellas, pera as poder publicar, como ellas mereciam. E pois V. M. me fez esta merce, & foy instrumento de poderem sair a luz, razam he, que eu as offereça a V. M. como a principal causa que as tirou das treuas do esquecimento, onde estauam sepultadas, trazendoas de nouo aos olhos de todos pera as poderem lograr. V. M. as receba, & com ellas a vontade, que tenho de o seruir, que he muy grande, cô cujo fauor spero publicar outras obras de nam menos estimaçam, & honra deste Reyno. Deos.

Antonio Aluarez.

✠✠✠✠✠✠✠✠✠✠✠✠✠✠✠✠✠✠

A FAMA FAS O PROLOGO.

V NAM VENHO A VOS VOando,aue noua bem empenada,tantos olhos quantas penas, tantas lingoas, & ouuidos: que joguem huns por debaixo dos outros como artelharia, assi como me pintarão estes chocarreiros dos Poetas,que sempre querem gracejar. Mas asſi como todos me chamam Fama:assi venho nestes habitos de molher. Aqui no cabo do mundo he agora o meu assento,& nam nomeo onde os mesmos bons dos Poetas me aposentarão,em hũa casa toda aberta,& descuberta (por certo mal ao menos para o inuerno. Daqui carrego pera todas as partes de graciosas victorias, todas contra os infieis. De torna viagem as vezes nada acho senão patranhas) como agora,que quereis que faça? quereis que torne com as mãos vazias. Ao menos farey nisto verdadeiros aquelles mesmos Poetas,meus amigos, que de mim differam que assim conto o que he, como o que nam he. E elles Iula (como diz o nosso rifam antigo) quereis que estè sempre esperando pollo coxo:o qual quando vem não acha senam arrependimentos. Quantos exercitos tenho eu so por mim desbaratados,quantas fortalezas rendidas com meus medos? Quantas defendidas co as minhas esperanças? Sabeis de que manha vsey estes dias passados naquella grande afronta de Dio?quando vos não pude espantar cos Turcos: espantey os Turcos com vosco. Em tempo que vos tudo falecia saluo o coração. E agora em Tollão,como me meti entre as gales dos mesmos Turcos, tantas que cobriam ho mar. E hi comecey de mormurar da gente nobre que se juntaua em Ceita ao parecer da primeira Andorinha. E ellas desapareceram todas,que nam sabiam ja ho dia nem a hora. Deixo o que fiz em Tunez,onde eu logo desfeu-

bri aos contrarios, quem era o verdadeiro capitam da gente Portugues, que logo fez tremer aquella barba roxa. Quantas destas obrigações tenho eu espalhadas polo mundo, que mas reconhecem mal. E deixando a guerra a de parte: em quantos perigos socorro eu aos que escreuem? os Chronistas a cada passo nam sabem por onde vam sem mim. Os Poetas andaõ sempre polos ares nẽ tẽ outro valhacouto, senam a mim. Te estes que gouernão o mundo com seus cartapacios (eu digo os que oje sobre tudo chamam Doutores) como rematam elles suas rezões, senam co meu nome, & autoridade, dizendo por derradeiro. E desto he publica vos, & fama. E depois com que grauidade acodem nas suas praticas encadarroados: fama malũ & re. Hora todos estes postos a de parte, falemos ca entre nos. E dizeime, das cousas passadas que tendes senam a fama? das presentes quanto vedes? E inda das que vedes? de quanto dais fee, tudo hõ mais a quem ho deueis senam a mim. Do por vir nam falemos, que o reseruou Deos pera si. De todo em todo não vos fieis em sonhos. Ho como aquelles bons antigos morriam por mim com tam bom rosto. E eu tambem que assim lho pagaua: vos outros pondesme alma diante (& assi he razam) todauia bom quinham me dais de vos. Basta: que eu som contente, nam seruis a pessoa desaguardecida. Finalmente quereis saber em quanta obrigação me todo o mundo he: olhai bem, que de quantas cousas em todo elle ha nenhũa responde ignalmente a sua fama: nem Paris essa cidade, nem essa Roma la Sancta. Muyto me vos gabo oje, diruos ey som (como vos ja disse) vesinha, & moradora, obrigada sem a guardar vossos custumes? Hora venhamos as patranhas. Nos estamos em Roma naquellas duas casas viuem dous velhos cidadãos. Cujos nomes vedes, cada hum sobre a sua porta. Ho Pomponio tem hum filho a que chamão Cesarião, o qual filho ho pay, & a māy andão por tirar de captiueiro de hũa destas suas cortesans (que assi lhe chamam.) Ho pay por razam, & autoridade, a māy por deuações. A cortesaã sem razão, & sem autoridade, & sẽ deuações: faz delle tudo o q̃ quer. Sobre este negocio sahiram a vos logo estes velhos, & sua pratica vos hira abrindo caminho. Pera o mais ouui repousadamente.

COMEDIA DOS VILHAL-PANDOS.

Feyta pello Doutor Francisco de Sâ de Miranda.

FIGVRAS DA COMEDIA.

A fama.
Pomponio velho.
Mario velho.
Fausta Matrona Romana com hũa companhia de beguinas.
Miluo alcouuiteiro.
Antonieto criado.
Cesarião mancebo Romão.
Guiscarda velha, & mãy Daurelia.
Vilhalpando 1. soldado.
Vilhalpando 2. soldado.
Apolonio hirmuão.
Fabiano mãcebo estrangeiro.
Trefo moço.
Torquemado moço.
Rubeite page Frances.

ACTO. I.

SCENA. I.

Pomponio. Mario velhos.

Pom. BO A seja a vinda Mario, que em tuã busca hia. *Mar.* Ho Pomponio, & eu na tua, que me disseram em chegando, que jazias em cama.

Pom Nam te enganaram, mas soube como erás vindo & isso me leuantou. *Mar.* Fezeste mal, que ho corpo enfermo, querse na cama, & nam polas ruas. *Pom.* Si, mas tambem ho sprito cansado querse com quem descance. *Mar.* Eu viera a ti, que era mais razam. Mas como te sentes? *Pom.* Fraco: principalmente destas pernas, que me nam podem trazer. *Mar.* Nam te espantes, que ha ja muyto que te trazem, que doença foy a tua? *Pom.* Nunca o pude bem saber. *Mar.* Que te dezião os fisicos. *Pom.* Muytas, & muy notaueis razões. *Mar.* E tu quiseras antes poucas, & certas. *Pom.* Foram, & vierão algũas vezes antes que se consertassẽ. Finalmente capitularão a doença: E tendo eu grandissimo fastio, mandarãome que nam comesse. *Mar.* Perigoso remedio: E mais em tal idade. *Pom.* De maneira que se a natureza me nam tolhia algũa cousa, assi por desejos: Tolhiãoma elles. *Mar.* Matartehião. *Pom.* Pouco menos: entam contauam as vezes das nouas correntes, & dos milagres que ja tinham feytos em outros, a qual mais. *Mar.* E pera ti nam deixaram hum sò. *Pom.* Nam porque a falar verdade, te do estamago veio hũa velha, que me aproueitou mais: Disse, que era atauoleta. *Mar.* Souberãono elles? *Pom.* Nam, antes a poder dafforismos tudo tribuyam aos seus remedios. *Mar.* Sangrarante. *Pom.* Sabe Deos a sua vontade: cada dia afiauão as lancetas Porem eu não quis, como quem sabia o conto dos meus annos, &

que

que o meu ſangue peccaua mais de queimado, que de ſobejo. *Mar.* Ah, que a nos jà neſta idade deuiãonos de tornar a curar como meninos, & naõ com beberagens das boticas. Que da ſua viſta ſe arrepia o corpo todo. *Pom.* Mexidas por cifras que elles fiſicos ſôs entendem, & os buticarios ſeus ſecretarios. *Mar.* Aſsi ſaõ mais eſtimados, & os das outras ſciencias tambem quando os entendem menos. *Pom.* Finalmente aſsi os ſofri hum tempo. Depois cobrey ſiſo, & deſpedios. *Mar.* Ho como fizeſte bem. *Pom.* Como dizem milhor foy tarde que nunca, entam deixeime ir mais deuagar eſpreitando ſempre a natureza, & ajudandoa com bom regimento. *Mar.* Nam ſoube tanto Hyppocras. *Pom.* Aprendi a minha cuſta, & como ſoube da tua boa vinda leuanteime ſobre eſte bordam, que me ajuda mais, & me cuſtou menos. *Mar.* Por amor de mim que repouſes. *Pom.* Que farey ſe mo nam leyxam. *Mar.* Preſa ſobre tudo tua ſaude, nam te mates por ninguem. Que ao dò negro, & ao choro dos herdeiros chamão os antigos riſo, & prazer conhecido, em trajo de lagrimas. *Pom.* Ouueme & depois me con ſelharas. *Mar.* Dize o que quiſeres. *Pom.* Bem te deue da lembrar o que ja falamos antes da tua ida, ſobre noſſos filhos. *Mar.* Nam ſaõ os taes negocios pera eſquecer. *Pom.* Depois tu abſentaſte te, & eu adoeci, tudo ajuda o que ade ſer. *Mar.* Para que he mais? daceouſenos Ceſariam q̃ bẽ o ſey. *Pom.* Naõ auiaõ de falecer

messageiros. *Mar.* Queres que nam vejam os homẽs, nem ouçam. *Pom.* Porem nam correm elles asi ao bẽ. *Mar.* Nam lhe acham tanto sal. *Pom.* Veyo logo aqui ter, a esta nossa rua hũa velha Bolonhesa com hũa filha fermosa. *Mar.* Perigosa vizinhança. *Pom.* Se ainda bẽ soubesses com quanta treiçam & arte. *Mar.* E elles tãbem se deixam enganar leuemente. *Pom.* Logo ha primeira parecia aquella casa erma. *Mar.* Vẽ pobres nam trazem que asoelhar. *Pom.* Mas he tamanha a fermosura da virtude, que querem primeiro enganar cõ ella que com a sua propria. *Mar.* Quanto agora não ha passo em Roma mais a guardado. Ao menos dos nossos mancebos romãos: os Brutos, & os Decios morrẽse pola repubrica. *Pom.* Hora eu em quanto me Deos da tempo nam o queria perder, & cuidado nam acho milhor remedio a meu filho que o casamẽto, o qual, te os Gentios chamaram prisam segura da mocidade. *Mar.* Quantos exemplos vez tu oje neste dia por aqui ao cõtrario? *Pom.* O amor, & as graças dos filhos: os bons costumes das nossas molheres proprias, chamam muito homem pera suas. *Mar.* Ao estomago danado não sabe bem nenhũa cousa boa. *Pom.* E mais em lugar de hum pay teria elle dous. *Mar.* Antes a meu parecer em lugar de hũa fazenda, a tal tempo, meterlhehias duas nas mãos que destruysse. *Pom.* Nam que a isso venho darte conta da boa desposição em que agora tinhamos o negocio por hũa grande offensa que estas molheres

feze-

fezeram a Cesariam de que esta indinado estremadamente. *Mar.* Quanto ha? *Pom.* A noite passada. *Mar.* Tam pouco? *Pom.* Porque? *Mar.* Porque aquelle cõcelho sancto, o qual nos tam mal comprimos, que se nam ponha o sol sobre a nossa ira: Estes o comprem muito bem. *Pom.* Nam he o sentimento tam pequeno. *Mar.* Nam te fies disso que quebram as mais das vezes em mayor amor, do que procede. Polo qual antes quisera que estiuera rindo. *Pom.* Porque se diz logo que esquiuança parte amor. *Mar.* Parte, mas nam assi as primeiras razões: principalmente com estas que os homens tomam com todas suas tachas. *Pom.* Nam era de perder tal occasião. *Mar.* Creme, que ja agora teu filho lança todas as culpas sobre a mà da velha. *Pom.* Si; se a moça se desculpasse. *Mar.* Pera que elle mesmo a desculpara, entam ao fazer das pazes, mal pollos terceiros. *Pom.* Quantos imigos, que tem estas nossas fazendas. *Mar.* Por isso dizem que anda o ouro tam descorado como temido de tantos. *Pom.* Tê os cachorros saltam por amor del Rey de França. *Mar.* Escandalizado ficaste dos fisicos corporais. *Pom.* O quem nam tiuera filho pera se partir rindo de tam mào mundo. Mas do nosso negocio, que concelho me das. *Mar.* Dirtey o que me parece o casamento he a mayor cousa que o homem faz em toda a vida: peçote que ho nam fiemos de payxões de mancebos. *Pom.* Como

faremos? *Mar.* Sobreftemos afsi alguns dias entre tam to trabalho tu que teu filho fe emende por fi fô, & razam, nam por agrauos da Bolonhefa, que comigo nam faõ neceffarias outras mais negociações. *Pom.* Nam fora mào corrermos daqui eftas màs molheres. *Mar.* Pera que jagora: pois onde quer que forem ham de leuar o coraçam de teu filho a pos fi *Pom.* Bom he fempre afaftar os azos. *Mar.* As coufas da vontade nam querem força, que entam as defejamos mais. *Pom.* Filhos de Adam & d'Eua. *Mar.* Finalmente tem fobre tudo cuydado da faude. E como te ja diffe a tudo vay pee ante pee. Entre tanto vernos emos muytas vezes, & huns lanços hiram difcobrindo os outros, que nam façamos ceguelra em coufa que tanto releua. Deixote a Deós que me chama outro negocio, tu tornate a cafa. *Pom.* Elle va contigo, ho defcanfo com que me efte manda ir deuagar, como fe eu tiueffe os dias de contado ho canto darca, pera as necefsidades. Trago: como dizem a alma no papo, & vejo cada dia partir os outros mais faõs, & mais moços: & efte diz que efperemos. Afsi nos vay em pondo o mundo doje pera de menhãa, te que vem aquella derradeira hora, em que tanto ha que fazer. Quifera em tamanha tormenta ter meu filho a mais amarras: efta preffa me fez leuantar da cama ante tempo: Mario efta tam defcanfado bocejando. O cuidados vãos dos homens, pera ifto ajuntey eu & guardey cõ tantos trabalhos, & perigos, pera.

pera deuassos, & deuassas? Nam consintira Deos tal. Cesariam se quiser auer siso, & responder ao sangue donde vem: Seja meu filho: quando nam, a dor nam se escusa: mas em fim toda a perda a de ser sua. Minha molher se nam fizer outro tanto, deixara cà bõs herdeiros: tres dados, & estas boas donas. Cuidais que ve ella os erros deste filho? & se lho digo logo hi saõ as desculpas. E quando ja al nam pode ser, antes eu eyde ficar culpado, ou por aspero, ou por estreito, a fora aquelle dito geral de todas, que outro tanto faria eu em meu tempo. Sobristo nam se escusam contendas cada hora quando nos mais necessario era o descanso; nos veyo falecer de todo. *Quem* sae de minha casa? oh Fausta he minha molher grande companhia lhe vejo toda de Beguinas, noue saõ, quam certo he, que nam auiam de ser pares. Negocio he deuações sobreste filho. *Quero* as escutar vereis que razões tam concertadas.

SCENA II.

Fausta. *Pomponio.*

Fausta. SE algũa ora amigas de Deos, & minhas tomastes cargo de lhe encomendardes algũa pessoa necessitada: seja desta vez, que assi me sereis vos encomendadas, sempre nas vossas necessidades. *Pom.* Muito se lhes offerece, tudo sera as minhas custas. *Fau.* Ora cada hũa tome seu ramal de nos: cento & cincoeta

por cada ramal. *Pom.* Boa soma fazem. *Fau.* Tantas vezes ha cada hũa de dizer aquella oração, que vos dey escrita em pergaminho virgem, que he muyto esprimentada. *Pom.* Como mezinha de velhas. *Fau.* E assi tereys acesas as noue candeas que vos dei tambem de cera virgem. *Pom.* As beguinas quer o sejaõ quer não. *Fau.* E a cada nô beijar a terra, sem falar palaura neste meyo tempo. *Pom.* Forte ponto pera molheres. *Fau.* No cabo de tudo aueis de dizer: assi como isto he verdade, assi de cor, & cõ vontade, saya nomeayo liure, & saõ desta infirmidade, quer seja malicia quer maldade de ma homem, ou ma molher quer outra fortuna qual quer. *Pom.* Que pode logo Deos ahi al fazerse vai por consoantes. *Fau.* Entre tanto eu falarei com a conuertida, & assi espero em Deos, & nas palauras de muyta virtude, & na ajuda das pessoas deuotas que meu filho torne a graça de Pomponio, o qual cõ paixão he posto em cuidados nouos, & não de pay. *Pom.* E polasha em obra: se teu filho se nam emenda. Ia là vaõ tarde se me ordena oje o jantar. Quero entre tanto dar vista aos banqueiros, naõ cuidem os deuedores q̃ saõ ja morto.

SCENA. III.

Miluo. *Antonieto.*

Mil. PEra que saõ mais palauras pide por boca ã escolher como em lauor de amigos. *Ant.* Tam boa

boã nouidade ouue este anno? *Mil.* Que não ha onde a recolher,& sobre tudo boa mercadoria boa. *Ant.* Hi vai ho feito todo. *Mil.* No meu amigo, no preço me enganẽ a mercadoria seja desenganada. *Mil* Estas em teu siso. Que o rico pera que quer o q̃ tem? o pobre vá pedir por amor de Deos, & não ande de amores. *Ant.* Dizes verdade. *Mil.* Hora esse teu enfermo de quais he? *Ant.* Auiate em Roma de andar pedindo piedades, & com que esperança? *Mil.* Fraca por certo q̃ em terra estas onde não sarão pobres nenhũs, com quantos hospitais nella ves. Ant. E quẽ sarassem, ao menos tu nam eras ho hospitaleiro. *Mil.* No cabo estas, hora me dize que tal a queres. *Ant.* Moça aprazerada sem ponta de miolo. *Mil.* Encerrada nem casada? *Ant.* Saõ muyto trabalhosas. *Mil.* E auiate de estar vendẽdo a dinheiro perigos, & trabalhos: a minha gente toda he mansa: mas tenho de muytas sortes asi, como aqui ha muitas sortes dapetitos. *Ant.* Ah esqueciame que estauamos em Roma. *Mil.* Donzella te não offereço porque es tu que a hum nouel esse fora o primeiro offerecimento. *Ant.* Aq̃ preposito, pois me ja lembraste onde estamos. *Mil.* q̃ he outra boa mercaderia punhadas,& lagrimas Ant. E mais onde a descobririamos? *Mil.* Por aqui se fazem. *Ant.* Nam entremos nessas emburulhadas, queria cousa certa,& desocupada. *Mil.* Que dizes? *Ant.* Que nam tiuesse muytos negocios. *Mil.* Ora naõ mais das engeytadas queres. *Ant.* Nam asi mas das

que naõ saõ ainda tam conhecidas. *Mil.* Que barbarias vam pollo mundo andaõse mortos com seus ciumes, aquelle olhou, aquelle rio, aquelle acenou, & ainda isto nam basta, mas ate o que sonham cuidam que he verdade, & de tudo tem paixam: Sapos cuidam que lhe a de falecer a terra: os nossos cortesaõs todos corteses, todos galantes, todos postos em razam ajuntaõse sinco & seis a hũa amiga, & de aprazimento de partes partem antre sim o custo, & prazeres. Ella todos grangeá & agasalha, cuja acerta de ser a noyte esse fica, os outros naõ se vão por isso com peor rostro, outro dia lhe virà a sua vez, ali não ha ciumes, nem inuejas, que mais paraiso queres neste mundo. *Ant.* Està bem mas os filhos como os repartem. *Mil.* Não he gente muyto afruitada. *Ant.* E porem quando acontece? *Mil.* Em tudo a de ser o que ella disser. *Ant.* Quer o saiba quer o não saiba. *Mil.* Que cuidas que vai nisso em fim querem lhe bem como a filhos. *Ant.* O diabo se enforque. Mas este nosso ainda que he Romão ei medo que nisso queira ser barbaro. *Mil.* Vaa se rir o sol nam ves tu a pompa destas nossas cortesaás? Quem bastarà sò por si a seu custo? donde cuydas tu que se ellas ham de manter? que a fora de estes certos que digo, ainda lhe ficaõ de fora outros auentureiros, & nam bastam. *Ant.* Demoslhe algũa nouiça. *Mil.* Demos, mas seja porem Italiana que tudo o mais he vento. Francesas, & Alemãas com quanto vinho bebem sam mais frias que hũa pou

ca

ca de agoa, Espanhoes todas vem ja coradas de Calez, & de Valença Daregão: E sempre o bruquel do risiam ha de reduzir em algum canto da casa como por posse. Ora que rosto he o de hũa Romãa, que graça das Bolonhesas, Francesas, Mautnanas. *Ant.* Nisso & em tudo he esta vossa Italia hum jardim do mundo. *Mil.* E assi acertou a natureza de hũa parte de montes altos, & de todas as outras de mar. *Ant.* Com tudo defendemola mal dos estrangeiros. Mil. Que tanto no la desejão. *Ant.* Tambem as cousas todas vam a reuesses, muyto tempo mandou, & agora he mandada. *Mil.* E Roubada, saqueada, & esfolada, mas deixate dessas Philosophias se me ouueres mister buscame, & seja como deue que nam percamos tempo como aguora. *Ant.* De que maneyra. *Mil.* Com aquelle Ramo douro com que passou outro todos os perigos do inferno. *Ant.* Entendo mas onde te acharey que certo sejas. *Mil.* Em toda a parte que estiueres meya hora quedo, que eu tudo reuoluo, nam guardo Domingo, nem festa, ardo sempre de dia, & de noyte como hum forno de vidro dias ha que naõ perdi outro tanto tempo, como agora. Deixote a Deos.

SCENA. IIII.

Antonioto só.

Do

O Doudinho de Antonioto, como auias mister curado desta tua cabeça. Cuydauas pola ventura que estas em Portugal,onde de todo o negocio he sospirar,& dizer saudades? Torna em ti,& lembrete onde estas Antonioto, busca dinheiro, & nam busques Miluo, nem outrem ninguem. Que farey? Quanto podemos ajuntar com tanto trabalho tam pouco ha, tudo Guiscarda engulio de hum bocado sem deixar pera hũa corda com quese homem enforcasse. O mà velha pior que hum cam faminto em engulir, & logo os olhos por mais certo, que nam tem memoria nenhũa, como dizem os galos, que por isso cantam tanto ameudo. Quem vir as suas festas ao receber do dinheiro cuidara que ja ali tem pera hum anno, dando hũa volta nam a conheceis com quanto auedes sem narizes,como dantes. Estamos bem auiados a velha sem vergonha, Cesariam sem corregimento,ao velho escassissimo, & que anda ja sobre auiso: quem cometera nenhum delles? O que inueja ey tamanha aquelles dauos, & sirios das comedias, que tam bons lhe seram de enganar os seus velhos babosos. Com tudo tenho ja cometido este nosso com a alquimia: diz que quem sabe fazer ouro, & prata, que nam ha mister prata, nem ouro, aos veadores dos thesouros, diz que lhe nam quer mostrar o seu. A quantas destas inuenções ha pollo mundo, respondem descansadamente, que nam compra esperanças por dinheyro, & sobre

& sobre tudo nam quis morrer como cuidauamos, agora sam em pratica com nossa ama por via de deuações tendolhe muyto gauada hũa conuertida grega grande minha oradora, & se por aqui não fazemos algũa entrada no coscorrinho do velho, escusadas sam mais praticas de Miluo.

ACTO. II. SCENA. I.

Cesarião soo.

ESTE meu coração concelheiro em que praticas começa entrar comigo, naõ me queria elle pouco à saltar do peito fora que o nam podia eu sofrer? Deixoume elle mais dormir, nem assossegar, agora que aconteceo de nouo, mandouselhe porventura desculpar alguem, ou chora, & suspira alguem de todos nos, se não eu? como; tamanha injuria & taõ rezente podelhe lembrar outra nenhũa cousa, ainda não quer, ainda naõ cansa, em quanto ouue que dar durou o amor voou a fazenda voou elle, & juntamente, a isto he o que pintam ao amor cõ azas, voou, fogio, desapareceo sem nenhũa lembrança de mim se sam viuo se morto. como? & tam pouco dura o amor? cuytado de mim, que fazia fundamento delle pera toda minha vida, assi se poem tudo atras abrindo as mãos; & carrando? bem seria sem nenhum sentimento este corpo tamanho, se em

tal ocasiam falecesse asi mesmo, & nam se pusesse em saluo a pesar do coração; cheguey a noyte passada aquella porta que todas as horas me sohia estar aberta, de par,em par aquella porta que tambem parecia que ja me conhecia,& que se me abria de seu. Apalpeya,fiz meus sinais acustumados,que aproueitauão, bati, bradey,tam pouco que mais quereis?entrey em duuida,se errara a porta pelo escuro que fazia, torney para atras reconheci tudo de nouo,aquella era aporta,aquellas as casas,& janelas,mas o tempo não era ja aquelle que sohia. Ah como me tomou este mal tam descuydado. Doudo de mim que cuydaua que tinha aquellas vontades por minhas de juro, & de herdade, & nam ha cousa no mundo que tão azinha passe. Que se fez de tantos sospiros, de tantas lagrimas, que se fez de tantas palauras, que se fez de tantas mas palauras que a mim me enganauam mais? Como? fingidas podem ser tantas cousas? em fim que fingidas foram, aquella soo hora foy desenganada, aquella, seu entendimento tiuesse deuia ea de estimar muyto. Que tanto aperfiey ate que a desnarigada ouue, finalmente de chegar a hũa janela donde me falou estes amores que vos direi. Quem he o Vaganao importuno discortes que a tais horas asi bate as portas alheas, ouuindo eu tal, o sangue me fogio de todo o corpo, & me deixou como hũa pedra fria, o que ella sentindo seguio adiante, va dormir onde ceou quem quer que

he

hè, ou ſe anda em buſca de algũa maa ventura póde ſer que a achara aqui, & aſsim a tornou a cerrar com tamanho golpe que tambem a meſma janella parecia que ameaçaua, aqui que deſculpa pode auer? não me conheceriam? inde mal muytas vezes que a outrem poderey enganar, com eſta rezam, mas nam a mim era tarde? Eſtariam pelejadas? embebedarſehia a velha? ah quantas deſculpas que nam baſtam, & o peor he que mas nam da ninguem, ſenam eu que nam deuia. Bem empregado ſeja em mi que ja eſte naõ foy o primeiro ſinal, ſe eu ver, & entẽder quiſera. Ora ſus ſera logo ho derradeiro, a oſadas que bem me curarão das minhas cataratas. Quem ſay de ſua caſa? auelha he porque me nam enuio a ella: mas quero primeiro ver como ſe me diſculpa.

SCENA. II.

Guiſcarda. *Ceſariam.*

Guiſ. SEguraime bem eſta porta, que ſe não abra a ninguem ate que eu torne. Quem algũa couſa quiſer falle de fora. *Ceſ.* Ia me vio eſta aleyuoſa, a mintira. *Guiſ.* Quem ſuſpirar ſuſpire, quem ſe queixar queixe, a minha porta como digo eſte a bom recado que me cuſtou muyto, & bom dinheiro. *Ceſ.* O maluada, eſtas an de ſer as diſculpas.

Guiſ.

Guis. Gentis feruidores, todo feu feito he rodearuolá cafa, efpreitar as janelas, efpiar os que entram, & os que faem. *Ces.* Que falece a lira, fe naõ nomearme polo meu nome. *Guis.* E todauia as vezes te daram hũa boa mufica de noite. *Ces.* E outros amigos dentro em quanto os encerrados andam por fora. *Guis.* E porteam o mayo a porta com mais verfos que meftre Pafquino, correram a argola diante das janellas, & faram aquelle dia hũa muyto boa inuençaõ de mafcara. *Ces.* Efta defnarigada tudo queria que lhe meteffem na bolfa. *Guis.* No meu bom tempo tal cortefaã ouue aqui que a pedraria dos feus chapins era de mais preço que a da garganta de grandes, & ricas donas. Aquelles chamaria eu feruidores, eftes dagora nam fe deuem chamar fe não importunadores. *Ces.* O velha falfa ainda te Deos chegue a tempo que ninguem te importune. *Guis.* Aqui eftauas Cefariam, & eu nam te via? *Ces.* Pois Guifcarda dia claro he, que nam hè de noite. *Guis.* E que quer iffo dizer. *Ces.* Porque as vezes fe nam conhecem os amigos pello efcuro. *Guis.* Eu nam digo que te nam conheço, mas que te nam via. *Ces.* E eu que me nam conheces. *Guis.* Defde quando. *Ces.* Defque me roubafte da alma do corpo, & da fazenda. *Guis.* Fazes mal de me afsi injuriares que eu nam roubo ninguem. *Ces.* Mas roubas, injurias, & fobre tudo ameaças. *Guis.* A quem. *Ces.* A mim. *Guis.* Ah, que iffo vem as mais das vezes os muytos mimos. *Ces.* Mimos dizes roubado,

bado,injuriado,& lançado fora. *Guiſ.* Pois aſsi queres venhamos a todas eſſas tuas contas,& ſeja por a tua ordenança.Primeiramente ao roubado,de que? *Ceſ.* De quanto tinha.*Guiſ.* Se por não teres mais,queres que ſeja muyto: vas arguindo mais eſpiritualmente do que deuias,eu nam conto ſenam ,por tres, & dous fazem cinco. *Ceſ.* Pois porque nam contas aſsi quantas boas obras de mi recebeſte.*Guiſ.*Aſsi ſeja mas as que tu recebeſte deſta caſa,porque tambem te nam lembram, & as naõ contas.*Ceſ.* Em quanto me ſentiſtes que dar não me fallaueis aſsi. Que foy daquelle tempo? *Guiſ.* Paſſou como ves que faz : diſſo te queixas? *Ceſ.* Quem vos tanto deu co[illegible]podia durar? *Guiſ.* Quem tanto de nos queria que fundamento era o ſeu? *Ceſ.* Deiuos quanto tinha.*Guiſ.*E de nos ouueſte tudo quanto querias.*Ceſ.* Ate as Alimarias brutas, fica algum ſentimento das boas obras que recebem,eſte he o amor das molheres. *Guiſ.*&o dos homens ? ah que certo emprego : ſois como as andorinhas,vindes com bom tempo,& com elle vos partis. *Ceſ.* Que ſe fez de quanto vos dei? *Guiſ.* He gaſtado,tu querias que ainda duraſſe? atè quando? *Ceſ.* Ate que me eu pudera remediar.*Guiſ.* Fazes a tuâ conta ſoo, & nos entre tanto de que viuiremos? *Ceſ.* Nunca te lembra ſe não o teu intereſſe.*Guiſ.*Pecadora de mim,& a ti que te lembra ſenão o teu? *Ceſ.* O meu intereſſe vem todo damor, & o teu de deſamor.*Guiſ.* Renego de tal amor que nos quer deitar a perder. *Ceſ.*

Iulgâyo polas obras. *Guis.* Duremnos ellas, & durártehe mos nos. *Ces.* Oo maa velha como te nam mato. *Guis.* Farias hum feyto Romam. *Ces.* Desapreçaria a terra de tam maa cousa. *Guis.* Bem o podes fazer se quiseres, que isso se ganha nestas praticas escusadas. *Ces.* Foyse sem me dar nenhũa outra esperança. Olhay as suas desculpas? olhay se ao menos se lhe fez alguma toruaçam, ou sinal de vergonha do erro tamanho, que tinha cometido contra mim? Ella he ainda a que quer que se lhe desculpem: Qual he o coração que tal sofre? que farey? em fim tambem o passear he mao remedio. Quero buscar Antonioto, que he ido a buscar outros amores nouos. Mas triste de mim, onde nos acharà? molheres nam falecem, mas amor, & contentamento sam os que falecem, pera que he perder tempo andando? vejamos o que por oje se pode auiar tanto que não hi esta esse Tibre que tem mortas outras muytas sedes neste mundo, assim faraa a esta minha.

SCENA III.

Fabiano. *Cesarião.*

Fab. Nam me fujas Cesariam que tenho grande necessidade de ti. *Cesar.* De pessoa tam necessitada? *Fab.* Que quer dizer que estas tam demuda-

mudado. *Ces.* Disso te espantas vendome lançado aos Leões. *Fab.* que te fazem. *Ces.* Pedème mais dinheiro Fabiano amigo. *Fab.* O Cuytado de mim ja o outro he gastado. *Ces.* E esquecido tambem que he pior. *Fab.* Ha, & não ha mais rezam. *Ces.* Antes tem trezentas mil, *Fab.* Nem mais vergonha. *Ces.* Leuarãolha com os Narizes. *Fab.* Grande feyto. *Ces.* Nam te benzas que te defenderà sua rezam contra toda tua Philosophia. *Fab.* A isto me chamas tu molheres. *Ces.* Nam sey, mas muyto se parecem humas com as outras. *Fab.* Ah que te nam acontece isto senam por grande culpa tua. *Ces.* Que posso fazer. *Fab.* Nam te aueres contigo, como mãy com filho mimoso que o deixa fazer tudo o que quer. *Ces.* E que remedio. *Fab.* Fazello querer o que cumpre com ensino, senam com castigo. *Ces.* Renego destes ditos curtos tam bons de dizer, & tam maos de por por obra. *Fab.* As mezinhas todas amargam. *Ces.* Que farey ao Coraçam. *Fab.* Hum Coraçaõ que a tal tempo te desampara pera que o queres. *Ces.* E tu nos teus amores assi te as tam valerosamente. *Fab.* Mal fazes de cotejar taes amores, que nam tem outra cousa huns dos outros, senam o nome soo que lhe vos outros posestes forçadamente. *Ces.* Deyxate dessas tuas sofistarias, que nam posso em hum mesmo dia peleijar com tantos. *Fab.* Quaes tantos. *Ces.* Andey ategora em braços com aquella serpe de Guis-

tarda, & tu faesme agora de refresco com tuas razões. *Fab*. Que nam podes nem somente ouuir. *Ces*. Outra hora me tomarás mais folgado entam combateremos que por agora nam me falecem razões, mas forças, & tempo, deixote a Deos. Fabiano ainda não sabe da pressa em que meu pay anda, pera me casar com Ipolita, que aos olhos deste he a mais fermosa cousa que ha no mundo, a mim he ella boa filha, alua, grande, & loura: fermosa he soo Aurelia. Oo danças, Oo jogos deste mundo, como eyde ver eu, & não pollos meus olhos.

SCENA. IIII.

Fabiano soo.

QVE grande poder he ho do custume, que fez nesta terra ao amor sofrer praçaria, como em qualquer outro trato, & desamarrouho assi daquelles seus pontos, taõ perigosos dos ciumes, porque cada dia em outras partes ferem, & mataõ. Quem poderia isto crer em outra parte? que vem ir as suas amigas com outros a seus prazeres, & passam adiante com bom rosto, & graça, & que estes tambem suspiram, tambem choram, tambem tangem, & cantam os seus versos piadosos. E o que de mais espanto he, que acontece isto a grandes engenhos que não posso entender, como empregam, asi tambem baixamente cousas de

tanto

tanto preço. Vedes eſte Ceſarião mancebo deſpoſto, manhoſo hum ſoo filho a ſeu pay tam rico, que mao peſar he feito delle em tão pouco tempo Encabeſtrou lho aſsi aquella deſnarigada, com hũa filha q̃ tem bonita: que he hũa piedade velo, andalhe ſempre a darredor da caſa, com a boca aberta como encantado: infim outro Ceſarião de todo em todo, & não he o que ſoia, eu ſaõ aqui eſtrangeiro, & ſeu amigo: quiſerame oje achar em ſua companhia auer Hypolita que he fora de caſa em hũa deuação, podera aſsi ver melhor. Mas eilo que torna em grandes debates, vem com Antonioto, todos ſeus caminhos ſaõ pera eſta parte, andaõ em buſca de dinheiro, dura negocceação trazẽ, não os poſſo eſperar.

SCENA. V.

Antoniote. *Ceſariam.* *Mario.*

Ant. A Iſto auiam de vir aquellas tuas brauuras, & aquelle teu lançar de fogos. *Ceſ.* Aſsi ſe engana homem conſigo muytas vezes. *Ant.* Que vergonha tamanha. Que eſpera pelejar com hum Leam, *Ceſ.* O meu Antonioto, que eu nam ſam já o Ceſarião que tu conheceſte. Se eſtas molheres me mandarem dobar, & fiar fiarey, & dobarey. Inda oje tinha algum ſentimento do homem, cuydei que tinha coraçam, & mãos quando veyo ao tempo do meſter, nem lingoa

tiue. *Ant.* Como? *Ces.* Achey Guiscarda, viemos arcã por arca, que queres mais que te diga infim vencceome. *Ant.* Nam me digas tal, *Ces.* He como te conte. *Mar.* Errey em me mostrar tam frio ao requerimento de Pomponio que anda doente, & apaixonado. Torno em sua busca. *Ant.* Onde achaste? *Ces.* Ante a sua porta. *Mar.* Mas vejo Cesarião, & o seu Antonioto. *Ant.* Isso sim a este tal chamaria eu homem que foy buscar ho inimigo a sua casa. *Ces.* A payxam me leuou la, & ho desejo da vingança. *Ant.* E pois que fezeste? *Ces.* Estiue pera me enuiar a ella. *Ant.* Milhor foy assi que era caso de preposito. *Mar.* Estas sam as suas desauenças. *Ces.* Tolheramseme hos pees, & as mãos. *Ant.* O Cesarião pior he ja a vergonha que o danno, *Ces.* Tomoume esta desauentura muyto descuydado, ajudame desta vez a saluar, & pera a outra ajudame a matar, *Mar.* Entre tanto mal pola fazenda. *Ant.* Que gosto podes ja ter naquella casa. *Ces.* Mas em qual outra posso eu ja achar nenhum. *Mar.* A tempo vim, *Ant.* Isso falece em Roma, moças fermosas, & chacorreiras, que mas daua Miluo a escolher. *Ces.* E queres que andemos assi de Miluo pera Guiscarda, & de Guiscarda pera Miluo? *Ant.* Não sabes o que dizem? quem se muda Deos ajuda. *Ces.* Quem pudesse. *Ant.* Daqui a dous dias queras morrer outra vez, antes morre agora: pera que he comprar tam caro, tam pouco tempo. & mais de tal

vida

vida? *Ces.* As seguremos milhor nossas cousas desta vez. *Ant.* Que segurança a de Guiscarda? *Ces.* E eu tambem da minha terey mais comedimento? *Ant.* E da sua que nam aja nenhum? *Ces.* Tambem que forão? veslhe tu outras rendas? *Ant.* Ah, ah, ah, vens afiado das mãos de Guiscarda: quem se tomara contigo. *Ces.* Nam te busquey pera desputarmos: mas pera buscarmos remedio. *Ant.* Nam conheces teu pay como he duro? & mais anda ja sobre auiso. Sabes quanto? disse ja a tua mãy que não auia Guiscarda de ser sua herdeira. *Mar.* Nem minha a poder que eu possa. *Ces.* E eu Antonioto, que ey mister pera depois de minha vida? *Ant.* Hum grande E pitaphio de morte taõ honrrada. *Mar.* Tem razam. *Ces.* E tu zombas, & ris: mal por quem nam pode. *Ant.* Com quanto me segurauas oje que nunca mais, bem me parecia tudo vento, por isso deixame ir dár vista a alguns laços que tenho armados. E mais não queria que a tal tempo nos acertasse teu pay de ver juntos, mandame as mas horas, & caçarey. *Ces.* vay, & nam tardes.

SCENA VI.

Mario soo.

QVe suspeitosos juizes somos todos nos nossos interesses parece agora muita razão a Pōpenio q̃

mettã eu em tal fogo a filha juntamente,& a fazenda a inda se os nossos casamentos fossem como os antigo menos mal: que se fazião, & desfazião tão breuemẽte, mas agora que soo a morte os pode apartar: digouos que me requere dura cousa. E mais não me deixando a fortuna al,em que possa saluar esta casa,se aquella filha nam. Hum filho me leuou na sua menenice,& pol los acontecimentos em que se perdeo,huns annos tiue algũa esperança:mas jagora a filha me conuem dagasalhar o milhor que poder,& polo filho deixar de suspirar mais, & que seja o esteo fraco pera o tal pezo, que fara quem nam tem outro? Antonioto torna com sua ama assaz tenho sabido do negocio não quero saber mais.

SCENA. VII.

Antonioto. *Fausta.*

Ant. MOlher Sanctissimã. *Fau.* Muyto mais ainda do que dezias. *Ant.* Eu vou sempre assi atento,& queria que se achasse antes mais que menos. *Fau.* Menos dizes, como se tiueras dito de cem partes hũa. *Ant.* Em que falaste tanto? *Fau.* Tanto? E a mim pareceme que foy hum sonho. *Ant.* Sabes que sonho? que se foram as beguinas, & disseramme que ellas teriam cuydado. *Fau.* Estaua como fora

de

de mim. *Ant.* Grandes segredos saberias que nos outros, ca nam alcançamos? *Fau.* Nunca tal cuydey de ouuir neste corpo peccador? *Anton.* Em que falastes, se he pera dizer? *Fau.* Em muytas cousas Sanctas: pregunteylhe se as comadres conheciam hũas as outras la no outro mundo? *Ant.* Que te disse? *Fau.* Que era cousa muyto certa. *Ant.* E a mãy ao filho nam, nem o filho a mãy? *Fau.* Que me diras a isso? *Ant.* Sam segredos grandes. *Fau.* Porem prometeome de me ensinar huma deuaçam pera conhecerem tambem os parentes. *Ant.* Bemauenturada tu, & polla ventura sabera outra pera os amigos? *Fau.* Pois que cuydas: *Ant.* Ficarieis grandes amigas: *Fau.* Mais que irmans: *Ant.* He verdade que vam as almas em Romaria a Sanctiago: *Fau.* Huy muyto certo: as que la nam foram em vida. *Ant.* Assi dizem aqui estes Iudeos que ham de ir a terra da promissam em morte por debayxo da terra foçando como toupeiras. *Fau.* Por isso quem laa pode yr na vida; *Ant.* Antes a meu parecer sera milhor depois. *Fau.* Porque cuytada de mim? *Ant.* Porque, aquella estrada que vemos de noyte, nam tem tantas encruzilhadas, nem tantos ladrões. *Fau.* Bõ he pagar ca as diuidas. *Ant.* E farseha com muyto menos custa, & trabalhos: sem passar pollo mao gasalhado de Portugal, nem polas çugidades de Galiza. *Fau.* Tudo isto sam trabalhos do corpo. *Ant.* q̃ te disse da

caldeira de Pero botelho? *Fau.* Deos nos guarde que estão ahi sempre tantos inimigos conganhados. *Ant.* Como tripeiras na praça, & frades na enuolta? *Fau.* Guardeos Deos de mal. *Ant.* Asi os pintão com suas coroas,& Ioam despera em Deos? *Fau.* Viho, & falou lhe pareceme que em Grecia,& nunca mais ria. *Ant.* He verdade do pesadelo,que tem a mam furada? *Fau.* E pois que cuydas? muyto mal se faria logo,se tal não fosse: tambem me ensinou essa deuaçam. *Ant.* degradarmia pera o mar colhado? *Fau.* Ay Antonioto emvida, & em morte. *Ant.* Em vida tambem; fazme isso cuydar em teu filho que não parece aquelle, dias ha. *Fau.* Muyto falamos sobre isso. Diz que pode muyto bem ser: quanto a vista,andar aqui, & estar la degradado, delles metidos ate a cinta, delles ate o pescoço. *Ant.* Ey medo segundo teu filho anda. *Fau.* Prometeome de fazer sua oraçam por elle. *Ant.* Por te dizer a verdade, Isso nam me satisfaz muyto. *Fau.* Porque Antonioto? *Ant.* Porque he custume destes priuados podendo quanto querem, dizerem sempre eu falarey. *Fau.* Ella mo disse com tal graça que eu fiquey contente. *Ant.* Dao logo por feyto. Somos em casa. *Fau.* Depois falaremos mais deuagar nam des conta disto a ninguem, *Ant.* Descança, Oo graças deste mundo, nam sey como me pude ter ao rizo por vezes fuy abalado de maneira que dey a negoceaçam toda por perdida,mas ella nam atentaua,nem via, nem ou-

uia

uia que tam occupada vinha do espirito. Estás vos digo eu que sam, graças que nam as dos truães frios, que estam toda a noyte estudando em suas semsaborias. Ho que leue cousa he enganares a quem deseja de te crer. Guardeme Deos daquelle cabeçudo de nosso amo que por mais que lhe digaes, & jureis sempre está dando a cabeça. Esta fique nam duuida. Ho que dias agora ha de leuar nos seus ajuntamentos com aquellas suas comadres que ha de conhecer no outro mundo. Deos nos valha que as outras nam ham tam pouco de querer trazer ali suas lingoas ociosas. Ho senhor, que ajuntar de cabeças, que reuoluer dolhos, que bulir de beiços, que a fiar de lingoas, que hũa nam da lugar ha outra. Cuidaes que se escurtam? a proposito. Estam sempre esperando tempo pera tomarem a mam, depois não a querem perder tam asinha, & aquella vem ali mais rica, que tras mais fortes casos pera cõtar: que cousas dira agora nossa ama? & que enueja lhe hande auer as outras? entam estes seus maridos que nos gouernam mais barbudos que os hirmitães dos montes hermos, sam infim gouernados por ellas. Quantas cousas tenho oje pera fazer.

ACTO. III. SCENA I.

Miluo. Vilhalpando capitam.

Mil.

Mil. QVE o nam digo por me estar gabando, mas quem as manda todas, & as gouerna senam Miluo? *Vilh.* Asſi me dizem, que ja venho a ti por fama. *Mil.* Que te disseram de minha fee, & deligencia. *Vilh.* Milagres. *Mil.* Nam poderas topar em toda Roma com homem que te asſi auiasse, & desenganasse. *Vilh.* Nem tu com quem te asſi pagasse: que estes ca todos sam auarentos. *Mil.* Nam pera estas obras de misericordia corporaes. *Vilh.* Em fim nam te has de queixar de minha companhia. *Mil.* Sabes em que as senhoreo? serlhes todos seus segredos. *Vilh.* A la fè que hi vay ho ponto: sus ponhamoslhe as mãos, & remetamonos as obras. *Mil.* Que nam ay tais testemunhas. *Vilh.* Aquellas sam as casas, mas vejo tudo fechado. *Mil.* Oh em Aurelia Bolonhesa me falas. *Vilh.* Que olhos? que chamesam mais de dia que as estrellas de noyte. *Mil.* Tam boas sam as mãos. *Vilh.* Diuinas, aluas como a neue; compridas as vnhas longas, & coradas. *Mil.* Asſi caçam. *Vilh.* Queriasseme ontem lançar da janella abayxo: oje vejo tudo fechado. *Mil.* Tem suas occupações, nas cousas das molheres nam has de ser muyto especulatiuo. *Vilh.* O que boca, o que riso, o que graça. *Mil.* Em superlatiuo grao, mas a lingoa? *Vilh.* Como? *Mil.* A da mãy digo, que dana tudo, he hũa serpente. *Vilh.* Encantemola. *Mil.* Asſi he necessario. Mas com que? *Vilh.* Com palauras brandas, & auisadas. *Mil.* Cer-

ralhe

ralhe os ouuidos. *Vilh.* Seja com algũa feytiçaria. *Mil.* Traz defensiuos. *Vilh.* Ou com muyto de comer, & beber. *Mil.* Faz todos seus partidos em jejum. *Vilh.* Cõdadiuas? *Mil.* Esse ponto me lee, & toda a casa he nossa. *Vilh.* Sobrisso farey inda hũa gentileza com ellas. *Mil.* Que tal? *Vilh.* Mandarlheey hũa esparça de perlas. *Mil.* Segundo a velha he toda gentil. *Vilh.* Essa vossa Roma toda se reuolue em dinheiro. *Mil* Somos assi paruos. *Vilh.* Quebrarey dez lanças darmas no canto daquella sua casa. *Mil.* Hum Roldam. *Vilh.* Lançarmeey em terra, & erguerme: armado de ponta em branco. *Mil.* Quem fez nunca tal. *Vilh.* Saltarey em hum caualo sem por pee na estribeira. *Mil.* Ligeireza *Vilh.* Bafor darey por cima daquella Torre. *Mil.* Galantarias? *Vilh.* Correrey a Cauallo em pee na sella. *Mil.* E se elle embicar. *Vilh.* Lançarmey fora como hũa Aue voando. *Mil.* Graças que Deos da as pessoas, *Vilh.* Mas pois nam querem, senam dinheiro que lho demos. *Mil.* Creme que esse he o mais certo caminho. *Vilh.* Parecete esta boa moeda? *Mil.* Muytos destes me podiaõ fazer grande senhor. *Vilh.* No espiritual, & temporal, mas espera pedirey aqui papel, & tinta, & irà tambem a esparça de Companhia. *Mil.* Aqui te espero que as mataras de amores.

SCENA. II.

Antoniete. Milno. Vilhalpando.

Ant.

tẽpo que sohiam de dormir agora choram. *Guis.* E de que serue? vigia,& negocea. *Mil.* E mais pera que medranças. *Ces.* Sempre eyde negocear? te quando? *Guis.* Sempre as de querer mais de nos? te quando? Se te não aprazemos ja,amigos como dantes. *Ces.* Que pouco mais ou menos toda he hũa mesma amizade. *Guis.* Em fim es casado vayte para tua molher. *Ces.* Casado? & quem me quererà a mim desta maneira? *Guis.* Mancebo,gentil homem,hum filho soo dum pay muyto rico, & muito velho :es pera engeitar. *Ces.* E porem assi sam engeitado,& lãçado fora de casa. *Guis.* A qual casa faze conta que se naõ pode manter de suspiros. *Ces,* Os meus apetitos vos poseram nesse estado *Guis.* Que passam abrindo a mão, & çarrando. *Mil.* Pratica cossaira; *Ces.* Depois que me ouuestes as mãos a triste da minha alma, & o triste de meu coração engeitaisme o corpo, & quereisme asi deixar morrer. *Guis.* Tu sararàs. *Mil.* Como fala ousada,porque nam tem narizes. *Ces.* Asi que me não das remedio nenhũ. *Guis.* Pedesme o que nam tenho para mim. *Ces.* Nem esperança. *Guis.* Imfim dirtey hũa verdade,a nos com prenos viuer como nossas vezinhas que todas tem amigos certos,himos ja çarrando nossa conta, no lugar que ainda fica nam engeitaremos a ti, tanto por tanto, polo amor que te temos,& oje aja tua reposta que não queremos mais estar por este partido de bem te farei. *Ces.* E muyto menos por de bem te fiz,segundo me

ora

ora parece. *Guis.* Sabes aquella necessidade que tenho me nam daa vagar nem o posso dar a ninguem. *Mil.* A tempo vem logo os escudos do Sol. *Guis.* Estamos asi a ventura não ves tu tantas fermosas pollas janellas, & tantos ociosos pollas ruas? *Ces.* E a todos esses tu queres meter em casa? *Guis.* Mas a todos esses tu queres que çarremos a porta por amor de ti. *Mil.* Naquillo tem razam a fallar verdade. *Ces.* Ora dize pois minha mofina asi o quis, que quinham será o meu consertandonos. *Guis.* Teras tua noyte na somana. *Mil.* E naquillo tambem comeco muyto quelo meter em dieta. *Guis.* Se fores nesse conhecimento. *Ces.* Do que me queres vender como a mouro, ou a judeu ou de que. *Guis.* Ainda tu es tam aprendis que nam entendas as auentagens dos seruidores nouos: Que sam tam apraziueis, a toda casa querem contentar ate os cães, & os gatos. *Ces.* En fin ho vencido por força, he que viua pollas leys de vencedor, pois asi he que auemos de entrar ao cicote carniceira alça ho cutelo, & reparte. *Guis.* Olha nam me chames depois carniceyra de verdade. *Ces.* Foyse? voume enforcar estes foram os perdões. *Mil.* Como Cesariam he moço; quero dizer como Cesariam he paruo que ainda naõ sabe que elle era o que auia de pedir os perdões, que pressa a velha leua, voume depos ella.

SCENA IIII.

Guiscarda. *Miluo.* *Aurelia.*

Guis. AINDA à porta nam era bem cerrada jà batem que mao officio serà o de porteyro dos frades. *Mil.* Ta, ta, ta. *Guis.* Ou he algum doudo, ou algum priuado. Ah bem adeuinhaua eu. *Mil.* Que ençarramento he este. *Guis.* Nam sabe homem quem lhe quer mal. *Mil.* Quem hade querer mal a quem nam faz mal a ninguem. *Guis.* Asi he elle se nos valesse, mas que mandas? *Mil.* Com que pressa te ma colheste, ainda tu tens boas pernas. *Guis.* Trazemme como dizem as raparigas de cantaro, mas cumpre te de nos alguma cousa? que ja sabes como tudo he teu. *Mil.* Renego deste tudo que nunqua segura nada; mas hay por ventura occupaçam, ou como te me atrauessas asi diante. *Guis.* E mercadoria te parece desta casa para estar as moscas. *Mil.* Vou logo auante, que nam ha hy peor negoceaçam, que a sem tempo? *Guis.* Nam me tens aqui? *Mil.* Eu buscaua Aurelia, *Guis.* Que lhe querias? *Mil.* Nada, nam sey que trazia nesta manga quiseraa conuidar. *Guis.* Es seruidor de capello. *Mil.* Esse mao tirte là que nam he pera ti. *Guis.* Ah ladram que bons escudos, onde os furtaste. *Mil.* Na casa da

moc-

moeda, *Guis.* Nouos dagulhas queres que a chame. *Mil.* Nam, se esta occupado. *Guis.* Huy que occupaçam pode auer pera ti. *Mil.* Ferida vay estes sam os tiros do ouro, que dizem os poetas do seu Deos do Amor. *Aur.* Quem he este meu seruidor, que nas boas oras seja. Tu eras, olhay os amores que ha mil annos que me nam vio, nam te quero fallar. *Mil.* Entam de que viuirey eu. *Aur.* Si, tolhes me a vista tantos dias ha, razam seria que te tolhesse eu aguora a falla. *Mil.* Ora por passar estes agrauos lancemos humas sortes. *Guis.* Que taes? *Mil.* Tenho neste punho huma peça, neste outra. *Aur.* Nam aja burla. *Mil.* A fee que nam, quem acertar a milhor a sua ventura lhe valha, *Guis.* Esta seja a minha, *Aur.* E a minha estoutra. *Mil.* Primeiro vejamos a que tomaram primeyro: Esparsa feyta em louuor da Senhora Aurelia, por hum grande seu seruidor. *Guis.* Seja logo sua, vejamos essoutra. *Aur.* Isto si esta he a minha. *Mil.* Espera, que ainda sobre isso, ha muyto que fazer. *Aur.* Faze conta que os viste. *Mil.* Estas logo bem que tens por onde pagar. *Aur.* Nam sam mais de dez escudos, quanta era por tam pouco vejamos a esparça. *Guis.* Que iguaria pera enfastiados. *Mil.* La falaremos dentro. *Aur.* Entra minhas barbinhas douro, minhas perlas que vem gente,

C 2 SCENA.

SCENA. V.

Apolonio hirmitão. *Antonieto.*

Apol. POr aqui hade ser segundo a informaçam eyde esperar Piloto que me nauege? *Ant.* Torno a guardar aquelle Irmitam, o que azemel tam pezado da redea de quam prestes he a grega. *Apol.* *Dominum, Dominum, Dominum.* *Ant.* E porem as vezes assi carrancudos, & de ma graça enganam mais. *Apol.* *Dominum. Dominum meum, Dominum meum.* *Ant.* E os agudos que querem dar rezam a tudo as vezes se perdem. *Apol.* *Conturbatus conturbatus.* *Ant.* Este bom vem como dizem em abito, & tonsura. *Apol.* *Abrenuntio, Abrenuntio, Abrenuntio.* *Ant.* Apolonio deyxa de rezar, & escuyta. *Apol.* Não pode homem em Roma acabar hũa oração em paz, por isso he milhor estar soo na minha lapa. *Ant.* Ah, ah, ah, que tambem me quer enganar a mim. *Apol.* Oo Tu eras, nam te conhecia, como està a casa? *Ant.* Nosso amo repousa, nossa ama te espera. *Apol.* Bem esta. *Ant.* O que logo poderes recadar nam o deixes pera depois. *Apol.* Mas deyxalohia pera dia de sam serejo. *Ant.* Espanta, apanha, & despachate. *Apol.* Bem te ouço. *Ant.* Se te enquererem muyto fazete agastadiço, & de pou-

poucas palauras. *Apol.* Tudo me lembrara. *Ant.* Aquel la he a casa vay muyto em hora maa. *Apol.* Maa seja pera ti. *Ant.* Quem anda neste mundo em seu abito, nem em seu proprio rosto? dos Regedores saem as desordenanças, dos letrados as cautellas, assi como das boticas as peçonhas, & como dissem, os beliguins sam os que roubam a cidade. De que fazem em Roma os officiaes tais quintas? quem sae de nossa casa, o velho he em outro posto esperarey o irmitão a tornada que ja sabe onde ha de acudir.

SCENA. VI.

Pomponio soo.

ESTA minha casa toda anda trouada a molher dentro em puridades, fora em deuações, não sey que negoceão todos, que assi se velão de mim em parecendo logo mudão a pratica, & todos se acenão. Quando auiamos mister mil olhos, & mil ouuidos pera nos valermos de tanta gente então perdemos o ver, & ouuir. Quando nos erão mais necessarios os pès, & as mãos entam nem os pês vos podem trazer, nem defender as mãos: sobre tudo crecem os negocios, & trabalhos, falecem os passatempos. Sohia a ser, que ao erguer da cama pedia de vestir, & pera ver, e cõuersar, & agora temo, & pareceme que peço armas para sayr a pelejar. O grande natureza como foste tam bandeira por parte

dos começos das cousas, com os mininos todo mundo folga, te las suas semsaborias, se lhes tornão em graças. Ao contrario com os velhos todos se enfadam, todos se carregam, antes, que passemos desta vida ja começamos dasombrar. As menhãas de seu natural sam graciosas, as tardes tristes, & como disse aquelle nosso Romam as mais das gentes fazem sua oração para onde o Sol nace. O porque as vezes me falece paciencia asi he ver os mininos em tão pouco tempo duas vezes dentes, & a nos que nos desemparem asi pera sempre em tempo de tanta necessidade, valnos algũa experiencia, que alcançamos com os dias por onde asi passo, como andamos trilhamos lonje: Por ventura serey eu tal oje com este meu bordam, que por isso dizem, que sabe o diabo muyto.

SCENA VII.

Miluo so.

A Verdade, & mais no teu officio te encomendo sobre todas as cousas, os tafues roubaram em outra parte por pagarem fielmente o que fizeram bom sobre sua palaura, & logo a ti torno, ja çarrou a porta, não vejo ninguem, q farei, com quem falarei este segredo tamanho, que me não descubra? Onde acharey eu agora hum mudo, & que ouuisse, pera que pudesse desabafar com elle. O velho paruo de Miluo, q te nacerã

os den-

ôs dentes em Florença, & agora te caem cada dia em Roma, tornares assi de nouo a engatinhar. Cuidei, que ào menos neste mester das molheres pola longa experiencia, que ja tinha descuberto tudo. Velho tolo outra vez, & moytas que hoje neste dia tornas a entauolar o teu jogo de nouo. Cuidei hum tempo que valia cõ ellas mocidade, auiso, nobresa, boas manhas, bõ parecer. Não tardou muito que mudei a opinião, & cri outros dias, que tudo estaua em diligencia azos, conuersaçaõ, terceiras as orelhas. Fui mais auante affirmeime, que o segredo estaua em dadiuas, & que tudo o mais era ho vento, & nisto assentey. Entam tinha grande passatempo com estes requebrados, mortos de amores, aqui cairei, ali cairei sem hũ so real na bolsa, agora ja no cabo da vida venho fora de mi cõ a nossa Aurelia, moça fermosa taõ estimada nesta corte, olhai quẽ escolheo em toda ella? desque rimos, & chocarreamos deilho todas minhas contas sem me temer de nada, senão quando supitamente sinto na moça mudança de cores, & de palauras, posto que dissimulaua a todo seu poder; Nisto a velha deixonos sòs, ella cõtra mi toda demudada disse. Miluo a estreiteza do tempo não sofre mais, mas se algũa ora ouueste dalgũa cousa piedade, seja agora de mim. Moça coitada morta damores, em poder de tão cruel mãy como sabes sem ousar de descubrir nunca a ninguem senão agora a ti. E dizendo isto as lagrimas que corrião em fio dos seus olhos, como dehũa fonte,

finalmente morre damores por hum rafianas Español, negro,crespo,narigam que hum destes dias andou as cutiladas diante da sua porta com outros tais, em que ferio,& foy ferido. Diz que nunca vio cousa tam fermosa,como andaua cheyo do seu sangue, & do alheo. O Senhor Deos a mi que o conheço, mas aprouuelhe; hi la, & pondeu os em rezam com os appetites, era aquella a sua hora entam concluyo assi. E pois agora a boa dita trouxe tal occasião, não sejas tu soo o que me falleças. Minha mãy não conhece este teu Vilhalpando nem estoutro tam pouco,ambos sam Espanhoes,leuemente pode passar hum pelo outro. Vay a este meu,& da minha parte dalhe todas estas contas.dissElhe,que faça muyto por ser esta noite o primeiro ao entrar,do mais deixe o cuydado a my.E se alguns passos te forão neste mundo bem pagos,estes seram como resgate de minha vida,que te ponho nas mãos: Mas se fores tam cruel que te não venção meus rogos,& lagrimas, lembrete a que desatinos àsvezes obrigão as tamanhas magoas. A este ponto a mãy que tornaua; ella toda risonha alimpou o rosto como de suor,entam meteome o lenço no seyo como gracejando eu tambem dissimuley. Este he o lenço inda com os sinais das lagrimas, mas que vem nelle atado? o que galante anel milhor muyto que as lagrimas;O maluada pera me mais obrigar.Pareceuos se o diabo em cujo seruiço ando me arma boas armadilhas.Se cumpro com o meu capitão,lo

o acutiladiço he comigo,ſe com elle que farei a e-
outro que hey aſsi de fazer,ſe nam guardar mui bem
anel,a elles enuialos la eſta noite ambos ſua ventura
es valha dos negoceos tam empeſſados nam ſe pode
omem deſenuoluer limpamente, ſe bons caldos me-
em,que tais os bebam. As molheres tudo ſe lhe ſofre
nos nada,ca vejo vir o meu Vilhalpando gargantean
o,todo requebrado,preſtes alem.

SCENA. VIII.

Vilhalpando. *Miluo.*

lh. A Elhos compadre a elhos,que elhos xabone-
ros ſone. *Mil.* Ia cuida que os leua todos de
encida. *Vilh.* Que nunca vi xaboneros vender tambẽ
i rabone. *Mil.* Querolhe falar, & mais ainda ſobre
ido tal melodia de garganta. *Vilh.* O Miluo onde eſ-
iua eu,que te não via. *Mil.* Em outra parte. *Vilh.* Dizes
erdade. Pois ainda eſte ençarramento dura? *Mil.* Eu
uebrarey todos eſtes encantamentos, mas que xabo-
eros eram aquelles. *Vilh.* Ah,ah?ouuiſte?vay homem
ſi as vezes cuydando em al. *Mil.* Eu te olho com tais
lhos,que não fazes,nem dizes couſa ſem fundamento
lh. Bem me tomaſte o pulſo hia cuidando neſtes voſ-
s perfumados, q̃ ricas aljubas veſtião. *Mil.* Que taes
ndas comem. *Vilh.* Nos outros com arcabuſes as coſ-
s,aqui ficamos des mil,alli os vinte mil, & Roma ſe-

pre em seus prazeres. Deixa que seu dia lhe virà como a seus vezinhos. *Mil.* He hum couto do mundo. *Vilh.* Nos o deuassaremos cedo: sem tanto escreue ca, escreue la, cursores vão, cursores vem com suas varinhas na mam de mais virtude, que as que chamão de condão. *Mil.* He hũa cidade de paz. *Vilh.* Tanto milhor achalaemos chea como colmea, & crestalaemos. *Mil.* Milhor o farà Deos? *Vilh.* E visitaremos Roma a noua, & Roma a velha, outra boa gẽte, onde não vedes mais de romãos, que o nome, & a soberba da barba alçada, deyxa que nos lha abaixaremos. *Mil.* não curemos ora do por vir, falemos do presente. *Vilh.* Atrauessouse asi estoutra pratica, que me leuantou a colera, mas q̃ tens feito. *Mil.* Tudo esta por ti. *Vilh.* Não podia menos ser, segũdo o q̃ nella ontem vi. *Mil.* Como lhe dei os sinais não oue mais que fazer. *Vilh.* Parece que lhe não esquecerão? *Mil.* Te do penacho, q̃ era branco. *Vilh.* Logo vossos olhos dizem o que tendes nas molheres. *Mil* Diz q̃ nunca vio homem a que tambem estiuesse a espada na cinta. *Vilh.* Que diria se ma visse na mão, & que differã da esparça? *Mil.* Essa acabou de fazer o campo franco. *Vilh.* Que certo atalho he o bom auiso em todas as cousas. *Mil.* Mais certo foy o das cutiladas do outro. *Vilh.* Que dizião? *Mil.* Gabauão aquella entrada tam alta; Hercules, que la serpienta, &c. *Vilh.* Não ha cousa que mais obrigue que os exemplos : que apontou mais. *Mil.* Mil primores. *Vilh.* E porem nomeadamente. *Mil.*

Aquelle

quelle passo diuino Amor transformolo em oro,co-
o agora a mim por vos. *Vilh*, Logo te ficou na cabe-
. *Mil.* Pera que te ey eu de negar a verdade,sey a de
r. *Vilh.* Que Xaque te pareceo esse em descuberto ao
ome de Aurelia. *Mil.* Com que ganhaste a dama.
h. Ah, ah, ah, pois que lhe guardamos mais nam sa-
s que as molheres sam viandas de sartam, sopar, &
mer. *Mil.* Façamos primeiro nossas cousas a reca-
,tu es apetitoso,& liberal,a velha falsa, & cobiçosa.
h. Eu curarey tudo como for em casa. *Mil.* Deixa-
e por agora capitanear. *Vilh.* Que entendes fazer.
il. Hum contrato desaforado porque viuamos, eu
rey aquella velha ver as estrellas no meyo dia. *Vilh.*
ogo assi no começo. *Mil.* Deyxa essas culpas a my,
me declarey com ella. Que minino Miluo, ao
mpo, ao dar do dinheyro he nosso, ajudemonos
lle. *Vilh.* Parece outra mercadoria? *Mil.* Esta
a mais duuidosa em Roma, por isso faze, que
m entendes, que eu vigiarey, vou fazer meu con-
ito. *Vilh.* Vay,& torna com tempo. *Mil.* Logo saõ
ntigo. Agora me cumpre, ainda mais este contra-
, que nunqua por me saluar de sospeitas: voume
a busca do das cutiladas, que nam he pera brincar
m o infiamento, & determinaçam daquella dou-
. Assi começarey de andar de Vilhalpando em
lhalpando.

Acto

ACTO. IIII. SCENA. I.

Fabiano soo.

VI Hypolyta, mas que he aquillo, que eu vejo nos seus olhos, certo isso que elle he não o ve outrem senão eu; & asi eu sò sam o que viuiria de sua vista sem outro mantimento nenhum. Todos sabemos, q̃ as esmeraldas sam de grande preço, mas poucos alcançam suas deferenças. Estas estatuas antiguas, quanto que as prezão aqui, & em toda Italia. As outras gentes nam querem somente olhar pera ellas, donde podemos julgar que outra vista ha mais certa em nos q̃ a dos olhos. Quem acaba de ver aquella diuindade que he Hypolita? quem o seu spiritu em quanto ella diz, & faz? quem a sua mansidam de muyto mayor força que todas as armas do mundo? quem o seu calar, tão cheo de entendimento? Finalmente aquillo, q̃ eu não sey dizer, quem he o que vè? & mais em terra de vistas tam occupadas: certo quanto a my mais me faz crer Hypolita que senhoreou esta sua terra o mundo todo, que não, o q̃ lemos della, nem o que vemos desses seus theatros, Thermas, arcos Triunfais. O que tambem me faz mais espantar destes mancebos Romãos lançados asi todos os amores, das cortesaãs que em fim sam molheres publicas deixando as suas naturaes tam fermosas, & onestas como desprezadas. O torpeza, o descaimento daquelle

ſangue Romam, que tam caras comprou as ſuas Sa-
nas. Mas vejo Antonioto afadigado anda, como não
dara, ſe buſca couſa tão fogida, como he o dinheiro.

SCENA. I.

Antonieto. *Fabiano.*

nt. Dias ha hi, que os homens nam podem ir a-
uante com couſas que comecem. *Fab.* Eſ-
s ſam os mais neſte tempo. *Ant.* Iſto chamam nadar
nadar, & morrer a beira. *Fab.* Que em tais bancos
frandes naucgas. *Ant.* Te Ceſarião, que buſco pera
e dar nouas, não o poſſo achar. *Fab.* Iazera naquella
ſa. *Ant.* O Fabiano ſaberm eas dizer de Ceſarião? *Fab.*
)je o vi, & deue de eſtar, onde te diſſe. *Ant.* Ia he de là
egradado, & não ſei ainda ſe pera todo ſempre. *Fab.*
ſsi o fizeſſe Deos: que he hũa grande quebra, & ver-
onha ſua, andar como anda. *Ant.* Com tanta dor de
u pay, & de ſua mãy. *Fab.* E dos ſeus amigos. *Ant.*
ſendo o ſeu pay caſado tambem por tantas vias. *Fab.*
m que parte. *Ant.* Elle to dirà ſe to ainda nam diſſe.
ab. Segredo he que todo mundo ſabera cedo, ſe aſsi
e. *Ant.* Nam he ainda couſa muito certa. *Fab,* Aſsi du-
idoſa ma has de dizer. *Ant.* Leyxame que vou depreſ-
. *Fab.* Nam leixarei contama, & iras mais leue. *Ant.*
ſto he força chamarei aqui del Rey. *Fab.* Eſtà longe
ão te ouuira. *Ant.* A fè que me não deſcubras? Como

ſe

se fizéres hũa coua na terra a que o disseses, *Ant.* Nem essas não mantem segredo, olha que me fio de ti. *Fab.* Disse seguramente. *Ant.* Com hũa filha deste nosso vizinho. *Fab.* Qual vizinho. *Ant.* Mario, q̃ deues de conhecer. *Fab.* Com Hipolita. *Ant.* Não tem mais de hũa, & asi cuido, que se chama. Deixame passar. Encostouse Fabiano, & fica como pasmado. *Fab.* Antonioto nam parece? cairãome as mãos, foiseme a vista dos olhos, entre tanto elle partio, & deixoume morto, como dizem dos partos. Ah, fee boa, & Sancta amisade, tam mà de achar neste mundo, todo falso, todo cheo de enganos, & maldades. Os segredos da minha alma Cesarião os sabia todos: os seus sabeos todo mundo, senão eu elle, que mos encobrio naõ foy sem causa. Poderá tal sofrer os tristes dos meus olhos, & ainda q̃ daqui fuja podera o triste do meu coração sofrer tal. Onde quer que elle va està so, he a dor que o pode matar, & ella me matarà. Ah triste de mi, que nem aquelles meus amores tam limpos poderão ser sem fel, & sem lagrimas: onde as yrey cobrir que me asi descobrem.

SCENA. III.

Pomponio soo.

QVe farei, onde me acoutarei? aos amigos? donde os acharei eu? as casas doração? & ahi, que a muyta hypocresia? a minha, & ella he toda posta em poder

de

meus inimigos. Estes erão os cõcelhos, & puridades
lo auião de vir parar as deuações de minha molher
os irmitães do ermo me saquião a casa? se forão sol
dos aquelle he o seu officio, mas irmitães? de hũ des-
ço barbudo, todo cuberto de seu capelo, qué se auiá
temer? Despois culpaõ os velhos de sospeitosos, q̃
emos a tãta maldade como cada dia vemos, acertey
ver oje aquelle encapotado ao sahir de minha casa,
go disse entre mi. Nã abastaua a este dia noue begui
s, senão ainda tal irmitão. Não me repousou o cora-
o mais: voume apos elle, q̃ tão pouco não era muyto
sennolto dos pès, a paixão me deu tambem boa aju-
. Finalmente entrou em hũa tenda de hum Ouriues
começaua a tratar do preço de hũ firmal de minha
olher, que eu conheci de hũa legoa. Nam tiue mais
ciencia, lanço me tambẽ dentro, & empolguei logo
irmal, bradando por justiça, magoado saõ, porq̃ me
gio o ladrã, q̃ a presa nas vnhas me ficou, caimos am
s na terra não pude mais fazer. O ouriues diz q̃ nun
tal irmitão vio, saluo aquella ora. Eu tambem seme
ra mais deuagar tresmalharame o firmal: então citai
demandai, antes não quero saber tanto do negocio.
rem se eu não erro em minhas contas. Antonioto he
o trugimão: mas por agora quero dissimular, & co
ir folego, que venho morto.

SCENA. IIII.

Tresomeço. *Antoniote.*

Tre;

Tre. FAlando vay o velho consigo, Cesariaõ naõ parece, nossa ama reza, queromc lograr do dia. *Ant.* Pera qua me disseraõ, que vinha hum perdido quem o achara; veyo Trefo que sae de casa. *Tre.* Hirey ver a justiça que se oje faz pomposamente, dizem que vay em hũa carreta rodeada de suas victorias pintadas veyo Antonioto, o diabo o agora tras. *Ant.* Trefo, ha Trefo, não ouues? *Tre.* A palauras loucas, orelhas moucas. *Ant.* Faz que não ouue, sabermeas dar nouas? *Tre.* De quem filho de dous roins. *Ant.* Deumas mas forã de meu pay, & de minha mãy. Torna ca. *Tre.* Teu auò marmelo torto. Tenho al que fazer. *Ant.* E de meus auos tambem ainda se esta rindo. *Tre.* Nam rio, mas arreganhome. *Ant.* Como hum cão, que es. *Tre.* Mas camo a cam que es. *Ant.* Que dizes roim? *Tre.* Que falo cõ outro. *Ant.* Por esta de hum rapas, olha; que a bejo. *Tre.* Naõ por muito bem, que lhe ora queiras. *Ant.* Por esta que me aqui Deos pos. *Tre.* Por esta em que vos outros o pusestes. *Ant.* Ali de hum porco *Tre.* Por isso aborreço tanto *Ant.* Mà carne, *Tre.* Por tanto hora me chamas Trefo, ora porco. *Ant:* Viste Cesariāo. *Tre.* Muitas vezes. *Ant.* Sabes onde o acharei, *Tre.* Por este direito. *Ant.* Està amostrando cornos. Por onde vay cam perro, *Tre.* Caminho da praça Iudea: vemse chegando. *Ant.* Espera maa cousa. *Tre.* Nam he tempo. *Ant.* Vejamos, quem corre mais. *Tre.* Quem mor medo ouuer.

Scena,

SCENA. V.

Vilhalpando. *Miluo.*

Vilh. ORa vejamos efte contrato em que tanto te cõfias. *Mil.* Temos negocio com o mefmo diabo,mas deixame,que eu te afegurarei daquella velha. *Vilh.* Creme que não ha de brincar comigo. *Mil.* Hora prouaõ forças,ora manhas:às forças acudiras tu:as manhas eu. *Vilh.* Nefta voffa Roma tudo he papel,& tinta. *Mil.* E nem afsi pode homem fair de duuidas. *Vilh.* Afsi acontece onde ha pouca verdade. *Mil.* Efcuyta, & leo fomente as forças, tal dia de tal mes, & tal anno. *Vilh.* Entendo. *Mil.* O capitaõ vilhalpando. *Vilh.* O Senhor te ficou no tinteiro. *Mil.* O fenhor capitaõ vilhal pando de hũa parte, & Guifcarda da outra,fizeraõ,cõcertaraõ,contrataraõ defaforadamente. *Vilh.* Efpera,q̃ me naõ parece coufa conueniente contratar eu com Guifcarda. *Mil.* Diremos logo afsi,& doutra parte Miluo,polo fenhor Capitaõ. *Vilh.* Naõ ves quanto milhor efta afsi. *Mil.* Como de branco a preto. Digo mais,que elle dito fenhor capitaõ,deffe a dita Guifcarda trinta efcudos de ouro do fol. *Vilh.* Dos q̃ nefte anno lhe rẽderaõ os Francefes. *Mil.* Porei ou não. *Vil.* Eftou graceјando contigo,vai adiante. *Mil.* Dos quaes trinta efcudos afsima declarados,a dita Guifcarda logo hi confeffou, que tinha recebidos dez por maõ do dito Miluo feitor

delle dito senhor Capitão. *Vilh.* Este nome de feitor he muyto mercantil. *Mil.* Por mão do dito Miluo seu procurador. *Vilh.* Pedirtehão logo conta da procuraçãm. *Mil.* Por mão do dito Miluo, do qual elle dito senhor Capitão se quis seruir neste caso. A ver se acabaremos. *Vilh.* Asi està mais cortesam. *Mil.* os outros vinte lhe darà, entregarà, pagarà. *Vilh.* Emenda lhe mandarà dar pagar, & entregar. *Mi.* Ia enmendey. *Vilh.* Adiante. *Mil.* A cada quinze dias seguintes outros dez escudos. *Vilh.* Dize hi mais por lhe fazer graça, & merce. *Mil.* Por lhe o dito senhor Capitam fazer graça, & merce. Prosigue. *Mil.* Isto durante o tempo do seu contrato, como se declararà. *Vilh.* Està bem, dize mais. *Mil.* E logo asi mesmo da outra parte a dita Guiscarda em seu nome, & de Aurelia sua filha. *Vilh.* Não guardas o decoro. *Mil.* Como? *Vilh.* Nam ves tu que he ella minha Senhora. *Mil.* São no cabo: em seu nome, & da senhora, a senhora Aurelia Bolhonesà sua filha. *Vilh.* Està como deue, dize mais. *Mil.* Prometeo, cõcertou, & declarou, que dos primeiros dous meses seguintes contando trinta dias por cada mes, todas as terças feiras, & as quintas de cada somana, ellas lhe despejem a casa. *Vilh.* a minha ou a sua? *Mil.* Bem apontas, que são aues de rapina, mister ha declarado, que ellas lhe despejem as casas em que ora viuem de toda viua pessoa, *Vilh.* Não digas tão pouco asi, que eu não hei mister as paredes. *Mil.* Onde dezia de toda viua pessoa, ponho de toda pessoa de fora.

Vilh.

Vilh. Nam ves, quanto releua hũa so palaura. *Mil.* As vezes, mais do que a razão quer, por isso naõ lhe ajamos dò dellas. *Vilh.* Dize mais. *Mil.* De sorte, modo, forma, & maneira. *Vil.* Iure, via, & causa. *Mil.* A que preposito *Vilh.* Tudo acham que aproueita. *Mil.* muyto embora, iure, via, & causa, que sendo o dia seguinte terça feyra, como serà de menhãa, logo a noite doje faça por elle dito senhor capitam cõ seu dia, & outro tanto as quintas feiras de cada somana? durante o termo dos dous meses, como dito he. *Vilh.* Como o cuydaste agudamente, em obrigares primeiro as noites? dormiremos as menhãas. *Mil.* Estes sam os meus pontos, que se fora pera cauar, & roçar primeiro me tera os dias. *Vilh.* Ah, ah, ah, como es salgado, vay adiante. *Mil* E acabadas as ditas noytes o sobredito Senhor Capitaõ lhes tornarà a despejar sua casa. *Vilh.* Declara por sua cortesia. *Mil.* Por sua propria, & liure vontade, & pura cortesia. *Vilh.* Depois que te homem poem no caminho muyto bem assentas tudo. *Mil.* Nos primores de honra non som tam vsado, no mais descança. *Vilh.* Vay por teu contrato adiante. *Mil.* Nos quais dias asi obrigados das portas a dentro nam auerà nenhum negocio: *Vilh.* Praticamente. *Mil.* Puridade, nem acenos, nem outro misterio algum. *Vilh.* Muyto bem. *Mil,* Remoques, nem palauras com dous entenderes. *Vilh.* Nem diriuações. *Mil.* Bem lembras, que aprazem ainda muyto a certa gente, nam

 aja

aja ciumes, nem achaques. *Vil.* Os ciumes toda via nam se escusaõ nos amores. *Mil.* Resaluando sempre os ciumes a que se nam pode por ley. *Vilh.* Galantemente prosigue. *Mil.* Nem terà a dita senhora Aurelia aquelles dias amigo, ainda que seja de boa amizade, nem parente, ainda que seja Irmaõ. *Vilh.* Bem te segurafte dos primos. *Mil.* Seraõ afsi mesmo os sobreditos dias forros, liures, & izentos de todo jejum, voto, romaria, & de toda deuaçaõ. *Vil.* Muito bem, prometam do seu se quiserem. *Mil.* Por isso não vès que dias te escolhi, que em hum delles caia sempre o entrudo, & no outro a quinta feira das comadres. *Vil.* Festas corporaes que se fazem guardar por sim. *Mil.* Não suspire, nem ande cuidadosa, nam lhe venha dor de coração. *Vilh.* Nem de olhado, que he muyto de fermosas. *Mil.* Nem lhe viram cartas de sua terra. *Vilh.* Como dizes bem, que tresandam toda huma pessoa, & nunqua a deixam como a tomarão dantes. *Mil.* He muyto grande verdade, não saibam ditos, nem motes. *Vilh.* Tem hi ponto, nem contos de seus monseores. *Mil.* Ah, ah, ah, *Vilh.* De que te ris. *Mil.* Deixame primeiro matar de riso, hora ves aqui porque me ria. *Vil.* He verdade que asi tinhas assentado. *Mil.* Polas mesmas palauras. *Vil.* Hora dize mais. *Mil.* Não laue aquella noite a cabeça, né ande de rodilhado. *Vil.* As moças fermosas saõ asi mais frescas. *Mil.* Em tua escolha he; eu queria arredar inconuenientes. *Vilh.* Em fim, dizes verdade, seja tudo obra chãa.

Mil.

Mil. Nam tangerà, nem cantarà tam alto, que possa ser sinal aos de fora. *Vilh.* Quantas vezes me ja isso aconteceo com as amigas alheas? *Mil.* Aquelles dias tudo seja musica de Camera. *Vilh.* Delicado ponto. *Mil.* Não aja minino em casa, que ella tome nos braços, & beije a janella de bejos chupados, *Vilh.* Que as vezes se ouuem no cabo de toda a rua. *Mil.* Os conuidados, & amigos delle dito senhor Capitão tratarlos ha a dita Senhora igualmente. *Vilh.* Si, que sam muyto de bandos, mais q̃ os Catellães. *Mil.* E asi seja a mesa larga, & aja sempre muytas candeas, não fiquemos todos as escuras. *Vilh.* Bem te acautelaste dos pès ao claro, & das mãos ao escuro. *Mil.* Por se homem a cautellar nam perde nada, digo mais. Não ensine por aquelles dias o seu papagayo a dizer meus olhos, minha alma, minha vida, beijaime. *Vilh.* Matasme damores. *Mil.* Nam consinta que se lhe chegue ninguem a ver as suas joyas gabenlhas de longe, o que quiserem comprar busquemno nas tendas. *Vilh.* Falas como hũ Seneca. *Mil.* Asi mais durante o tempo não mudarà nome nem casa. *Vilh.* Dizemme que muito o custumão estas vossas cortesãs. *Mil.* Por leuarẽ muitas nouidades: ora são Aurelias, ora Faustinas ora Dianas, fallece algũa cousa? *Vilh.* Tudo està de mão de mestre. *Mil.* E por aqui ouuerão seu contrato por acabado prometendo de auer tudo por rato grato, firme, & valioso renunciando Iuiz, & Iuizes de seu foro. *Vilh.* Não cuidei que eras tão pratico. *Mil.* E rogarão a

D3 my

mi sobredito Miluo. *Vil.* Isso he muito destes notarios que dizem sempre no fim, rogado, & requerido. *Mil.* E asi mandarão ao dito cabrão de Miluo, q̃ o escreuesse. *Vil.* Parece q̃ te anojaste? *Mil.* Antes te digo q̃ topaste com hum homẽ muito pontoso. *Vil.* Nã pode estar milhor, vai, & asina. *Mil.* q̃ enfadonho pontoso, o acutiladiço não ha tambem de querer perder ponto de deligencia la se auenhão, a noite he como dizẽ capa dorfãos, cubrãose cõ ella. Ah com quanta fadiga ganhamos este inferno.

SCENA VI.

Cesariam. *Antonioto.*

Ces. Asi me cõtas? *Ant.* Asi deitou a perder aquelle bilhardão tantos trabalhos, & esperãças. *Ces.* E a minha vida tambem deu volta. *Ant.* Que faremos afortuna, quãdo ella nã quer? por oje escusado he mais negocio, virà amenhãa, então pera todos amanhece. *Ces.* Hum velho cepo como he meu pai, olha nã nos engane esse irmitã tãbem a nos *Ant.* Não queres, q̃ me fie dos meus olhos *Ces.* Com hũ vilão robusto. *Ant.* asi se adeferẽça sobre o seu capelo, ou lho leuarà, ou não. *Ces.* Que viste da batalha? *Ant.* De hũa parte ir fogindo o irmitã desgrenado, a barba no ar, o bater dos tabuleiros, e apupada apos elle, da outra parte, teu pai todo çujo da tẽda, bradando por justiça. *Ces.* Quantos hi ririã do meu mal tamanho *Ant.* Te Antonioto se nã podia ter. *Ces.* O q̃ somos des

cuber-

:ubertos,q̃ faremos. *Ant.* Se o proprio ladrão escapou, não escaparemos nos, & mais dádo fiador, não nos vale rà em casa, o qual val polas audiencias. *Cel.* E de Guisarda quẽ me liurara. *Ant.* Por esta noite encomẽdate aquelle derradeiro remedio da paciencia. *Cel.* Onde passarei tamanha noite. *Ant.* Em tua casa, a mi q̃ a nam tenho, deixame passear por estas ruas. *Cel.* Passea, q̃ ami escassamente me podẽ ja trazer as pernas. *Ant.* Todauia recolhete, não faça al, eu vigiarei, & apanharei nouas, vaise, quero espiar o que faz.

SCENA. VII.

O segundo Vilhalpando soo.

SE me esta ventura sae como espero, quẽ he oje mais bẽauenturado q̃ eu? De hũa parte estão em Roma, onde homẽ não sabe de quẽ se fie. Tenho imigos o negocio he de noite, e eide ir sò. Doutra parte, Miluo por q̃ me enganaria? q̃ lhe fiz? dame sinais certos, do diadas cutiladas, em q̃ me ouuerão ali de matar. Muito bẽ me lembra q̃ a vi a janella: & agora entendo que a sua vista me saluou. Oo hai cegueiras deste mũdo, onde os meus imigos cuidarão de me matar, hi me derã a vida. In fim baralhados são os dados, cayão como quiserem, agora he muito mais tẽpo de lhe aprazer o meu esforço, por isso antes quis perder por cedo, q̃ por tarde. Andarey por aqui aguardando o escuro; vista deu a janella, não sey que disse, ja gora muyto ha de saber quẽ me tomar a porta.

SCENA. VIII.

Antonioto, dous Vilhalpandos. Torquemada paje. Guiscard.

Ant. CVidei, que se me fosse Cesarião lançar no rio & elle pera là fez hũa ponta, mas finalmente tomou meu concelho, & acolheose a casa, eu por agora não quero entrar cõ o velho em campo çarrado, antes q̃ro ca andar por fora as minhas auẽturas. *Vilh.* ij. Detrimino de acometer aporta afoutamente, que sempre valeo muito a segurança do coração, & das palauras. Ta, ta, ta, ja vẽ, cuidado auia em casa. *Ant.* Entrada he a fortaleza sem muita bataria, mais bateo Cesarião a noite passada. *Vilh.* j. Sempre o diabo a tais tẽpos tras embaraços, de q̃ me não pude desenuoluer mais cedo, mas o contrato ma segura. *Ant.* Outro vem, & leua a mesma viajem: mas antes parou, queroo espreitar. *Vilh.* j. Paje bate a essa porta. *Pa.* Ta, ta, ta, *Ant.* Pareceme, q̃ tarde piache. *Vilh.* j. Bate bem às dò da porta? *Pa.* Não ey senã da minha mão. *Vilh.* j. Toma hũa pedra, q̃ à minha porta bates. *Pa.* Tras, tras, tras *Ant.* Ao capitão mintirãlhe as espias, à quanto vejo. *Vilh.* j. Espera que ouço fallar dentro. *Pa.* E rir tambem, mande Deos não seja de nos *Vilh.* j. Escuita rapas que tanto falas? *Guis.* Quem quebra essa porta? *Vilh.* j. Quem ja tem quebrado os olhos olhando se aparecia alguem. *Guis.* Quem he o gallante dos olhos quebrados. *Vilh.* j. O maior seruidor. *Guis.* Quem. *Vilh.* j. O q̃ de vencido venceo. *Pa.* Como he

paruo

páruo este meu amo. *Guis.* Cada noite auemos de ter quebradores de portas. *Vilh.* j. Aberta me ouuera ella de estar por obrigaçaõ, mas pareceme q̃ nesta terra, nẽ contratos desaforados valem. *Ant.* Bem começa a noite *Guis.* O Roma que patranhas saõ as tuas. *Pa.* Esta he hũa das boas. *Vilh.* j. que contrataste oje cõ Miluo. *Guis.* O que com Miluo contratei eu o compri. *Vilh.* j. Nam certo ainda tegora. *Guis.* A bẽ virà este negocio *Vilh.* j. Não sei mas elle mal começa. *Guis.* Por cuja culpa. *Vil.* j Da porta q̃ ainda està fechada. *Guis.* Abriose, a quem se auia de abrir. *Vilh* j. Ora pois ja que eide fallar da rua naõ se auia ella de abrir ao Capitaõ Vilhalpando por seu contrato? *Guis.* He muita verdade. *Vil.* j. Pois como o tendes asſi de fora em tantas praticas *Guis.* Ai minha mãy, que quer disser iſſo, & tu quem es? *Vil.* j, O meſmo que se nũca negou, nem negara. *Guis* O graça das graças. Filha Aurelia temos a porta outro Capitam Vilhal pando, *Pa.* Este sò bastaua pera enfadar o mundo, quan to mais dous. *Vil.* ij. que zombarias saõ estas, ou q̃ borra charias? *Vil.* j. As zõbarias, & borracharias saõ as deſſa casa, que de fora naõ se fala senaõ muyto verdade. *Vil.* ij que tu es o Capitaõ Vilhalpando. *Vilh.* j. E tu negalo. *Vilh.* ij. Saluo se tu es eu. *Vilh.* j. Tu ve quem es, que eu sou o capitaõ Vilhalpando, conhecido na guerra dos grandes, & dos pequenos *Vil.* ij. Na guerra bẽ nos auiremos: por agora quem te fez hi ver. *Vil.* j. Miluo por cujo meo contratei. *Vil.* ij. que graça tamanha seria

ria se hi tãbem ouuesse dous Miluos. *Vil.j.* Eu digo o q̃ leuou a esparsa. *Vil.ij.* E eu o da esparsa digo. *Vil.j.* O q̃ leuou os escudos *Vil.ij.* E eu o dos escudos digo senaõ q̃ erã todos do sol. *Vil.j.* O do cõtrato desaforado. *Vil.ij* Por virtude do qual esta casa he de agora minha cõ suas 24. oras. *Vil.j.* Miluo florentim muito mao cabraõ. *Vil.ij.* Esse mesmo. *Pa.* Se quererà este tãbem ser meu amo. *Vil.j.* que gẽte Capitaneaste, q̃ desafios fizeste? em que feitos darmas tachaste. *Vil.ij.* Não saõ contas pera aqui, pidamas ẽ outra parte. *Vil.j.* Como diz essa tua esparsa? *Vil.ij.* Hercules, q̃ la serpienta, &c. *Vil.j.* E tu a fizeste? *Vil.ij.* Não toda, por te dizer a verdade, o começo ja he velho, o cabo lhe enxeri eu como a gauiã. *Vil.j.* os escudos quãtos foraõ. *Vil.ij.* No mais de dez en começo de paga. *Pa.* q̃ro dizer a meu amo, q̃ acudamos à casa antes q̃ là và estoutro apanhar tu io. *Vil.j* A Roma: à Miluo: à molheres: *Vil.ij.* Mas porq̃ não falas tu na emprela q̃ a senhora Aurelia mãdou a esse capitão Vilhalpando seu seruidor. *Vil.j.* Por quẽ *Vil.ij.* Polo mesmo Miluo. *Vil.j* q̃ empresa. *Vil.ij.* Hũ lenço com q̃ primeiro alimpou o seu fermoso rosto. *Pa.* Calou nosso amo, parece-me q̃ com outro auemos de viuer todos. *Vil.j.* Mas seja assi, partamos logo esta diferença a espada, pera q̃ hade auer tantos Vilhalpandos? *Vil.ij.* Como, às medo q̃ nos fuja o tempo, deixa vir o dia. *Vil.j.* Naõ, mas ei medo q̃ me fujas tu. *Vil.ij.* Entaõ q̃ queres mais, q̃ ficares por hũ so Vilhalpando. *Vil.j.* Agora me releuaua. *Vil.ij.* Por agora

gorã querome asi estar em minha posse, depois quẽ me algũa cousa quiser, requeirame hũ por hũ,& como deue. *Vil.j.* Ah Romanisco falso,& litigioso. *Vil.ij.*Vay passear, q̃ asenhora Aurelia me tẽ preso,& naõ me dei xa la sair. *Vil.j.*Ora capitã Vilhalpando nouamente des cuberto,estas bẽ agasalhado por esta noite,e eu mal,de menhãa eu passarei por S. Agostinho te as dez oras cõ hum penacho brãco,quero eu ver quẽ he ovilhalpãdo q̃ por hi parece cõ outro tal sinal, pera q̃ nos conheçamos. *Vil.ij.*Logo q̃res,q̃ tenha eu penacho brãco. *Vil.j.* Tẽsme o meu nome,tẽsme a amiga,tẽs a minha esparsa & o meu cõtrato, & so penacho brãco te falece? *Vil.ij.* ora vai q̃ nã falecerà. *Pa.*Fechou a janela:quiserame pri meiro declarar cõ elle,& cõtigo. *vil.j.* E de q̃. *Pa.*Com qual eide ficar. *vil.j.* queres q̃ te esbarre àq̃lla parede, onde acharei Miluo,& entre tãto õde acharei paciẽcia *Pa.*quãdo te não abrẽ a tua porta,como te abrirã as alheas. *vil.*j. Nã te queres calar?recolhamonos. *Pa.*Reco lhamos,q̃ enfim sẽpre ouui dizer,q̃ milhor era o meu q̃o nosso. *vil.*j Iudeu,cabrã,q̃ fala as portas fechadas,eu o acollerei. *Pa.*Dao o demo,grãdes sinais daua. *vil.*j.q̃ si nais,os q̃ lhe disse Miluo. *Pa.* E Aurelia q̃ era perdida por ti,q̃ dizia?ouuia,e calaua. *vil.*j.demenhã sairemos d̃ todas estas duuidas. *Pa.*mas sẽpre ouui dizer,q̃ ẽ Roma nẽ de si mesmo se à homẽ de fiar,e agora o vi claramẽ te. *vil* j.Porq̃ me fiei de Miluo. *Pa.* Nã digo senão de ti mesmo ao pee da letra, que quando foste, ja te la achaste

chaſte. *Vil.* j Tu queres pagar por todos· *Ant.* O graça o ſabroſo acontecimento, o Ceſarião q̃ aſsi empregas bem teus ſuſpiros: & as tuas lagrimas. Qué te me aqui dera, tu queres morrer damores por Aurelia, & os Vilhalpãdos apares. Ia me he neceſſario eſperar a menhã andando por eſtas ruas.

ACTO, V. SCENA. I.

Miluo ſoo.

NAõ pude eſperar o dia na cama: eſte coraçã como te toma em algũa culpa não te deixa comer, não te deixa dormir. E que durmas os ſonhos não te deixã. Toda eſta noyte andey as coſtas com os meus Vilhalpã dos, elles me deitaram da cama; & de caſa a tais horas, que ainda bem nam amanhece. Se bom anel tenho caro me cuſta, & cuydam os que cauam, & roçam que elles ſo comem o pam com ſuor de ſeu roſto, & Miluo tambem: ſenam quanto aquelles deſcanſam a noyte, & os dias ſantos, outros ha hi, que nam. Aſsi que venho como digo a deſcubrir terra, & deſejo muito ſaber, qual dos auenturciros ouue eſta noyte milhor ventura: mas a tais horas de quem o poderey ſaber? quem vejo eu ca vir? tambem madruga aquelle como eu.

SCENA. II.

Antoniote. *Miluo.*

Ant.

Ant. QVantas cousas vi esta noyte por Roma, quem quiser saber segredos não durma. Toda-uia, nam he ella cousa muyto segura, nem dá regra de viuer em paz, que não fosse senão pelo ar da noite, que me tamanha, & tam pesada faz esta cabeça. E todauia milhor he dormir a noyte, que pera isso foy feyta. Pola ventura esta foy a causa, porque a natureza deu tamanhos toucados as curujas, & as outras aues da noyte. Mas vejo eu Miluo, aquelle he, logo me pareceo, que hauia de acudir a saber nouas: eu lhas darey. Venha Miluo muyto nas boas horas. *Mil.* Asi faça a meu amigo Antonioto, que por aqui encontro tantas vezes *Ant.* Madrugas asi os outros dias? *Mil.* Como se acertou esta noite não pude dormir. *Ant.* Nem eu tão pouco, ha hi dellas asi feitas. *Mil.* E mais quando as pessoas tem que fazer. *Ant.* E muyto mais quando o ja tem feyto. *Mil.* Nam entendo o que dizes? *Ant.* Nem eu o que fazes, que renego de taes emburilhadas. *Mil.* Que farte vão por Roma. *Ant.* E dizem que quem muytas estacas mete algũa prende. *Mil.* A que preposito. *Ant.* Deos me entende. *Mil.* Eu nam. *Ant.* E tu tambem: Vilhalpandos de dentro, Vilhalpandos de fora. *Mil.* Ah ah, *Ant.* E todos allegam com Miluo, & seus contratos. *Mil.* Morto sam. *Ant.* E com hũa esparsa. *Mil.* Ia, ja eu tenho a culpa por te dar parte de meus segredos. *Ant.* E do contrato quem mo disse. *Mil.* Falas asi adeuinhar. *Ant.* E adeuinho de hum lenço que o de dentro

tinha

tinha dauentajem. *Mil.* Don ho demo tantos sinais parecememe que o moço desporas, andou de pes. *Ant.* Oh ja essoutra he pior, donde ouueste o anel. *Mil.* Que tens tu de ver com meu anel, ouueo de minhas auenturas. *Ant.* Olha naõ se tornem em desauenturas. *Mil.* muy pontoso vens contra mim esta menhãa: fiste algum desprazer? *Ant.* A mim nam, mas falohias a outrem que mais releua. *Mil.* Nam hei medo a ninguem. *Ant.* Sempre te asi conheci por esforçado, là ta vem. *Mil.* Foyse, este anel ha de ser de Cesarião. Fiz mal de me lhe nam descubrir mais, & soubera tambẽ das outras enuoltas que dizia. Apos elle vou.

SCENA. III.

Aurelia. *Guiscarda.*

Aur. De pedra durã, que os corações fossem, por força se hauiam de afeiçoar mais a hũa pessoa, que a outra. *Guis.* Estas sam as vossas doudices, cabecinhas de vento. Tempo virà em que digas quanta verdade me fallaua a uelha de minha mãy. *Aur.* Doutra parte tambem bradas se lhe nam mostro amor. *Guis.* Quantas vezes te tenho dito, que amostres amor a todos, & que o não tenhas a nenhum. *Aur.* Asi ha de ser huma molher igual a todos, como huma allimaria? *Guis.* Ah douda, douda. Tu viras a morrer de

fome

fome,que eu tambem ja fuy fermosa, ajudate do tempo,que passa muyto asinha. *Aur.* Se lhes eu nam tomar o coraçam com minhas branduras, que poder teras tu sobre sua fazenda. *Guis.* O teu coraçam queria eu que te elles nam tomassem. A hum soldado Espanhol, que nam deixam cousa que nam roubem: auias de mostrar tanto amor? *Aur.* Tinhamos necessidade desta licença, asi viste quam leuemente no la deu? *Guis.* Elle se tornarà a entreguar se os eu mal nam conheço. Sabe Deos que a pressa me fez a mim aceytar o partido, não viste logo as enuoltas? *Aur.* Dasmos por amigos, & queres que os trate como immigos, *Guis.* Ho que te eu mando, ho que te eu digo, o que te eu aconcelho asim he, que os trates a elles, como elles tratam a ti. Querem lograr esse tua mocidade nam os poupes. *Aur.* Asi vez, que o faço. *Guis.* Inda mal muytas vezes, porque nem eu posso tornar a essa tua idade, nem tu nella conheceres os meus bons concelhos.

SCENA IIII.

Miluo. *Aurelia.*

Mil. Grandes cousas me contou Antonioto, que passaram esta noyte, nam sey que faça, virà Cesariam, & aueremos todos concelho, que nouas lhe leua.

Quem he a rebuçada que me acena, como eu hora estou gracioso pera rebuçadas. Mas eu moura se aquella não he Aurelia, a mãy esta em pratica com os dos chamalotes. Onde te vas garrida, mal guardas as capitullações do meu contrato. *Aur.* Oo Miluo quam obrigada te sam, mas nam temos tempo: mandoume conuidar Monseor para o jantar, logo ouue licença do meu Vilhalpando, o outro passea em Sancto Agostinho com penacho branco. *Mil.* Aurelia, Aurelia, torneyte em riso as tuas lagrimas, medo ey que me tornes em lagrimas os meus risos. *Aur.* A fee que nam, que ma paga seria essa de tamanho seruiço. *Mil.* Lembrete quanto me auenturey por ti. *Aur.* Nunqua me esquecerâ: outra hora te farey morrer de riso, de como enganamos tambem minha mãy. *Mil.* Se primeyro nam morrer de ferro. *Aur.* Eu te seguro, que tais pessoas seruiste, que ellas te saluaram de todo mundo, minha mãy se espede, faze que nos nam conheces.

SCENA. V.

Antonioto. *Cesariam.* *Miluo.*

Ant. DE que te benzes tantas vezes, do diabo, ou de Aurelia? *Ces.* Que monta mais de hum diabo, que doutro. *Ant.* Pois não te conto o terço do que passou. *Ces.* Estarias fora de ti? *Mil.* La vem Cesariam

fariáo com Antonioto. *Ant.* As vezes cuydaua, que erá sonho. *Cef.* E mais sendo de noite. *Ant.* Mas sempre assentey, que eram emburilhadas do Miluo. *Cef.* E ella eram todas de Aurelia. Affirmaste, que era aquelle o meu anel. *Ant.* Veloas com os teus olhos, que eu disse a Miluo, que nos esperasse por aqui. *Cef.* O meu anel, que me ella tomou do dedo, em trocado seu coraçam como ella dizia, que lhe eu tambem tomara. *Ant.* Amor esperauas tu de achar em casa de Guiscarda, nunqua ouuistes dizer, que em casa do alberguciro. *Cef.* O meu anel, que lhe eu tantas vezes achey entre os peitos: dizendo ella, que aquelle era o seu lugar, & não os dedos, por o trazer mais perto do coração? *Mil.* No anel falão, ha se medir, custume he do mal ganhadó. *Cef.* Outras horas lho achaua na boca dizia, que pera abrandar a minha sede. *Ant.* maloada, que asi dizem os lapidarios, que mata a sede aquella pedra do anel. *Cef.* Mas he este Miluo. *Ant.* Este he. *Cef.* Miluo, soube ca de teu amigo Antonioto grandes contos, que nam he necessario tornar a elles, & mais tu es tam auisado, que me estas mostrando o anel, que me tornam oje o meu coraçam, que estaua em mao catiueiro. *Ant.* Se nos mostrasses a todos tamanho prazer. *Mil.* O anel te posso eu tornar, o coraçam nam sey, que engana muytas vezes seu dono. *Cef.* Sabe que me deste a vida, & liberdade. Dize choraua Aurelia quando te descubrio aquelle segredo? *Mil.* Dizem as molheres como vide talháda,

E nunca

nũca tal presteza vi de lagrimas, & de palauras, que tẽ direi naquella estreiteza de tempo, me rogou, me chorou, me ameaçou *Ces.* Com qual te venceo mais. *Mil.* Pera que te hey de enganar, com as ameaças. *Ces.* Sendo tam moça, que serpẽte ali cria? *Ant.* Acolhe te Cesariao com tempo. *Ces.* Fiade de mim, que sam em porto seguro, ajamos concelho do mais. *Mil.* Aqui todos estã bem, saluo eu, & Vilhalpando de fora. *Ces.* Gram parte disso he remediado: porque o outro não ha de vir aho desafio. *Ant.* Poli ventura virà mas não cõ o penacho branco, *Ces.* Estes soldados bem sabes como são feitos, por aqui se auerà por restituido na honra. Quanto aos escudos eu os quero pagar. *Mil.* Nunca tal seja, antes me deixa cõ a negocceação. *Ces.* Que cuidas fazer? *Mil.* Depois o saberas, somente me he necessario outra vez o anel. *Ces.* Pera que. *Mil.* Porq̃ inda oje hade fazer milagres. *Ces.* Es muyto auentureiro antes quero pagar os escudos. *Mil.* Cõ fia em mi que não estou em tempo pera ganhar mais imigos. *Ces.* Por tã pouco queres, que auenturemos tanto. *Mil.* Não he pouco a vingãça & mais em tal lugar. Ajudame Antonioto. *Ant.* Ora que eu o fio, mas diganos primeiro o que ordena. *Mil.* Diruoloei Aurelia he ida a jantar com o Embaixador de França, tenho hũa filha a que não fallece nada, para o que cuido que he mandala a casa de Guiscarda com o anel da parte de Aurelia, como pajem Frances, a pedir lhe dinheiro para jugar. *Ces.* Com que a esperas de

engãnar. *Mil.* Com a cobiça. *Ant.* Vejamos esta festa. *Mil.* Nam vos aparteis daqui.

SCENA. VI.

Antonioti. Cesariam. Vilhalpando. Paje.

Ant. VIate fallar taõ confiadamente na pagã dos escudos. *Ces.* Como cobrei coração. Pera tudo foi, ja não ei mister teus irmitães. *Ant.* Agora te acabo de crer que bem sei quãto nos a culpa encolhe a todos. *Ces.* Desejo de ir ver o do penacho brãco como passea. *Ant.* Espera, que eu o vejo vir falando com o seu paje. *Ces.* Escutemos em q̃ praticas vem. *Vil.* j. Enfim cada hum fica por quem he. *Pa.* Quanta eu ja não sabia de que freguesia era. *Vil.* j. As dez sam dadas ainda depois dei dous passeos. *Pa.* Ganhãste mui grande honra, que ficas agora por hum so Capitão Vilhalpando. *Vil.* j. E q̃ duuida tinhas disso? *Pa.* Não sei muitos sinais daua, tãto q̃ tu tambem parecia, q̃ ja duuidauas. *Vil.* j. De q̃ auia de duuidar. *Pa.* Se eras o de dentro se o de fora, & eu auia medo. *Vil.* j. De q̃ auia medo indo comigo. *Pa.* Que sabia eu qual de vos era. *Ant.* Que te parece tam malua do rapas. *Vil.* j. Cuidauas, que me perderas pelo escuro. *Pa.* Cuidaua, que estauamos em Roma, onde tudo he possiuel. *Vil.* j. E agora porq̃ nã aparece essoutro ca

pitam? *Pa.* Pola ventura altiçha Vilhalpandos de dia, & Vilhalpandos de noite. *Vil. j.* Trima de hum rapas com essa tua lingoa. *Pa.* Digo verdade, polla ventura lhe basta a elle ser Vilhalpando de noite. *Vil. j.* S ja logo morcego, ou curuja. *Pa.* E mais ainda elle tinha tempo pera vir ao desafio. *Vil. j.* Nam sam já dez horas: *Pa.* Nam deste Relogio, que inda as nam deu. *Vil. j.* Deuas logo o de campo de flor. *Pa.* E tu queres passear em Sancto Agostinho polas horas de campo de frol. *Vil. j.* Venha elle agora, & faça tambem sua diligencia, como o desafio dos Reys em Bordeos. Basta que ja fica o campo por meu. *Pa.* Nam, o de noite que mais releua. *Vil. j.* Que dizes ainda da noyte, *Pa.* Que todas as suas cousas sam escuras. *Vil. j.* Eu as farey claras. *Pa.* Cousas ha hi, que se nam querem muyto bolidas. *Vil. j.* Este rapas palrronio, que nunca tapa aquella boca.

SCENA. V.

Trefo. *Cesariam.* *Antonioto.*

Tre. QVE noyte de Deos se nos ordena esta, ja ho fumeiro anda a saco, mal polas capueyras, onde nam ha cousa viua, ou asinha a nam auerá. *Ces.* Trefo sae de casa de roim a roim, não ha aqui melhoria. *Ant.* O mundo quer acabar nam ves, quanto estes rapazes sabem? *Tre.* Tudo oje ha de andar a rodo,

festa,

que sempre ajuntam pera outrem. *Rub.* Pois quanto este ouro,& esta prata nam sey pera que he,nam se come nem bebe ca fica tudo. *Ant.* Ah; ah, filha de Miluo. *Guis.* He verdade meu sesudo. Disseste mais? *Rub.* O que me ouuera de esquecer,chegouse a mim a orelha,& disseme que ella faria quantas bulras pudesse aquelles Monsenhores,& que asi to dissesse. *Guis.* Aja ella a minha bençam,as me de deyxar o anel. *Rub.* Os mensageiros nam podem fazer mais do que lhes mandam,ella nam mo deu senão por final. *Guis.* Quero yr a ver essa festa. *Rub.* Muyto embora, essa reposta lhe darey que me detenho muyto, *Ant.* O filha de Miluo. *Guis.* Ia se vay cantando,& mais ledo do que veyo. Dizem do auarento por hum perde cento. Torna ca meus amores:nam quero la yr estrouar seus passatempos, aqui neste lenço vam dez escudos do sol. *Rub.* Mas que sejam ainda da lua:o que hi for,hi se achara. *Guis.* Hora vay nas boas horas. Nam lhe pergunteí pello nome Pajem,Pajem fermoso? *Rub.* Quo mandas? *Guis.* O teu nome que me esqueceo de preguntar. *Rub.* Daqui to direy? Não cances, que tardo muyto. A mim chamam Auberte de Rubeforte,& da outra parte dos Rapinaldos. *Guis.* Ay meu filho, que nome he esse asi feyto. *Rub.* Os Franceses custumaõ asi estes nomes tam arreuessados. *Guis.* O que maá cousa he o mao nome, *Rub.* E os vossos de ca,que tais sam? Vssos,Leões,Porqueiriços,cabeças de ferro,& ou

tras

pitam? *Pa.* Pola ventura ahi he Vilhalpandos de dia, & Vilhalpandos de noite. *Vil. j.* Trama de hum rapas com essa tua lingoa. *Pa.* Digo verdade, polla ventura lhe basta a elle ser Vilhalpando de noite. *Vil. j.* Si ja logo morcego, ou curuja. *Pa.* E mais ainda elle tinha tempo pera vir ao desafio. *Vil. j.* Nam sam ja dez horas: *Pa.* Nam deste Relogio, que inda as nam deu. *Vil. j.* Deuas logo o de campo de flor. *Pa.* E tu queres passear em Sancto Agostinho polas horas de campo de frol. *Vil. j.* Venha elle agora, & faça tambem sua diligencia, como o desafio dos Reys em Bordeos. Basta que ja fica o campo por meu. *Pa.* Nam, o denoite que mais releua. *Vil. j.* Que dizes ainda da noyte? *Pa.* Que todas as suas cousas sam escuras. *Vil. j.* Eu as farey claras. *Pa.* Cousas ha hi, que se nam querem muyto bolidas. *Vil. j.* Este rapas palrronio, que nunca tapa aquella boca.

SCENA. V.

Trefo. *Cesariam.* *Antonioto.*

Tre. QVE noyte de Deos se nos ordena esta, ja ho fumeiro anda a saco, mal polas capueyras, onde nam ha cousa viua, ou asinha a nam auera. *Ces.* Trefo sae de casa de roim a roim, não ha aqui melhoria. *Ant.* O mundo quer acabar nam ves, quanto estes rapazes sabem? *Tre.* Tudo oje ha de andar a rodo,

festa,

que sempre ajuntam pera outrem. *Rub.* Pois quanto este ouro,& esta prata nam sey pera que he,nam se come nem bebe ca fica tudo. *Ant.* Ah; ah, filha de Miluo. *Guis.* He verdade meu sesudo. Disseste mais? *Rub.* O que me ouuera de esquecer,chegouse a mim a orelha,& disseme que ella faria quantas bulras pudesse aquelles Monsenhores,& que assi to dissesse. *Guis.* Aja ella a minha bençam,as me de deyxar o anel. *Rub.* Os mensageiros nam podem fazer mais do que lhes mandam,ella nam mo deu senão por final. *Guis.* Quero yr a ver essa festa. *Rub.* Muyto embora, essa reposta lhe darey que me detenho muyto, *Ant.* O filha de Miluo. *Guis.* Ia se vay cantando,& mais ledo do que veyo. Dizem do auarento por hum perde cento. Torna ca meus amores:nam quero la yr estrouar seus passatempos, aqui neste lenço vam dez escudos do sol. *Rub.* Mas que sejam ainda da lua:o que hi for,hi se achara. *Guis.* Hora vay nas boas horas. Nam lhe perguntei pello nome Pajem,Pajem fermoso? *Rub* Quo mandas? *Guis.* O teu nome e que me esqueceo de preguntar. *Rub.* Daqui to direy? Não canses, que tardo muyto. A mim chamam Auberte de Rubeforte,& dã outra parte dos Rapinaldos. *Guis.* Ay meu filho, que nome he esse asi feyto. *Rub.* Os Francesses custumaõ asi estes nomes tam arreuessados. *Guis.* O que maã cousa he o mao nome, *Rub.* E os vossos de ca,que tais sam? Vssos,Leões,Porqueiriços,cabeças de ferro,& ou

tras

pitam? *Pa.* Polla ventura ahi ha Vilhalpandos de dia, & Vilhalpandos de noite. *Vil.j.* Treima de hum rapas com essa tua lingoa. *Pa.* Digo verdade, polla ventura lhe basta a elle ser Vilhalpando de noite. *Vil.j.* S ja logo morcego, ou curuja. *Pa.* E mais ainda elle tinha tempo pera vir ao desafio. *Vil.j.* Nam sam ja dez horas? *Pa.* Nam deste Relogio, que inda as nam deu. *Vil.j.* Deuas logo o de campo de flor. *Pa.* E tu queres passear em Sancto Agostinho polas horas de campo de frol. *Vil.j.* Venha elle agora, & faça tambem sua diligencia, como o desafio dos Reys em Bordeos. Basta que ja fica o campo por meu. *Pa.* Nam, o denoite que mais releua. *Vil.j.* Que dizes ainda da noyte? *Pa.* Que todas as suas cousas sam escuras. *Vil.j.* Eu as farey claras. *Pa.* Cousas ha hi, que se nam querem muyto bolidas. *Vil.j.* Este rapas palrronio, que nunca tapa aquella boca.

SCENA. V.

Trefo. *Cesariam.* *Antonioto.*

Tre. QVE noyte de Deos se nos ordena esta, ja ho fumeiro anda a saco, mal polas capueyras, onde nam ha cousa viua, ou asinha a nam auera. *Ces.* Trefo sae de casa de roim a roim, não ha aqui melhoria. *Ant.* O mundo quer acabar nam ves, quanto estes rapazes sabem? *Tre.* Tudo oje ha de andar a rodo,

festa,

que sempre ajuntam pera outrem. *Rub.* Pois quanto este ouro,& esta prata nam sey pera que he,nam se come nem bebe ca fica tudo. *Ant.* Ah; ah, filha de Miluo. *Guis.* He verdade meu sesudo. Disseste mais? *Rub.* O que me ouuera de esquecer,chegouse a mim a orelha,& disseme que ella faria quantas bulras pudesse aquelles Monsenhores,& que asi to dissesse. *Guis.* Aja ella a minha bençam,as me de deyxar o anel. *Rub.* Os mensageiros nam podem fazer mais do que lhes mandam,ella nam mo deu senão por sinal. *Guis.* Quero yr a ver essa festa. *Rub.* Muyto embora, essa reposta lhe darey que me detenho muyto, *Ant.* O filha de Miluo. *Guis.* Ia se vay cantando,& mais ledo do que veyo. Dizem do auarento por hum perde cento. Torna ca meus amores:nam quero la yr estrouar seus passatempos, aqui neste lenço vam dez escudos do sol. *Rub.* Mas que sejam ainda da lua:o que hi for,hi se achara. *Guis.* Hora vay nas boas horas. Nam lhe pergunteі pello nome Pajem,Pajem fermoso? *Rub.* Que mandas? *Guis.* O teu nome que me esqueceo de preguntar. *Rub.* Daqui to direy? Não cances, que tardo muyto. A mim chamam Auberte de Rubeforte,& da outra parte dos Rapinaldos. *Guis.* Ay meu filho, que nome he esse asi feyto. *Rub.* Os Francefes custumaõ asi estes nomes tam arreuessados. *Guis.* O que maa cousa he o mao nome, *Rub.* E os vossos de ca,que tais sam? Vssos,Leões,Porqueiriços,cabeças de ferro,& ou

tras

pitam? *Pa.* Pola ventura alg[ũ] h[a] Vilhalpandos de dia, & Vilhalpandos de noite. *Vil. j.* Teima des hum rapas com essa tua lingoa. *Pa.* Digo verdade, polla ventura lhe basta a elle ser Vilhalpando de noite. *Vil. j.* S ja logo morcego, ou curuja. *Pa.* E mais ainda elle tinha tempo pera vir ao desafio. *Vil. j.* Nam sam ja dez horas: *Pa.* Nam deste Relogio, que inda as nam deu. *Vil. j.* Deuas logo o de campo de flor. *Pa.* E tu queres passear em Sancto Agostinho polas horas de campo de frol. *Vil. j.* Venha elle agora, & faça tambem sua diligencia, como o desafio dos Reys em Bordeos. Basta que ja fica o campo por meu. *Pa.* Nam, o de noite que mais releua. *Vil. j.* Que dizes ainda da noyte. *Pa.* Que todas as suas cousas sam escuras. *Vil. j.* Eu as farey claras. *Pa.* Cousas ha hi, que se nam querem muyto bolidas. *Vil. j.* Este rapas palrronio, que nunca tapa aquella boca.

SCENA. V.

Trefo. *Cesariam.* *Antonioto.*

Tre. QVE noyte de Deos se nos ordena esta, ja ho fumeiro anda a saco, mal polas capueyras, onde nam ha cousa viua, ou asinha a nam auera. *Ces.* Trefo sae de casa de roim a roim, não ha aqui melhoria. *Ant.* O mundo quer acabar nam ves, quanto estes rapazes sabem? *Tre.* Tudo oje ha de andar a rodo,

festa,

que sempre ajuntam pera outrem. *Rub.* Pois quanto este ouro,& esta prata nam sey pera que he,nam se come nem bebe ca fica tudo. *Ant.* Ah; ah, filha de Miluo, *Guis.* He verdade meu sesudo. Disseste mais? *Rub.* O que me ouuera de esquecer,chegouse a mim a orelha,& disseme que ella faria quantas bulras pudesse aquelles Monsenhores,& que assi to dissesse. *Guis.* Aja ella a minha bençam,as me de deyxar o anel. *Rub.* Os mensageiros nam podem fazer mais do que lhes mandam,ella nam mo deu senão por final. *Guis.* Quero yr a ver essa festa. *Rub.* Muyto embora, essa reposta lhe darey que me detenho muyto, *Ant.* O filha de Miluo. *Guis.* Ia se vay cantando,& mais ledo do que veyo. Dizem do auarento por hum perde cento. Torna ca meus amores:nam quero la yr estrouar seus passatempos, aqui neste lenço vam dez escudos do sol. *Rub.* Mas que sejam ainda da lua:o que hi for,hi se achara. *Guis.* Hora vay nas boas horas. Nam lhe perguntei pello nome Pajem,Pajem fermoso? *Rub.* Quo mandas? *Guis.* O teu nome e que me esqueceo de preguntar. *Rub.* Daqui to direy? Não cances, que tardo muyto. A mim chamam Auberte de Rubeforte,& da outra parte dos Rapinaldos. *Guis.* Ay meu filho, que nome he esse asi feyto. *Rub.* Os Franceses custumaõ asi estes nomes tam arreuessados. *Guis.* O que maã cousa he o mao nome, *Rub.* E os vossos de ca,que tais sam? Vssos,Leões,Porqueiriços,cabeças de ferro,& ou

tras

nunca tal presteza vi de lagrimas, & de palauras, que tẽ direi naquella estreiteza de tempo, me rogou, me chorou, me ameaçou *Ces*. Com qual te venceo mais. *Mil*. Pera que te hey de enganar, com as ameaças. *Ces*. Sendo tam moça, que ser pesse ali cria? *Ant*. Acolhete Cesario com tempo. *Ces*. Fiade de mim, que sam em porto seguro, ajamos concelho do mais. *Mil*. Aqui todos estã bem, saluo eu, & Vilhalpando de fora. *Ces*. Gram parte disso he remediado: porque o outro não ha de vir aho desafio. *Ant*. Poli ventura virà mas não cõ o penacho branco, *Ces*. Estes soldados bem sabes como sãoseitos, por aqui se auerà por restituido na honra. Quanto aos escudos eu os quero pagar. *Mil*. Nunca tal seja, antes me deixa cõ a negocceação. *Ces*. Que cuidas fazer? *Mil*. Depois o saberas, somente me he necessario outra vez o anel. *Ces*. Pera que. *Mil*. Porq̃ inda oje hade fazer milagres. *Ces*. Es muyto auentureiro antes quero pagar os escudos. *Mil*. Confia em mi que não estou em tempo pera ganhar mais imigos. *Ces*. Por tã pouco queres, que auenturemos tanto. *Mil*. Não he pouco a vingãça & mais em tal lugar. Ajudame Antonioto. *Ant*. Ora que eu o fio, mas diganos primeiro o que ordena. *Mil*. Dir uoloei Aurelia he ida a jantar com o Embaixador de França, tenho hũa filha a que não fallece nada, para o que cuido que he mandala a casa de Guiscarda com o anel da parte de Aurelia, como pajem Frances, a pedir lho dinheiro para jugar. *Ces*. Com que a esperas de

en-

enganar. *Mil.* Com a cobiça. *Ant.* Vejamos esta festa. *Mil.* Nam vos aparteis daqui.

SCENA. VI.

Antonioti. Cesariam. Vilhalpando. Paje.

Ant. Viate fallar taõ confiadamente na pagã dos escudos. *Ces.* Como cobrei coração. Pera tudo foi, ja não ei mister teus irmitães. *Ant.* Agora te acabo de crer que bem sei quãto nos a culpa encolhe a todos. *Ces.* Desejo de ir ver o do penacho brãco como passea. *Ant.* Espera, que eu o vejo vir falando com o seu paje. *Ces.* Escutemos em q̃ praticas vem. *Vil.* j. Enfim cada hum fica por quem he. *Pa.* Quanta eu ja não sabia de que freguesia era. *Vil.* j. As dez sam dadas ainda depois dei dous passeos. *Pa.* Ganhäste mui grande houra, que ficas agora por hum so Capitão Vilhalpando. *Vil.* j. E q̃ duuida tinhas disso? *Pa.* Não sei muitos finais daua, tãto q̃ tu tambem parecia, q̃ ja duuidauas. *Vil.* j. De q̃ auia de duuidar. *Pa.* Se eras o de dentro se o de fora, & eu a uia medo. *Vil.* j. De q̃ auia medo indo comigo. *Pa.* Que sabia eu qual de vos era. *Ant.* Que te parece tam malua do rapas. *Vil.* j. Cuidauas, que me perderas pelo escuro. *Pa.* Cuidaua, que estiuamos em Roma, onde tudo he possiuel. *Vil.* j. E agora porq̃ nã aparece essoutro ca

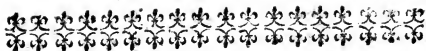
que sempre ajuntam pera outrem. *Rub.* Pois quanto este ouro, & esta prata nam sey pera que he, nam se come nem bebe ca fica tudo. *Ant.* Ah, ah, filha de Miluo. *Guis.* He verdade meu sesudo. Disseste mais? *Rub.* O que me ouuera de esquecer, chegouse a mim a orelha, & disseme que ella faria quantas bulras pudesse aquelles Monsenhores, & que asi to dissesse. *Guis.* Aja ella a minha bençam, as me de deyxar o anel. *Rub.* Os mensageiros nam podem fazer mais do que lhes mandam, ella nam mo deu senão por final. *Guis.* Quero yr a ver essa festa. *Rub.* Muyto embora, essa reposta lhe darey que me detenho muyto, *Ant.* O filha de Miluo. *Guis.* Ia se vay cantando, & mais ledo do que veyo. Dizem do auarento por hum perde cento. Torna ca meus amores: nam quero la yr estrouar seus passatempos, aqui neste lenço vam dez escudos do sol. *Rub.* Mas que sejam ainda da lua: o que hi for, hi se achara. *Guis.* Hora vay nas boas horas. Nam lhe perguntei pello nome Pajem, Pajem fermoso? *Rub.* Quo mandas? *Guis.* O teu nome que me esqueceo de preguntar. *Rub.* Daqui to direy? Não cances, que tardo muyto. A mim chamam Auberte de Rubeforte, & dá outra parte dos Rapinaldos. *Guis.* Ay meu filho, que nome he esse asi feyto. *Rub.* Os Franceses custumaõ asi estes nomes tam arreuessados. *Guis.* O que maâ cousa he o mao nome, *Rub.* E os vossos de ca, que tais sam? Vssos, Leões, Porqueiriços, cabeças de ferro, & ou

tras

trás de cabeça. *Ant.* Vinte vezes mais que filha de Miluo. *Guis.* Infim dizes verdade, em tudo tem graça vaise, queroo seguir. Mal fiz, porem que pode ser? O anel aquelle he digo que o tomassem a Aurelia, & mandassem ca por rir. Zombarias sam, que das tais casas, & pessoas sempre sae em proueito. *Rub.* Embaraçada deixo a velha com aquelle meu nome tam comprido, que rome trasmallar, por estas trauessas, tornarey ao brial, & ao trançado, quem lhe dara sinais de mim, & mais nesta enuolta de Roma. Se Guiscarda fora como estes toleiroés, que sempre estão em seus treze, nunca a enganara. Bem mo dizia meu pay, que deue ja de estar com os olhos longos.

Antonioto só.

ESTE negocio està bem acabado, de hũa parte Cesariam me acena todo cheo de prazer, doutra Miluo vem mostrandome o anel. Ia temos os escudos pera o vilhalpando de fora, & polla ventura seram os mesmos do Sol. Os Esposouros hanse de fazer la dentro nam tendes mais que esperar aqui.

Fim da Comedia dos Vilhalpandos.

COMEDIA
INTITVLADA;
OS ESTRANGEIROS.

Feyta pello Doutor Francisco de Sá de Miranda.

AO INFANTE CARDEAL Dom Henrrique.

O QVE V. A. MANDA, que se pode dizer mais? A comedia qual he, tal vay, Aldeãa, & mal ataviada. Esta soo lembrança lhe fiz à partida, que se não desculpasse de querer às vezes arremedar Plauto, & Terencio, porque em outras partes lhe fora grande louuor, & se mais tambem lhe acoymassem a pessoa de hum Doutor, como tomada de Ludouico Ariosto, que lhes posesse diante os tres auogados de Terẽcio, dos quaes hum nega, outro affirma, o terceiro duuida, como ainda cada dia acontece, asſi que des aquelle tempo vem ja o furto, não se enganem co nome de

F Doutor

Doutor nouo, barbaro, & presuntuoso, como saõ mui tos titulos asi dos escritores, como das obras dos nossos tempos, tam differentes do comedimento dos passados como foy o de Philosopho dado por Pythagoras. Tullio com que ameaçaua ja seu amigo Trebacio tamanho Iurisconsulto, se não com as graças de Laberio, & Horacio com quantas de suas graças passa hum sermão co mesmo Trebacio. A comedia tão estimada nos tempos antigos, q̃ al differam aquelles grandes engenhos que era senam hũa pintura da vida commum à dos Principes se repartio a Tragedia. Todos estes, & outros muitos inconuenientes eu passaua leuemente, o mais que arreceaua, eram màs interpretações a cada passo, às quaes quem pode fogir, se tẽ os Herejes quantos sam, tambem trazem a Sagrada Escritura em sua ajuda, interpretando mal, e o diabo tambem. A isto tudo houuera algum remedio, que era o do fogo, mas ao mandado de V. A. que farey, saluo obedecer, pedirlhe, que empare estes estrãgeiros como fazem os grandes Principes, de cujo amparo somente confiam os que vam por terras alheas. Eu nam vou pedindo, saluo perdão, este pello Prouerbio Grego he deuido no começo das cousas. Nosso Senhor sua vida, & Real estado, &c.

OS ESTRANGEIROS.

Pessoas da Comedia.

Amente mancebo.
Alda moça de seruir.
Dorio casamenteiro.
Deuerante Trukam.
Petronio Doutor.
Guido mercador.
Vidal seruidor.
Cassiano Ayo.
Ambrosia velha.
Briobis soldado.
Callidio mancebo de seruiço.
Sarjanta molher de seruiço
Calbano velho.
Reynalte velho.

A PESSOA DA COMEDIA faz o Prologo.

ESTRANHAISME, que bem o vejo, que serà, que nam serà, que entremez he este, foy grão dita, que nam a podais ja, mas nam ha de falecer quem me arremede. Os Portugueses sois assi feytos, logo pela primeira, despois dareis o sangue dos braços. Agora parece, que me estranhão ainda mais, pareceuos, que nam diz a falla cos trajos, esperaueis del les alguns triques, troques, ora me ouui, diruos ey quẽ sou, donde venho, & ao que venho.

Quanto ao primeiro sou hũa pobre velha estrangei ra, o meu nome he Comedia, mas nam cuideis que me aueis por isso de comer, porque eu naci em Grecia, & la me foy posto o nome por outras razões, que não per tencem a esta vossa lingua; ali viui muytos annos a grã de meu sabor, passarãome depois a Roma pera onde então por mandado da fortuna corria tudo. Hy chegue i a tanto, que me não faleceo hum nada de ser Deo sa, depois a grandeza daquelle imperio, que parecia pe ra nunca acabar, toda via acabou. E assi, como a sua queda foy grande, assi leuou tudo consigo, ali me perdi eu com muytas das boas artes, & ahi jouuemos longo tempo, como enterradas, que ja quasi nam auia memoria de nòs, tè que os visinhos, em que de hũs nos ou tros ficara alguma lembrança, cauaram tanto, que nos tornaram a vida, maltratadas porem, & pouco pera ver. Agora que ja hiamos, como dizem, ganhando pès, sentionos logo aquella nossa imiga poderosa, que nos da outra vez destruira, foise là, poz outra vez tudo por terra. Bem entendeis, que digo pola guerra imiga de de todo bem. Venho fogindo, aqui neste cabo do mun do acho paz; nam sey se acharei assossego; ja sois no cabo, & dizeis hora, nam mais, isto he auto, & desfazeis as carrancas mas eu o que nam fiz atè gora, nam queria fazer no cabo de meus dias, que he mudar o nome. Este me deixai por amor da minha natureza, & eu dos vossos versos tambem vos faço graça, que sam forçados

dos daquelles seus consoantes Eu trato cousas correntes, sou muyto clara, folgo de aprazer a todos. Direis vòs, que não he muito boa manha de dona honrada, direis que Portugueses sois. Finalmente a mi nunca me a prouueram escuridões, nem fallo senam pera que me entendam, quem al quizer, nam falle, & tirarà do trabalho a si, & a outrem. Muytas cousas vos dou de mi logo de boa entrada, cuidaueis, que nam auia de trazer de molher, se nam o trajo? Ora vistes, que tambẽ trouxe a lingua. Agora sabei, que ainda auemos de fazer hum caminho longo. Ia ouuireis falar de Palermo cidade nobre em Sicilia, hi vos hei de dar a mostra da minha tenda, porque là sejais tambem estrangeiros. Cuidaes que graccejo? o meu poder he mor do que por ventura cuidaes, nam me tenhas em pouco por me verdes assi tam conuersauel, nam se moua ninguem, asseguraiuos. Vedesnos em Palermo, todos a saluamento. Ora daquellas casas de fronte sairà hum mancebo Valenciano por nome Amente, a este segue hum seu Ayo que o vigia quanto pode, & destes, & doutros sabereis o mais, que eu lhes mandei a todos que falassem Portugues, & porque ouçaes cos corações repousados, eu vos tornarei, donde vos trouxe, ja sabeis, que o posso fazer ouui, & fauorecei me.

ACTO. I.

Amente mancebo. *Cassiano Ayo.*

A*mente.* IA vês apos mi Cassiano?que me queres? por vida se pode auer hum tão pesado catiueiro. C*assiano.*Catiueiro chamas tu ao teu remedio? Assi fazeis vos outros a tudo,mudaes os nomes,como quereis,& ficaes contentes,eu Amente, eu sou o catiuo, que me trazes sempre a pos ti por onde queres. A*mente.* Ainda os escrauos tem horas liures, tem suas festas, eu sempre hei de jazer debaixo deste jugo? que me queres?queresme acabar de matar, C*assiano.* Mas tu que queres,querest̃e acabar de perder? O Amente, quam mal te ensinou a minha mansidam? *Amente.* Como, sempre hei de ser minino? C*assiano.* Agora te he a ti màis necessario o teu Ayo,que nunca. *Amente.* Nam me diràs que me queres. C*assiano.* Guardarte, que este he o meu cargo, como mo encomendou teu pay. *Amente.* De que me hàs de guardar, C*assiano.* Da tua doudice,pois queres que to diga. A*mente.* Cuydas que te hey de fogir.C*assiano.*Não andas tu nesses tratos de Palermo nam fugiras tu, mas de mi si. Ora ja. que tu fazes o que naõ deues,deixame a mi fazer oque deuo.A*mente.*Que desauentura tamanha foy a minha. C*assiano.* Alba companhia, & bons concelhos de seu

Ayo

Ayo, chamà este ora catiueiro, ora desauentura, nam sospires, creme, que te hei de seguir, como a tua sombra. *Amente.* Essa não me segue pelo escuro, & tu sy. Mas estemos ja nestes debates, antes me tornarei a casa hi que mal posso fazer, tu guarda a porta se quiseres.

Cassiano soo.

Hi lâ tomar cuidado de filhos alheos; onde hâ isto de ir ter, que se fez do acatamento que estes moços sohiam de ter a seus Ayos? que não somente lhe ousauam de leuantar os olhos. Agora vedes em que mundo somos, que às vezes vos cumpre fazer, que nam vedes, & outras que não ouuis. A doudice nam sabe ter meyo. A tanto sam chegados, que gracejão, & dizem, que ja se nam costumão Ayos, como se fossem trajos curtos, ou longos, & dos velhos dizem, que cantaõ por hũa corda, & por fabordão. O pois que musica a sua delles, & que contraponto, muitos escarneos, muytas mentiras, pouca verdade, menos vergonha. Bejaõuos as mãos cem mil contos de vezes, cedo ham de beijar tambem os pès como ao Papa, se elle nam acode poc seu estado. Entregãoseuos por escrauos cos ferros nos pès, & cos ferretes nas testas, entam quando os requereis, foy a mor mofina do mundo, porque aquillo soo nam podem. Ora da outra parte cotejay o canto cham de nossos velhos; o seu sy, pello sy, pollo nam nam, o seu rego vay, rego vem, o seu

dizer,& fazer, qual aueis por melhor musica? Digouos em boa verdade, que o dagora tudo parece escarneo quanto vedes, porem nam se lancem os pays de culpa, que os criam tanto na vontade. Todos somos enfeitiçados com estes filhos, depois que os danam, encomendam nolos. Quanto ha, que partimos de Valença, hiamos pera Rhodes, nosso amo quisera encostar este filho àquella Religiam, estando aqui esperando passagem, vieram nouas do cerco. Agora ja dizem mais da tomada, temos gastado muyto do tempo & o dinheiro todo. Este moço, namorouse aqui, & perdeo o sizo, eu ando em vesporas de perder tambem o meu co elle, tendo escrito a seu pay, que acuda, espero sua reposta, entre tanto ando asi tendome ao mar. Esta doudice dos amores nasce de ociosidade, & nella se mantem, esta ao menos lhe queria tirar, & por isso o persigo com a minha presença, ao menos nam fallarà tanto com aquelle seu grande priuado Callidio.

Alda moça de seruir. *Ambrosia velha.*

ASSI hi como dizes minha tia Ambrosia, mas andemos mais, que faço ja grande detença. *Ambrosia.* Bem dizes Alda filha, se eu puffesse, mas vou muyto carregada. *Alda.* De que tia. *Ambrosia.* De oitenta annos, que trago às costas, & pesam mui-

muyto. *Cassiano.* A mingoa daquella carrega, anda meu criado Amente tão leue. *Alda.* Mal he esse, que todos dezejamos. *Amente.* Com muytos outros de companhia, que tu nam dizes. *Alda.* Que taes? *Ambrosia.* Estes homens filha principalmente. *Alda.* Gracejas tia? *Ambrosia.* Gracejar dizes? antes te esconjuro mil vezes, que te não ponha ninguem medo com outras almas peccadoras. *Alda.* Nam seram todos tam maos. *Cassiano.* Ia aquella jaz. Medo hey, que a velha acuda ja tarde ao arruido. *Ambrosia.* Todas queremos fazer essa experiencia de nouo, entam filha quantos queixumes? *Alda.* Ditosa he logo esta tua Lucrecia, que tantos aqui andam bebendo os ventos por ella. *Ambrosia.* Asi queira Deos, que nam se solte tudo em ventos. *Cassiano.* Como velha pratica, & sesuda. *Alda.* He o Doutor Petronio tam rico. *Ambrosia.* Bem o sei, mas tu dizes tam rico, & naõ dizes tam caluo. *Alda.* Diz que a tomarâ em camisa. *Cassiano.* E se vierem aos lanços, meu criado Amente a tomarà nua. *Alda.* E a isso cuido, que es agora chamada, porque o Doutor aperta muyto. *Cassiano.* Que me matem se esta nam he a paixam, em que agora anda o doudo de meu criado Amente. *Ambrosia.* Aquelle dom Abbade tio de Lucrecia Religioso, como elles sohiam de ser, tanto lhe deixou do seu, que Betrando a pode casar sem lhe custar nada, & mais com tal ajuda de Deos, como he parecer seu, & o siso. *Alda.*

Là

Là ſaberas tudo, nam façamos mais detença.

Caſsiano ſoo.

SE eſta moça verdade conta, emprеſto eu ã noſſo amigo hũs poucos de maos dias, com ſuas noytes, que o negocio do Doutor he de ſiſo, naõ pera elle, mas pera Petrando, & pera a moça tambem ſe ella he ſeſuda, como diz a velha; fallo, como ſe coſtuma de fallar, que todos nos lançamos a eſte proueito do Doutor, crede, que ſe acolhe as mãos, que elle terà cuydado de fechar ſuas portas, & janellas a tempo, entam deixai vos ao doudo rodear a caſa, & ſuſpirar toda a noite, vòs todauia nam duuideis, que entre tanto o ſono nam preſte mal ao coitado do velho, & deſconfiado. Ah que queremos forçar tudo, & a natureza tambem. Velho namorado com moça fermoſa, & empolada, nam ha hi pera dous dias, depois nam lhe ha de fallecer outro melhor empenado, com quem logre o que lhe o velho deixar por ſua alma tanto às ſuas cuſtas. Mas deixemos a cada hum fazer ſuas contas, & cuydar que as acerta, prouueſſe a Deos que viſſe jà o caſamento feyto, o Doutor entraria em fadiga, eu pella ventura ſairia della.

Dario caſamenteiro. *Caſsiano Ayo.*

Atẽ

ATE quando traremos nòs ao pescoço este jugo dos espanhoes? Atè quando jazeremos neste sono & neste esquecimento da nossa liberdade? *Cassiano.* Tambem este vem braccejando, & fallando consigo. *Dorio.* Quando lhe cantaremos nos outros vesporas Cezilianas, como fizemos aos Franceses? Venha, como dizem o dia bom? escolha, toda via o Francez roubate,& conuidate,o Espanhol sempre quer senhorear,como se pode sofrer tanto senhor capitam? *Cassian.* Coitados, que neste murmurar nos mantemos. *Dorio.* Se a terra destes he,como elles dizem,que buscam na nossa? O Ilha tam abastada, & tam rica por teu mal? Mas vejo quem buscaua. *Cassiano.* A mi se vem, nam o conheço que me quererà? *Dorio.* Senhor meu quando o asi por bem ouuesse, releuame muyto,ouuiresme duas palauras. *Cassiano.* Nam digo eu duas, mas doas mil, se tantas mandares. *Dorio.* Pela tua humanidade,& cortesia. Ora a mi me chamam Dorio,nam sey se me conheces, mas sou muyto conhecido nesta cidade,por tratar meu officio muitos annos hà com grande limpeza, & fialdade. *Cassiano.* E que officio he o teu; *Dorio.* Grande de muyta confiança. *Cassiano.* Que tal? *Dorio.* Casamenteiro a seruiço de Deos, & dos bons. *Cassiano.* Pera tratar tamanha, & tam santa cousa,como he o casamento,nam se podia escolher, saluo pessoa das qualidades que deue de hauer em ti. *Dorio.* Nam pelo

cu

eu merecer:mas faço todauia pello nam desmerecer. E vindo ao meu caso digo, que viuendo eu aqui em paz, & amor de todos, seruindo meu officio, como todo o mundo sabe, agora ja no derradeiro quartel da vida, hum mancebo, de que me dizem, que tens carrego, anda de todo posto em me matar. *Cassiano.* Matar, ou como? *Dorio.* E mais sobre meu officio. *Cassiano.* Quem te disse tal? *Dorio.* Muytos, & antre os outros, elle mesmo. *Cassiano.* Cótamo. *Dorio.* Passando por mi ameaçoume, mordendo hum dedo da maõ, & dizendo não sei que palauras. *Cassiano.* Sam brauarias de Palermo. *Dorio.* Hy vê homem cada dia matar muytos. *Cassiano.* Inda esse que dizes tem por matar o primeiro. *Dorio.* Nam queria que começasse em mi. *Cassiano.* Iustiça ha na terra. *Dorio.* Depois de eu morto quer a haja, quer nam? *Cassiano.* Não que a tua pelle te guardarà a tua. *Dorio.* A muytos a nam guardou, que sey eu de quaes serey? *Cassiano.* Nam cuydes somente nesse cachoparram. *Dorio.* Esses senhor meu, sam os que eu arreceyo, que nam os velhos sesudos, lançadoras de contas. Ando assi como vês metido neste mantam, huma mam sobre a outra, que mais he matarme a mi, que a huma ouelha? *Cassiano.* E porque ha de matar ninguem essa ouelha? *Dorio.* Huns pella lam, & outros pela pelle. *Cassiano.* Conheceelo tu bem? *Dorio.* Assi o nam vira nunqua, nem elle

elle a mi. *Cassiano.* Por te por esse medo te ameaçou? Agora se ati fosse, andaria eu mais seguro. *Dorio.* Amigo & senhor meu, mais gente mata o descuido, que os cuidados. Heme necessario dar mil voltas a cidade de dia & de noite, digote que hei medo aos acontecimentos, quanto mais aos propositos. *Cassiano.* Tenslhe feito algum agrauo? *Dorio.* Naõ que eu saiba. *Cassiano.* Que te diz o coração? *Dorio.* Naõ me sei affirmar, mas pode ser; que por ir a casa de Bertrando, onde ja nam vou, no que recebi a perda, que Deos sabe. *Cassiano.* De cujo mandado hias la? *Dorio.* Isso naõ posso dizer, que saõ segredos do officio, que tenho; *Cassiano.* E a esse teu matador, que lhe vay nisso? Que hàs, porque cospes? *Dorio.* A longe và o mao agoyro. *Cassiano.* Porque lhe chamey teu matador? callate, que naõ te ha por isso de matar. *Dorio.* As vezes se dizem as palauras em tal conjunçam. *Cassiano.* Grandes arreceyos trazes a esta tua vida. *Dorio.* Tenho necessidade della para mi, & toda a minha gente? *Cassiano.* que lhe vai a esse mancebo nisso? *Dorio.* Naõ sei elle o saberà? *Cassiano* Ora Dorio amigo meu, quanto ao medo nam sei que te faça que nã he em mi tirarto, no mais farei, quanto em mi for, não te posso prometer mais. *Dorio.* Nem eu pedirte mais, & porem isso te peço muitas vezes. *Cassiano*, E eu muitas to prometo, descança que nam serà nada. *Dorio.* Assi queira Deos. *Cassiano.* Este doudo, em que anda, cuida q̃ pelas suas ameaças hà elle de ficar por casar. Hũa hora

ora de dia q̃ se me furta, logo deixa rasto por õde vay, que faria, se lhe eu tanto nam desse em que entender. Houue dò do peccador que se dà por morto, & tremiamlhe os beiços, que badelejaua. Ora me deyxai co doudo, que por isso o hey de perseguir mais, isto ganhara com as suas ameaças, quero yr ver o que faz.

ACTO. II.

Briobis Soldado. Deuorantè Truão.

ASSI que me tendes aqui catiuo em Palermo em tempos de paz, & terra de Christãos? *Deuorante.* Sam obras do amor? que ja fez a Hercules conquistador do mundo fiar, & dobar. *Briobis.* E eu, que achandome na de Ruuena, Chirinola, Vicença, Millão, que viesse assi a cair nas mãos de hũa moça, que te parece? *Deuorante.* Assi contão, que se toma o Alicorne animal tam fero. *Briobis.* E assi aconteceo a Roldão, & Reinal do. *Deuorante.* E hontem a el Rey Carlos o da cabeça grande em Piamonte. *Briobis.* Nam sou acostumado a sofrer desejos. *Deuorante.* Acostumate por amor de mi que os amores de seu natural saõ brandos, & queremse por bem. *Briobis.* Arrenego destas vossas branduras tenhome co a guerra, onde se tudo faz por força. *Deuor.* Fala mais sem paixão, que te demudas, & fazesme auer medo, *Briobis.* Esse mal tenho, sou temeroso. *Deuorãte.* O que

Oque doutra parte es mais gracioso,q̃ a mesma graça. *Briobis*.Porem quando me vem esta paixão, perdoay. Se me viras no campo? *Deuorante*. Ahi dão os homẽs te stemunho verdadeiro de quem saõ, *Briobis*. Digo, q̃ se me là viras, andaua mais acompanhado, q̃ o capitão. El le morria de enueja, & eu não morria de bafas. Contei te ja dos toques que lhe dei? *Deuorante*. O da Temuda. *Briobis*. E esse não foi mao, mas primeiro te hei de con tar doutros Anjos cogidos. *Deuorante*. Que aramà la fui? cuidei de atalhar, & rodeci, apos estes virã os fritos depois os assados. *Briobis*. Este capitão tocaua no Tribu de Iudà, & como disse, tinhame grande inueja, pelo qual mastigaua, & grosaua ditos meus, que todos trazião na boca, pelo qual eu a hum proposito, não falando mais com elle, q̃ cõs outros disse hum dia. Não se hà aos supitos de buscar a escama detraz da orelha. *Deuorante*. Ha, ha, ha. *Briobis*. Que ouueste? *Deuorante*. Não hà pera ninguem brincar contigo, como dizem do ferro. E os outros. *Briobis*. Torciãose todos. Mas quẽ te disse o da Temuda. *Deuorante*. Mil pessoas, que o sabem , & o contão entre outras graças tuas. E elle mesmo foy o q̃ mo contou, mas que ey ja de fazer. *Briobis*. Este mesmo capitão trazia amores em parte, que me ya nisso algũa cousa. A Dama chamauasse Temuda: mas que hauia o diabo de fazer. Viemonos hũa soo noyte a encontrar em hum lugar escuso, elle rebuçouse, mas eu ao passar disse. Pera que he andar tam temudo. *Deuorante*.

Des-

D.ſtruiſteo. Eſte homem, como ſe não foi logo lançar num poço? *Briobis*. E iſto em dizendo fazendo. *Deuorante*. Sam graças naturaes, que Deos reparte por quẽ quer bem. *Briobis*. Naõ o digo por me gabar, mas quã tas vezes me aconteceo nam me darem ſomente vagar com requerimentos de cartas de amores, huns a hum propoſito, outros a outro. *Deuorante*. Quaes auias por mais trabalhoſas. *Briobis*. As primeiras. *Deuorante*. Como meſtre. *Briobis*. E aſsi duas de hũas, como de outras os começos, que deſpois hũa palaura leua a outra por hũa maneira noua, que ora deſcobrimos, que tudo ſe vai apurando cada vez mais. *Deuorante*. Ficartehiam os treslados, que leremos ſobre meſa. *Briobis*. Nunqua as guardo. Mas lembrame hum começo, & dizia aſsi. Nas ondas deſtas lagrimas, que me leuão aſsi na ſua corren te, não tem eſtes meus olhos outro Norte porque ſe re jam ſenam os teus. *Deuorante*. Ay, ay que farcy; Iſſo nã ſe ſofre. *Briobis*. Outra. *Deuorante*. Darâ cento como relogio mal concertado. *Briobis*. Os enganos ſenhores da vontade, fazem o que querem de mi, & eu naõ quero acabar de entender o que entẽdo, & fico aſsi, como em mares encruzilhados onde a força naõ esforça, nem gouerna o gouernalhe. *Deuorante*. Buſca quem te aguarde taes pancadas, que eu nam poſſo. *Briobis*. Pois ſe quiſeſſes, que te eſmiuçaſſe iſto pelo mendo. *Deuorante*. Fogirei quanto poder, tão endiabrado es por bẽ, como por mal. *Briobis*. Aſsi ham de ſer os homens, & nam

ham como estes freirões, que não sam peixe, nẽ carne. Outra. No meyo dos desejos não acho cabo, no cabo não acho meyos, tal auiamento acho pera o meu desauiamento, & tal esperança pera o cabo da desesperaçã. *Deuorante*. Finalmente pera esta tua nauegação tudo o mais temos, a moça sò nos falece, esta busquemos. *Briobis*. Nam se pode errar, que nam ha outra em Palermo, como em Palermo? como em Palermo? não ha outra no mundo. Aqui a achei, aqui a perdi, aqui me perdi. *Deuorante*. A bom santo tẽ encomendaste, eu te tornarei a achar. *Briobis*. Os cabellos como fio douro, os olhos verdes, que eschamejauão. *Deuorante*. Taes q̃ te fartarão os teus? *Briobis*. Mas taes, que mos deixaram famintos pera sempre. *Deuorante*. Ora cortame este pescoço, & acaba. Que mais pudera dizer hũ Mancias. *Briobis*. Pois ando pera me enforcar, como vès. *Deuorãte*. Nam faças por amor de mi, que he cousa de que te arrependeràs. *Briobis*. Nunca fiz cousa de que me arrependesse. *Deuorante*. E eu cada dia, & cada hora. Vamonos a jantar, ficarnosha tempo pera os negocios. *Briobis*. Não o hão inda de ter prestes, eu vou a dar pressa, & terei cuidado do teu mantimento, tu tem cuidado do meu. *Deuorante*. Es hũa fonte perenal de eloquẽcia, nunca te acabarão de esgotar. *Briobis*. Pois creme que não anda aqui hum terço de mi.

Deuorante soo.

AQue tempo me Deos apparou este soldado? que nam achaua ja aqui hũa vez de agoa. Neste mundo tudo sam começos, foime bem huns dias, agora andaua ja às moscas. Cada tarde me assentaua sobre hum penedo a diuisar dali o mundo, & dando ao papo, como francelho manço, olhando pera onde tomaria o voo. Trabalhoso officio este moſſo, que tem sempre o mantimento em mãos alheas. Muito bem me dizem dos Gallegos, & tem razam, que nunqua em al fallão segundo me dizem, se não em comer, & beber. Nunca se vio tão ruim mundo, o dizer bem das pessoas he cousa fria, & ainda desprazíuel, o dizer mal, he perigoso, quem quereis, que tome hum porto taõ estreito, & por inda ser nossa mofina maior, os mancebos seruidores das damas, com quem era todo o nosso ganho, vierãosenos a fazer mais graues, que seus pays; O joyas, joyas, quem tiuesse bem de comer, pera rir de vos, como hi naõ ouue amores, não ouue homẽs, com elles se foram as canas, os touros, as justas, & finalmente a liberalidade, nos outros ficamos, como sinos em castello despouoado tangendo as gralhas, & assi ja eu era, como digo na espinha, lembrouse Deos de mi, & acodime com este soldado appetitoso, conuidador, mais vão q̃ a mesma vaidade, nas armas hum Roldão, mais fermoso, & mais namorado de si mesmo, que Narciso, mas a mi, que se me da, vem da guerra, & destes seus a q̃ chamão sacos, onde roubão a Deos, & aos santos. Vos porem vede como

mo fallaes,& não lhe chameis roubos, senão olhae por vos,sacos si,quantas vezes quiserdes. Quem me mete a mi com seus pontos dehonra? Venha donde vier,ganha seo como quisesse,sou pola vẽtura sẽu confessor, come bebe,joga,& he de molheres,aquelles taes são os meus homẽs. O mal ganhado mal se ha de despender. Viuamos todos,he de louuaminhas,fartoo dellas. Quer contar suas mentiras,aparelho os ouuidos,enchoo devaidade,& elle a mi que não sou tão espiritual,encheme disso,que se vende na praça,seja nas boas oras,trato he,em que elle poem dinheiro,& eu palauras, dure o que durar. He enfadonho? Não ha logo de ser tudo, como homem quer, & de q̃ me podem melhor seruir os meus ouuidos,& a minha lingoa, que de me ganharẽ de comer? A moça não vos hà de ser outra se não esta Lucrecia,pera quem agora toda a cidade se embica. Guarda de escandalizar ninguem que as obrigações esquecem logo,as magoas nunca, là se auenhão, que eu nam me mantenho de olhos verdes,quando me veredes,a mor sciencia que no mundo ha asi he saber conuersar com os homens,bom rosto,bom barrete,boas palauras,não custão nada,& valem muito. E asi quem sabe de tudo isto,faz bom barato,os paruos daruoshão antes dinheiro,& eu antes o queria. Isto não se aprende em Pariz, voume a comer.

Casiano. *Amente.*

MEV criado, como me sentio em casa dissimulou & partio. Verdadeiaamente o mais certo preço he quem guarda o preço. Achei esta carta pareceme q̃ lhe cahio com a pressa, letra de molher he deue de ser da moça, quero ver o que diz. (Não sei porque folgas fazer tanto mal a ti, & a mi.) Bem me podera esta moça tambem aqui meter no começo desta carta (que te perdes, & não olhas com quanta perda minha querendome obrigar com isso.) Milagres sam, que as fermosas fazem, a que se nam pode dar razão, (em pago de me pesar do teu mal, queres ser causa do meu.) Mais pesa a seu Ayo, & mais pesarà a seu pay, quando o souber, (olha que ainda se pode remedear tudo, naõ a bolsa, que trouxemos, que arqueja, & tira quanto pode pelo folego, (disseraõme da tua parte, que não querias mais, que este meu desengano, ahi o tens.) Que farà agora Amente, se nam irse deitar naquelle mar assi desenganado, quanto melhor remedio fora, nam lhe dar nunca olhos, nem ouuidos, mas isto por boas filhas, que ellas sejão, nam lho mandeis, que lhe manda o seu natural outra cousa. O artificio com que se ja tudo diz, & faz, & digo em mayores casos. Mas he elle o que là vem? Esse he. Bem sabia eu, que esta carta mo hauia de tornar a mam, querolha ir por onde ha ache, nam acaba de sair de seu sizo (se isto se pode dizer) por quem ja nam tem nenhum.

Amente

Amente soo.

NAM passa asi o pesar. Quão pouco hà que sahi daquella casa com tanto prazer, vendome liure, de Cassiano, eisme agora torno por mi mesmo à prisam de que fugia, & o prazer de todo perdido, & a carta pouco menos, & mais a que tempo, quando me ja nã ficaua outro bem, outro descanço, outra nenhũa consolação, saluo a aquellas poucas regras. Cuidey que a leuaua no seo sobre o coração, donde a nunca tiraua, elle foy o que a achou menos, queriame saltar fora do peito, fezme tornar em sua busca. Mas he aquelle Callidio queroo esperar, nam sey que nouas trarà, com acabeça baixa vem, naõ he aquelle o seu custume, acabem ja de me matar os amigos, & os imigos.

Callidio. Amente.

QVEM concertarà tantos desconcertos. Digouos que cuido, & cuido, & nam lhes posso achar saida. *Amente.* O que ahi nao ha, como se pode achar. *Callidio.* Estes namorados não viuem se nam de esperanças. *Amente.* Que asi sam ellas mui saborosas. *Callidio.* Olhai que pessoas. Doutor honrado, & rico os dedos cheos de aneis. *Amente.* Pera mal vai este conto. *Callidio.* Callidio, Callidio. E o negocio esta em Ber-

trando tam ſeſudo,& tão peſado. *Amente.* Callidio? ou ueſme? Vem quà ſoubeſte mais algũa noua? *Callidio.* Fallei com Alda. *Amente.* Com Alda, & que te diſſe? *Callidio.* Que o Doutor apertaua muito o negocio. *Amente.* E de Lucrecia? *Callidio.* Que nam trazia roſto de contente. *Amente.* O que farei a eſtes roſtos, que tam aſinha ſe mudam? Que diſſe de Bertrando? *Callidio.* Que calla, & paſſea. *Amente.* E a molher? *Callidio.* A ambas as mãos pello caſamento. *Amente.* Nam he ſua filha. *Callidio.* Nem he ella a que ha de caſar, & da tantas razões tão ſeſudas. Ia ſabes que couſa ſaõ molheres. *Amente.* E tu ja ſabes, que ſe nam fazem caſa ſenam o que ellas mandam. *Callidio* Mal peccado. *Amente* Diſſete mais algũa couſa? *Callidio.* Que hia em buſca de Ambroſia a velha, que criou Lucrecia. *Amente.* Pera que triſte de mi. *Callidio.* Pergunteilho, mas deu aos hombros. *Amente.* Que ſoſpeitaua. *Callidio.* Mal. *Amente.* E mal ſera, que aſsi acontece as mais das vezes. *Callidio.* Que preſſa he eſſa tua, & mais pera caſa, donde ſempre foges? *Amente.* Pera que queres ſaber mais das minhas deſauenturas? furteime de caſa com tamanho acodamento que perdi aquella minha carta, que ſabes. Eu hi adiãte acheya menos, foime, como achar menos o coração torno em ſua buſca deixame ir ſo.

Deuorante. *Callidio.*

En-

ENtão deixai vos frades bradar do pulpito, & braccejar, que não ha hi dias aziagos. *Callidio.* Mao rosto traz, ferà conforme. *Deuorante.* Ditosos homẽs, que se lhe cre quanto dizem. *Callidio.* Ando magoado de lhe ja ninguem crer cousa nenhũa. *Deuorante.* Que horas estas, pera andar ainda em jejum, ainda que ora dia de jejum. *Callidio.* Bem me parecia, que dali vinha a tosse ao gato. *Deuorante:* Todos fartos, & cheos, entam querem gracejar, que me anda o diabo attentando pera fazer hũa doudice, entam vereis como logo todos me dão o corro, como dizem do touro. *Callidio.* Pois quanto a mingoa da boa cornadura nam fique. *Deuorante.* Cuidei de achar ja o meu Soldado à mesa, & hia lambendo os beiços dante mam, senam quando eu vejo, que me estaua aguardando à sua porta hum tauerneiro a que sou em diuida de alguns marauedis, olhay mais, & vejolhe hum beliguinaz ao lado. Hialhe a cair nas mãos. Quanto val hum homem acordado, descobrios de hũa legoa, desuieime então per outra rua, eu là, aleuantauase hum arruido, como barborinho em tardes de verão, lanças, pedras, espadas, não sey como sayviuo. *Callidio.* Vaso mao nũca quebra, *Deuor.* Hum gentar que te Deos ministra quantas cousas te estoruão. *Callidio.* Pois ainda o meu quinham te està qua guardado. *Deuorante.* De que aproueita ser sesudo entre tantos doudos. Iudeu houueras de dizer, que nam sesudo. *Callidio.* O meu grandissimo amigo

Deuorante quanto ora folgo contigo. *Deuorante.* Esse me direis vos a mi, que nam he dia aziago? *Callidio.* Que he isso, que asi vens de ma graça; nam era esse o teu custume. *Deuorante.* Deixame passar que nam hey contigo nada. *Callidio.* Que te fiz, algũa agulha ferrugenta se meteo entre nos. *Deuorante.* Requeirote da parte de Deos, que me deixes ir em paz. Nam sejas aqui hoje o meu peccado. *Callidio.* Espera que logo te auiarei. *Deuorante.* Que me queres? *Callidio.* Dous toques de trouas de improuiso, que tens nisto gracia gratis data. *Deuorante.* Nam hya eu hora cuydando em al. *Callidio.* Tanto mais de improuiso.

Começo.

Se es quebrado ou se es inteiro.
Que asi vâs aos folles dando.
Dàs â cabeça escornando
Se es touro, ou velho sindeiro.

Deuorante.

Eras pera Alfeloeiro
Que vai casicaueis tocãdo
Bem sei q̃ feste apalpãdo
mas nã es bõ checarreiro

Callidio. Ora o fiste, como quem es, & mais pelos consoantes, outra hora te conuidarei, ja podes passar.

Briobis. *Deuorante.*

PASSAM as horas de comer, o gentar danase, grão força de negocio detem a Deuorante. *Deuorante.* Quando me auerey eu dentro naquella casa, que me

oje tantas cousas defendem, mas vejo o meu soldado. *Briobis.* Que detença foi esta? ouue quem te fizesse algum desprazer? *Deuorante.* Ia me conhecem por teu, digote, que nam querem prouar, como pões as mãos, & o ferro. *Briobis.* E o fogo inda deueras de dizer. *Deuorante* E o fogo tambem. *Briobis.* Que nam ha muyto, que eu chamusquei huns poucos de villãos por hum desprazer que me fizeram. Nem saberàs, como eu jugato de arcabuz. *Deuorante.* Saibãono teus imigos. *Briobis.* E dos Soldados desta vossa guarda de Palermo. *Deuorante.* Sy, de como os desbarataste. *Briobis.* Com hũa soo palaura queres tu passar por tamanho feito? *Deuorante.* Isso seria, se as muytas abastassem. *Briobis.* Bem disseste, como es auisado. *Deuorante.* Vou aprendendo de ti. *Briobis.* E do vsso tamanho, & tam medonho, que me dizes, pois o viste? *Deuorante.* Sabes, que então disseram todos? *Briobis.* Que, por tua vida? *Deuorante.* Que se apalpara o vsso com o liam. *Briobis.* Ah, ah, ah, ora nunca vi melhor dito do pouo. *Deuorante.* Assi diz o pouo, que nunca vio melhor feito de hũ homem soo? *Briobis.* Nem de dez. *Deuorante.* Nem de vinte, ô senhor Deos, que nam farà dizer a fome? Naõ sei pera que forão mais poles, nem mais dados na testa, aquelle he hum vsso manso, que ainda por essas ruas brincando. *Briobis.* Benzertehias, quando me visses saltar a trauez tam ligeiro. *Deuorante.* E tam airoso. Mas tu nam me perguntas por nada. *Briobis.* O meu amigo

gram-

grande, como quem descança sobre si. *Deuorante.* Não he pera as ruas cousas de tal segredo, & preço. *Briobis.* Entremos em casa, là saberàs marauilhas, e eu tambem contarei das minhas. *Deuorante.* O demo diz a este, que hão de ser mentiras por mentiras.

ACTO. III.

Petronio Deutor.

SE nos outros passamos taõ asinha, q̃ podemos fazer que dure muito? *Tempus edax rerum; tuque o inuidiosa vet estas. Omnia consumitis.* Aquella tam antiga, & tão nobre cidade de Pisa, em q̃ naci, he, como posta por terra, pois perdeo a sua liberdade, & os seus cidadões espalhados pelo mundo, antes que se verem seruir aos Florentins seus imigos. Fizemos todos o que pudemos & a que deuiamos, agora, que temos de Pisa, se nã pardiciros, & campos, *vbi Troya fuit*, como diz aquelle diuino Poeta? A mi coubeme em sorte este Palermo, onde me magoão estas lembranças muitos annos hà, mas que farey, sempre asi hei de andar gemendo? Ora quẽ viuer, verà tambem a Florença a sua pancada, q̃ quanto vay mais crescendo, tanto serà mais cobiçada. Nam se começarão em nòs, nem acabarão em nos estes jogos da fortuna. Com isto me vou consolando, os homẽs da minha calidade per sy se hão de curar, & se não embal-

de

de embranqueci ſobre os liuros. *Patria eſt vbi cumque bene eſt.* O bom jugador emenda o lanço mao quanto pode com o ſaber, porque nam farei eu o meſmo? Fezme o mao lanço eſtrangeiro a eſtes, eu me lhe farei natural com as boas obras, com a manſidam, & com o ſaber, & mais ſe acabamos eſte caſamento, como cuydo, cada dia eſpero por meu irmão, dizem me, que he arribada hũa nao de Poente, aſſentarnoshemos aqui ambos. Certo os homens nam deuião de fallar nas couſas do mundo, ſenam depois de muita infinda experiencia que ſegundo o Philoſopho. *Eſt mater rerum*, Quantas contas tenho neſta vida feitas, que me agora cumpre de riſcar? O caſamento, a que tantas vezes chamey catiueiro acoſtumado, torno agora auer, que he couſa ſantiſsima, & neceſſaria. Os filhos, de que tantas vezes ri cos meſmos pays, de como não ſabem fallar: ſaluo nas ſuas graças, dei de nouo volta, & acho, que ſam todo o goſto da vida, & da fazenda, & bem ſouberam as leis o que dizião em clamarem ſeus proprios herdeiros ponto alto, *Et de apicibus iuris.* Quanto a caſar por amores, & mais neſta idade, digo nella me he mais neceſſario algum contentamento, quando me os outros todos vã deſemparando, que differenças de coſtumes? Aqui me deram dote honrado com Lucrecia, & logo defronte em Africa comprão as molheres quem as quer, parece que nam he ma razam. Mas vejo eu a minha criada? Si veyo, nouas teremos.

Sar-

Sargenta. *Petronio.*

DVAS sortes de homẽs ha no mundo que se possam seruir, ou muyto paruos, ou muyto namorados, & inda os namorados tem grande ventagẽ. Quanto tempo hà que siruo meu amo sem medrar hum vestido, nem hũa boa palaura, que custa menos. *Petronio.* Que dar de lingoa, gram caso este de molheres. *Sargenta.* Vem o velho, & namorase; logo fuy vestida, & priuada. *Petronio.* Naõ a posso bem entender. *Sargenta* Nunca vistes tam boa gente, nem que assi se vos deixe enganar tam leuemente. *Petronio.* Enganar, ou como. Nam hei aquella por boa palaura. *Sargenta.* E mais Dorio fora ja do trato. *Petron* Nẽ tratos taõ pouco. *Sarg.* A verdade he apanhar. *Pet.* Peor q̃ peor. *Sarg* Muitas merces a fermosura de Lucrecia. *Petronio.* Todo estremeci ouuindo aquelle nome, de là deue de vir, asi com elle na boca a quero chamar, Sargenta, Sargenta. *Sargenta.* Huy, aquelle he nosso Amo, se me ouuiria, mas elle nam houue ja muyto bem. *Petronio.* Vem quà Sargenta chegate mais a mi, que te quero perguntar donde vens. *Sargenta.* E logo te o coraçam disse donde. *Petronio.* Que marauilha, se elle sempre por la anda. *Sargenta.* A mi me parece que o vi. *Petronio.* Folgo com isso muyto. E pois que anda a minha alma fazendo por là. *Sargenta.* Espalhando treuoadas, como sino de virtude

tude. *Petronio*. E parecete, que fica o ceo despejado de todo? *Sargenta*. Limpo como hum espelho. *Petronio*. Nem là contra o Poente nam enxergas nada. *Sargent*. Hũa pouca de neuoa, & vento. *Petronio*. Dahi se leuantão as vezes grandes treuoadas, mas que entendeste del la? *Sargenta*. Muitos sisos, & muytas virtudes, *Petronio*. De quem Sargenta? *Sargenta*. De Lucrecia, *Petronio*. Asi faze, nomeama muytas vezes. *Sargenta*. Nunca se tal gracia vio, nem tal siso. *Petronio*. Tal assento, nem tal fermosura. *Sargenta*. O que todo o mundo vè pera que he dizerte mais. *Petronio*. Ora vem qua Sargenta, que te quero agora perguntar per hum ponto, cousa em que te nunca fallei. Ouuiste algũa hora fallar num mancebo Espanhol, que segundo dizem anda aqui perdido de amores por ella? *Sargenta*. Qual? Hum capa em colo, que à primeira parecia algũa cousa, ja agora nam terà que despender, & parece que cahio da forca. *Petronio*. Ha, ha, ha, como o pintaste tambem *Sargenta*. Cousa he isto pera te somente lembrar? *Petronio*. A mi naõ, mas a Lucrecia. *Sargenta*. Que rise, não he isso, se nam pera a nomeares muytas vezes. *Petronio*. Ao homem sesudo tudo hade lembrar, & mais isto das idades releua muyto. *Sargenta*. E bem que disposição, he asi a tua? *Petronio*. Da disposição. Deos seja louuado, nam hey inueja a ninguem, a idade pela ventura parecerà mais do que he, cos nojos, & cos trabalhos, com que se as cãs adiantam. *Sargenta*. Quem nam sabe, que as cans nam

fazem

fazem velhice. *Petronio.* E mais segundo o Philosopho, no casamento o homem hà de ter boa auentagé de annos à molher. *Sargenta.* Muito releua o que quer o Philosopho pera o que ellas querem. *Petronio.* Ao homem he necessario mais siso, & mais experiencia, como quẽ ha de gouernar. Mas aqui temos Deuorante acolhete Sargenta, que este sempre anda em espreita pera leuar nouas de huns pera os outros *Sargenta.* Que dita tamanha vir quem nos espartisse. Não sei porque dizem tãtos males da mentira, digam o que quiserem. Como? E bom siso fora contar eu a nosso amo muy verdadeiramente, donde vinha, & tudo o que fizera? Oo que prazer para elle, & pera mi que proueito? E assi com estoutra mesinha elle fica doudo de prazer, & eu vou em paz.

Deuorante. · *Petronio.*

NAM haja hi mais tal paruoice, nem se enforquẽ ninguem por paixão que lhe vença. *Petronio.* De boa tempora pareceque vem. *Deuorante.* Como eu oje andaua joya? com todos queria auer brigas. Bem dizé que fome, & frio, mas o frio he vento. Esperarei quãto frio ha é Alemanha cõ esta capa çafada, nã me falle ninguem em fome. *Petronio.* Fome, ou que? Não he pera o esperar, que se inuiaria aos dentes. *Deuorante.* Em fim quisme Deos dar sofrimento, quando cheguey, achey

tudo

tudo prestes. O soldado beberà ja ha minha reuelia, entam começou a contar das suas façanhas, matou venceo, catiuou, eu tambem entre tanto por nam estar ocioso, dei saco a mesa. *Petronio.* Bem esta, fazto deue de vir. Saybamos nouas. Onde se vay o grande meu amigo Deuorante? *Deuorante.* Onde mais cumprir aos senhores, & amigos. *Petronio.* Que nouas correm? *Deuorante.* Muytas, & pouco certas, como em Palermo acontece cada dia, saluante se he verdade humas que me deram pouco hà *Petronio.* Que taes Deuorante. *Deuorante.* Que es ja dos nossos. *Petronio.* E isso has por cousa noua. *Deuorante.* Sy, que dantes tinhamos este como emprestado. *Petronio.* E agora como: *Deuorante.* Por mais que nosso. *Petronio.* Asi quis a fortuna. *Deuorante.* E o amor tambem, *Petronio.* Ah, ja te entendo, & nisso hauerà mil sentenças. *Deuorante.* Antes a todos ouço fallar por huma boca deixemos alguns dedos queimados fora. *Petronio.* Hà, ha, ha & esses farão a mi inda mais velho, & a ella inda mais moça. *Deuorante.* Como que nam vissemos por aqui moças sesudas, & velhas doudas que farte, & se muyto te cumprirem de minha casa podes ser seruido. *Petronio.* Eu to agradeço muyto, mas por agora na praça estam as moças. *Deuorante.* Tomay lá. Asi fazem, pagam hũa graça com outra. *Petronio.* Que dizes? *Deuorante.* Que tudo se acha em ti, sizos, graças, & galantarias. *Petronio.* De ti me vem

que

que me aleuantas os espiritos, mas fallando de siso grandes priuilegios tem as molheres dos doutores se os ellas entendessem. *Deuorante.* Que negra consolaçã principalmente pera as bellas malmaridadas, & asi os outros homens em vosso respeito, certo que se podem chamar corpos sem almas. *Petronio.* Donde singularmente vam inferindo os nossos doutores, que se nam pode doutorar hum homem morto. *Deuorante.* Isso he certo? *Petronio.* Certissimo. *Deuorante.* Que mais quereis? eis o que se diz da cabra morta nam diz mee. *Petronio.* Espantaste? pois nota mais, que cabendo nas molheres tam altos titulos, como he Condessas, Duquesas, Raynhas, Emperatrizes, &c. Mas Doutoras, isso nam por mais letras que tenham. *Deuorante.* E essas nam tẽ espirito. *Petronio.* *Subtiliter* Deuorante, mas respondendo *breuiter*, declarome que o do espirito, que disse, *procede negatiue, non affirmatiue.* *Deuorante.* Todauia a molher do caualleiro tam pouco se chama caualleira nem escudeira a do escudeiro *Petronio.* Porque nam sam Amazonas que tragam armas, & escudo, & por isso logo das nossas disse, por mais letras que saibas que te parece. *Deuorante.* Não sey, là vos entendeis, grande vida leuais. *Petronio.* Asi podemos dizer com aquelle nosso grande Iustiniano, *Noctes ducimus insomnes, &c.* *Deuorante.* Pois desse vosso Iustiniano, nam sey que eu ja ouui dizer. *Petronio.* E que. *Deuorante.* Que nam fora elle dos mais catholicos. *Petronio.* O lingua de serpẽtes,

escre-

escreuendo elle tão altamente. *De summa Trinitate, & fide catholica.* *Deuorante.* Tam enfadonho he este,& tão vão como o meu soldado,& não conuida tambẽ. *Que* faço aqui,mandas de mi algũa cousa mais? *Petron.* Não al se não que sou teu, eu,& quanto tenho. *Deuorante.* Eisme rico,& bemauenturado. Asi viua elle, & asi medre, & despois sabeis que vos respondem por suas leis,que palauras de cortesia nam obrigaõ. Nunca taes direitos vistes. Achão que hũa soo palaura obriga, & muitas não,não ajaes vos medo, que com estes taes eu faça muita farinha.

Petronio Doutor soo.

DEsque homem nasce atè que morre, não tratã cousa de mor peso,que a do casamento,que cada dia rematamos tão leuemente. Grande feito que se te vendem hum rocim manso,ou hũa mulla maliciosa, logo hi sam mil leis ate ajudar,& tem procuradores tanto que dizer,& allegar,&na tua molher,por quem deixamos os pais,& as mais,ali nos desem para tudo, & so a morte pode ser boa. Pelo qual estiue tanto tempo solteiro,vim aqui cnm sos as letras, de que a fortuna me não pode roubar, com ellas me remedeci, que a estes nossos direitos não se lhes pode negar o senhorio de todas as outras sciencias. Os Theologos jazem por todos esses mosteiros mendicantes,como se elles chamã,

Philoſophos ja paſſarão mal auindos huns com os outros com ſuas barbas,& grauidade. Poetas tudo poem em flores,pelo fruito naõ eſpereis. Os oradores nos os tiramos das ſuas vezes.Os Aſtrologos ſempre tratã do por vir,de que elles nem ninguem ſabe pouco, nem muyto. Fiſicos ganham bem de comer,porem he com ourinho na mão.Artiſtas debatem ſempre ſobre a lãa da porca,& antre todos eſtes nam ha hum homem de negocio,ſomente o Iuriſconſulto he o que pode tratar & rematar duuidas de ſubſtancia,toda via frades entremeter ſe querião,mas não tem azas com q̃ voem, que a vontade não lhes falece.Sò o Iuriſta pode andar cõ o peito alto,& ſatisfeito do ſeu ſaber,quer ſeja pera concertar as couſas deſta vida,quer da outra. Iſto he o q̃ te releua,& teme q̃ te não buſca ninguem,ſenã o que te ha miſter.

Guido,& Petronio irmãos.

Guido. AInda me não parece que ponho os pes em couſa firme.*Petronio.* Hũ eſtrangeiro veo quero ver ſe traz nouas. *Guido.* Eſte mal tamanho, tam breue,tam mudauel,tão eſpantoſo quem ouſou primeiramente de acometer? *Petronio.* Não ſei ſe me engana o dezejo,mas eſte me parece Guido meu irmam perq̃ eſperaua.*Guido.*E mais neſte tempo, em que homem, q̃ no mar entra,o menos q̃ teme,he o meſmo mar,*Pet.* Sem duuida eſte me parece *Guido.*Quem ſempre anda

cu-

cuberto de nossos imigos,& da fee. *Petronio.* Sẽ duuida algũa este he,ô meu irmão Guido boa seja a tua vinda. *Guido.* Meu irmão & pay es tu este? *Petronio.* Pois tu es vindo a saluamento este sou,& tudo he saluo. *Guido.* Se inda o bem soubesses segundo se os tempos tornarão aos naueuantes. Ah pecador de mi, que bem deueram de abastar os seus males proprios de mar. *Petronio. Qui ascendunt mare in nauibus, viderunt opera eius* , & por isso as nossas leis seis meses do anno defendẽ a nauegação. *Guido.* Todos doze a deuerão de defender. *Petronio.* Inda agora vês,como estiueres em terra dous dias,tornarâs outra vez bradar pelo mar. *Guido.* Bem sey que asi somos feitos. *Petronio.* E toda via eu bem folgo de vires asi aborrescido destes caminhos, senão he com grande perda da fazenda. *Guido.* Tudo passou tormenta,& porem somos em Palermo,& achote viuo & sam. *Petronio.* E daquella nossa minina descobriste noua algũa? *Guido.* Dirtehei o que pude saber. Em Sardenha achei hum nosso Paysano,& conhecẽte, este me contou,que a vira depois em Florença, & depois em Roma. *Petronio.* Em Roma,ora a dà por perdida de todo *Guido.* Nã sabes que as duas partes de Florença saõ passadas cõ este seu Papa a Roma. *Petron.* Não me fales naquelles clerigos tão ricos,& tão ociosos,q̃ eu nã cuido,q̃ D. os cõ toda sua paciẽcia ospossa sofrer muito tempo. *Gui.* Inda entã pela idade era cousa impossiuel. *Pet.* Tanto mais feito Romão. *Guido.* Contaua mais que

derã em Roma a peste em casa daquelle mercador Florentino, onde a minina estaua, & que hum dom Abade seu irmaõ delle, homem Religioso, & bom, a trouxera pera esta terra onde elle tinha renda, agora com estes finaes não te pode errar. *Petron.* Daqui por diante busquea quem quiser. *Guido.* Porque? *Petronio.* Porque as molheres não hão de andar muitos caminhos, que sam hũa perigosa mercadoria, quebrão como vidro. *Guido.* Em tempos de tantos trabalhos, & tamanhas mudãças, que menos se podia acontecer. *Petronio.* Eu to direi perderse de todo, que nunca della mais souberamos. *Guid.* Tu mo encomendaste. *Petron.* Desejaua de ter nouas q̃ escreuer a seu pay, & essas quem lhas escreuerà. *Guido.* Iremos por estes finais mais auante pola ventura nam serà o mal tanto. Tenho necessidade de repousar, que inda me a cabeça da voltas. *Petro.* Vamos, & la te darey muitas outras contas.

ACTO. IIII.

Cassiano.

DE me não poder ter mais as lagrimas me sayo cà pera fora, não sei q̃ faça a este moço entrou desatinadamẽte em casa em busca de sua carta, eu dissimulei fazendo, que entendia em outras cousas, elle como a achou, tornou em sua cor, & acordo, fallou, rio, finalmente gentamos em paz, mas depois que passou, &

cui-

cuidou, recolhe a camara, ali fez suas lamentações, eu que o espreitaua, & que o criei não o pude sofrer, mais venho fogindo a minha fraqueza, chore à sua vontade, & desabafarà que a sangria destes males, sam lagrimas depois que chorar muito, tornarà a rir. Mas que doudo he o que vem correndo? nam lhe erraua eu ora muyto o nome, que este he Callidio, que cabeça.

Callidio, *Cassiano*.

AParta, aparta, que prouo estes meus pes pera quãto sam, quero ver o que tenho nelles, nas pressas se conhecem os amigos, guarda de diante, guarda que vay sobre aposta. *Cassiano*. Isto passa ja de doudice, & deue de ser vinho. *Callidio*. Não se me ponha ninguem diante, senam quer saber como o encontro. *Cassiano*. Hora nunca vi bebado tão desenuolto dos pes, quero o chamar, Callidio, Callidio. *Callidio*. Aquelle he Cassiano, assi somos neste mundo, & eu buscaua Amente. *Cassiano*. Oh doudo que te mingoa pera tirares pedras â gente. *Callidio*. E disso que me mingoa me pesa. *Cass*. Porque? *Callidio*. Nam sabes tu aquelle dito tão verdadeiro, que o homẽ, ou auia de ser Rey, ou doudo. *Cass*. Pois quanta de doudo eu te asseguro. Mas, porque corrias assi? *Callidio*. Dos doudos, todos rim, & nam se espanta ninguem. *Cassiano*. Mal se podem rir os a que elles fazem mal. *Callidio*. E eu que mal te fiz? *Callidio*.

Quantos passamos em Palermo que sam muytos, *Callidio*. E asi o dizes a todo o mundo. *Casiano*. E ainda essa mà vingança não queres que tome. *Callidio*. E asi o has de dizer a nosso amo. *Casiano*. Quando sera isso? *Callidio*, Cedo. *Casiano*. Onde? *Callidio*. Nesse mesmo Palermo. *Casiano*. Doudo, & nunca homem sabe quãdo falla de verdade. *Callidio*. Agora. *Casiano*. Quem to disse. *Callidio*. Estes meus olhos bellos. *Casiano*. Em que lugar? *Callidio*. Na Ribeira. *Casiano*. Porque o nã acõpanhauas. *Cal*. Vim diante a dar recado. *Casiano* Torna apos mi. Vay. *Callidio*. Por agora soo. Folguey de me despejar deste por buscar Amente pera lhe dar estas boas nouas, com que haja seu conselho, que eu auido tenho o meu de apanhar os pes. Andaua o triste pera perder o siso co negro casamento. Agora que fara com tal ajuda? Ay mimosos criados em vossos appetites, que em fim vem a ser o que nam quereis crer, nem ouuir, entam esmorecer. Mas pay, & filho sam. A my soo cumpre buscar meu remedio, & mais com tal valedor, como tenho no Ayo. Mas eu esta conta faço, que tam pouco tenho aqui, como em Valença. Bons pes tenho, & arrezoada lingoa, do mais (como dizem) sobre a terra anda o hauer. Quem sae de nossa casa.

Amente. *Callidio*.

Cas-

CAsiano não apparece, nem Callidio, onde fugirey de hum, & onde acharey o outro. *Callidio.* No peor não fallas, que he teu pay. *Amente.* Hoje com a pressa da carta nam tiuemos tempo. *Callidio.* Cada vez se elle vay encurtãdo mais. *Amente.* Quem me chama. Oh meu Callidio, que a ti buscaua. *Callidio.* E eu a ti. *Amente.* Desuiemonos, & vamos buscar algum lugar em que fallemos à nossa vontade. *Callidio.* Oh Amente à nossa vontade não podemos nos fallar. *Amente.* Porque Callidio. *Callidio.* Despois que me deixaste, dei comigo na Ribeira, que me temia muyto do mar, & velauame delle. Em fim tantas vezes fui la atè que arrecadei. *Amente.* E que Callidio. *Callid.* Achei nouas de teu pay. *Amente.* Triste de mi, he elle morto, que assi te demudaste. *Callidio.* Tu, & eu Amente somos os mortos, que elle viuo he, & são. *Amente.* Isso he bem. *Callidio,* E dentro em Palermo. *Amente.* Isso he mal. *Callidio.* Não ves quão perto estaua o mal do bẽ. *Am.* Contaime tu verdade Callidio. *Callidio.* Muito contra minha vontade. *Amente.* Que te parece desta tua vinda a tal tempo. *Callidio.* A meu parecer o Ayo o mandou chamar, & asi quando lhe agora dey a noua, nam duuidou della muyto. *Amente.* Fallastelhe. *Callidio.* Fallar dizes? Valeome que o vi primeiro, que elle a mi. Doutra maneira (como dizem do lobo) tolherame a falla de todo. *Amente.* Que conselho amigo meu Callidio. *Callidio.* Amente o espaço he pouco, as

palauras nam podem ser muytas. Teu pay bem o conheces hà de trazer suas contas repartidas em duas partes nam iguaes, conuem a saber, a ti reprehenderte, & a mi castigarme. Bem sabes, que se criou em Galez, aquelle amor de pay que o qua traz, te ha de valer, não te encomendes a outro santo, a mi he necessario encomendarme aos meus pès. Oulà quem he aquelle? Todo o homem me agora parece Valenciano. *Amente.* Assi me deixarias em tal desemparo? *Callidio.* Tu mesmo me deuias de aconselhar que fugisse se te lembrasse o perigo em que me ves pois he tanto mor que o teu. *Amen.* Lembra mas nam ves em que tempo me este mal toma? *Callidio.* Se visse em que te pudesse ser bom, tudo o mais me esqueceria.

Deuorante. *Amente.* *Callidio.*

Deuo. EM Doutor me fallais em tempo de paz? Bem me parecia a mi, que auia o negocio de dar a traues. *Amente.* Aquelle he Deuorante que ja tambem foi dos meus em mais bonança, todos me vos his hũ, e hum. *Deuorante.* Quando elle aqui veo ter de Pisa, nam trazia aquella barriga, porque naquella sua terra acostumauase então o ferro, & aqui agora costumase mais a pena. *Amente.* Que diz? *Callidio.* Mil sentidos que tiuesse, todos traria occupados em teu pay. *Deuorante.* Em fim que ouue de leuar a moça? Agora enforcar seruido-

uidores. *Amente.* Entendeste? *Deuorante.* Mancebos barbipoentes, bem despostos. Vem hum doutor velho com seus habitos longos, & derrubalhes a lebre diante. *Amente.* Parece que falla no Doutor. *Deuorante.* E o meu soldado muy posto em sair para Domingo com hũa intenção de laberinthos, por Lucrecia. *Amente.* Oh meu coração? *Deuorante.* Esta noite teremos festas, & cea. *Amente.* Que te parece? *Gallidio.* Calaceiro, que nunca sonha em al, saluo em conuites. *Deuorante.* Fortemente atalharam a minha negociaçam, que eu andaua por alongar, & encurtaráoma. Agora quero buscar o dos Laberinthos, & tiralloey daquelle trabalho, em que anda.

Amente. *Callidio.*

TV vees a que termo eu sou chegado? segundo as nouas, que tu de hũa parte, & Deuorante de outra me dais? cuidei que tinha de ti algũa necessidade. Mas pois as cousas assi vam, tèa vida me sobeja, procura pela tua. *Callidio.* Vos outros mimosos logo quereis morrer. *Amente.* Nam se ajuntaram em balde tantos males a hum tempo. *Callidio.* Tam pouca confiança tens em Lucrecia? *Amente.* Ah Callidio? *Callidio.* Que ah Callidio? *Amente.* Que esperança tam fraca? *Callidio.* Queres dizer, como de foam? *Amente.* E de foam, & de foã. *Callidio.* Naquillo tem razam, & mais nesta terra, em

que

que o porão muy asinha em cantar Cecilliano, como dizem. Vem quà Amente, seràs homem pera me ajudardes a hum feito? *Amente.* Em tal desesperação que posso eu arrecear. *Callidio.* Ora bem ves que esta vinda de teu pay embaraça tudo, pello qual aqui cumpre de acudir se queres remedio. *Callidio.* A maneira he a que não vejo. *Callidio.* Dirtohei, façamos, quc nam conhecemos teu pay, por mais Valenciano que falle. *Amente.* E em tamanha agonia podes estar gracejando. *Callidio.* Nam gracejo, mas antes te dou hum cauallo na batalha, se tu fores, pera o tomar. *Amente.* E a meu Ayo que lhe faremos. *Callidio.* Como que? Diremos que este he o que faz todas estas calabreadas, & que traz este velho falso aqui com nome de teu pay, & asi nam recolheremos em casa hum, nem outro. *Amente.* Nisso bem vejo eu o erro, o remedio nam o vejo. *Callidio.* Eu to direy: Podemos acudir ao negocio do casamento, como dantes, & se cumprir, diremos duas palauras ao Douctor, que nam sejam de libellos dar, nem lides contestar. *Amente.* Chamarseham à justiça. *Callidio.* Que fraco remedio huns, & os outros. E quanto ao Douctor deyxalo reuoluer seus Bartholos. *Amente.* Asi, que tambem queres, que erre a Lucrecia. *Callidio.* Por amor da mesma Lucrecia. *Amente.* Al quisera eu fazer por ella. *Callidio.* Nam pode por agora

es

es moço. Ensinate a acudir sépre ao mor perigo. *Amente.* Nam tenho rosto contra a verdade. *Callidio.* Acharas logo muytos que o tenham, & ficartehão com grande auentagem, *in agibilibus*, como dizem estes praticos. *Amente.* Logo a mentira se estrema da verdade. *Callidio.* Antes se vieram aparecer tanto, que cada dia se passa huma por outra. *Amente.* Triste de mi que farey? *Callidio.* Se queres conselho, nega, & se nam entregate. *Amente.* Como hey de negar cousa tam sem duuida? *Callidio.* Negando (dizem elles) se fáz tudo duuidoso. *Amente.* Mas nam se faz por isso torto do direito, nem direito do torto. *Callidio.* Antes que isso se declare, hum Iuiz he sospeito, outro occupado, outro vagaroso. Isto nam he tempo de mimos, teu pay nam pode tardar. *Amente.* De que me valerey em tamanho aperto? *Callidio.* Do desauergonhamento sobre todalas cousas, brada, vira, esbrauęa, queixate, chama por justiça, olha pera o ceo. *Amente.* Morreome o coração de todo. *Callidio.* A mao tempo te deixou, mal o fez contigo. *Amente.* Não me ficou outra cousa, senão mãos pera me matar. *Callidio.* E a mi pes pera fugir, & vello que apparece. *Amente.* Aquelle he nam o posso esperar. *Callidio.* Que fazes? onde te vaz? torna, que eu era o que hauia de fugir. *Amente.* Perdoame Callidio, & lembrate de mi, que se nam pode

sofrer

Philosophos ja passarão mal auindos huns com os outros com suas barbas, & grauidade. Poetas tudo poem em flores, pelo fruito naõ espereis. Os oradores nos os tiramos das suas vezes. Os Astrologos sempre tratã do por vir, de que elles nem ninguem sabe pouco, nem muyto. Fisicos ganham bem de comer, porem he com ourinho na mão. Artistas debatem sempre sobre a lãa da porca, & antre todos estes nam ha hum homem de negocio, somente o Iurisconsulto he o que pode tratar & rematar duuidas de substancia, toda via frades entremeter se querião, mas não tem azas com q̃ voem, que a vontade não lhes falece. Sò o Iurista pode andar cõ o peito alto, & satisfeito do seu saber, quer seja pera concertar as cousas desta vida, quer da outra. Isto he o q̃ te releua, & creme q̃ te não busca ninguem, senã o que te ha mister.

Guido, & Petronio irmãos.

Guido. AInda me não parece que ponho os pes em cousa fime. *Petronio.* Hũ estrangeiro veo quero ver se traz nouas. *Guido.* Este mal tamanho, tam breue, tam mudauel, tão espantosoquem ousou primeiramente de acometer? *Petronio.* Não sei se me engana o dezejo, mas este me parece Guido meu irmam perq̃ esperaua. *Guido.* E mais neste tempo, em que homem, q̃ no mar entra, o menos q̃ teme, he o mesmo mar, *Pet.* Sem duuida este me parece *Guido.* Quem sempre anda cu-

cuberto de nossos imigos,& da fee. *Petronio.* Sê duuida algũa este he,ô meu irmão Guido boa seja a tua vinda. *Guido.* Meu irmão & pay es tu este? *Petronio.* Pois tu es vindo a saluamento este sou,& tudo he saluo. *Guido.* Se inda o bem soubesses segundo se os tempos tornarão aos naueuantes. Ah pecador de mi, que bem deueram de abastar os seus males proprios de mar. *Petronio.* *Qui ascendunt mare in nauibus, viderunt opera eius* , & por isso as nossas leis seis meses do anno defendê a nauegação. *Guido.* Todos doze a deuerão de defender. *Petronio.* Inda agora vês,como estiueres em terra dous dias,tornarás outra vez bradar pelo mar. *Guido.* Bem sey que asi somos feitos. *Petronio.* E toda via eu bem folgo de vires asi aborrescido destes caminhos, senão he com grande perda da fazenda. *Guido.* Tudo passou tormenta,& porem somos em Palermo,& achote viuo & sam. *Petronio.* E daquella nossa minina descobriste noua algũa? *Guido.* Dircehei o que pude saber. Em Sardenha achei hum nosso Paysano,& conhecête,este me contou,que a vira depois em Florença, & depois em Roma. *Petronio.* Em Roma,ora a dà por perdida de todo *Guido.* Nã sabes que as duas partes de Florença são passadas cõ este seu Papa a Roma. *Petron.* Não me fales naquelles clerigos tão ricos,& tão ociosos,q̃ eu nã cuido,q̃ Deos cõ toda sua paciécia os possa sofrer muito tépo. *Gui.* Inda entã pela idade era cousa impossiuel. *Pet.* Tanto mais feito Romão. *Guido.* Contaua mais que

derã em Roma a peste em casa daquelle mercador Florentino, onde a minina estaua, & que hum dom Abade seu irmaõ delle, homem Religioso, & bom, a trouxera pera esta terra onde elle tinha renda, agora com estes sinaes não te pode errar. *Petron.* Daqui por diante busquea quem quiser. *Guido.* Porque? *Petronio.* Porque as molheres não hão de andar muitos caminhos, que sam hũa perigosa mercadoria, quebrão como vidro. *Guido.* Em tempos de tantos trabalhos, & tamanhas mudãças, que menos se podia acontecer. *Petronio.* Eu to direi perderse de todo, que nunca della mais souberamos. *Guid.* Tu mo encomendaste. *Petron.* Desejaua de ter nouas q̃ escreuer a seu pay, & essas quem lhas escreuerà. *Guido.* Iremos por estes finais mais auante pola ventura nam serà o mal tanto. Tenho necessidade de repousar, que inda me a cabeça da voltas. *Petro.* Vamos, & la te darey muitas outras contas.

ACTO. IIII.

Cassiano.

DE me não poder ter mais as lagrimas me sayo cà pera fora, não sei q̃ faça a este moço entrou desatinadamẽte em casa em busca de sua carta, eu dissimulei fazendo, que entendia em outras cousas, elle como a achou, tornou em sua cor, & acordo, fallou, rio, finalmente gentamos em paz, mas depois que passeou, & cui-

cuidou, recolhe a camara, ali fez suas lamentações, eu que o espreitaua, & que o criei não o pude sofrer, mais venho fogindo a minha fraqueza, chore à sua vontade, & desabafarà que a sangria destes males, sam lagrimas depois que chorar muito, tornarà a rir. Mas que doudo he o que vem correndo? nam lhe erraua eu ora muyto o nome, que este he Callidio, que cabeça.

Callidio; *Cassiano*.

AParta, aparta, que prouo estes meus pes pera quãto sam, quero ver o que tenho nelles, nas pressas se conhecem os amigos, guarda de diante, guarda que vay sobre aposta. *Cassiano*. Isto passa ja de doudice, & deue de ser vinho. *Callidio*. Não se me ponha ninguem diante, senam quer saber como o encontro. *Cassiano*. Hora nunca vi bebado tão desenuolto dos pes, quero o chamar, Callidio, Callidio. *Callidio*. Aquelle he Cassiano, assi somos neste mundo, & eu buscaua Amente. *Cassiano*. Oh doudo que te mingoa pera tirares pedras â gente. *Callidio*. E disso que me mingoa me pesa.. *Cass*. Porque? *Callidio*. Nam sabes tu aquelle dito tão verdadeiro, que o homẽ, ou auia deser Rey, ou doudo. *Cass*. Pois quanta de doudo eu te asseguro. Mas, porque corrias assi? *Callidio*. Dos doudos, todos rim, & nam se espanta ninguem. *Cassiano*. Mal se podem rir os a que elles fazem mal. *Callidio*. E eu que mal te fiz? *Callidio*.

Quantos passamos em Palermo que sam muytos. *Callidio*. E assi o dizes a todo o mundo. *Casiano*. E ainda essa mà vingança não queres que tome. *Callidio*. E assi o has de dizer a nosso amo. *Casiano*. Quando sera isso? *Callidio*, Cedo. *Casiano*. Onde? *Callidio*. Nesse mesmo Palermo. *Casiano*. Doudo, & nunca homem sabe quãdo falla de verdade. *Callidio*. Agora. *Casiano*. Quem to disse. *Callidio*. Estes meus olhos bellos. *Casiano*. Em que lugar? *Callidio*. Na Ribeira. *Casiano*. Porque o nã acõpanhauas. *Cal*. Vim diante a dar recado. *Casiano* Torna apos mi. Vay. *Callidio*. Por agora soo. Folguey de me despejar deste por buscar Amente pera lhe dar estas boas nouas, com que haja seu conselho, que eu auido tenho o meu de apanhar os pes. Andaua o triste pera perder o siso co negro casamento. Agora que fara com tal ajuda? Ay mimosos criados em vossos appetites, que em fim vem a ser o que nam quereis crer nem ouuir, entam esmorecer. Mas pay, & filho sam. A my soo cumpre buscar meu remedio, & mais com tal valedor, como tenho no Ayo. Mas eu esta conta faço, que tam pouco tenho aqui, como em Valença. Bons pes tenho, & arrezoada lingoa, do mais (como dizem) sobre a terra anda o hauer. Quem sae de nossa casa.

Amente. Callidio.

CAsiano não apparece, nem Callidio, onde fugirey de hum, & onde acharey o outro. *Callidio.* No peor não fallas, que he teu pay. *Amente.* Hoje com a pressa da carta nam tiuemos tempo. *Callidio.* Cadavez se elle vay encurtãdo mais. *Amente.* Quem me chama. Oh meu Callidio, que a ti buscaua. *Callidio.* E eu a ti. *Amente.* Desuiemonos, & vamos buscar algum lugar em que fallemos à nossa vontade. *Callidio.* Oh Amente à nossa vontade não podemos nos fallar. *Amente.* Porque Callidio. *Callidio.* Despois que me deixaste, dei comigo na Ribeira, que me temia muyto do mar, & velauame delle. Em fim tantas vezes fui la atè que arrecadei. *Amente.* E que Callidio. *Callid.* Achei nouas de teu pay. *Amente.* Triste de mi, he elle morto, que assi te demudaste. *Callidio.* Tu, & eu Amente somos os mortos, que elle viuo he, & são. *Amente.* Isso he bem. *Callidio,* E dentro em Palermo. *Amente.* Isso he mal. *Callidio.* Não ves quão perto estaua o mal do bẽ. *Am.* Contaime tu verdade Callidio. *Callidio.* Muito contra minha vontade. *Amente.* Que te parece desta tua vinda a tal tempo. *Callidio.* A meu parecer o Ayo o mandou chamar, & asi quando lhe agora dey a noua, nam duuidou della muyto. *Amente.* Fallastelhe. *Callidio.* Fallar dizes? Valeome que o vi primeiro, que elle a mi. Doutra maneira (como dizem do lobo) tolherame a falla de todo. *Amente.* Que conselho amigo meu Callidio. *Callidio.* Amente o espaço he pouco, as

palauras nam podem ser muytas. Teu pay bem o conheces hà de trazer suas contas repartidas em duas partes nam iguaes,conuem a saber,a ti reprehenderte,& a mi castigarme.Bem sabes,que se criou em Galez,aquelle amor de pay que o qua traz,te ha de valer,não te encomendes a outro santo, a mi he necessario encomendarme aos meus pès.Oulà quem he aquelle?Todo o homem me agora parece Valenciano. *Amente.* Asi me deixarias em tal desemparo? *Callidio.* Tu mesmo me deuias de aconselhar que fugisse se te lembrasse o perigo em que me ves pois he tanto mor que o teu. *Amen.* Lembra mas nam ves em que tempo me este mal toma? *Callidio.* Se visse em que te pudesse ser bom, tudo o mais me esqueceria.

Deuorante. *Amente.* *Callidio.*

Deuo. EM Doutor me fallais em tempo de paz? Bē me parecia a mi,que auia o negocio de dar a traues. *Amente.* Aquelle he Deuorante que ja tambē foi dos meus em mais bonāça,todos me vòs his hū, e hum. *Deuorante.* Quando elle aqui veo ter de Pisa, nam trazia aquella barriga, porque naquella sua terra acostumauase então o ferro,& aqui agora costumase mais a pena. *Amente,* Que diz? *Callidio.* Mil sentidos que tiuesse, todos traria occupados em teu pay. *Deuorante.* Em fim que ouue de leuar a moça? Agora enforcar seri

uido-

dores. *Amente*. Entendeste? *Deuorante*. Mancebos ... rbipoentes, bem despostos. Vem hum doutor velho ... m seus habitos longos, & derrubalhes a lebre diante. *Amente*. Parece que falla no Doutor. *Deuorante*. E o ... eu soldado muy posto em sair para Domingo com ... ũa intenção de laberinthos, por Lucrecia. *Amente*. Oh ... eu coração? *Deuorante*. Esta noite teremos festas, & ... a. *Amente*. Que te parece? *Gallidio*. Calaceiro, que ... unca sonha em al, saluo em conuites. *Deuorante*. For... mente atalharam a minha negociaçam, que eu anda... a por alongar, & encurtaráoma. Agora quero buscar ... dos Laberinthos, & tiralloey daquelle trabalho, em ... que anda.

Amente. *Callidio.*

TV vees a que termo eu sou chegado? segundo as nouas, que tu de hũa parte, & Deuorante de outra me dais? cuidei que tinha de ti algũa necessidade. Mas pois as cousas assi vam, tèa vida me sobeja, procura pe la tua. *Callidio*. Vos outros mimosos, logo quereis mor rer. *Amente*. Nam se ajuntaram em balde tantos ma les a hum tempo. *Callidio*. Tam pouca confiança tens em Lucrecia? *Amente*. Ah Callidio? *Callidio*, Que ah Cal lidio? *Amente*. Que esperança tam fraca? *Callidio*. Que res dizer, como de foam? *Amente*. E de foam, & de foã. *Callidio*. Naquillo tem razam, & mais nesta terra, em

que

que o porão muy asinha em cantar Ceciliano, como dizem. Vem quà Amente, seràs homem pera me ajudardes a hum feito? *Amente.* Em tal desesperação que posso eu arrecear. *Callidio.* Ora bem ves que esta vinda de teu pay embaraça tudo, pello qual aqui cumpre de acudir se queres remedio. *Callidio.* A maneira he a que não vejo. *Callidio.* Dirtohei, façamos, que nam conhecemos teu pay, por mais Vallenciano que falle. *Amente.* E em tamanha agonia podes estar gracejando. *Callidio.* Nam gracejo, mas antes te dou hum cauallo na batalha, se tu fores, pera o tomar. *Amente.* E a meu Ayo que lhe faremos. *Callidio.* Como que? Diremos que este he o que faz todas estas calabreadas, & que traz este velho falso aqui com nome de teu pay, & asi nam recolheremos em casa hum, nem outro. *Amente.* Nisso bem vejo eu o erro, o remedio nam o vejo. *Callidio.* Eu to direy: Podemos acudir ao negocio do casamento, como dantes, & se cumprir, diremos duas palauras ao Douctor, que nam sejam de libellos dar, nem lides contestar. *Amente.* Chamarseham à justiça. *Callidio.* Que fraco remedio huns, & os outros. E quanto ao Douctor deyxalo reuoluer seus Bartholos. *Amente.* Asi, que tambem queres, que erre a Lucrecia. *Callidio.* Por amor da mesma Lucrecia. *Amente.* Al quisera eu fazer por ella. *Callidio.* Nam pode por agora

es

ės moço. Ensinate a acudir sépre ao mor perigo. *Amente.* Nam tenho rosto contra a verdade. *Callidio.* Acharas logo muytos que o tenham, & ficartehão com grande auentagem, *in agibilibus*, como dizem estes praticos. *Amente.* Logo a mentira se estrema da verdade. *Callidio.* Antes se vieram aparecer tanto, que cada dia se passa huma por outra. *Amente.* Triste de mi que farey? *Callidio.* Se queres conselho, nega, & se nam entregate. *Amente.* Como hey de negar cousa tam sem duuida? *Callidio.* Negando (dizem elles) se faz tudo duuidoso. *Amente.* Mas nam se faz por isso torto do direito, nem direito do torto. *Callidio.* Antes que isso se declare, hum Iuiz he sospeito, outro occupado, outro vagaroso. Isto nam he tempo de mimos, teu pay nam pode tardar. *Amente.* De que me valerey em tamanho aperto? *Callidio.* Do desauergonhamento sobre todalas cousas, brada, vira, esbrauеça, queixate, chama por justiça, olha pera o ceo. *Amente.* Morreome o coração de todo. *Callidio.* A mao tempo te deixou, mal o fez contigo. *Amente.* Não me ficou outra cousa, senão mãos pera me matar. *Callidio.* E a mi pes pera fugir, & vello que apparece. *Amente,* Aquelle he nam o posso esperar. *Callidio.* Que fazes? onde te vaz? torna, que eu era o que hauia de fugir. *Amente.* Perdoame Callidio, & lembrate de mi, que se nam pode

sofrer

sofrer o rosto do pay a que tens errado. *Callidio.* Foyse, & deixame a mi cos combates. Que farey? que hey asi de fazer, senam terlhe companhia com fugir? Estes moços fouueiros sam muyto molles dos cascos. O homem ha de ser calejado pera correr o molle, & duro. Quanto folgara de nos vermos co velho aos Itens. Que nos ouuera asi de fazer? por justiça? teria procurador? & nos procurador, diria o seu, & nos o nosso. Pois ainda hey de espreitar mais deste negocio, que nam estamos agora em Valença para hauermos tamanho medo a este velho, que vira anojado.

Galbano velho. Vidal *seu criado.* Callidio.

EM que idade estaua eu ja agora pera tornar a sofrer o mar, & os marinheiros? *Vidal.* Certo regestete nisso polo amor do pay, & nam por razam. *Callidio.* Aquelle he vidal homem de bem criado seu antigo, os outros nam conheço, ruim gente me parece, hũa por hũa nam vem com elle Cassiano, de que muito folgo. *Galbano.* Isso asi he, mas que remedio? *Vidal.* Deixalo lutar hum pouco co a fome, & frio, que elles to castigaraõ. *Galbano.* Houue medo algum mao recado. que nesta terra aposentaram os Poetas a suas fereas. *Vidal.* Ia he alguma maneira de disculpa. *Galbano.* Naquella idade tam cega, & sobre tudo taes conselheiros Galbano aqui somos. *Vidal.* Quaes conselheiros?

Calb.

Calbano. Os que aqui taes vidas leuam as minhas custas. *Vidal.* Coitados dos Seruidores, que ainda ham de fazer mais que seruir. *Callidio.* Ohque homem sempre assi foy desenganado. *Calbano.* A mi eram obrigados a seruir, que nam a elle. *Vidal.* Teu filho he ja homem, & afora Cassiano seu Ayo, o officio dos outros era seruir que não aconselhar. *Callidio.* Oh bom procurador, & mais sem dinheiro. He hum milagre. Aquelles outros carrancudos. Nam ajaes vòs medo que ajudem, né com hũa soo palaura, nunca os ajude Deos. *Calbano.* A o doente nam se lhe hà de fazer a vontade, & que elle por entam o nam conheça, depois o conhecerà, & agradecerà. *Callidio.* Aquelle he forte ponto, vej. mos que ali responde o nosso procurador. *Vidal.* Nesse caso que dizes, o que jaz doente, jaz fraco, & naõ pode fazer mais que ameaçar, nestoutro poemte logo as mãos, & vingãose. *Callidio.* Isto não he ja procurador, mas hum pay. *Galbano.* Ia te disse, que a mi ouueram elles de ter respeito. *Vidal.* Estauas lõge, acudirias tarde, entretãto o espãcado andara espãcado, o roto roto, o agrauado agrauado. *Callid.* E mais que peça he andar agrauado? Que fogem de ty hũa legoa, como de cão doente. *Gal.* Mas foy bem feyto deitar assi a perder hum moço tão bem principiado? *Callidio.* Ia se o velho assanha, assi fazem quando os atalham per razam. *Vidal.* Estamos em tempo, em que ninguem quer ouuir conselho. *Galban.* Assi queira Deos. *Callidio.* Digouos que este Vidal n e curou

curou de todo do meu medo. A razam o velho āconhē ce ja do mais que me pode fazer, sei, que nam estamos em Valença de Aragam. *Vidal.* Por aqui me differam que pousaua, nam vejo a quem perguntar. *Callidio.* Quero acometer o velho que pode ser mais. *Galbano.* Quà vem hum, & he ora este o bom de Callidio. *Callidio.* Que he isto milagre, ou sonho. *Galbano.* De que te espantas. *Callidio.* De nam saber se estou em Valença, se em Palermo. *Galbano.* Quero dissimular com este ruim. Estais qua todos de saude. *Callidio.* Todos por agora. *Galbano.* Guia pera a pousada, que venho cançado, queria repousar. *Callidio,* Aqui he, ou là, abri. Esta gente nam houue, abri digo. *Galbano.* Em quanto este falla cos de casa, fallo eu com vos outros, trazeime este raposo diante de vos : & se releuar, entre por força. *Vidal.* Ah senhor. *Galbano,* Calate, boa parece a casa, & em bom lugar. *Callidio.* Dizemme, que nam sam qua Amante, nem Cassiano voume em sua busca. *Galbano.* Agasalha os hospedes primeiro. *Callidio.* Nam tenho com que. *Galbano.* Com a boa vontade. *Callidio.* Oulà que quer isso dizer. Quereis prouar forças comigo. Olhay que chamarey por justiça? Oh, oh, *Galbano.* Tapalhe essa boca Grifam, & tu Feramonte desapegalhe essa mam da porta, & fecha sobre ti.

ACTO

ACTO V.

Reynaldo ſoo.

NO cabo deſta minha longã,& trabalhoſa jornada quando os outros deſcanção, começa o mor canſaço meu,com a duuida que tenho, ſe acharei aqui hũa filha en cuja buſca venho. Tegora na minha eſperança hya paſſando meus males,ſem ella, como paſſarey iſſo que fica da vida? O mor bem que neſte mundo tiue,que foy a mãy deſta moça, a morte mo leuou,dias hà,o dafilha que me em ſeu lugar ficaua , ſe mo tambem,tem leuado,ſelo cruel mente comigo , que me nam deixou neſta vida a que poſſa aleuantar ſomente os olhos,aquelle foy o meu primeiro amor, aquelle ſerà o derradeiro , a grande dor de ſua morte me lançou então de toda Italia. O deſejo da filha me torna aguora quà. Deyxeya encomenda ha hum Doutor grande amigo meu em Piſa, onda entam eſtudaua,entre tanto que aquella nobre cidade eſteue em pè,ſempre tinha nouas. Des que ella cahio fiquey as cegas,tee agora que venho a Palermo, onde me diſſeràm que acharia o amigo em cuja buſca hando hà dias. Aſsi venho com tam pouca certeza,& quanto mais me vou chegando a eſta minha eſperança,

tan-

tánto se me faz ella mais pequena. Oje he o dia da sentença, eu apercebido venho para tudo. Toda via ao abaixar do golpe a carne he fraca, & estremece toda. A chase ja o amigo, velohia, & saberia da filha, em que parte ma come a terra, se ja là he, & entam determinarey de mi, & do meu o que me parecer. Que fortes brados vem aquelle homem dando, os pes pera quà o trazem, os olhos parece que lhe ficam atraz naquella casa pera onde olha,

Callidio. *Reynaldo.*

REgedores, cidadãos, homens de bem, os grandes, & os pequenos todos me acudi, todos me valey, que a todos releua, se aqui ha algũa lembrança de liberdade, & justiça. *Reyn.* Tamanhas duas cousas cuidauas tu de achar asi pelas ruas. *Callidio.* No meyo do dia, no meyo de Palermo, nam me ouue ninguem, naõ me acode ninguem. *Reyn.* Calate ora com teu mal. *Callid.* Que fazem aqui tantas varas de justiça? *Reyn.* Que riso? *Callidio.* Todo o mundo dorme. *Reyn.* Dormes? tu sonhas? tu tresualias? *Callidio.* Ah cidadães que todos somos escrauos. *Reyn.* Ia vay entrando em seu acordo. *Callidio.* Asi hà isto de passar? Esfoloume, açoutoume, matoume. Se me a justiça nam acode, acabarei de entender, que faz cada hum nesta terra o que lhe vem ha vontade, & farey tambem o que me a minha mais der

que

que faça. *Reynaldo.* Olha nam vaz, como dizem, de mal em peor. *Callidio.* Velho, falso, dissimulado, como me acolheo, bem empregado foy em my. Mas vejo vir Deuorante com seu soldado, a que tempo? Quando eu buscaua, quem ouuesse de mi doo, & me aconse-lhasse, outra gente me cumpre de buscar...

Briobis soldado. Deuorante. *Reynaldo.*

NAM acharemos hoje este Douctor, & faremos esta demanda mais curta que a das suas audiencias. *Deuorante.* Nunqua homem acha o que busca. *Reynaldo.* Mande Deos nam seja eu assi. *Briobis.* Nam acabaremos com este Douctor? com este Petronio? *Reynaldo.* Assi se chamaua aquelle amigo, que aqui busco. *Briobis.* Ia reuolui toda a cidade. *Deuorante.* Aprenderia quando era escolar a se fazer inuensiuel. *Briobis.* Cumprelhe logo andar sempre metido na sua serpente. *Deuorante.* Hà, ha, ha. *Briobis.* Tu riste? *Deuorante.* Quem se terà has tuas graças? mas dartehya hum concelho de amigo. *Briobis.* Que tal? *Deuorante.* Pois nam podes alcançar o que dezejauas, que dezejes o que podes. *Briobis.* Como me enfadam estes sisos, que todos trazem na boca, & ninguem por obra. *Reynaldo.* E Lucrecia hauia minha filha nome. *Briobis.* E se nam nunqua mais cingiria espada. Onde tem este Douctor a pousada? *Deuorante*

I Iunto

Iunto daquella Igreja alta. *Briobis.* Bem està, perto tem logo outra pousada? pera mais dias. *Deuorante.* Nam no has agora de achar em casa. *Briobis.* Esperarey ate noyte, nam tem onde se me acolha, sete braças entrarey depos elle pella terra dentro, como pedra de corisco. *Deuorante.* Sancta Barbora Virgem, cuydey que era morto, Pater noster pella alma do Douctor. *Reynaldo.* Estou em Palermo ouço fallar em Petronio Douctor, ouço fallar em Lucrecia, que cuydarey? quero falar ao que fica soo no terreyro. Amigo Deos te salue, *Deuorante.* Sejas vindo nas muytas das boas horas. *Reynaldo.* Por cortesia, que Petronio he hum em que falaueis. *Deuorante.* Porque o perguntas? *Reynaldo.* Por bem. *Deuorante.* Nam he natural desta terra. *Reynaldo.* Donde veyo aqui ter? *Deuorante.* De Pisa nobre cidade da Toscana. *Reynaldo.* De que idade pouco mais ou menos. *Deuorante.* Darredor dos setenta. *Reyn.* Casado, ou solteiro? *Deu.* Antre hũa cousa, & outra. *Reyn.* Pois a idade não he ja muito pera esposado. Tambem falaueis em hũa Lucrecia. *Deuoran.* Muitas cousas quer este saber de mi, que sey eu honde isto irà ter? *Reynaldo.* Não me respondes. *Deuo.* O outro fey que fallou em Lucrecia? *Reynaldo.* Sy, mas fallaua em som, como que a conhecias. *Deuor.* Não sey mais que ouuila por ahi gabar de fermosa. *Reynaldo.* Natural ou estrangeira? *Deu.* Muyto anda este apos as naturezas Amigo, & senhor meu tudo saberemos, se nisso

tẽ vai algũa cousa. *Reynaldo.* E aquelle teu amigo, porq̃ ameaçaua tanto o Doutor. *Deuoran.* Amigo ou como? nunca outro tanto com elle fallei como agora. *Reynal.* Parecia que tinha delle algũa paixão. *Deuorante.* Là se auenham com as paixões, dos prazeres queria parte, das paixões là se auenham. *Reynaldo.* E este teu amigo he tam menençorio, como parece? *Deuorante.* Que forte perguntador, cuida que me tem alugado por pouco que me peites, eu to assegurarei desta vez. *Reynaldo.* Este me parece de huns truhães, que sempre hà nos lugares grandes, voume em busca de Petronio. *Deuorante.* Vistes o grande perguntador, donde me agora sahia de trauez? Que sey eu quem este he, nẽ que por aqui andara espreitando? hũa por hũa, muitas cousas queria saber de mi. Outro vejo dos mesmos trajos, vejamos se he outro tal, mas eu vos direy, o meu cabedal, tudo he palauras, isso auenturo.

Galbano. *Deuorante,*

Galbano. O Bom Galidio partio não pela fria (como dizem) mas pela quẽte, como cuido que elle vai, va, & leue nouas aos outros. *Deu.* Velhos, & mais de mais graça, não esta aqui muyto certo o ganho. *Galb.* De quanto bom tempo tem aqui leuado, descontem. *Deue.* E sobre tudo contas, & descontas não me apraz. *Gal.* seruidores todos se tẽ hũs cos outros, não mo

açoitaram bem, mas ja he começo de paga. *Deuorante.* Dayo ao demo, em pagas anda, & nam me deue nada, que sey se lhe deuerey eu, & andarà arrecadando? mas he tudo, he prouar. Deos te salue senhor meu, pareceseme estrangeyro, & eu sey que cousa he andar por terras alheas, offereçote o teu seruiço. *Galbano.* Muyto to agradeço. *Deuorante.* Tens negocio na terra. *Galbano.* Nam de mercadorias, como pella ventura cuydarâs, mas busco hum filho mancebo que se me perdeo por aqui. *Deuorante.* Terra he pera isso, mas os sinais? *Galbano.* Hum mancebo Valenciano, que ja lhe começara de vir a barba, sohia de ser gentil homem. *Deuorante.* O nome? *Galbano.* Amente, se ho elle qua nam mudou, como fez a outras cousas. *Deuorante.* Como? & tu es Galbano seu pay em que tantas vezes ouui fallar. *Galbano.* Eu por meus peccados *Deuorante.* Aqui pousa, & por final, que tem hum Ayo, que se chama Casſiano, & hum seruidor por nome Callidio. *Galbano.* Conheces bem toda essa gente. *Deuorante.* Como minhas mãos, mas como nam estam aqui contigo. *Galbano.* Estamos desauindos. *Deuorante.* Asinha isso foy. *Galbano.* Nam por minha culpa, que em chegando logo conuidey Callidio de boa entrada. *Deuorante.* Trarias fruytas de Valença, que està homem pasmado de tanta gentileza, & perfeiçam. *Galbano.* Tempo foy ja, tudo isso he passado à Portugal. *Deuorante.* Tam conuidador vinhas?

Cal.

Calbano. Auia muito que nos nam viramos. *Deuorante.* Asſi hão de ſer os homens de tua qualidade. Ora dizeme que iguarias aueis là entre vos por mais ſaboroſas? *Galbano.* A vingança. *Deuorante.* Eu fallo em iguarias nam em alegorias. *Calbano.* Queres que te diga o claro vinguei me em chegando deſſe ladrão que mandey açoutar, nunqua me couſa aſsi ſoube, entendeſteme? *Deuorante.* Agora ſy, iſſo chamo eu fallar ao pe da letra. *Galbano.* Ora ja aquelle pagou, os outros pagaraõ, *Deuorante.* Outros ou como. *Calbano.* Truhães maluados que tanto do meu aqui tem comido, & bebido. *Deuorante.* Comigo o hà. *Calbano.* Mas eu volo farey amargar. *Deuorante.* Ia me a mi começa o mao ſabor da boca. *Calbano.* Comer beber, jugar, franquear. *Deuorante.* Que mais claro quereis, que hum homem falle? com que negros conuidadores vou topar hoje, que rome acolher com minha honra ſe puder. *Galbano.* He aquelle Caſsiano. *Deuorante.* Aquelle he hum bom homem, ora me contay cos conuidados, ſe mais aqui eſpero. Quantas couſas tereis ambos de fallar, pois vos ainda nam viſtes. Quero deſpejar. *Galbano.* Eſpera cearemos todos. *Deuorante.* Não curo de conuites. *Calbano.* Que he iſſo, porque corres, deue de ſer algum deſaſiſado, & deulhe o vento na corda. Voume eſperar Caſſiano em caſa, & aſſentarmehey, que ainda nam tiue vagar.

Cassiano so.

VENHO pasmado dos acontecimentos, andando em busca de nosso amo, fuy dar com Reynaldo nosso natural, que agora tambem chegou. A hum trouxe quàhum filho perdino, ao outro hũa filha que perdera muyto hà. Oh filhos desejados, & estes sam os vossos descanços. Doutra parte tendo o Doutor concertado seu casamento, chega Reynaldo, & acha neste proprio dia, nesta hora, neste ponto, que Lucrecia aquella que a todos nos tem dado, tanto trabalho, he a sua propria filha, que andaua buscando per mar, & por terra, & sobre tudo que he afilhada do mesmo Doutor, asi lhe pederà ser ainda mais. E naõ se saber a tempo. O coitado que não via ja o dia, nem a ora & que estaua com a boca aberta para papar a moça, ficarà asi co ella as moscas. E pello contrario meu criado Amente, que lhe era ja posto o cutello na garganta esperando so pelo pregão vem a fortuna melhor casamenteira muito que Dorio, & negocialho tudo a pedir de boca. Que diremos as cousas deste Mundo, hũas parece que se alcanção a poder de negociação, & viua diligencia, outros por sò dita, & bom acerto. La acharei nosso Amo em casa, voume là darlhe estas nouas, & passarão as paixões, & tormentas, que tam armadas estauam.

De-

Deuorante soo.

VEnho espreitando o Ayo por ver se o conuidarâ tambem o velho, em chegando, como fez a Callidio, & quisera fazer a mi, mas Deuorante não dorme como me quisera acolher aquelle velho falso, nunqua se outro tal vio. Cuida que he senhor de Palermo, assi ameaça, & assi açopra. Custado me houuesse do meu muito, & pegasse outras poucas ao Ayo com toda sua grauidade. Ou quem vem la, cuidey que me atalhauam por estoutra parte. Estes sam Amente, & Callidio, & ainda nam sey o que sera, que este maluado tem ja o seu quinham, & andara ajuntando mais conuidados. Mas que me nam vingo eu do truham que me assi hoje queimou o sangue, vejamos que trouas agora faz de improuiso.

Amente. Callidio. Deuorante.

TAES nouas me trazes tu Callidio com tal rosto? nam te pude ser bom no teu mal, perdoame, & ajudame a sofrer tanto bem, que nam tenho outrem com quem o parta. *Callidio.* Do mal partiste comigo bem, do bem partiras mal. *Amente.* Nam me doeo nada menos que a ty. *Callidio.* Nam sey, mas bem te punhas em saluo. *Amente.* La me coube o meu qui-

nham. *Callidio.* Mostrame ora em ty algum sinal dos meus açoutes por este corpo. *Amente.* Nam teriam menos os meus se os pudesse ver. *Callidio.* Pois eu nam recebo pagas inuisiueis. *Deuorante.* Quanto que sabe este maluado, com elle me tenho. *Amente.* Assi me contas de Reynaldo, & que he Lucrecia sua filha, & filha tambem espiritual do Douctor. *Callidio.* Assi passa. *Deuorante.* Hum destes anda fora de sy com dor, outro com seu mes, não lhes creo nada. *Amente.* Oh Callidio amigo da minha alma, que te direy? que te darey? que te farey? por taes nouas, & a tal tempo? *Callidio.* Outras taes aluiçaras, como as de teu pay, que em fim estes sam os vossos galardões. *Deuorante.* Oh falso, como os conheces bem. *Amente.* Hei medo que me de o miolo volta com prazer. *Callidio.* E a mi com pesar. *Amente.* Prometote, que eu te agalardoe como tal obrigação merece. *Cal.* A vos outros mais vos lẽbra hum seruiço por fazer, que cento feitos. *Deu.* Dayo ao diabo, que ainda falla a preposito. *Amente.* Como se pode desempeçar tal meada em tam pouco tempo. *Callidio.* A verdade logo vai por diante, & foy grande ajuda a velha, que oje achei com Alda. *Amente.* O Doutor estaria finado. *Callidio.* Todauia elle fallaua. *Amente.* E que? *Callidio.* Huns poucos dos seus latins, *Amente.* Que taes? *Callidio.* Aleuantou dous dedos nos quaes repartio seus direitos naturaes, & espirituaes, concluindo todauia que naquelle caso cabia dispensaçam. *Amente*

Como

Como dispensação. *Callidio.* E ainda te digo, que soltou huma ma palaura. *Amente.* Que tal, triste de mi? *Callidio.* Disse que por dinheiro nam ficasse, & bateo na bolça. *Amente.* A essa nam chamas tu mais que mà palaura? chamolhe eu mortal. *Callidio.* Mas sabes quem desatou todos aquelles empeços, & razões doutoraes? *Amente.* Quem Callidio? *Callidio.* Lucrecia. *Amente.* Como? *Callidio.* Disse, que nam queria, que toda sua vida fora orfam, & estrangeira, agora que lhe deyxassem ir a seruir a aquelle pay, a que tanto deuia, & logralo algum tempo. *Amente.* O feyto de Lucrecia? *Deuorante.* Estaua recolhendo nouas pera o meu soldado, agora heylas todas entornadas, que deixara logo o Doutor, & ha de querer por toda Valença a espada. *Amente.* Como pudeste saber tanta cousa em tam pouco tempo. *Callidio.* Tiue cuydado. *Amente.* E eu terey lembrança. *Callidio.* Pera quando. *Amente.* Bem ves tu, que eu agora nam posso. *Callidio.* E depois nam quereras. *Deuorante.* Euangelho mas, porque me nam vingo eu deste ruim de Callidio, & que lhe tardo mais. Deos vos salue, & a ti Callidio prol faça. *Callidio.* Passo, que falamos segredo. *Deuorante.* Nam hias tu oje de tam ma graça, quando trouuas de improuiso. *Callidio.* Nem eu de tam boa. Seram milagres do vinho. *Deuorante.* Isso se pudera dizer mais por ty; pois te conuidaram em chegando. *Callidio.* E tu em conuites. *Deuorante.*

Durãte ainda aquella vea de trouar, romperemos aa qui hum par de lanças por festa diante de Amente. *Amente.* Deixao pera outra hora Deuorante que temos al em que entender. *Deuorante.* Ia hey de ver pera quanto he que nam me valeo hoje com elle creita, nem sopee.

Deuorante.	*Callidio.*
Callidio ja eu vi outro homem	*Deuorante que se tanjà*
Mais sam das costas que ty,	*Que se cante em paraiso*
Porque te torces assi?	*Não he aq̃lla a tua granjà*
Pulgas sey, que te não comem	*Pois se la fala de siso*
Vergões pode ser que sy.	*E não he terra de manjaa*

Deuorante. NAM valha que nam foy pellos consoantes. *Amente.* Nam seja mais, ambos o fizestes bẽm. *Deuorante.* Tudo se faça hoje a tua vontade, & tudo seja festa. *Callidio.* Donde inuentou este coruo carniçal a carniça? *Deuorante.* Ferrei oje a tua que foy arrezoada. *Amente.* Nam lhe respondas Callidio, & tu Deuorante nam falles mais, sopena de te ser aquella porta cerrada, em quanto aqui estiuermos. *Deuorante.* Nam me veras mais boquejar. *Amente.* Ora nos vamos cear com meu pay. *Deuorante.* Elle mesmo me conuidaua pouco hà. *Callidio.* Eu nam vou por agora a essa casa, perdoarmehàs. *Amente.* Como? E tu

E tu sò me has de falecer em que eu tinha toda minhã esperança. *Deuorante.* Vem quà Callidio, dame essa mam, sejamos amigos, & direi como façamos, que eu tambem nam me fio ora muyto de ninguem. Acompanhemos Amente ate a porta, dahi espreitaremos, & assi como viremos, assi haueremos nosso acordo. Ia sabes o que se diz, não te fies, & não te enganarão. *Amente.* Ditos de gente baixa, & desconfiada. Hi comigo seguramente.

O Represeutador.

NAM forão necessarios Rogadores, nem ãrengãs o filho lançouse por terra aos pes do pay, elle cos olhos cubertos dagoa aleuantouho de huma parte, & da outra as lagrimas supriram por palauras. A cea fasse prestes. Ao Doutor, & ao soldado nam falecerão outros amores, as outras festas hãose de fazer em Valença de Aragam.

Fim da Comedia dos Estrangeyros.

PROLOGO.

EM SEY que entre tantos juizos nam faltaraõ aquellas differenças que a natureza taõ variamente repartio com todos, nos rostos, nas proporções, nas falas, & nas letras. Porque poucas vezes se vio em tres cabeças hum si, ou hum não, ou hum duuido. Por isto não estranharei o rir deste, o murmurar daquelle, o praguejar daqueloutro. Com estes ainda se podia passar, mas ha hi huns colericos tam arrebatados, que como acham hũa cousa fora de seu gosto, naõ querem sofrer, as outras tam cegos na razão, que lhes nam lembra, que sam os gostos diuersos, & o que a elles nam apraz, pode aprazer a outros. Com estes taes me nam ponho em juizo, soomente sam aqui vindo pera outros a que a natureza deu as condições manças, os juyzos liures, as tenções bem inclinadas. Estes julguem se he vicio querer cada hum seguir com suas forças as cousas que bem parecem, principalmente esta, que antigamente, foy tida em tanta conta. E polla qual

aquel-

ăquelle Liuio Andronico Romam antiquissimo al-cançou famoso nome pera sempre, nam falo nos que o seguiram desde entam ate agora em Italia pois em nossos dias vemos neste Reyno, a honra, & o louuor de quem nouamente a trouue a elle com tanta differença de todolos Antigos, quanta he a dos mesmos tempos. Porque quem negarà, que na pureza de sua lingoa, na arte da composiçaõ naquelle estylo tam comico, no decoro das pessoas, na inuençam; na grauidade, na graça, no artificio, não possa triumphar de todos? Hora sendo a cousa em si tam boa seguida de barões prudentes, authorizada pella antiguidade dos tempos, & agora finalmente vista, & approuada com igual consentimento, & espanto nesta terra, não sey quem com boa razam terà a mal quem a quiser seguir, & mais com tam boa guia. Verdade he, que requere idade, joyzo, & experiencia (o que por ventura se nam acharà em todos) mas nem por isso se deue reprehender querer cada hum com o trabalho anticipar o tempo. Contentar a todos ninguem o alcançou, muytos se contentaram com aprazer a muytos. O Author tomarà por grande honra satisfazer a poucos.

A Comedia he mixta à mor parte della motoria fundada nos acontecimentos do mundo que comummente correm. Primeyramente virà aqui ter hum

COMEDIA DE BRISTO.

Feyta pello Doutor Antonio Ferreira.

AO PRINCIPE DOM IOAM.

ACER ESTA COMEDIA para ſeruiço de V. A. foy pera mi tamanho milagre, que depois de viſto, ainda o nam acabo de crer. Porque ſendo a primeira cauſa de homem tam mancebo feyta por ſo ſeu deſenfadamento em certos dias de ferias,& ainda eſſes furtados ao eſtudo,quem crerà,que como couſa pera iſſo de dias ordenada,& de Author graue composta,foſſe por ſeu ſeruiço neſta vniuerſidade recebida,& publicada onde pouco antes ſe virão outras, que a todas as dos antigos,ou leuam,ou nam dam ventagẽ. Saluome na força,que me foy feita nos bons juizos de homens de muitas letras que conſentiram nella a que o meu foy neceſſario obedecer, que tambem eſcuſam eſtoutra ouſadia de a offerecer à V. A. a que peço que a receba por ſua,pois por eſta Vniuerſidade com igual conſentimento de todos lhe foy offerecida, & por ſer em ſeu ſeruiço mereceo ſer bem julgada.

K PRO-

COMEDIA DE BRISTO.

Feyta pello Doutor Antonio Ferreira.

AO PRINCIPE DOM IOAM.

ACER ESTA COMEDIA para ſeruiço de V. A. foy pera mi tamanho milagre, que depois de viſto, ainda o nam acabo de crer. Porque ſendo a primeira cauſa de homem tam mancebo feyta por ſo ſeu deſenfadamento em certos dias de ferias,& ainda eſſes furtados ao eſtudo,quem crerà,que como couſa pera iſſo de dias ordenada,& de Author graue composta,foſſe por ſeu ſeruiço neſta vniuerſidade recebida,& publicada onde pouco antes ſe virão outras, que a todas as dos antigos,ou leuam,ou nam dam ventagẽ. Saluome na força,que me foy feita nos bons juizos de homens de muitas letras que conſentiram nella a que o meu foy neceſſario obedecer, que tambem eſcuſam eſtoutra ouſadia de a offerecer à V. A. a que peço que a receba por ſua,pois por eſta Vniuerſidade com igual conſentimento de todos lhe foy offerecida, & por ſer em ſeu ſeruiço mereceo ſer bem julgada.

K PRO-

COMEDIA DE BRISTO.

Feyta pello Doutor Antonio Ferreira.

AO PRINCIPE DOM IOAM.

ACER ESTA COMEDIA para seruiço de V. A. foy pera mi tamanho milagre, que depois de visto, ainda o nam acabo de crer. Porque sendo a primeira causa de homem tam mancebo feyta por so seu desenfadamento em certos dias de ferias,& ainda esses furtados ao estudo,quem crerà,que como cousa pera isso de dias ordenada,& de Author graue composta,fosse por seu seruiço nesta vniuersidade recebida,& publicada onde pouco antes se virão outras, que a todas as dos antigos,ou leuam,ou nam dam ventagẽ. Saluome na força,que me foy feita nos bons juizos de homens de muitas letras que consentiram nella a que o meu foy necessario obedecer, que tambem escusam estoutra ousadia de a offerecer à V. A. a que peço que a receba por sua,pois por esta Vniuersidade com igual consentimento de todos lhe foy offerecida, & por ser em seu seruiço mereceo ser bem julgada.

nham. *Callidio.* Mostrame ora em ty algum final dos meus açoutes por este corpo. *Amente.* Nam teriam menos os meus se os pudesse ver. *Callidio.* Pois eu nam recebo pagas inuisiueis. *Deuorante.* Quanto que sabe este maluado, com elle me tenho. *Amente.* Asi me contas de Reynaldo; & que he Lucrecia sua filha,& filha tambem espiritual do Douctor. *Callidio.* Asi passa. *Deuorante.* Hum destes anda fora de sy com dor, outro com seu mes, não lhes creo nada. *Amente.* Oh Callidio amigo da minha alma, que te direy? que te darey? que te farey? por taes nouas, & a tal tempo? *Callidio.* Outras taes aluiçaras, como as de teu pay, que em fim estes sam os vossos galardões. *Deuorante.* Oh falso, como os conheces bem. *Amente.* Hei medo que me de o miolo volta com prazer. *Callidio.* E a mi com pesar. *Amente.* Prometote, que eu te agalardoe como tal obrigação merece. *Cal.* A vos outros mais vos lébra hum seruiço por fazer, que cento feitos. *Deu.* Dayo ao diabo, que ainda falla a preposito. *Amente.* Como se pode desempeçar tal meada em tam pouco tempo. *Callidio.* A verdade logo vai por diante,& foy grande ajuda a velha, que oje achei com Alda. *Amente.* O Doutor estaria finado *Callidio.* Todauia elle fallaua. *Amente.* E que? *Callidio.* Huns poucos dos seus latins, *Amente.* Que taes? *Callidio.* Alguantos dous dedos nos quaes repartio seus direitos naturaes,& espirituaes, concluindo todauia que naquelle caso cabia dispensaçam. *Amente*

Como

Como dispensação. *Callidio.* E ainda te digo, que soltou huma ma palaura. *Amente.* Que tal, triste de mi? *Callidio.* Disse que por dinheiro nam ficasse, & bateo na bolça. *Amente.* A essa nam chamas tu mais que mà palaura? chamolhe eu mortal. *Callidio.* Mas sabes quem desatou todos aquelles empeços, & razões doutoraes? *Amente.* Quem Callidio? *Callidio.* Lucrecia. *Amente.* Como? *Callidio.* Disse, que nam queria, que toda sua vida fora orfam, & estrangeira, agora que lhe deyxassem ir a seruir a aquelle pay, a que tanto deuia, & logralo algum tempo. *Amente.* O feyto de Lucrecia? *Deuorante.* Estaua recolhendo nouas pera o meu soldado, agora heylas todas entornadas, que deixara logo o Doutor, & ha de querer por toda Valença a espada. *Amente.* Como podeste saber tanta cousa em tam pouco tempo. *Callidio.* Tiue cuydado. *Amente.* E eu terey lembrança. *Callidio.* Pera quando. *Amente.* Bem ves tu, que eu agora nam posso. *Callidio.* E depois nam quereras. *Deuorante.* Euangelho mas, porque me nam vingo eu deste ruim de Callidio, & que lhe tardo mais. Deos vos salue, & a ti Callidio prol faça. *Callidio.* Passo, que falamos segredo. *Deuorante.* Nam hiás tu oje de tam ma graça, quando trouuias de improuiso. *Callidio.* Nem tu de tam boa. Seram milagres do vinho. *Deuorante.* Isso se pudera dizer mais por ty, pois te conuidaram em chegando. *Callidio.* E eu em conuites. *Deuorante.*

Du-

Durãte ainda aquella vea de trouar, romperemos aqui hum par de lanças por festa diante de Amente. *Amente.* Deixao pera outra hora Deuorante que temos al em que entender. *Deuorante.* Ia hey de ver pera quanto he que nam me valeo hoje com elle creita, nem sopee.

Deuorante.	*Callidio.*
Callidio ja eu vi outro homem	*Deuorante que se tanja*
Mais sam das costas que ty,	*Que se cante em paraiso*
Porque te torces assi?	*Não he aqlla a tua granja*
Pulgas sey, que te não comem	*Pois se la fala de siso*
Vergões pode ser que sy.	*E não he terra de manjaa*

Deuorante. NAM valha que nam foy pellos consoantes. *Amente.* Nam foy mais, ambos o fizestes bem. *Deuorante.* Tudo se faça hoje a tua vontade, & tudo seja festa. *Callidio.* Donde inuentou este coruo carniçal a carniça? *Deuorante.* Ferrei oje a tua que foy arrezoada. *Amente.* Nam lhe respondas Callidio, & tu Deuorante nam falles mais, sopena de te ser aquella porta cerrada, em quanto aqui estiuermos. *Deuorante.* Nam me veras mais boquejar. *Ament.* Ora nos vamos cear com meu pay. *Deuorante.* Elle mesmo me conuidaua pouco hà. *Callidio.* Eu nam vou por agora a essa casa, perdoarmehàs. *Amente.* Como?

E tu

E tu sò me has de falecer em que eu tinha toda minhã esperança. *Deuorante.* Vem quà Callidio, dame essa mam, sejamos amigos, & direi como façamos, que eu tambem nam me fio ora muyto de ninguem. Acompanhemos Amente ate a porta, dahi espreitaremos, & asi como viremos, asi haueremos nosso acordo. Ia sabes o que se diz, não te fies, & não te enganarão. *Amente.* Ditos de gente baixa, & desconfiada. Hi comigo seguramente.

O Representador.

NAM forão necessarios Rogadores, nẽ ãrẽgãs o filho lançouse por terra aos pes do pay, elle cos olhos cubertos dagoa aleuantouho de huma parte, & da outra as lagrimas supriram por palauras. A cea fasse prestes. Ao Doutor, & ao soldado nam falecerão outros amores, as outras festas hãose de fazer em Valença de Aragam.

Fim da Comedia dos Estrangeyros.

COMEDIA DE BRISTO.

Feyta pello Douctor Antonio Ferreira.

AO PRINCIPE DOM IOAM.

ACER ESTA COMEDIA para feruiço de V. A. foy pera mi tamanho milagre, que depois de visto, ainda o nam acabo de crer. Porque fendo a primeira cousa de homem tam mancebo feyta por so seu desenfadamento em certos dias de ferias,& ainda esses furtados ao estudo,quem crerà,que como cousa pera isso de dias ordenada,& de Author graue composta,fosse por seu feruiço nesta vniuersidade recebida,& publicada onde pouco antes se virão outras, que a todas as dos antigos,ou leuam,ou nam dam ventagẽ. Saluome na força,que me foy feita nos bons juizos de homens de muitas letras que consentiram nella a que o meu foy necessario obedecer, que tambem escusam estoutra ousadia de a offerecer à V. A. a que peço que a receba por sua,pois por esta Vniuersidade com igual consentimento de todos lhe foy offerecida, & por ser em seu feruiço mereceo ser bem julgada.

PROLOGO.

EM SEY que entre tantos juizos nam faltarão aquellas differenças que a natureza tão variamente repartio com todos, nos rostos, nas proporções, nas falas, & nas letras. Porque poucas vezes se vio em tres cabeças hum si, ou hum não, ou hum duuido. Por isto não estranharei o rir deste, o murmurar daquelle, o praguejar daqueloutro. Com estes ainda se podia passar, mas ha hi huns colericos tam arrebatados, que como acham hũa cousa fora de seu gosto, não querem sofrer, as outras tam cegos na razão, que lhes nam lembra, que sam os gostos diuersos, & o que a elles nam apraz, pode aprazer a outros. Com estes taes me nam ponho em juizo, soomente sam aqui vindo pera outros a que a natureza deu as condições mançàs, os juyzos liures, as tenções bem inclinadas. Estes julguem se he vicio querer cada hum seguir com suas forças as cousas que bem parecem, principalmente esta, que antigamente, foy tida em tanta conta. E polla qual aquel-

àquelle Liuio Andronico Romam antiquissimo alcançou famoso nome pera sempre, nam falo nos que o seguiram desde entam ate agora em Italia pois em nossos dias vemos neste Reyno, a honra, & o louuor de quem nouamente 'a trouue a elle com tanta differença de todolos Antigos, quanta he a dos mesmos tempos. Porque quem negarà, que na pureza de sua lingoa, na arte da composiçaõ naquelle estylo tam comico, no decoro das pessoas, na inuençam; na grauidade, na graça, no artificio, não possa triumphar de todos? Hora sendo a cousa em si tam boa seguida de barões prudentes, authorizada pella antiguidade dos tempos, & agora finalmente vista, & approuada com igual consentimento, & espanto nesta terra, não sey quem com boa razam terà a mal quem a quiser seguir, & mais com tam boa guia. Verdade he, que requere idade, juyzo, & experiencia (o que por ventura se nanr acharà em todos) mas nem por isso se deue reprehender querer cada hum com o trabalho anticipar o tempo. Contentar a todos ninguem o alcançou, muytos se contentaram com aprazer a muytos. O Author tomarà por grande honra satisfazer a poucos.

A Comedia he mixta à mor parte della motoria fundada nos acontecimentos do mundo que comummente correm. Primeyramente virà aqui ter hum

mancebo chamado Lionardo, que ſeguindo ſecretã-
mente huns amores perdidos, que o trazem perdido,
vindo ſaber como o ſeu pay quer caſar, vem metido
em agonia. Outro ſeu amigo o aconſelha que vença cõ
razão ſeu appetite. Mas como ja tenha nelle criado raì
zes não aproueita razam nem concelho. E porque del
les, & dos outros comprehendereis mais o argumento
fauorecey com ſilencio pera que melhor julgueis.

PESSOAS DA COMEDIA.

Lionardo.	*Mancebo.*
Alexandre.	*Mancebo.*
Roberto.	*Velho.*
Callidonie.	*Velho.*
Briſto.	*Alcouiteiro.*
Pinerſo.	*Moço.*
Annibal	*Caualleiro de Rod.*
Montaluam	*Soldado.*
Pilarte.	*Moço.*
Cornelia.	*Mãy.*
Camilia.	*Filha.*
Liciſca,	*Molher ſolteira.*
Pindaro.	*Pay.*
Arnolfo.	*Seu filho.*

ACTO

ACTO. I. SCENA. I.

Lienardo. Alexandre.

NISTO VEIO AMIGO meu Alexandre, que a agoa, & ho fogo podem os homens escusar, a amizade não. Porq́ se te nam tiuera para comunicação de meus males, como podera com elles. *Alex.* Verdadeiramente eu o sinto como meus, & muytos inconuenientes grandes que dahi nascem, nam sey, porque não queres olhar por ty. *Lion.* Não posso que estou a mil nòs atado. *Alex.* Todos os quebraras com ha razão que he mais forte, se a quiseres conhecer. *Lion.* Que farei? que me aconselhas? *Alex.* Que te hei eu de aconselhar pois tu nam estàs pera conselho. *Lion.* Ia que minha ventura foy essa, necessario he seguila. O amor nam consente força. *Alex.* Dahi bem sabes quão honrado ficas, & teu pai tão contente, pesame pelo perigo, em que pòs a ty, & a elle. *Lion.* Nam sey se me và daqui, mas como o poderey eu acabar comigo. *Alex.* Pode ser se o fizesses, que o tempo, & o esquecimento te curassem: porque em quanto estiueres apar de fogo sempre te queimaras. *Lion.* Enganaste, que este fogo nam se apaga com agoa, nem com ausencia, antes ella

he o que mais acende. *Alex.* Bebe logo algum vasso, toma algum remedio de esquecimento. *Lion.* Nem a a isso me dà o amor licença. *Alex.* Pois eu nam sinto que te mais diga, choro tua pena, doeme tua perdição, Deos te desẽbarace o juizo pera te remediares. *Lion.* Que direy a meu pay? que escusa lhe darey com que me não sinta? *Alex.* Que es ainda moço, que te não queres sogeitar tam cedo. *Lion.* Bem me aconcelhas. *Alex.* Eu tambem (se me fallarem nisso) com a mesma escusa dilatarey o negocio, pode ser que entretanto algum desastre te mude a vontade. *Lion.* Quanto a mi (pera te dizer verdade) nam me parece ora o peccá do tam feo. *Alex.* Porque trazes os olhos cegos. *Lion.* Esta moça he fermosa, & boa filha, honesta, sezuda, recolhida. A mãy tem fama de virtuosa, & de viuerem honestamente. *Alex.* Bom he isso tudo quando nam vẽ faã. *Lion.* Emendesse hũa cosa por outra. Se he pobre, tem outro melhor dote, que he fermosura, & virtude. *Alex.* Vai hora dizer isso a teu pay. *Lion.* Tambem elle deu sua cabeçada, nam he mûyto dar eu a minha. *Ale.* Os erros alheos hãse de olhar para se fogirẽ, & nã pera se imitarem. *Lion.* E mais tudo vem de Deos. Não posso eu fogir do que me està ordenado. *Alex.* Essa razam he de Luthero, nam sey se te valerà. *Lion.* Se me naõ valer, não sei que lhe faça. Meu pai se se agastar, de sagastarseha, se morrer ahi me fica tudo. *Alex.* E não te magoarà muito seres tu causa de sua morte? *Lion.* Mas

se

se Deos quis que fosse o casamēto liure, porq̄ me estranharà elle vsar eu de minha liberdade. *Alex.* Porque não he fundada em virtude, mas em apetite, que o casamento pode ser liure, virtuoso, & muito hõrado. *Lion* Tambem Deos quer que se faça hũa obra de Misericordia. *Alex.* E tu por essa razão o fazes? pois affirmote, que nunca te esta leue ao paraiso. *Lion.* Se quisesses bem não me dirias isso. *Alex.* Queroto logo a ti, & por isso to digo, andas cego, não ves, nem entendes, guarte de arrependimentos sem cura que doem muyto. *Lio.* Ora meu Alexandre peçote, que me encubras como sempre. Atè qui fizeste. *Alex.* E eu pela amisade, que entre nos ha, te rogo, que nam faças de ty nada sem primeiro me dares conta. *Lion.* Não he necessario pediresme tu isso, pois eu te busquey sempre pera meus segredos. *Alex.* Onde te vas agora. *Lion.* Esta he a minha ora não a queria perder. *Alex.* Quanto peor he perdereste a ty.

ACTO I. SCENA II.

Alexandre soo.

QVem deu tamanha força ao amor? como alcançou tamanho poder nos corações dos homens que os cega, que os aleija, que os ata de pes & mãos, & os traz apos sy, como encantados, porque (deixando os antigos de que lemos grandes cousas) pello que agora vemos nos presentes, quem se nam espantarà

de ver andar homens perdidos apos seus apetites tam metidos nelles, & tão esquecidos de sy mesmos, que he vergonha, & piedade? E o pior he, que alem de os amor cegar pera nam verem seus erros, fazlhe parecer o mundo cego. E daqui vem cairem em tamanhas cegueiras, como cada dia vemos. Eu me ponho a cuydar às vezes, de que vem sogeitarse hum homem tanto, & acho, que nam he amor taõ poderoso, que possa entrar com quem lhe fechar a porta. Mas ha hi hũs delicados huns doces, derretidos, ociosos, escusados, com quem elle pode muito. Quanto eu viuo tam contente de me ver liure, que me rio de todolos contentamentos destes. Os meus amores sam de tres dias se me não socede bem, mudome a outros. Como, bebo, & rio, durmo meu sono em cheo, conuerso com meus amigos, jogo, tanjo, passeo, com isto me desenfado. Entregar a liberdade, he rija cousa. Que vedes aqui Lionardo meu amigo, que sendo filho de Roberto, homem muyto rico, & muyto honrado cidadam desta cidade, & dos principaes, nam tendo mais que este, & hũa filha, ordenando de o casar com minha irmãa, & a mi com a sua: hũa rapariga chamada Camilia, a quem se foy affeiçoar, pobre, orfãa, filha de hũa viuua que nam tem mais que quanto ganham pela agulha, o tem da maneira, q̃ vedes que nem lhe lembra quem he, o muito que perde, o perigo em que poem seu pay, que he velho cansado, a vergonha do mundo, o desgosto de seus parentes

tudo

tudo esquece,tudo despreza,nam ha ja conselho , nem
remedio que com elle possa. Eu querolhe bem,como
irmãos,porque desde mininos nos criamos ambos,am
bos aprendemos, & ambos sempre conuersamos, hey
dò delle,reprehendoo, conselhoo,parece que entam o
atiço mais, o melhor remedio he deixalo â natureza.
Como sentio oje em casa que se falaua no casamento,
veyose logo a mi,todo desfigurado,frio,& morto, q
polo amor de Deos o aconselhasse em tamanha afron
ta,trabalhei com boas razões de o trazer a razam, està
tam fora della,que a nam conhece,hey medo que se a-
cabe de perder de todo.Moça fermosa,elle afeiçoado,
& fauorecido,à conuersaçam estreita,o conhecimento
antigo,seguro està o negocio,a primeira vista,& o cõ-
trato acabado, & pera mais ajuda anda em mãos de
Bristo,hum alcouiteiro , que reuolue toda esta terra,
dayo por feito de todo. Coitado do velho desque ho
souber.Tenho eu pera mi que não he pera reprehen-
der muito hum mancebo ser jugador,reuoltoso,dado
a molheres, porque sam peccados de mocidade , perq
os mais passam. Casarse sem licença de seu pay me pa-
rece rija cousa.E eu tudo a meus filhos sofreria se nam
isto,porque ali principalmente parece, que se nega a-
quella obrigaçam da obediencia natural. Lionardo
he fora de todos estes vicios , & de muitos outros,que
se agora costumão,tem boas manhas, boa condiçam,
discreto,sezudo,conuersauel,amigo de seus amigos,se

nam

nam quanto algum tanto he determinado, mas isto não he tacha que lhe o tempo, & a idade nam mudem, se lhe asi mudassem a tençam que tão firme tem em seu dano. Estes amores o tem feito doudo, triste, solitario, desconuersauel, fora de toda a conclusam. Trabalhei por vezes de lhe ver bem a dama, nunca pude, agora vou espreitar seus passos. Mas he este Roberto seu pay.

ACTO I. SCENA III.

Roberto Velho. Alexandre. Callidonio Velho.

VOume em busca de Calidonio pedirlhe a reposta do que praticamos, queira Deos fazernos nella tam conformes, como sempre ate qui fomos. Oh Alexandre acharey teu pay em casa? *Alex.* Ha ja pedaço que say della mas creo que deuagar ficaua. *Rob.* So ou acompanhado. *Alex.* Soo o deixei eu. *Rob.* Ora Deos và contigo que là me vou. *Alex.* Quem podesse dizer o que sabe, mas o velho he testo, mataria o filho logo, & depois a sy. Em quanto o mal nam he mais, Deos o pode curar. Entre tãto bom he esperar bem. Minha mãy me contara o que passarem ambos. *Rob.* Folgo de ver aquelle moço a quem hey de dar o meu, & quanto ho mais vejo, melhor me parece. Bom filho, sesudo manse, amigo de seu pay, da honra, & da virtude, oh quam bem

bem parecem os bons filhos, & quam mal os que ho nam sam, que vejo por aqui andar huns perdidos, vadios, esfolacaras, que deshonram a sy, & aos pays. Porque nam hauera entre os Christãos o que hauia antiguamente entre os Gentios? Dous homens, que elles chamauam Censores, graues, antigos, prudentes, que tinham cargo de enmendar os maos costumes, castigar os mancebos viciosos, reprehendelos, & ensinalos. Oh que costume aquelle tanto pera seguir: mas danouse o mundo de maneira que o nam pode ja receber, todolos bons costumes se perdem, toda a virtude se desacostuma. Os vicios, & as maldades viuem, & crecem. Sinal he isto, que vem nossa fim perto. Quem houue dizer daquelles Lacedemonios a diligencia que tinham, em criar seus filhos em virtude, que dirà de nossa negligencia? Entre as boas doutrinas que lhe dauam, principalmente era, que acatassem muyto aos velhos, que os honrassem, & lhes dessem lugar onde quer que estiuessem. Doutrina por certo Sãta, & boa. Agora os nossos mancebos vsam tão mal della, que nenhuma cousa desestimão tanto. Estes taes nunqua os vòs vereis chegar a esta idade. Os pays que taes filhos tem, & os não afogão, merecião padecer ha pena de seus erros. E asi se fazia antigamente, porque em vez de criarem homens para a Republica, criam bestas feras pera sua destruiçam. Calidonio sae de casa querome ir a elle. *Calidon.* Se aqui vier ter Roberto

Req.

PROLOGO

EM SEY que entre tantos juizos nam faltaraõ aquellas differenças que a natureza taõ variamente repartio com todos, nos rostos, nas proporções, nas falas, & nas letras. Porque poucas vezes se vio em tres cabeças hum si, ou hum não, ou hum duuido. Por isto não estranharei o rir deste, o murmurar daquelle, o praguejar daqueloutro. Com estes ainda se podia passar, mas ha hi huns colericos tam arrebatados, que como acham hũa cousa fora de seu gosto, naõ querem sofrer, as outras tam cegos na razão, que lhes nam lembra, que sam os gostos diuersos, & o que a elles nam apraz, pode aprazer a outros. Com estes taes me nam ponho em juizo, soomente sam aqui vindo pera outros a que a natureza deu as condições mançás, os juyzos liures, as tenções bem inclinadas. Estes julguem se he vicio querer cada hum seguir com suas forças as cousas que bem parecem, principalmente esta, que antigamente, foy tida em tanta conta. E polla qual

aquel-

âquelle Liuio Andronico Romam antiquissimo alcançou famoso nome pera sempre, nam falo nos que o seguiram desde entam ate agora em Italia pois em nossos dias vemos neste Reyno, a honra, & o louuor de quem nouamente a trouue a elle com tanta differença de todolos Antigos, quanta he a dos mesmos tempos. Porque quem negarà, que na pureza de sua lingoa, na arte da composiçaõ, naquelle estylo tam comico, no decoro das pessoas, na inuençam; na grauidade, na graça, no artificio, não possa triumphar de todos? Hora sendo a cousa em si tam boa seguida de barões prudentes, authorizada pella antiguidade dos tempos, & agora finalmente vista, & approuada com igual consentimento, & espanto nesta terra, não sey quem com boa razam terà a mal quem a quiser seguir, & mais com tam boa guia. Verdade he, que requere idade, juyzo, & experiencia (o que por ventura se nam acharà em todos) mas nem por isso se deue reprehender querer cada hum com o trabalho anticipar o tempo. Contentar a todos ninguem o alcançou, muytos se contentaram com aprazer a muytos. O Author tomarà por grande honra satisfazer a poucos.

A Comedia he mixta à mor parte della motoria fundada nos acontecimentos do mundo que comummente correm. Primeyramente virà aqui ter hum

ACTO. I. SCENA. I.

Lienardo. Alexandre.

NISTO VEIO AMIGO meu Alexandre, que a agoa, & ho fogo podem os homens escusar, a amizade não. Porq̃ se te nam tiuera para comunicação de meus males, como podera com elles. *Alex.* Verdadeiramente eu o sinto como meus, & muytos inconuenientes grandes que dahi nascem, nam sey, porque não queres olhar por ty. *Lion.* Não posso que estou a mil nòs atado. *Alex.* Todos os quebraras com ha razão que he mais forte, se a quiseres conhecer. *Lion.* Que farei? que me aconselhas? *Alex.* Que te hei eu de aconselhar pois tu nam estàs pera conselho. *Lion.* Ia que minha ventura foy essa, necessario he seguila. O amor nam consente força. *Alex.* Dahi bem sabes quão honrado ficas, & teu pai tão contente, pesame pelo perigo, em que pòs a ty, & a elle. *Lion.* Nam sey se me và daqui, mas como o poderey eu acabar comigo. *Alex.* Pode ser se o fizesses, que o tempo, & o esquecimento te curassem: porque em quanto estiueres apar de fogo sempre te queimaras. *Lion.* Enganaste, que este fogo nam se apaga com agoa, nem com ausencia, antes ella

he o que mais acende. *Alex.* Bebe logo algum vasso, toma algum remedio de esquecimento. *Lion.* Nem a a isso me dà o amor licença. *Alex.* Pois eu nam sinto que te mais diga, choro tua pena, doeme tua perdição, Deos te desẽbarace o juizo pera te remediares. *Lion.* Que direy a meu pay? que escusa lhe darey com que me não sinta? *Alex.* Que es ainda moço, que te não queres sogeitar tam cedo. *Lion.* Bem me aconcelhas. *Alex.* Eu tambem (se me fallarem nisso) com a mesma escusa dilatarey o negocio, pode ser que entretanto algum desastre te mude a vontade. *Lion.* Quanto a mi (pera te dizer verdade) nam me parece ora o peccá do tam feo. *Alex.* Porque trazes os olhos cegos. *Lion.* Esta moça he fermosa, & boa filha, honesta, sezuda, recolhida. A mãy tem fama de virtuosa, & de viuerem honestamente. *Alex.* Bom he isso tudo quando nam vẽ faã. *Lion.* Emendesse hũa cousa por outra. Se he pobre, tem outro melhor dote, que he fermosura, & virtude. *Alex.* Vai hora dizer isso a teu pay. *Lion.* Tambem elle deu sua cabeçada, nam he múyto dar eu a minha. *Ale.* Os erros alheos hãse de olhar para se fogirẽ, & nã pera se imitarem. *Lion.* E mais tudo vem de Deos. Não posso eu fogir do que me està ordenado. *Alex.* Essa razam he de Luthero, nam sey se te valerà. *Lion.* Se me naõ valer, não sei que lhe faça. Meu pai se se agastar, de sagastarsehá, se morrer ahi me fica tudo. *Alex.* E não te magoarà muito seres tu causa de sua morte? *Lion.* Mas

se

ſe Deos quis que foſſe o caſaméto liure, porq̃ me eſtra nharà elle vſar eu de minha liberdade. *Alex.* Porque não he fundada em virtude, mas em apetite, que o caſa mento pode ſer liure, virtuoſo, & muito hõrado. *Lion* Tambem Deos quer que ſe faça hũa obra de Miſericordia. *Alex.* E tu por eſſa razão o fazes? pois affirmo-te, que nunca te eſta leue ao paraiſo. *Lion.* Se quiſeſſes bem não me dirias iſſo. *Alex.* Queroto logo a ti, & por iſſo to digo, andas cego, não ves, nem entendes, guarte de arrependimentos ſem cura que doem muyto. *Lio.* Ora meu Alexandre peçote, que me encubras como ſempre. Atè qui fizeſte. *Alex.* E eu pela amiſade, que entre nos ha, te rogo, que nam façaſ de ty nada ſem pri meiro me dares conta. *Lion.* Não he neceſſario pedireſme tu iſſo, pois eu te buſquey ſempre pera meus ſegredos. *Alex.* Onde te vas agora. *Lion.* Eſta he a minha ora não a queria perder. *Alex.* Quanto peor he perdereſte a ty.

ACTO I. SCENA II.

Alexandre ſoo.

QVem deu tamanha força ao amor? cõmo alcançou tamanho poder nos corações dos homens que os cega, que os aleija, que os ata de pes & mãos, & os traz apos ſy, como encantados, porque (deixando os antigos de que lemos grandes couſas) pello que agora vemos nos preſentes, quem ſe nam eſpantarà

de ver andar homens perdidos apos seus apetites tam metidos nelles, & tão esquecidos de sy mesmos, que he vergonha, & piedade? E o pior he, que alem de os amor cegar pera nam verem seus erros, fazlhe parecer o mundo cego. E daqui vem cairem em tamanhas cegueiras, como cada dia vemos. Eu me ponho a cuydar às vezes, de que vem sogeitarse hum homem tanto, & acho, que nam he amor taõ poderoso, que possa entrar com quem lhe fechar a porta. Mas ha hi hũs delicados huns doces, derretidos, ociosos, escusados, com quem elle pode muito. Quanto eu viuo tam contente de me ver liure, que me rio de todolos contentamentos destes. Os meus amores sam de tres dias se me não socede bem, mudome a outros. Como, bebo, & rio, durmo meu sono em cheo; conuerso com meus amigos, jogo, tanjo, passeo, com isto me desenfado. Entregar a liberdade, he rija cousa. Que vedes aqui Lionardo meu amigo, que sendo filho de Roberto, homem muyto rico, & muyto honrado cidadam desta cidade, & dos principaes, nam tendo mais que este, & hũa filha, ordenando de o casar com minha irmãa, & a mi com a sua: hũa rapariga chamada Camilia, a quem se foy affeiçoar, pobre, orfãa, filha de hũa viuua que nam tem mais que quanto ganham pela agulha, o tem da maneira, q̃ vedes que nem lhe lembra quem he, o muito que perde, o perigo em que poem seu pay, que he velho cançado, a vergonha do mundo, o desgosto de seus parentes

tudo

tudo esquece, tudo despreza, nam ha ja conselho, nem remedio que com elle possa. Eu querolhe bem, como irmãos, porque desde mininos nos criamos ambos, am bos aprendemos, & ambos sempre conuersamos, hey dò delle, reprehendoo, conselhoo, parece que entam o atiço mais, o melhor remedio he deixalo â natureza. Como sentio oje em casa que se falaua no casamento, veyose logo a mi, todo desfigurado, frio, & morto, q̃ polo amor de Deos o aconselhasse em tamanha afron ta, trabalhei com boas razões de o trazer a razam, està tam fora della, que a nam conhece, hey medo que se acabe de perder de todo. Moça fermosa, elle afeiçoado, & fauorecido, à conuersaçam estreita, o conhecimento antigo, seguro està o negocio, a primeira vista, & o cõtrato acabado, & pera mais ajuda anda em mãos de Bristo, hum alcouiteiro, que reuolue toda esta terra, dayo por feito de todo. Coitado do velho desque ho souber. Tenho eu pera mi que não he pera reprehender muito hum mancebo ser jugador, reuoltoso, dado a molheres, porque sam peccados de mocidade, perq̃ os mais passam. Casarse sem licença de seu pay me parece rija cousa. E eu tudo a meus filhos sofreria se nam isto, porque ali principalmente parece, que se nega aquella obrigaçam da obediencia natural. Lionardo he fora de todos estes vicios, & de muitos outros, que se agora costumão, tem boas manhas, boa condiçam, discreto, sezudo, conuersauel, amigo de seus amigos, se

nam

nam quanto algum tanto he determinado, mas isto não he tacha que lhe o tempo,& a idade nam mudem, se lhe asſi mudaſſem a tençam que tão firme tem em ſeu dano. Eſtes amores o tem feito doudo,triſte,ſolitario,deſconuerſauel,fora de toda a concluſam. Trabalhei por vezes de lhe ver bem a dama, nunca pude, agora vou eſpreitar ſeus paſſos. Mas he eſte Roberto ſeu pay.

ACTO I. SCENA III.

Roberto Velho. Alexaudre. Callidonio Velho.

VOume em buſca de Calidonio pedirlhe a repoſta do que praticamos, queira Deos fazernos nella tam conformes,como ſempre ate qui fomos.Oh Alexandre acharey teu pay em caſa? *Alex.* Ha ja pedaço que ſay della mas creo que deuagar ficaua. *Rob.* So ou acompanhado. *Alex.* Soo o deixei eu. *Rob.* Ora Deos và contigo que là me vou. *Alex.* Quem podeſſe dizer o que ſabe, mas o velho he teſto,mataria o filho logo, & depois a ſy. Em quanto o mal nam he mais, Deos o pode curar.Entre tāto bom he eſperar bem.Minha māy me contara o que paſſarem ambos. *Rob.* Folgo de ver aquelle moço a quem hey de dar o meu, & quanto ho mais vejo,melhor me parece.Bom filho, ſeſudo manſo, amigo de ſeu pay,da honra,& da virtude, oh quam bem

bem parecem os bons filhos, & quam mal os que ho nam sam, que vejo por aqui andar huns perdidos, vadios, esfolacaras, que deshonram a sy, & aos pays. Porque nam hauera entre os Christãos o que hauia antiguamente entre os Gentios? Dous homens, que elles chamauam Censores, graues, antigos, prudentes, que tinham cargo de enmendar os maos costumes, castigar os mancebos viciosos, reprehendelos, & ensinalos. Oh que costume aquelle tanto pera seguir: mas danouse o mundo de maneira que o nam pode ja recceber, todolos bons costumes se perdem, toda a virtude se desacostuma. Os vicios, & as maldades viuem, & crecem. Sinal he isto, que vem nossa fim perto. Quem houue dizer daquelles Lacedemonios a diligencia que tinham, em criar seus filhos em virtude, que dirà de nossa negligencia? Entre as boas doutrinas que lhe dauam, principalmente era, que acatassem muyto aos velhos, que os honrassem, & lhes dessem lugar onde quer que estiuessem. Doutrina por certo Santa, & boa. Agora os nossos mancebos vsam tão mal della, que nenhuma cousa desestimão tanto. Estes taes nunqua os vòs vereis chegar a esta idade. Os pays que taes filhos tem, & os não afogão, merecião padecer ha pena de seus erros. E assi se fazia antigamente, porque em vez de criarem homens para a Republica, criam bestas feras pera sua destruiçam. Calidonio sae de casa querome ir a elle. *Calidon.* Se aqui vier ter Roberto?

Req.

Rob. Aqui o tens. *Cal.* Oh Roberto, Deos venha contigo, agora hia a tua casa. *Rob.* E eu venho em tua busca. *Cal.* Queres que subamos. *Rob.* Mas passeemos hũ pouco se mandares. *Cal.* Bom he pera a saude. *Rob.* Eu Calidonio tornei a cuidar no que tenho tocado, & quanto mais cuydo, melhor me parece, *Cal.* Tambem eu cuidei assaz nisso, & ainda esta noite o pratiquei com minha molher na cama. *Rob.* Como? E estes segredos confias tu se não de ty mesmo. *Cal.* Estranhas dar parte delles a minha molher? *Rob.* Antes me espanto muyto, porque às molheres não se ha de descobrir mais, q̃ o que tem necessidade de seu consentimento. *Cal.* E nam queres auendo eu de casar meus filhos, que tambem são seus que o saiba ella? *Rob.* Não, antes da cousa feita, pois não esta em sua mão fazelo, nem desfazelo, queres apostar que o sabem ja teus filhos? *Cal.* Isso não ousaria ella que eu tambem som agastado. *Rob.* Eu grã de bem quero a minha molher, mas cousas semelhantes nunca lhàs descubro, senão em seu tempo, & sey q̃ me pode conselhar. *Cal.* Se eu errey perdoame. Quantas sam as tenções dos homẽs. *Rob.* Assi que digo por muitas razões acho que vem isto igual a ambas as partes, como cousa ordenada por Deos, primeiramente o conhecimento antigo, & boa amizade que sempre entra nos ouue. *Cal.* Que eu tenho bem exprimentada. *Rob.* Depois disso a conuersação destes moços de tamãninos, o amor que se tem ambos como Irmãos, que folgo

go muytas vezes de os ver tão amigos, & tam bons companheiros. *Cal.* Se se lhes a elles apegassem as outras nossas condições como tomaram essa. *Rob.* Quanteu nam vejo em algũ delles manhas deshonestas doutros mancebos, porque ja teu filho sempre de moço teue cousas de homem, hum siso, & hum repouso de que muitos velhos podem ter enueja. *Cal.* Eu não te quero gabar o teu que tu sabes bem o que tens nelle. *Rob.* Basta que nesta parte não temos de que nos queixar. Ora a honestidade, & recolhimento de nossas filhas, todo o mundo o sabe. *Cal.* Que he a principal parte no bom dote. *Rob.* Antes este soo ordenou, & recebeo aquelle grãde legislador na sua Republica. *Cal.* Vemos nos logo muitos, que andam buscando dobrões, & não tem conta com mais. *Rob.* Esses taes casaõ cõ o dinheiro, & dahi a dous dias ficam sem elle, & sem honra, quem busca virtude, Deos o ajuda. *Cal.* Bofè Roberto, essa val ja tam pouco, que ainda que se ache, não hà quem a queira. *Rob.* Porque nam serue senam das portas a dentro, se a mostras fora, rinte de ty. *Cal.* Mais seguro està quem acha tudo junto. *Rob.* A isso te hia, porque louuado Deos tu bem sabes o que eu tenho & o que espero de herdar por parte de minha molher daquella velha sua tia. *Calid.* Nunqua te tenhas a essas esperanças que sam muito duuidosas. *Rob.* Esta hey eu por certa, & por segura, porque ella fez seu testamento & entregoumo na minha mam. *Cal.* Asi pode fazer

outro

outro,&reuogar esse,& mais nom faltara à hũ malsim
que te sa ya de trâues,que ou a sabornaste ou lho fizes-
te fazer por força,ou estando fora de seu juizo, & mil
achaques outros costumados. *Rob.* E parecete a ty, q̃
nom saberia eu fazer com siso cousa,que me tanto re-
leua? *Cal.* Eu nom digo que tu o non farias, mas o que
te podem fazer,que eu fique taõ escaldado do meu fo
ro,que depois de gastar na demanda mais doque valia
vendio logo,sò pelo aborrecimento,que me deyxou.
Rob. He verdade que se fazem muitas bulras, mas tam
bem asi me podem vir demandar quanta fazenda te-
nho. *Cal.* E tu duuidas disso? *Rob.* Pois digote eu que
antes largaua tudo,que andar por audiencias. *Cal.* So-
hia ser,que se auia por injuria andar homem em demã
da. *Rob.* Agora tè os Reys, & os senhores andam meti-
dos nellas. *Cal.* Por isso os letrados sam tantos *Rob.* Vi-
uem,& Reynam. *Cal.* As nossas custas. *Rob.* Pode ser,se
Cataõ fora neste nosso tempo que tambem os não re-
cebera,como aos Phisicos. Mas se os homens quisessẽ
viuer conformes à razam,& à natureza, asi se escusa-
rião as leis dos Gregos,& dos Romãos como as purgas
& inuençóes perigosas da medicina. *Rob.* Ia que nossa
malicia non quer isso,bem me està,auer leis, & auer le
trados se se todos sometessem as leis. *Cal.* Por isso se cõ
param ellas a teas daranha. *Rob.* E o que me mais espan
ta que mais leis tem estes feito de suas opiniões dez ve
zes das que acharam feitas. *Cal.* E ainda essas mudãças
de tantas maneiras que as nom conheceria agora quẽ

fez. *Rob.* Quantas mais leis, mais bulras, mais roubos
ais malicias. *Cal.* Asſi diz o Rifam Italiano. *Rob.* Mas
rnando a pratica, creo que quanto ao dote, nom eſta
os differentes. Ora nos eſtados tu bem me conheces
bẽ conheceſte meu pay, & meus paſſados. *Cal.* Etu os
eus. *Rob.* Que ſempre ſe ajudarão huns dos outros.
al. Dahi nos ficou a nos noſſa amizade. *Rob.* Pois bem
itendes quanto faz a igualdade no caſamento. *Ca.* Di
ı foi a hum grande ſabio. Caſa com igual. *Rob.* Alem
iſſo noſſas filhas não ſam tam fermoſas que façaõ ciu
ıes, nem tão feas que nam contentem. Antes tẽ aquel
parecer meão, a que hum Romam chamou muy bẽ
ɛrmoſura decaſada. *Cal.* Bem vejo que em iſſo tudo
ſtamos conformes. *Rob.* Em que achas tu logo a diffe
ɛnça. *Cal.* Nas idades. *Rob.* Como? *Cal.* Que eſtes mo-
os ſam ainda muito moços. *Rob.* Pera eſte Mayo que
em, faz o meu 22. annos. *Cal.* Etu nam ſabes que man
auam os Antigos, que o homem foſſe de 35. & a mo
ıer de 18. pera que os filhos naſceſſem mais robuſtos
ɛ com menos debilitaçam dos pays. *Rob.* Iſſo era no
ɛmpo que os homens viuiam cem annos, quem agora
hega aos 60. ja nam preſta. *Cal.* Todauia ſogeitar aſsi
uns moços tam cedo a tamanha carga, não me parece
ıem feito, porque ainda tambem o tempo não acabou
e deſcubrir nelles o que pode eſtar encuberto. *Rob.*
)izẽ là, q̃ de pequinino veràs, elles ſẽpre atequi for tã
ıõs, daqui por diãte o ſiſo, & a idade os farà melhores.
Calidonio. O matrimonio requere idade perfeita, pru-

dencia,& concelho pera ſaber tratar a molher, grangear a fazenda enſinar os filhos,& mandar a caſa. *Rob.* Nam me parecia a mi grande inconueniente eſſe,mas ſe aſsi queres nã ſe perde dada,fazermos entre tãto noſſos cõcertos.*Ca.*Eſſe era o meu cõcelho,& aſsi o determinei com minha molher.Por tanto ajuntemonos quãdo tu quiſeres,& concertaremos tudo. *Rob.*Falas a minhas à minha vontade, & eu eſpero em Deos amigo meu Calidonio,que eſtes moços nos hão de fazer mui contentes.*Cal.*Aſsi queira Deos. *Rob* Ora eu me vou, Deos fique contigo. *Cal.* Não te vàs,jantaras do que ouuer , & da boa vontade que he a melhor iguaria. *Rob.* Eu to agradeço. Eſte contentamento me farta, & me mantem?*Cal.*Vay as boas horas.

ACTO. I. SCENA. IIII.

Calidonio ſoo.

O Quànto deuem os filhos aos pays, nem ſem cauſa lhes dauam os Antigos poder de os matarem, pois os pays ſe matam por lhes dar a vida, por os por em honra com tantas fadigas,com tantos trabalhos,& ſuores.Mas qual he o filho que conheça iſto,& que trabalhe de dar hum contentamento ao pay em pago de tantos deſgoſtos,paſſa por amor delle?Porque deixando o trabalho da criação,ſeus choros, ſuas mininices,

que às vezes enfadam,& canção,as trauessuras da mo-
cidade,os sobresaltos que com elles tendes cada hora,
com que se podem pagar?ora desque sam homens, as
brigas,as doudices,os jogos,as molheres. Verdadeira-
mente muyto deue a Deos,a quem elles deu filhos mã
ços, & obedientes, porque estes sam os que descanção
os trabalhos da vida,& os que consolão a tristeza da
morte.Contente morre hum homem quando cuyda,
que deixa quà no mundo hum bom filho em conserua
çam de sua memoria,que lhe reze pella alma,que visi-
te sua sepultura,com que aquelles ossos,& aquella ter-
ra parece que se consolam.Eu entre as muytas merces
que Deos fez,esta hei por principal.Deume hum filho
& huma filha conformes a meus dezejos. A moça he
boa filha,honesta,sesuda,deuota,& que toma toda boa
doutrina minha,& de sua mãy.O moço manço, & re-
pousado,como diz Roberto,fora das condições,& tra
tos dos outros mancebos, em quem sempre conheci
hũa vergonha,hũa mansidão,hũa obediencia,q̃ maleja
seu acatamento, seus olhos no chão, de tamanino, que
non tinha idade,nem saber pera entender aquillo. Tu
do vay na boa inclinação. Por isso receo muito de os
empregar mal que estes casamentos são muito perigo
sos,& acertar hum bõ acerto,he cousa q̃ poucas vezes a
contece.Des que me Roberto falou nisto,nom como,
nom durmo, nem socego. Mas deitadas bem todalas
cõtas,acho q̃ se lembrou Deos de minhas orações.Este

he bom homem, afazendado dos principais daterra, os filhos tambem saem a elle. Determinado tenho de nos concertaremos, senam quanto me parece grande incõ ueniente, esperar pola herança da outra que està mais sam, & mais rija, & mais moça que ellas. Perigosa cousa he por a esperança na morte alhea, por isso quis dilatar o casamento, porque o tempo em diante me ensine o que hey de fazer. Bom he ter homem na tormenta huma taboa a que se pegar, & mais agora que o mar anda tam reuolto. Là vem meu filho quero mandar por a mesa.

ACTO. I. SCENA. V.

Alexandre soo.

DIgouos q̃ naõ culpo Lionardo em seus estremos antes me espanto de o ver com tanto siso. Ves Camilia q̃ me pareceo a mais fermosa cousa q̃ meus olhos viraõ, he vento o q̃ se diz ja agora naõ culparei quem fizer qualquer desmancho por ella. Naõ parece se naõ que a fermosura, assi como representa mais aquella semelhaça de Deos, assi tem hũa força natural com q̃ affeiçoa os olhos, & as vontades. E por isso lhe chamou o Grego, reino sem vassalos, todauia o mais seguro he guardarse homem destes encontros. Porq̃ ja eu começo sentir em mi hũas differenças, q̃ não entendo. Deos me guarde do laço de Lionardo. Voume jantar, nam espere meu pai por mi.

ACTO. II. SCENA. I.

Pinerfo moço. *Bristo Alcouiteiro.*

Pin. OLha que te nã esqueça. *Bris.* Mano queresme tu mais que isso. *Pin.* Bem sabes q̃ não empregas mal teu trabalho. *Bris.* Antes te eu ora digo, que são as merces muitas. *Pin.* Pelo tempo em diante as acharas maiores. *Bris.* Pera quem deixa de fazer, o q̃ lhe releua, e de ganhar sua vida, onde pode ter mais proueito. *Pin.* E tu tens outro officio, ou beneficio? *Bris.* Bom está o rato que nam tem mais que hum buraco. Este he o de que eu faço menos conta. *Pin.* Quaes sam os outros por vida de Bristo? *Bris.* Asi queres que te descubra meus segredos, & mais na praça? *Pin.* Por tão palreiro me tens que to và logo apregoar. *Bris.* Vai en ganar o Diabo. Bem disse o outro, não te fies de rapazes. *Pin.* Pera ser tam liure, folgara de ser como tu es. *Bris.* Pois de q̃ te vem a ti quereres saber o q̃ te naõ releua? *Pin.* Mas de que te vem a ti encubrireste asi tãto. *Bris.* Que dizes? *Pin.* Que ategora não tẽs q̃ te queixar de Annibal. *Bris.* Sy bofè, a todo o mundo eu faço enueja com as suas dadiuas. Não vedes como estou rico, & honrado. *Pin.* Boas duas cousas querias. Andas logo gordo, & farto. *Bris.* Tenhome eu com outros que me vestião, & calçauão como hũa dama. E alem disso os banquetes, & os jantares que me enfastiauaõ, pois não tinha eu então tanto trabalho, nem elles tanta renda.

Pin. Hum dia destes lhe hão de vir hũas poucas de dobras. Ali tens então bom salto. *Bris.* Quantos annos hà que tu,& elle me ameaçais com isso? *Pin.* O que tarda não se perde, *Bris.* Tanto que pode tardar q̃ fique pera meus herdeiros. *Pin.* Forte diabo he este que nunca se farta. *Bris.* Esse teu senhor cuida que eu som Camalião, que me hey de manter com vento? *Pin.* Queres trocar esses teus ventos polo meu pão? *Bris.* Não vou nunca a casa de nenhum homem honrado, que por hũa cantiga sô que lhe cante ao meu adufe, não venha com hum no papo, outro no saco. *Pin.* Pera que he ser mais Rey. *Bri.* Pois que cuidas? parecerte hà ora q̃ zõbo? *Pin.* E como te creo, que vòs outros sois os q̃ estoruais as obras pias. Mas pera tã boa rẽda, não trazes grande aparato? *Bris.* Huy como es moço? sou eu por ventura, como estes paruos ventosos, que querem cubrir o ceo com hũa joeira? Nom me deu minha mãy esse conselho? *Pin.* Pois qual? Por vida tua que me ensines. *Bris.* Enthesourar, e guardar,& depois quebrar o mealheiro. *Pin.* Então? *Bris.* Prouuera a Deos, que o tiuera eu ja cheo, tu me viras mudado em dous dias. *Pin.* Que auias de fazer? *Bri.* Essas contas guardo eu pera mi sòo, es tu por ventura meu padre espiritual? *Pin.* Não has vergonha de ganhares tua vida tam torpemente? *Bris.* Mor torpeza, e mor vergonha he furtar, queres que te diga, eu nõ o roubo a Deos, nem ao pobre. *Pin.* Deos o sabe. *Bris.* Outros auerâ, que o ganhem, peor, q̃ eu. *Pin.* Cõ esses te cõsola.

Bris.

*Bris.*Nom o furto à dizima,nem à sisa, Deos he o que mo da,& meu trabalho. *Pin.*Mas o diabo. *Bris.* Nom hajas medo que me venha nunca ocorregedor acasa,q̃ se queixe o pobre, que o esfolei,que lhe roubei sua justiça que dei sua fazenda a outrem, a poder de peytas. *Pin.*Essas contas enganam muytos que querem descul par seus erros com os alheos.*Bris.*Non tè entendo.*Pin.* Digo q̃ com tudo isso, eu nom te queria jazer na pelé. *Bris.* Bem,& quantas vezes me viste tu neste mundo prender,ou açoutar?*Pin.*Poucas a falar verdade. *Bris.* Huy pelo enxoual,que assi me honra,prometo de o dizer a teũ amo.*Pin.*Và hũa por outra,& fiquemos amigos.*Bris.*Encomendotè eu aos imigos. *Pin.*Ora. *Bri.* Tirtelà,que não hei oje là dir.*Pin.*Nom faras. *Bris.*Se não se for por teu mal.*Pin.*E quando vas tu lâ por nosso bem. Todauia ficas nisto? nom me quer fallar. Sabes mais que todo mundo. Vedes aqui como se gastaõ muytas vezes os bens da Igreja,as comendas da caualleria com Alcouuiteiros,com chocarreiros,com cães, com dados.Digouos que quero antes seruir, & morrer de fome,que tomar tamanhas obrigações as costas porque por derradeiro tam farto hey de ir a coua,como elles,& no outro mundo tenho a pousada mais certa.

ACTO II. SCENA. II.

Bristo so.

DIzem la que melhor he hũa arte, que hum Reyno porque o Reyno podeto tirar a fortuna, a arte sẽpre anda contigo qualquer terra a cria, & a sustenta. Coitado de mi senã tomara este officio, maos cães me comerão, elle me veste, & me mantem, onde quer que for, segura tenho a pousada. O mundo anda agora tal, que se não pode viuer doutra maneira. Tenho prouado quantos officios deu Deos, com nenhum me achey tambem, como cõ esto. Ando de terra em terra, como cigano fazẽdo meus pousos, onde me não conhecẽ, em dous dias saõ conhecido de todos. A primeira cousa q̃ faço como chego, he saber otrato todo da terrã, quãtas putarias tẽ, quantos couis, quantas alcouiteiras, quaes saõ as moças fermosas, os mancebos doudos, qual joga qual gasta, qual he de molheres, metome cõ elles, & cõ ellas, digolhe trinta chocarrices, q̃ me vẽ a boca, todos me conhecẽ logo, todos se me afeiçoaõ. Não hà nenhũ que não folgue mais de me conuidar com o jantar, q̃ dar hũa esmola a hum pobre. Ao primeiro dia sei toda a cidade, não fica rua, trauessa beco, nem recanto, & ponho minhas balisas. porque nam erre. A primeira visitação he a casa das lauandeiras, metome com aquellas moças, como moça, gaboas de fermosas, daluas. De bons olhos, ensinolhes mesinhas pera os cabellos, agoas pera o carão, mostrolhes meus lauores meus lenços, minhas cadenetas, de hũa visitaçã sò fico por cõpanheira, as velhas chamo moças, as moças mininas, as fermosas Anjos, todas trabalho de contentar porq̃ se dem comi

go, os mãncebos todos são meus fermosos, meus namo rados, meus manos, minhas rosinhas. Hũ me dà o graui outro a camisa, outro o saio, & o dinheiro. Asi ganho minha vida o melhor q̃ posso em quanto o mũdo criar paruos, não ajaes do de mi. Este he o mais certo ganho & mais sem trabalho. Todauia andar cõ o olho sobre o ombro, q̃ estes meus tratos as vezes tratãme mal. Fiq̃y tão escaldado de hũ latego, que ainda me doẽ as costas por isso apalpo primeiro o vao, q̃ me meta nelle. Nom me vereis nunca por casa de homẽs velhos casados, arreigados na terra, q̃ me podẽ por no pelourinho per qualqner sospeita. Todos meus pasos são seguros, gato escaldado dagoa fria à medo, não me colhẽ a mi mais no brete, como sinto a bolsa chea dou hũvoo para a outra parte. Então som taõ matreiro, q̃ quantas terras, ando tantos nomes tomo. Aqui me chamo Bristo, acolà Ilario, porque me não sigã, q̃ eu poronde quer q̃ ando sẽpre deixo rasto. E elles chamãme fanchono, marinello, mas eu engordo as suas custas, & per derradeiro dou lhe tres figas. Nesta cidade me foi a mi melhor q̃ nunca por causa desta Camilia que aluoroça toda a terra. Mais de vinte mancebos andão apos ella, & todos pegam comigo, porque me vem la ter entrada, que eu conheço a de minina, & a mãy, & o pay que era hum homem muito honrado, Deos lhe aja parte na alma, q̃ ja me liurou do poder da justiça. Chamauasse Pindaro dezejoso casar esta filha honradamente a que

elle queria mais,que aos seus olhos, foise à essa India, que he peor,que as couas de Salamanca,por hum ficão sete:coitado,tendo seu mouel feito,& vindose cõ elle, & com outro filho q̃ leuou consigo, deu a torméta nel les,não parecerão mais,dous annos ha q̃ os té por mor tos. A coutadinha da moça q̃ he hũa santinha,fermosa como hũ Anjo,colo de garça, toda bé estreada ficou as si orfaã,& desemparada em poder de sua mãy,he pie-dade ver a pobreza com q̃ viuem todo dia, & toda a noite,laurar,& coser,q̃ me espanto como tem ja mãos & olhos,mal aja a fortuna que tanto desemparo causa. Mas Deos nunca desempara quem se a elle encoméda. Anda aqui hum caualleiro de Rhodes chamado Anni-bal,velho,velhancam,que parece destes Reys antigos das tapeçarias velhas doudarrão,gastador,mal assõbra do,barba de mouro,q̃ as quis mãter o melhor q̃ pode. A obra boa he se fora pelo amor de Deos,mas sua téçã he do diabo.Metesselhe em cabeça que a ade auer por máceba.Tragoo enganado amil dias,eu faço meu pro ueito,& guardo ahonra da moça.Dessa renda que lhes Deos dà faz elle tres quinhões,hum pera mi,outro quẽ elle cuida,que he pera ellas,que tambem me fica, o ter ceiro,& mais pequeno pera sua casa. Nunca al vistes, senão o dos pobres dalo o diabo.E com quanto repar te tambem comigo, sempre me mostro descontente, que estas saõ minhas artes,a quantos me falão nella,ou em outras,a todos faço bõ rosto todos grangeo, todos

roubo

roubo sem hum saber parte do outro,& cada hum del les,cuida que a tem nas vnhas. Hum mancebo so anda aqui chamado Lionardo com quem trato toda a verdade porque he bom filho,& conheço nelle boa tençam pera a moça,que eu queria ver muito bem casada pollas boas obras que ja recebi de seu pai,e lla tambem he perdida por elle mandoume em sua busca,e yo de chegar a concrução,se seria tão ditoso que o achasse,la vejo vir Annibal,querome esconder delle.

ACTO. II. SCENA. III.

Annibal Caualleiro de Rhodes. Pinerso.

An. QVE te disse esse fanchono? *Pin.* Não sei nam o entendo. Tem iopoſto em mui mao foro *An.* De que maneira? *Pin.* Pareceme que quer que lhe encham de cada vez a bolsa,& a barriga. *An.* Nom joguete elle comigo. *Pir.* Mas porque poẽs tu tua honra na mam deste,que nom tem ley com Deos,nem verdade com os homens. *An.* Ainda ate qui o nam colhĩ em nenhuma,a primeira pagara por todos. *Pin.* Nom hei por bom concelho fazer essa experiencia , que o velhaco he tam trincado que farà seu fardem sem o ninguem sentir. *An.* Nom ousarà elle isso comigo, que eu nom som homem de Palha. *Pin.* He tam mao que hey medo que nos engane.

An.

An. Nunca me ninguem enganou em mancebo, menos me enganara em velho. *Pin*. Hei por mui roim sinal andarse sempre escondendo. *An*. Estes sam diabos queremte dar a entender que tem outros negocios pera te encarecerem mais o teu. Mas onde o deixaste tu? pera onde te disse que hia? *Pin*. Nunca mo quis dizer. *An*. Que razão te deu? com que se escusou. *Pin*. Cõ nada. Tudo forão queixumes de seus trabalhos, & tua escaceza. *An*. Assi lhe vay? Ora nõ mais, eu me lhe darey a conhecer. *Pin*. Quem nom hà medo ao diabo, queres q̃ o aja de ty. *An*. E eu nom som peor q̃ todolos diabos, agora me conheces tu? *Pin*. Digo senhor que he muyta verdade, cuidei, que era arrebatado. *Ann*. Nom sabes que nunca me ninguem anojou hum tamanino, que o menor castigo não fosse perder a vida? *Pin*. Pois, porq̃ sofres a este tanto? An. Porque o homẽ prudẽte primeiro ha de andar as boas que às mâs, que este he hum dos bons preceitos da caualleria. *Pin*. Esse guarda tu com os caualleiros, & não com os fanchonos. *An*. Em toda a parte parece bem o siso, & a prudencia, mas nom se engane elle comigo, guardese de minha ira, que a ninguem perdoa, & com ningnem sabe vsar de cõprimẽtos. *Pin*. O Deos q̃ sofres este, & suas doudices? *An*. Por outro tal fiz eu ja cruezas q̃ soarão vaite per hi em sua busca, dizelhe que o fico aqui esperando, entam venha me elle com escusas, *Pin*. Hi la em busca do vento, onde hey de achar hum bargante, que nom tem hum

couil

couil certo, & se te furta diante dos olhos? *Ann.* He pouco conhecido nesta terra. *Pin.* Se o nom achar logo deyxalohey? *Ann.* Faze toda a diligencia com que me va hoje a casa. *Pin.* Prometo se o acho de fazer com que la nam torne. *Ann.* Nom sey como viuo, & como nam arrebento. Paciencia. Mas quem poderà com tanto? Nom tenho vida de homem com esta moça. Percome por ella a olhos vistos, & hei medo que me achem hum dia morto, & matarmeham amores, nom me podendo nunqua matar espadas, nem bombardas. He por de mais aquelle rapaz, vay de maamente, nem o hà de buscar, nem o haa de achar, entam viuey là. Hà de estar minha vida pendendo das mãos de Bristo? quamanhas mudanças faz ho tempo, & idade. Quam fora eu quando estaua em Rhodes de sofrer o que agora sofro. Moytas vezes me espanto de me ver asi tam mudado, que eu mesmo me desconheço. Por qualquer cousa mataua, queymaua, destruya, fazia cousas de todolos diabos. Nom auia cem homens, que na força de minha colera, me tiuessem rosto meya hora. Todos assombraua, todos tremiam, honde quer que meu nome soaua, fazia espanto, & asi era chamado o segundo Annibal. E sendo sempre dado a estes appetites da carne, nunqua nenhum me custou tanto como este. Nunqua me vi tam perdido, & tam namorado da vontade, a mor

parte

parte de meu ſiſo perdi com eſta moça,doulhe quanto tenho,& ainda que ate qui aproueitou pouco , folgo de ſe ella lograr do meu. Ia pode ſer ſenão tiuera eſte impedimento da ordem,que me caſara com ella,& fizera hũa boa obra por ſaluação de minha alma. Mas pois não pode ſer,tambem Deos ſe contentarà deſtoutra. Caſalahei honradamente,pois tenho bem porõde, ſe ella não quiſer ſer paruoa,& ſe entregar em minhas mãos,quando não,toda a perda ſerà ſua.

ACTO. II. SCENA. IIII.

Montaluam ſoldado. Annibal.

IA nunca pude ter hum bom acerto com eſte parecẽ couſa feita a cinte. *An.* Qua vem Montaluão meu ſoldado. *Mon.*Cuidei que lhe eſcapaſſe homem,& furtaſſe eſta tarde pera meus negocios. *An.*Eſte he todolos diabos,folgo cõ elle porque o vejo de bõs eſpritos. *Mon.*Hade eſtar menencoreo,com feros o amanſarey *An.*Ainda me nam vio. *Mon.*Ha dias q̃ ando dezejoſo de achar com quem peleje, he grãde enfadamento ſer hum homem tão pacifico. *An.* Nom he menos daquillo,tomaiuos là cõ elle. *Mõ.*Por iſſo folgaua ẽ Rhodes, cada dia auia mortes,& deſafios.Eſta gẽte he toda morta. *An.*Aquillo ſão eſpiritos meus.Olhai q̃ faz a conuerſação. *Mon.*Des quanto ha q̃ aqui ando,nã vi hũ arroido.Antes de hum par de dias eu me moſtrarei a eſtes.

An.

An. Querdo chamar. Montaluão. *Mon.* Quem me chama. Oh senhor nom te vi sair de casa. *An.* De que te vinhas queixando agora? *Mon.* Dirtohei. Vinha estranhando comigo quão poucas reuoltas vejo nesta terra. *An.* E pezate disso? *Mon.* Bem sabes que me criei com sangue de homens, onde não ouço armas, & golpes, cobresceme o coração. *An.* Bom vinhas tu agora pera qualquer cousa. *Mon.* Querésme dar licença que espanque hum par destes escudeiros por meu desenfadamento. *An.* Essa licença pide tu à justiça. *Mon.* De ti sò hei medo. A justiça pouco me pode empecer. *An.* E donde te veyo agora isso à cabeça. *Mon.* Mas donde te vem perguntaresme tu isso. Parece que me não conheces. Não te lembra, quantas vezes me liuraste em Rhodes do baraço, & do cutello. *An.* Ahi podia eu muito, aqui nom posso nada. *Mon.* Porque tu queres, é tua mão està, leuantareste com aterra. *An.* Quando isso fosse nom me faria tredor por tam pouca cousa. *Mon.* Do pouco se vem ao muito. Começa tu hũa vez, q̃ nos despouoaremos o Reyno. *An.* Ora eu vou caindo no que dizes nom se enxergaõ aqui homens. *Mon.* Pera proua disso heide andar com quantos achar as bofetadas. *An.* Parecem azados per a se calarem com ellas, & demandarte a injuria. *Mon.* Entam te digo eu que se elles saluauão. Não me escapariāo na India. *An.* Porque. *Mon.* Porque nam posso sofrer homem couarde. Tu me poseste neste costume. *An.* Todos querias que fossem como

mo eu. Então pera q̃ prestaua. *Mon.* Pera o q̃ elles pres tariaõ se fossem como ti. *An.* Que dizes. *Mon.* Quevejo passar certos mancebos por aquella rua, desejo de me desenfadar com elles. *An.* Naõ cures de escandalizar a gente, isso fique pera a guerra. *Mon.* Matame logo, & morrerei honrado. *An.* Porque. *Mon.* Porque hey medo, que me mate a paz. *Ant.* Hi, ha, he, *Mon.* Deilhe, no goto. Bem sabes que a natureza do homem he viuer cõ aquillo so com que se criou. *An.* Es diabolico. Mas q̃ honra podes ganhar com esta gente tão misera. *Mon.* Eu não o hei pola hóra. Bem me basta o que tenho em ser teu, & te seruir, mas por fartar a vontade. *An.* Oh Rhodes, Rhodes, *Mon.* Ah, ah, ja me hà enueja, elle começara com as suas. *An.* Lembrate aquelle dia. *Mon.* O do diluuio do sangue? *An.* Ia nunca perdera esse nome *Mon.* Queres que se esqueção cousas tuas? *An.* Ná me parece q̃ podia fazer mais hum homem contra tantos. *Mon.* Eu q̃ o vi o ná creo. *An.* Tomarême desarmado, e elles carregados de ferro *Mon.* E creo ainda q̃ te faltaua a espada. *An.* Sy. Mas eu de hũa punhada lancei hum no chão, & leueilhe a sua. *Mon.* Então te deu o outro o golpe no hôbro. *An.* Essa sò ferida creo que leuei dahi *Mon.* E fui tal q̃ ta curei eu com hũa estopada. Choro cada vez que me lẽbra. *An.* Ora o outro Valenciano, q̃ jugaua de todalas armas se lhe valerão comigo. *Mon.* Não parecia senão que andauas encãtado. *An.* Hũa coirinha dãta so trazia. *Mon.* Nunca deste ferida, q̃ curasse fisico, & de quantas apanhaste (se te lẽbra) sépre ficaste

viuo. *An.* Que dirás a isso? *Mon.* Que tuas carnes nõ cõ sentẽ ferro. Que perda foi, não te achares naq̃lle cerco. *An.* Tinha Deos ordenado de se perder. *Mon.* O primeiro sinal foi faltares tu entaõ. *An.* Ia pode ser, q̃ ou se nã perdera, ou se sustentara mais tempo; porq̃ hum homẽ destro nos ardis da guerra, bem sabeis que val mais q̃ todo o exercito. *Mon.* Nunca me esquecerá aquelle dito teu, q̃ mais era pera temer hum exercito de ouelhas quando tinhão por capitão hum Leão, q̃ de Leões se os capitaneaua ouelha. *An.* Mas bẽ se podia dizer de mi, q̃ liurei de hũ grande trabalho o pouo Turquisco, como o primeiro Annibal disse polo Romaõ quãdo morria. *Mon.* Ora nunca vi cousa trazida a taõ bom proposito *An.* Ia pode ser, q̃ se diria la isso. Não duuides tu muito *Mon.* Eu me espanto, como te desacostumaste tãto das armas. *An.* He hũ modo de penitẽcia, q̃ agora faço, em pago de minhas trauessuras. *Mon.* Nã sei como podes acabar isso cõtigo. *An.* Porq̃ vejo que tanto se ganha em sofrer, como em vingar. E mais grão fortaleza he vencerse hũ homẽ a si mesmo. *Mon.* E mais quẽ todos vẽcia, q̃ tu não dizes. *An.* Mas hũa minina vẽceme. *Mõ.* Essas forças saõ da carne, q̃ he o mais forte imigo q̃ temos. Não te espantes disso. *An.* Não sei que remedio tenha. *Mon.* Queres que ta traga eu oje a casa. *An.* Ia te disse que minha determinação era viuer em paz, quem ma quebrar terá guerra. *Mon.* Pois ha de hauer no mundo Annibal caualleiro de Rhodes,

ec-

conhecido,& nomeado entre Christãos, & Turcos andar assi sogeyto a miserias dos outros homens. *An*. Saõ mudanças dafortuna,que no meu tempo bem sabes tu,que quer fosse casada,quer solteira,ou dozela ou enterrada,não era necessario mais que saberse,que entendia eu nisso,pera o pai,ou o marido ma trazeré a casa acamada. *Mon*. Quando me lembra isso fico pasmado,olho para ti,& pareceme,que não es esse. *An*, Ia me aconteceo sobre teima(olha que cousas faz a mocidade)saltar com hũs dez,que se tinhã por lubis homés & tomarlhes hũa Turca,q̃ ate li se podia dizer fermosa,& rendendoos a todos sem eu receber ferida, os fiz vir por escudeiros diante della ate ma deixaré em casa. Que te parece? *Mon*. Agora queres que me espante de cousas tuas, *An*. Estas erão as minhas trauessuras. Depois cancei,abrandei,som ja tão mansarraõ,como ves, que me deixo sogeitar de hum marinello, & não o enforco,& cumpro meu appetite a pesar domũdo todo. *Mon*. Como,nom te tem elle ja negociado tudo. *Ann*. Antes me parece que quer brincar comigo. Mandeio hoje chamar,nam quis vir. Agora he là Pinerso em sua busca. *Mon*. Pode ser que descarregarei eu nesse marinello o appetite da furia com q̃ ando. *An*. Nom façαs, vejamos primeiro com que vem, *Mon*. Cumprelhe ha elle trazerta a casa,ou hum lobo viuo. *An*. Não poderà mais por ventura,que a moça he virtuosa, cuida que o que lhe eu dou, he por esmolla, & dizemme que tem

gran-

grande esperança nos acertos de Deos. *Mon.* E q̃ melhor acerto pode ter ella que este? nam val mais ser tua manceba, que molher de nenhum homem? *An.* Isso nam entende ella, nem à quem lho diga. *Mon.* Ora me deixa com Bristo, que eu lhe pregarei hum pouco. *An.* Pois asi he, fica por aqui esperando, que ou elle, ou Pinerfo nam deuem tardar muito. *Mon.* Vay embora, q̃ eu terei cuydado. *An.* Hate por bem com elle, nam o escandalizes. *Mon* Descança.

ACTO. II. SCENA. V.

Montaluam soo.

VEdes ali hum̃ homem, que nunca vi, nem̃ conheci senam desque entrei nesta terra. Tiue tam boa manha com elle, que lhe meti em cabeça, que o seruira em Rhodes hũs dias. De maneira que ainda que lhe agora jure o contrario, ja me nom crerà. Terra foy onde nunqua pus os pès. Toda minha vida foy belinguim em Roma, matey lá hum Clerigo, acolhime ha este couto. A alma nam sey que tal anda, a vida queria segurar, mor medo hey a força, que ao diabo. Quisme Deos bem que vim topar com este doudo, metilhe mil mentiras em cabeça com pouco trabalho, des que me informey de sua arte, dou com elle hum dia em sua casa, estando jugando com outros (que foy

M gran-

grãnde acerto)lançome a ſeus pes, começoo de abrã-çar,como ſe o ſempre conhecera,elle na verdade à pri meira ficou confuſo , mas des que me ouuio falar em Rhodes nos caualleiros,nos Turcos, & dizer mil faça-nhas que fizera,de que eu ſoube q̃ ſe elle gabaua muy-to,abraçoume conheceome,agaſalhoume,téme como hum Rey.Eu ſom o que mando a elle, & a caſa toda, he homem de boa renda,vam,gaſtador,de nodado,ca beça de ferro,que com quanto non hei medo ao dia-bo,aſſombrome com elle. O ſeruiço, que lhe faço he fallarlhe ha vontade,gabarlhe quanto faz, rirme quan do ri,crerlhe quanto diz,mentirlhe iſſo que poſſo, ſe chora,choro,ſe canta,baylo,ſe brada,grito,& ſoo com iſto o contento.Contolhe couſas,que elle nunqua ou-uio nem fez, deſafios, que teue, batalhas, que venceo, mil perigos de que me liurou,& tudo cuida que he ſy. Se não de quando em quando me diz que lhe nom lem bra.Entam me vejo em aperto. Mas começome a rir delle,& dizer,que hũa moça tem poder de lhe trouar o juizo,& a memoria. Quando iſto não baſta, jurolho por quantos juramentos me enſina o diabo. Aſsi q̃ por hũa via,ou por outra,tudo lhe faço crer. Ajudoume a mi muito a conuerſação que tiue huns dias com hũ ſol dado que ſe la achou, que me deu algũa informaçam da terra,& me contou couſas deſte que fazia doudamẽ te,mas ſayamlhe tambem que eſpantaua a todos. Eu com hũa verdade encubro dez mentiras, & tenho tal

arte

ārte que ponho em lembrança as mais aſsinadas couſas, que me conta. Tornolhas a contar dahi a huns dias tam naturalmente como ſe lhas eu vira fazer pelos meus olhos. Mas a graça he, que ainda algumas deſtas me diz, que lhe nam lembram. Eſte hey eu por mayor aperto, porque eſtou eſtalando com riſo, quando me nam poſſo ter, digolhe que me lembrou huma graça ſua. Que quereis mais? Aconteceome ja hilo eſpreitar hũa noite a ſua camara, & velo andar paſſeando ſo as eſcuras contandoſſe a ſy meſmo mil mentiras impoſsiueis. Como entrou, como veyo, quantos matou; que golpes deu, que de todo em todo cuidey que era doudo. E com iſto arrenegaua, deſcria, bradaua, como ſe andaua metido em todo o furor das armas, quando veyo polla manham, nam ſe lembraua de nada. Eu tambem porque lhe ſey a condiçam, façome com elle hum Hercules, onde quer que o vejo, tudo ſam feros, & cruezas, ſe homem nam vſar deſtes ardis, como quereis que viua. Bem paruo he aquelle que ſe fia agora em virtudes, nam achaes por ellas quem vos fie hum pucaro de agoa. Todo ſiſo he dizer bem domal, ſofrer diſsimular, liſongear, mentir onde he neceſſario, que às vezes he gram prudencia. Eu deſta maneyra tenho vida de Rey por muy pouco preço, outros auerà que a compram mais caro, & nam lhe rende tanto. Mas que faço eu aqui. Querome ir a negociar meus negocios. Os de Annibal durmam por agora, eſte Alcouiteiro

creo,q̃ o traz enganado téno roubado de quãto tẽ,mas isto ſam artes do diabo,faz eſtes taes ſeus deſpenſeiros por que nem com ſeus bẽs façam bem,nem os empreguem ſenam em ſeus miniſtros.E aſsi ſoſtenta ha mor parte do mundo em ſeu ſeruiço,que tambem eu lhe deuo meu quinham. Nam ſei quem vejo lá vir em quanto Briſto nam vem, quero dar hum paſſeo pela praça, ſe o perder,perco bem pouco niſſo.

ACTO. II. SCENA. VI.

Lienardo ſoo.

CAda vez, que vejo Camilia me parece, que nunqua a vy. Aſsi a eſtranham os meus olhos, aſsi o deſconhecem,cada vez vem nella couſas nouas,que os eſpantam,& me matam,quem hauerà que a nam eſtranhe de todalas outras.Quẽ negarà que ſe quis a natureza eſmerar nella mais,q̃ em todas? Ali não a cores,nam à agoas,nam à lonçainhas,tudo he ſeu,tudo natural, nenhũa couſa empreſtada. Nam ſey,como poſſo acabar comigo partirme de ſua viſta, quanto mais me detenho em a olhar,tanto mais acho nella que ver. Aquelle ſoo eſpaço que a vejo, me parece, que todo o outro tempo não viuo. Trago atraueſſados na alma aquelles olhos ſaudoſos,que me lançou em me vendo.Paruo de mi,quem me engana? Quem me tolhe tamanho contẽtamento? Se Alexandre ſentiſſe a força,& a delicadeza

do

do amor, se soubesse entẽder aquella perfeição de Camilia, aquelle siso, aquelle repouso, aquella grauidade, aquella graça, & viueza dos seus olhos, hum despejo tã honesto, hũ rir tão sesudo, hum não sei que, q̃ eu quà entendo, certo he que teria em pouco perderme por ella. Mas se eu nam mouro antes de muitos dias fartarei esta vontade. Quem me isto tiuer a mal, naõ quero que lhe pareça bem nenhũa cousa minha. Meu pay, pois tambem errou, dissimule com meu erro. Aquelle exemplo, com que se elle escusaua, q̃ com a virtude se a uia de casar, & nam com dote, com esse mesmo me escuse. Voume em busca de Bristo darlhe conta desta tenção, que não sofrem o amor, & os dezejos tamanha tardança. Mas he elle aquelle que làvem? Aquelle he, q̃ grande acerto foy este. Queroo esperar aqui.

ACTO. II. SCENA. VII.

Bristo. Pilarte moço. Lionardo.

QVE dizes? *Pil.* Que te não arrependeras de teu trabalho. *Bristo.* Eu te direy. Não hâ rocha tã ingreme, & tão aspera por onde não trepe hum asno carregado de ouro. *Pil.* Quando Alexandre o nam fizer bem contigo não o faças tu bem com elle. *Lion.* Aquelle he Pilarte moço de Calidonio. Que negocios tẽ com este? *Bristo.* O principal que eu queria, q̃ nam fossem

ſem iſſo palauras. *Pil.* Como palauras? *Briſ.* Eſta moça he muyto fermoſa, & muyto honrada, & por ſua peſſoa merece muyto. *Pil.* Tu te veràs cõ elle, & conheceras melhor ſua tenção. *Briſ.* Nam cuides tu, que ſou eu tam paruo, que me ande metendo em perigos. *Pil.* Pois he neceſſario, que o não ſaiba Lionardo. *Briſ.* De mi podes tu eſtar ſeguro que me releua. *Lion.* Os tratos deſte não podem crer. *Pil.* Ora ficate embora q̃ eu me vou com eſſas nouas. *Briſ.* Forte Camilia he eſta q̃ tantos embicam nella. Hũa moça fermoſa he hum viſco de ocioſos. Mas cayão embora, que eu os depenarei, com quẽ ſe elles tomão. Agora nouamente embicou nella Alexandre, que he velha, & carne com Lionardo. Por iſſo pintão ao amor criança, que naõ tem mais reſpeito que ao que pede. *Lion.* Que milagre he eſte, nunca o eu vi tam repouſado. *Briſ.* Segundo me Pilarte diſſe, bom ganho tenho nelle, eu o ſaberei grangear. Sabeis vòs como me eu hey com elles? como eſſes procuradores, que por menos juſtiça que tenhais, ſempre dizẽ, que vos ſobeja. Ao dar da ſentença foſtes mofino. Eu caſarei Lionardo, depois não faltarà hum achaque, & quando nam os pes me poram em ſaluo. Nam hajaes medo que me tomem à coſſo. Irey oje ter com Annibal dirlhehei hum par de mentiras, & pagarmasha, de huns, & doutros farey meu alforge. Mas primeiro me releua fallar com Lionardo, & por me ſegurar, conſelharlhehei que ſe guarde de Alexandre. *Lion.* Briſto,

Bristo. *Bris.* Que doudo he este que assi barrega? *Lion.* Bristo. *Bris.* Vejo quẽ buscaua. Ay meu Lionardo aqui estauas tu. *Lion.* Aqui estou a mil oras esperãdo por ty. *Bris.* Mais à que eu ando em tua busca. *Lion.* Quem te cresse isso. *Bris.* Por vida daq̃lle Anjinho, & da minha, & mais da tua q̃ eu mais estimo. *Lion.* Vistea oje. *Bris.* E quando a deixo eu de ver. *Lion.* Que tal estaua? *Bris.* Hũa rosinha de Mayo, não parecião os seus olhos, senã duas estrellas do Norte. *Lion.* Que praticaste com ella? *Bri.* Pera isso te buscaua. *Lion.* Aqui me tens q̃ me q̃res. *Bri.* Ouueme, e sabeloas. *Lio.* Dize o q̃quiseres. *Bri.* Eu meu Lionardo, sẽpre esperei de ti oq̃ me prometia tua bõdade, & o q̃ conheci sempre na boa tenção, cõ q̃ me meteste em teus amores. *Lio.* A q̃ preposito. *Bri.* Nã te apresses q̃ eu to direi. Esta confiãça q̃ eu de ti tenho me deu ousadia pera dar palaura a Camilia do teu cõsentimento q̃ não he bem, q̃ vossas vontades tão conformes estẽ esperando algũ desastre q̃ as desfaça. Pareceome, q̃ pois eu ja tenho feito quanto tu q̃rias, e staua em razão fazeres tu tãbem o q̃ comigo ficaste. Ia deues ter bem conhecido, quão boa filha he, quão virtuosa, quã honesta, o amor q̃ te tẽ afora aquella fermosura q̃ lhe Deos deu tã differente de todas, *Lio.* Não q̃ro q̃ digas mais. Mas ãtes q̃ te responda q̃ro saber q̃ he o q̃ de mi sẽtes. *Bri.* Que eide sentir de ti, senão q̃ sairàs ao bom sangue de teus auos, em q̃ nunca se achou mentira, nẽ falsidade & que empararas hũa orfãa engeitada da fortuna, &

não dos dotes do corpo,& da alma, que à todos os outros faz ventagem. *Lion.* E não attentas tu,que deuo eu isso a mi mesmo?aos meus olhos,& a minha alma. Ah quantas lagrimas chorei?Ah quantos passeos dei? Ah quantos trabalhos me tem custado? Como posso cometer contra mi mesmo hũa ingratidam tamanha?Dizeme por tua vida não era pera reprehender mais esta crueldade que comigo vsasse,que cometer isto sem licença de meu pay. *Bristo.* Asi como o entendes,asi ho faze,porque ainda que teu pay seja muyto rico, as riquezas nãa enriquecem,senam o contentamento. Tudo o mais he grão miseria,& pobreza. Antes quero ser pobre contente,que Rey descontente. A paixaõ durar lhe ha dous dias,por derradeiro tu es seu filho, elle teu pay,& velho,& naõ tem outro senam a ty. Não he tão fraco o amor da natureza que de todo em todo se quebre. *Lion.* Pois que farà o meu que he tam rijo. *Bristo.* Alem disso tomas molher conforme a tua vontade, q̃ asi quer Deos,& asi o manda. Por tanto se te determinas,dame palaura certa,concerta o dia pera que se ellas apercebão,que eu em pago do trabalho que nisso tiue naõ quero mais,que o contentamento , que daqui me cabe. *Lion.* Prouuera a Deos meu amigo Bristo,q̃ pudera eu fazer o q̃ dezejo,q̃ teus passos não foram mal galardoados. Mas se algũa ora lançaste mão de algũa esperança. *Brist.* Calate por tua vida com te eu ver com ella em braços muito manos,& muito amigos me con

tentaria, quanta festa te hey de fazer aquella primeira noite. *Lion.* Agora acabo de crer, que se ha Deos por seruido disto, porq̃ eu pera nenhũa outra cousa te buscaua. E porque quanto mais te detenho, mor mal me faço. Podelhes dizer, que pera Domingo à noite me tẽ là. E em sinal disto leua este Reliquario, onde andam huns poucos de seus cabellos. *Brist.* Deos me faça tam bemauenturado, como me fizeste, com estas nouas, deixame, rogote, leuar antes que moura. *Lion.* E mais lhe daras por amor de mi este abraço. *Brist.* He hum beijinho na face em sinal de posse. Mas querote dizer o q̃ me esquecia ja com o aluoroço, pelo que te releua, cõselhote Lionardo que não fies isto, senam de ti sô. Antes dà a entender que es ja de todo mudado, que eu tenho visto muitos enganos nestes negocios de quem te menos temes, esse te engana, de quẽ mais cõfias te trinca a sedella. Nã digo isto, porq̃ saiba algũa cousa, mas pelo q̃ a experiẽcia me tẽ ensinado. Estamos em tẽpo em q̃ se nam ha de crer mais que em sô Deos, bem me entendes. *Lion.* Muyto bem. Eu te agradeço o cõcelho asi o farei, fico tão aluoraçado de prazer, que me parece que não hei de chegar a tamanho contentamento. Qual ha de ser aquelle dia, que te hey eu de ter minha Camilia nos meus braços. Oh Senhor Deos deixayme chegar a isto, & depois matame. Que doudo he este, q̃ quà vem. Ia o conheço, bem tem a quem sair.

ACTO

ACTO. II. SCENA. VIII.

Montaluão. *Bristo.*

AGora vi hum arroido na praça,foi grande acerto acharme nelle,q̃ salueí as vidas a mais de 25. homẽs,ainda q̃ eu zombo com Annibal,sou pera mais do que ninguem cuida.Não à homem que menos estime a vida,fiz marauilhas , & finezas de q̃ a gente fica pasmada.*Bris*.Iesu me guarde das oras mingoadas, & dos desastres do Diabo. *Mon*. He este Bristo?A bom tẽpo vem?*Bris*.Como os desastres estam aparelhados atodalas oras,por isso dizem , que andam os espritos maos derramados pelos ares.*Mon*.De que se benze o diabo. *Bris*.Indo por casa de Cornelia pedirlhe as aluiçaras vi atrauessar aquelle soldado de Anibal tão enfiado, que me fez medo,assombrame como o diabo cada vez q̃ o vejo. *Mon*.Eu farei q̃ o digas com verdade. *Bris*.Dou volta,atras, vinha hum doudo correndo num cauallo a redea solta,encontrou comigo,lançame no chã,mais de hũa ora grande estiue sem folego. *Mon*.Que perderas hum,ainda te ficauão seis. *Bris*.Se me não acudirão logo,pareceome q̃ morrera.Valeome hũa oração,que sempre trago comigo que me minha mãy deixou de muita virtude.*Mon*.Dessa que ella tinha. *Bris*.Quãtos estoruos se armão contra hũa virtude,antesq̃ la chegue hei de ver minha morte.*Mon*.querome chegar antes q̃ se me acolha.*Bris*.Hui por mi,& pola minha vida, vedesme outra vez na boca do lobo.*Mon*.Faz q̃ me não

ve

ve,ẽyo despãtar,porq̃ me tema. *Bris.*Mor medo hey deste q̃ de hum algoz.*Mon.*Segundo eu agora ando da nado,pouca cousa bastaua pera destruir omundo *Bris.* Hai minha mãy q̃ asi me assombraste.*Mon.*Só eu dia bo,ou como? *Bris.*Tomasteme tão de supito,que hum Anjo me fizera medo.*Mon.*Que presteza.Ora bem co nheces tu Annibal caualleiro de Rhodes *Bris.*Porque me perguntas isso. *Mon.*Conheces Montaluão seu sol dado.*Bris.*Não te entendo.*Mon.*Respondeme tu ao q̃ te eu digo.*Bris.*Hai mãi amiga,& tu não sabes,se te co nheço eu.*Mon.*Pois porq̃ zombas delle, & me não te- mes.*Bris.*Eu não zombo delle,nem tenho q̃ temer de ty.Fizte per ventura algum mal? *Mon.*Bem certo he q̃ não,pois estàs viuo. *Bris.* De q̃ te queixas logo? *Mon.* Que quer dizer mandar oje em tua busca, & não teres de ver com isso.*Bris.*Eu nunca costumo ir senão com noua certa.E mais esse vosso rapaz he hũ grande mẽti roso.*Mõ.*Roim escusa he essa. Pareceme q̃ auemos de ẽtrar por outra via.Tu tèqui foste bẽauẽturado,guarte de me caires nas vnhas.*Bri.*Eu q̃ te fiz? q̃ me às de fazer. *Mõ.*Nunca prometo nada,ao dar só mais largo, q̃ Ale xãdre.*Bri.*Essas larguezas guarda tu pera quẽ quiseres *Mon.*Per qualq̃r cousa arrãco logo as vnhas,& esfolo a cara.*Bri.*Iesu de Nazarè Isso fazẽ os ladróis salteadores *Mon.* Quando me mostro piedoso, sãgro todalas veas do corpo.*Bri.*Encomendome a Deos,& aos seus Sãtos *Mõ.*Ia me teme,pera este bastão palauras,mas eu ja cõ ellas [illegible]pãtei outros. *Bris.*

Bris. Quanto à Annibal, não pude la ir, porque ando em seu seruiço. *Mon*. E quem tens tu pera esta parte que lhe releue. *Bris*. Ando logo em seruiço de Camilia, de que lhe a elle não peza. Estou tremendo como a verga De medo não sei o que digo. *Mon*. E quando determinas de dar fim a esta obra. *Bris*. E tu cuidas, que he isto obra dempreitada? Bom eras para andar de amores. *Mon*. Enculcarmehias algũs se os quisesse. *Bris*. Trinta mil. *Mon*. Olhà que nam zombo. *Bris*. E queres que zõbe contigo. *Mon*. Pois que dizes. *Bris*. Zomba tu embora, mas ja pode ser que te não pesasse. Se podesse ora armar este. *Mon*. E quem ha qui que me mereça. *Bris*. Tu querias casamento. *Mon*. Com hũa moça donzella fermosa, honrada, & rica me contentaria. *Bris*. Nom to crerei, se mo não jurares. *Mon*. Pois ainda eu cuido que me abaixey muyto. *Bris*. Bofe Montaluão se se tu quisesses dar comigo, bem nos entenderiamos ambos. *Mon*. De que maneira. *Bris*. Isso te direi eu entre mi, & ty, se quiseres. *Mon*. Estou em me meter com este, hey medo que me engane. Não ousarà que me conhece. Que farias por tua vida. *Bris*. Queres tu que fallemos nisso. *Mon* quero. *Bris*, Ora vemte a minha casa, q̃ he lugar seguro. *Mon*. Vou. *Bris*. Vem embora que eu te amansarei. *Mon*. Tu vè o que fazes, que mas fadas tens comigo.

ACTO. III. SCENA. I.

Alexandre soo.

Quẽ

QVE nouidades ſam eſtas tam eſtranhas para mi? Que nouos aluoroços ſinto comigo? Que bicho he eſte que come? Que imigo tão forte que me perſegue? Quem trago quà dentro em mi, que me a lancea? Que guerra he eſta tam crua? Que a ventura? Ou que encantamento? Sintome ferir, nam vejo quem me fere. De todas as partes me cercão, & ninguem acho cõ armas, & o pior q̃ nã as tenho pera me defender, nem mãos pera as tomar, nem deſejos, ou lembrança de fogir. Se he eſte o amor? Que eſtes ſaõ os ſeus ſinaes, como pode ſer? Naõ ſam eu Alexãdre? naõ ſam eu liure? Não me conhecem todos? Nam me ouuiam zombar ſempre de homẽs perdidos? Hay coytado de mim que ja nam ſam eſſe, ja ſou outro todo differente do que dantes era, ja ho amor tem em mi mais parte, que eu em mim meſmo. Eſte he o imigo nouo que me mata, eſte me perſegue, eſte me roe o coração, & as entranhas com ſeus dentes. Agora ſe vinga de minhas ſoberbas, de minhas palauras ocioſas, & de todo aquelle tempo atraz que me deixou viuer como queria. Des que moſtrou aos meus olhos aquelles olhos de Camilia, aquelle ſeu parecer eſtranho, & deſacoſtumado, pouco, & pouco me trocou a vontade de todo, & ma ſojugou de maneira, que nam tenho ja nella parte algũa. Quem ſe podera liurar dos acontecimentos do mundo? Bem deziam os Antigos, que ninguem antes da morte era bemauenturado. Quam pou-

pouco hâ que viuia contente, & liure. Vedeſme agorâ mais catiuo,que nenhum catiuo, mais triſte q̃ todos os triſtes, mais perdido que nenhum homem perdido. Como?& tanto pode o amor?Aſsi troca as võtades dos homens. Por certo não creo eu,q̃ com os outros pode tanto como comigo,pois me trocou a minha que tão differente era de todas,de tal maneira me mudou q̃ eu meſmo me deſconheço. Não me lembra ja Lionardo, ſenão para lhe auer inueja , todo o tempo atraz hey por perdido , todo o que viui por morte , ja me deſdigo de quanto diſſe, ja conheço meu erro, ja confeſſo,que não he homem o que o amor não conhece.Mas que farei coitado de mi,que remedio buſcarei irmehei por ventura conſelhar com Lionardo,a quẽ faço hũa traição tamanha, a quem dantes reprehendia tão aſperamente?Eu tomarei pera mi algum de quãtos concelhos lhe daua. Irei cometer Camilia que eſtà perdida por elle? Ou eſperarei em Briſto,que he o ſecretario de ambos.Oh fortuna,em que te mereci tamanhos males?mas ja pode ſer que me tinha Deos guardado eſte acerto,tudo vem de ſua mão. Muitas couſas, que parecem deſaſtres,ſe mudam em boas venturas. Aſsi como me eu affeiçoei a Camilia viuendo dantes tã liure aſsi ella ſe me podia affeiçoar. Aſsi como eu eſqueci Lionardo,& ſua amiſade aſsi ella o eſqueceria, & algũ amor ſe lho tinha.Quem confiou nũca em vontade de molher.Saya como ſair,que ja hei de prouar minha vẽtura

tura. Bristo nam tem lealdade com ninguem, ho amor muyto menos, com rogos, com promessas, & com dadiuas o porei da minha parte. Por derradeiro eu deuo mais a mi mesmo que a ninguem. Vou saber de Pilarte o que passou com elle. Mas eilo que sahe com meu pai de casa. Em grandes praticas vem, elle mas cõtarà. Querome ir entretanto ver com Bristo.

ACTO. III. SCENA. II.

Calidonio, Pilarte.

DIzeme a verdade pois que me fio de ti. *Pil.* E tu nam sabes que nunca me achaste em mentira. *Cal.* Vejoo dontem pera qua tam demudado, que me da em que cuidar, dantes sempre o via ledo, prazenteiro, rir, & folgar. *Pil.* Sempre queres, que os homens tragam hum rosto como diziam os Philosophos insensiueis. *Cal.* Mas de que vem a hum moço tristezas, & pensamentos? Da casa que tem que manter, ou das filhas, q̃ casar, ou de que. *Pil.* Costumase agora amalenconia na mocidade. De que ves tu tantas moças doentes de coraçam. *Cal.* Nunca tu isso verasa Briolanja. *Pil.* Porque serà sua cõpreiçaõ outra. *Cal.* Mas porque he a minha outra. Bom esta o pay que deixa criar a filha agastamẽtos. *Pil.* Ora queres que te diga eu a verdade, *Cal.* Antes me faràs prazer, *Pil.* Com condiçam que o nam saiba elle, porque mo defendeo, *Cal.* Eu te seguro disso,

Pil.

Pil. Mas que me dà a mi que lho digas. Isto he por ventura cousa de que elle aja vergonha? ou tu descontentamento. Antes me parece, que te obriga a mais amor, porque quem he tam bom amigo dos amigos, melhor o serà de seu pay. *Cal.* Nam te entendo. *Pil.* Teu filho como sabes, foy sempre tão encolhido, que nunqua te pedio hum ceitil. *Cal.* He verdade. *Pil.* Antes pera as cousas necessarias tomaua sempre sua mãy por terceira. *Cal.* Não por elle conhecer nunca em mi desamor, ou esquaceza. *Pil.* Por isso lhe deues tu mais, porque ho filho, que com branduras se não dana, menos o faria com durezas. *Cal.* Estàs enganado, que tudo vem da natureza, bahi hũs Santos, que se querem porbem, outros por mal. Esta experiencia vemos na cera, que cõ agoa endurece, & com o fogo a molece. *Pil.* Não me negaras logo, que mais firme he a obediencia, do amor, que do temor. *Cal.* Dizes bem. E por isso os pays auiam de trabalhar se podesse ser, de tratar antes os filhos com amor, & bom rosto que com carrancas, & asperesas, resaluando sempre o castigo necessario. *Pil.* Esse bom rosto que tu sempre mostraste a Alexandre, o fez taõ vergonhoso, que nem agora ousa de te leuantar os olhos. *Cal.* Isso me aliuia mais que tudo. Mas porque me não dizes, de que vem este seu sentimento? *Pil.* Nom mais que de não poder socorrer a hum seu amigo em hũa necessidade. *Cal.* Como? *Pil.* Mandoulhe pedir emprestados quatro cruzados, achase elle por afrontado em

nãm poder fazer esta obra de amisade, á quem lhe fez ja outras muitas. *Cal.* Isso he verdade. *Pil.* Eu nam sey, mais que quanto me elle disse. *Cal.* Não me parece isso causa pera tanto sentimento. *Pil.* Encresposuse. *Cal.* que pois elle está em poder de seu pay, & não tem mais q̃ quanto lhe elle quer dar, tẽ justa causa para se escusar à esse homẽ. *Pil.* Esses proprias palauras lhe disse eu. Respondeome, que como se auia de presumir delle q̃ nam tendo tu outro filho tiuesse tão pouco poder sobre teu dinheiro. E q̃ pera isso erão os amigos pera se ajudarẽ hũs dos outros. *Cal.* Tem razão. Mas no q̃ he justo, & posiuel. *Pil.* Nem isso me ficou no tinteiro. Disseme, q̃ sentia muito tendo outros dinheiros pera beber, & tafular, não o ter elle pera hũa obra tão honesta. E ainda soltou outra palaura, q̃te eu não quero dizer. *Cal.* Que? por tua vida? *Pil.* Sã cousas de moços. *Cal.* Ora dizemo *Pil.* Que juraua, & prometia de se meter hum dia em hũa armada, & dar consigo onde outros tão bós como elle vão ter, & tornão ricos, & honrados, & não viuer em tua casa com tanta miseria. *Cal.* Que lhe disseste a isso? *Pil.* Que lhe auia de dizer, comeceime rir delle, & chamarlhe moço, que nam sabia conhecer quanto te deuia. *Cal.* Quanta dieffrença vai do amor do pai ao filho. *Pil.* Atarraqueyo. *Cal.* Por qualquer palaurinha q̃ lhe dizeis por seu ensino, pelo mais pequeno appetite, que lhe nam cumpris, logo vos querem mal, logo vos engeitam, logo se dezejam onde os nam vejaes.

N Pil.

Pil. Metio em confusam, queroo deixar cuidar veremos em que fica. *Cal.* Por isso se disse que o amor naturalmente mais dece do que sobe. Pois que determina? Em que assentou? *Pil.* Passaria essa vergonha, porque não he nelle quererco auer por engano, como outros fazem, ou pedilo emprestado, porque o ha por baixeza *Cal.* Ora pois asi he Pilarte como me tu dizes. *Pil.* Andar. *Cal.* Eu som contente de lhe dar esse dinheiro. *Pil.* Zombas. *Cal.* Nam zombo. Antes entendo o q̃ faço. Nam quero dar azo a meu filho que se meta em duuidas, com que me dezeje a morte. *Pil.* Certo Calidonio que te louuo esse conselho. *Cal.* Mas naõ queria que o soubesse elle. *Pil.* Porque razam. *Cal.* Porque lhe nam de ocasiam pera se desenuoluer comigo. *Pil.* Grande siso he esse. *Cal.* A principal cousa, que o bõ filho ha de ter, he a reuerencia, & o acatamento. E o pay nam ha de dar azo pera que lho perca. Isto te lembre a ty pera quando te Deos der filhos. *Pil.* E como me lembrarà, q̃ hum bõ conselho he melhor que toda a riqueza. Mas que direi a Alexandre. *Cal.* Que os ouuestedalgum teu amigo. *Pil.* E quem tenho eu aqui, que me possa fazer esta boa obra. *Cal.* Metelhe logo em cabeça que passou por aqui hum parente teu, & que tos deu, ou outra qualquer mentira, que te bem pareça. *Pil.* Achaste tu o Mestre dellas. Mas eu o farey asi. *Cal.* Ora vaite a casa, dize a minha molher que tos de, & por sinal que lhe disse que hia a casa de Roberto. Todauia

tu

tu ficaràs obrigado a mos tornares a mam. *Pil.* Essa obrigaçam nam quero eu aceytar. Porque ha hi hũs amigos que pedem emprestado pera sempre. *Cal.* Ora eu confio de ty, que os arrecadaras. *Pil.* Folgo de me teres nessa conta, & nam erras. *Cal.* Rogote Pilarte, que me olhes por esse moço, reprehendeo, conselhao descubreme sempre seus segredos. *Pil.* Dias hà, que eu tenho esse cuydado. *Cal.* Vayte que eu vou onde te disse, se hy não ha mais nam tenho de que temer. Antes folgo de ver tam boa inclinaçam neste moço. A mi sae elle naquillo que sempre costumey fazer mais por hum amigo, que por mi mesmo. Folguei de Pilarte mo descubrir. Mais val auenturar ho dinheiro, que o filho, a necessidade he mestre da malicia, nam quero que lhe ensine algũa. Nam he taõ pouco furtar o corpo aos azos.

ACTO. III. SCENA. III.

Pilarte soo.

COMO se enganam os pays com os filhos, hũs os cega ho amor, outros ha desconfiança. Mas isto nam nace, se nam de os elles julgarem por sy mesmos. O pay que em sua mocidade foy trauesso, jugador, reuoltoso, assi cuyda que he ho filho. Nam hajaes vos medo que

[illegible] ligeiramente creram a minha mentira. Cali-
[illegible] como sempre foy manço pacifico, de pouco tra
fego, asi julga agora o filho. E na verdade tem razam,
que Alexandre nunca descobrio o fio, se nam agora.
Nunca quisesseis ver bons principios a vossos filhos,
porque vem a mudar todas as penas, & fazerse aues de
rapina. O que de moço começa ser traueço, quando
vem a ser homem esta ja enfadado. O que o nam foy
te li começao ser no tempo de mais perigo. Todolos
que virdes em pequenos Santos, ou he sinal de viuerē
pouco, ou de virem ser diabos Eu o vejo por muytos,
& agora por Alexandre, q̄ sendo dantes hum frade, &
mais, que frade de dous dias pera qua se começou de-
senuoluer, de maneira que me espanta que elle sempre
se fiou de mi, não me sabe ter nada encuberto. Affei-
çoarãono seus peccados a esta Camilia, rindose antes
mais do seus apaixonadas, q̄ do mesmo Bristo apos que
andão. Então q̄ cuidais? Desque estes hũa vez cãe, feito
he, toda aquella liberdade primeira se conuerte em ou
tro tanto catiueiro. Anda o coitado tam morto, q̄ nam
dura, nem socega, acha a vida estranha, vesse sem dinhei
ro, que he a mor ajuda nestes casos, teme seu pay, que
ainda hoje começou a tentar nelle. Mas a mi socedeo-
me bem a mintira, porq̄ lho desculpei, & cacei aquelles
cruzadinhos pera começo de paga. Mas elles hão de ser
tambem empregados como se elle soube empregar,
que este Alcouiteiro asi como me disse que enga-
naua

nãua Lionardo,asſi o hà de enganar. Prouueſſe a Deos que foſſe aſsi, que de melhor vontade o peitaria, porq̃ he grande mal perderſe aſsi hum máccbo, em q̃ o pay quer edificar toda ſua obra. Coitados dos pais,q̃ ſuã,& trabalhão , & por derradeiro enthcſouram pera ſua morte. Eu com o amor que lhe tenho, nam ſei ſe nam ſeguirlhe a vontade,prometilhe de o ajudar em tudo. Agora que temos o mais neceſſario tornarey a apertar com Briſto. Là vejo vir Montaluam ſoldado de Annibal em cuja caſa tem muita entrada,querolhe perguntar por elle.

ACTO. III. SCENA. IIII.

Montaluão. *Pilarte.*

VEnho eſpantado dos trãtos deſte diabo de Briſto nam cuidei que foſſe pera tanto. *Pil.* Que par. *Mon.* Tinha pera mi,que ninguem era mais roim que eu. Eſte me fez parecer hum capucho. *Pil.* Nem mais nem menos. *Mon.* Leuoume aſua caſa,que he hũa boca do inferno,negra,eſcura, mal aſſombrada metida debaixo do cham,que ao meyo dia nam ouſareis de entrar nella ſem candea. *Pil.* Por mais ſeguro aueria euhi o ſinal da Cruz. *Mon.* Ali ſe recolhem todas as aues triſtes,& omiziadas,todolos cães, & gatos,he hũa arca de Noe. *Pil.* E tu o coruo,& elle a pombinha, *Mon.* Deſq̃ ſe

se fiou demi,cousas me contou,segredos me descubrio que ainda agora me tem confuso. *Pil.*Assaz he o mal quando se o diabo espanta. *Mon.*Finalmente ficamos concertados sobre a pelle de Annibal.*Pil.*Esperai asi. *Mo.*Que o comessemos,q̃ o roessemos.*Pil.*Que taes cães lhe chegaõ.*Mon.*que o trouxessemos enganado,por que por derradeiro se repartiria o ganho.*Pil.*De tal cõsistorio tal conselho,mas nam sois vosoutros sos,ainda achareis companheiros.*Mon.*Taes razões me deu,taes promessas me fez,que me venceo.*Pil.*Se fora pera hũa virtude,não bastara Sam Paulo. *Mon.* E pera firmeza disto prometeome hũa moça donzella,*Pil.*Donzela.Se lhe ninguem chegou afora elle. *Mon.*Eu asi,como nã tenho lei com ninguẽ(he aparuoice,ja se naõ costuma) asi naõ espero,que a tenha este comigo.Tiue taõ boa manhaq̃ lhe furtei este reliquario sem mo sentir.*Pil.*O diabo enganarã estes. *Mon.* Se o achar em mentira tenho bom penhor pelo meu.Afora a pendença q̃ elle nam ha de ir buscar a Roma. *Pil.*Bem se pode aqui dizer.A hum roim,roim,& meyo. *Mon.* A malicia he agora o mais certo mantimento,que nesta vida temos. *Pil.* Aquelle dito na boca doutrem mal hum Reyno, *Mon.*Estes frades com andar descalços, vestidos em seus sacos,atados com cordas com todos seus jejuns, & disciplinas,matinas,& orações, sempre os vereis mortos de fome com seus alforges às costas,*Pil.*Antes pera encher estas queixadas folgara eu soo de ser frade.

Mon.

Mon.Por isso hei por mais seguro estoutrá vida. Por derradeiro a ora da morte,qualquer Sacerdote he Papa. Pil. Coitado de ti,& dos que fazem essas contas? Mon.quem he aquelle? Pil.Ia me vio. Mon.Som perdido,he certo,que me ouuio esse velhaco.Pil.Deos te salue. Mon. Venhas embora , a muito que estas aqui. Pil.Riose,ainda agora chego, mas porq̃ o perguntas. Mon.Por nada.Ditoso fui.Pil.Sempre te sei cerrado a banda.Pois mo nam queres dizer, naõ to quero perguntar.Sabermehas dizer de Bristo.Mon.Aque proposito. Pil.Como te enganas.Digo se o viste. Porque o vejo ir as vezes a casa de teu Amo. Mon.Pois eu tragoo comigo na bolça.Pil.Orafazeiuos paruo. Nã o podias topar por esta rua. Mon.q̃res,q̃ andẽ os meus olhos tã rasteiros.Pil.Estou pera arrebentar. Mon.queres tu mais de mi.Pil.Nem tanto ainda.Mon.Pois vaite embora, que eu nam ando ocioso. Pil.Temcose de mi,he yo de mexericar com Bristo, mas quero ir primeiro arrecadar o dinheiro,antes,que se o velho arrependa.

ACTO. III. SCENA. V.

Bristo. Montaluam.

NAm pode ser , se não que morreo hoje neste dia algum excomungado, ou casou algum frade, que tantos desastres me acontreceram nelle. Mon. Apos mi vem.Nam sey onde me esconda.

Bris. Aquelle Reliquario de Lionardo não sei se o perdi, ou se mo tomarão. Pareceuos que sam estas boas dã ças, em que me o diabo mete? *Mon.* Ia hey de ver em q̃ assenta. *Bris.* Desque se aquelle diabo foy de minha casa. *Mon.* Auante. *Bris.* Veyo dar comigo Alexandre que me deteue ategora, & me fez perder o tento do q̃ me mais releuaua. Não sei onde o perdi, nem onde o puz. Venho outra vez correr quãtos caminhos andei. *Mon.* Aquelle me parece bom concelho. *Bris.* Ora que me matem, se mo nam leuou aq̃lle ladrauaz de Montaluão. *Mon.* Ia me eu espantaua, querome ora acolher com o meu ganho. *Bris.* Pela benção de Deos que não foi outra cousa. E voume eu fiar daquelle que toda sua vida andou a roubar, & esfolar. Se assi he, tenho mao remedio, dirà que faço delle ladram. Todauia por me segurar, nam hei de deixar de dar hũa volta por aqui. Quã do o não achar, o melhor concelho he fallar com Brusia aquella velha benzedeira minha amiga, que sabe hũa boa deuaçam para as cousas perdidas. Ainda bem a nam faz quando lhas trazem a casa. Ei de apertar com ella, que ma ensine.

ACTO. III. SCENA. VI.

Pinerso. Annibal. Montaluão. Bristo.

BRisto, Bristo. *An.* Negociado vai. *Bris.* Nam me deixaram estes ociosos. *Pin.* Marinello. *Bris.* Mantelo

tido as vossas custas? *Ann.* Assi lhe vay. *Pin.* Que te digo eu não faças conta deste q̃ he o viuo diabo. *Ann.* Nam cuido que me conheceo. *Pin.* Mas por isso nam acudió nem olhou. *Ann.* Deixame com o cargo, não se pode ter tanto siso. *Pin.* Iesu que he aquillo, vejo vir Montaluam, com a espada nua todo ensiado. *Mon.* A verdade he nam ter homem comprimentos com ninguem. Arrancar da espada, meterlha pola barriga. *Ann.* Chamao. *Pin.* Montaluam. *Mon.* Mas eu vos prometo que o ferre da minha marca. *Ann.* Montaluão. Tu vayte para casa. *Mõ.* Valeráolhe a elle os padrinhos, q̃ se fora em outra parte eu o desfizera aos dẽtes. *Ann.* Que mencoria he essa? *Mon.* Saõ rapazes. *Ann.* Que foi, que te aconteceo? *Mon.* Nam conheces hum filho de Roberto nosso cidadam. *Ann.* Que te fez? *Mon.* Encontramonos à porta de Cornelia, enfingio de me perguntar, porque andaua por alli. *Annib.* Que dizes. *Mon.* Isto que ouues. *Ann.* Aquelle rapaz. *Mon.* Esse rapaz. *Ann.* Que sabe que es tu meu. *Mon.* Que sabe que som eu teu. *An.* Ousou de te leuãtar os olhos, ou hà aqui homem que a tal se atreua? *Mon.* Elle leuarâ o pago. Mas parece q̃ fez oje a mãy algũa deuação por elle. *Ann.* Que lhe fizeste? *Mon.* Enuiauame ja a elle, se me nam bradarão decima. *Ann.* Quem te bradou. *Mon.* Cornelia que pelo amor de Deos não fizesse estrondos à sua porta. *Ann.* E pareceo hi Camilia. *Mon.* querias que a visse? fiquei com a grande furia com os

olhos

Brif. Aquelle Reliquario de Lionardo não fei fe o perdi, ou fe mo tomarão. Parceeuos que fam eftas boas dãças, em que me o diabo mete? *Mon.* Ia hey de ver em q̃ affenta. *Brif.* Defque fe aquelle diabo foy de minha cafa. *Mon.* Auante. *Brif.* Veyo dar comigo Alexandre que me deteue ategora, & me fez perder o tento do q̃ me mais releuaua. Não fei onde o perdi, nem onde o puz. Venho outra vez correr quãtos caminhos andei. *Mon.* Aquelle me parece bom concelho. *Brif.* Ora que me matem, fe mo nam leuou aq̃lle ladrauaz de Montaluã. *Mon.* Ia me eu efpantaua, querome ora acolher com o meu ganho. *Brif.* Pela benção de Deos que não foi outra coufa. E voume eu fiar daquelle que toda fua vida andou a roubar, & esfolar. Se afsi he, tenho mao remedio, dirà que faço delle ladram. Todauia por me fegurar, nam hei de deixar de dar hũa volta por aqui. Quãdo o não achar, o melhor concelho he fallar com Brufia aquella velha benzedeira minha amiga, que fabe hũa boa deuaçam para as coufas perdidas. Ainda bem a nam faz quando lhas trazem a cafa. Eide apertar com ella, que ma enfine.

ACTO. III. SCENA. VI.

Pinerfo. Annibal Montalnão. Brifto.

BRifto, Brifto. *An.* Negociado vai. *Br.* Nam me deixaram eftes ociofos. *Pin.* Marinello. *Brif.* Man-

tido as vossas custas? *Ann.* Asi lhe vay. *Pin.* Que te digo eu não faças conta deste q̃ he o viuo diabo. *Ann.* Nam cuido que me conheceo. *Pin.* Mas por isso nam acudió nem olhou. *Ann.* Deixame com o cargo, não se pode ter tanto siso. *Pin.* Iesu que he aquillo, vejo vir Montaluam, com a espada nua todo enfiado. *Mon.* A verdade he nam ter homem comprimentos com ninguem. Arrancar da espada, meterlha pola barriga. *Ann.* Chamao. *Pin.* Montaluam. *Mon.* Mas eu vos prometo que o ferre da minha marca. *Ann.* Montaluão. Tu vayte para casa. *Mõ.* Valeráolhe a elle os padrinhos, q̃ se fora em outra parte eu o desfizera aos dẽtes. *Ann.* Que mencoria he essa? *Mon.* Saõ rapazes. *Ann.* Que foi, que te aconteceo? *Mon.* Nam conheces hum filho de Roberto nosso cidadam. *Ann.* Que te fez? *Mon.* Encontramonos à porta de Cornelia, enfingio de me perguntar, porque andaua por alli. *Annib.* Que dizes. *Mon.* Isto que ouues. *Ann.* Aquelle rapaz. *Mon.* Esse rapaz. *Ann.* Que sabe que es tu meu. *Mon.* Que sabe que som eu teu. *An.* Ousou de te leuãtar os olhos, ou hà aqui homem que a tal se atreua? *Mon.* Elle leuarà o pago. Mas parece q̃ fez oje a mãy algũa deuação por elle. *Ann.* Que lhe fizeste? *Mon.* Enuiauame ja a elle, se me nam bradarão decima. *Ann.* Quem te bradou. *Mon.* Cornelia que pelo amor de Deos não fizesse estrondos à sua porta. *Ann.* E pareceo hi Camilia. *Mon.* querias que a visse? fiquei com a grande furia com os

olhos

olhos no ceo, escumando mais de hũa horá. *Ann*. Orã viuei neste mundo, onde os rapazes se leuantam cõtra vos. *Mon*. Isso so me fez arrenegar desta terra mais de dez vezes. *Ann*. He cousa pera se os hom̃ẽs fazerem Elches. Em quantas terras andei não me lembra, q̃ outra tal me acontece. *Mon*. O rapaz toda via rapoume o reliquairo. *Ann*. Não sei se ordenou Deos, ou o diabo nã me achar eu ahi. *Mon*. E pera que? saluo pera escolheres a morte que lhe daria. *Ann*. Ah Deos que me das paciencia pera naõ destruir o mundo. *Mon*. Essas tuas paciencias te danão muito, se te a ti temerão nesta terra, mais honra cataraõ aos teus. *Ann*. Sabes, porque me retenho? Porque desque començar, heyde por o fogo aos campos. *Mon*. Eu naõ sei que asi o custumas? *Ann*. Nõ som desses, desque me começo a tear, som hum fogo de alcatrão, não me apagarão cõ toda a agoa do mar. *Mon*. Por isso melhor he naõ começares. *Ann*. Cõ isto espantei hũa vez huns poucos de mouros, q̃ não ousarã de nos correr por hũs dias. *Mon*. Bem me lembra. *An*. Isto era em Arzilla antes que eu fosse a Rhodes. *Mon*. Acolheome. E ẽ Rhodes não queimaste tu duas gallez ao longo da costa? *An*. Hi hias tu, ou como. *Mon*. Antes te digo q̃ por minha causa mataste o capitão dellas, q̃ se te pesaua ao ouro. *An*. Ora muitas cousas te lembrão, q̃ me a mi esquecẽ. *Mon* Esta he hũa das minhas. Nã era isto cousa pera te asi esquecer. Não sei, porq̃ deixaste este reino, & te desterraste tão longe. *Ann*. Porq̃ cà não esti-

estimão os homẽs,senão sabem ler por Bartolo.*Mon.*E mais não acharias cousas cõforme a teus espiritos.*An.* Tambẽ essa foi algũa cousa.*Mon.*Que grão festa te fariáo esses caualeiros de Rhodes quãdo entraste. *An.*A inda me não conhecião,mas eu como cheguei, por me dar a conhecer,arrepelei nã o sei quãtos,depois quiserã se vingar em desafio,& eu acabei de me vingar delles. *Mon.*Ousaste fazer tão grã feito ẽ terra alhea. *An.*Isso foi o q̃ espantou toda a gente.E o grã mestre me leuou entã a sua casa acõpanhado de todolos outros,*Mo.*Assi alcançaste em pouco tẽpo hũa das hõradas comẽdas da ordẽ.*An.*Grandes partidos me faziã,mas por serẽ fora do reino,não quis aceitar nenhũ.Bẽ sabes quanto deue mos a nossa natureza.*Mon.*Ella he a q̃ te deue,q̃ tu hõrala,& ella deshonrate.*An.*Naõ me tornes lẽbrar isso, q̃ me faràs fazer o q̃ naõ queria.*Mon.*Deixame tu a mi q̃ eu me saberei vingar.Em quanto este braço foruiuo naõ ajas medo,q̃ và pedir outro emprestado.*An.*O mal he q̃ he com rapazes,*Mon.*Pois estes taes castigalos,co mo rapazes,porq̃ matalos he honra,q̃ naõ merecẽ.*An.* E q̃res q̃ ande eu por Ayo dos Villaõs ruins.*Mon.*Meu cõselho he naõ te dares por achado nisso,porque se os erros se haõ de castigar conforme a pessoa,q̃ se offende bem vezo aluoroço,em que poras toda a terra.*An.* Pareceme isso bem.Porque eu,como te digo,nam me sei nunca temperar, quando estiuer birrẽto,lẽbrete de me fugires diante,porq̃ nẽ meu pai entaõ conhecerei,

Mon.

*Mon.*Dias ha que te eu sey a condição. *Ann.* Ora de hũa cousa me gabauam muito em Rhodes. *Mon.*De hũa dizes. *Ann.*De hũa especialmēte entre todas. *Mon.* De seres incansauel. *Ann.*Alem dessa de ter hũa feroci dade braua no rosto,& nas palauras,com que fazia tãto medo,como com as armas. *Mon.*Entam dizem là q̃ nam cuidam dous hum cuido. Isso me tiraste da boca, pois ainda te esquece outra excellencia grande. *Ann.* Qual? *Mon.*Os teus carteis de desafio. *Ann.*Bem apontas. *Mon.*Não ha homem que asi os note. *Ann.*Nunca ahi se fazia desafio,que se nam viessem a mi. *Mon.* He muyta verdade. Nam sei onde achas tanta diuersidade de palauras furiosas. *Ann.* Nunca desafiei homem nenhum,que vendo o meu cartel,se nam rendesse. *Mon.* Que fizera se te vira as obras. *Ann.*Quando me lembra isto,estou pera me enforcar. *Mon.* Tal inspiraçam te viesse, & fizessesme teu herdeiro. *Ann.* Que me vejo aqui,como me vejo,& em poder de Bristo,q̃ tem poder pera zombar de mi. *Mon* Cõ a menencoria me nam lembraua Eu estiue oje com elle,& me deu mui grandes nouas. *Ann.*Porque me nam vay a casa. *Mon.* Là traz hũas occupações justas,que o escusaõ. *Ann.* Que te disse? *Mon.*São cousas que se naõ podẽ dizer na rua. *Ann.*Recolhamonos logo que vem la gente,& dezejo de as ouuir.

ACTO. III. SCENA. VII.

Calidonio. Bristo. Lionardo.

Venho

VEnho descontente de casa de Roberto estando ambos ordenando nossos concertos,nos vierão dizer a gram pressa que andaua Lionardo as cutiladas com hum rafianaz,que aqui anda,fomos là achamos a rua reuolta. & ninguẽ que nos soubesse dizer o sobre que fora Se nam quanto dizião todos que oviram por alli passear todolos dias,& algũas noites.Logo me do eo o cabelo.Ali mora hũa moça fermosa,segundo me parece,de longe vem o negocio. Roberto he apaixonado sentio tãto esta trauessura que tiue trabalho em o amansar,mas com quanto eu dissimulei,tambem sinto meu quinhão.Necessario he que vigie, q̃ deite minhas enculcas,pera que depois me não arrependa sem tempo.Vou a casa pode ser que Alexãdre me informara mais do caso.Mas he este Lionardo?este he,mal me parece a companhia,& o segredo em que vem. Heios de espreitar daqui. *Bris.* Quanto folgo de me vingares desse ladrauaz,que asi me queimou oje o sangue. *Lion.* Ainda me eu hei de acabar de vingar delle. *Bris.* Foy grande acerto acharelo asi com o furto nas mãos *Lion.* De hũa legoa lho conheci. *Bris.* He certo que hão de estar mortas,cuidando que ficaste morto. *Lion.* Oje me veram viuo & sam. *Cal.* Nam os entendo bem,algo he. *Lion.* Nam hade auer tanto poder na fortuna q̃ me desuie este contentamento. *Bris.* Em fim o que ha de ser,ha de ser , & de meu conselho melhor he cedo que tarde , quanto te mais adiantares , mais te lo-

gra-

grarás do tempo. *Lion.* Que negocios tens tu com Alexandre, que te vi hoje com elle. *Bris.* Faloute elle mais em teus amores? *Cal.* Em Alexandre falam. Tambem elle anda na volta? *Lion.* Falou. *Bris.* Que lhe disseste? *Lion.* Tomei teu concelho, fizme mais frio que nunca. *Bris.* Se te tornar a falar nisso, mostrate descontéte de mi. Dalhe a entender, que ategora te trouxe enganado pera que te melhor crea. *Lion.* Naõ saberei eu, porque me dizes isso? *Bris.* Eu to direi em seu tempo nam te fies de ninguem. *Lion.* Este dia me ha de parecer hum anno. *Bris.* Parecertehà logo a noite hum momento. *Lion.* Ora eu voume a casa desculparme a meu pay có algũa mentira, que certo he que o aja de saber, tu entre tanto vai as ver, que eu terei cuidado. *Cal.* Deos me trouxe agora aqui. Este moço anda perdido, & cuydo que o remedio esta nas mãos de Deos. Medo hei que se lhe apegasse a Alexandre seu quinhão. Necessario he que falle có Roberto, & lhe de conta do caso, pera q̃ por falta de diligencia senam acabe de perder de todo, elles foráose sem me sintirem. Voume a casa tirar deuassa.

ACTO. IIII. SCENA. I.

Cornelia Mãy. *Camilia filha.*

GVardeo ora Deos de algum desastre, que ainda o coração me está saltando de medo. *Cam.* De que se armou o arroido? *Corn.* Não o viste tu? *Cam.* Nam.

Corn.

Cor.Vinha de qua decima hum soldado doudo muyto recachado,toparamse ambos,nam sei que ouuerão, que lhe lançou Lionardo hũa mam ao pescoço, & outra a espada. *Cam*.Feriose algũ delles? *Cor*.Quis Deos que acodio gente,mas o soldado ficou arrepelado, & injuriado. *Cam*.Hey medo q̃ nação dahi algũas reuoltas. *Cor*.Liureo Deos dellas. *Cam*.Bristo nos dirà sobre que foy,& como passaram ambos. *Cor*.Folgo eu muito de tu nam pareceres então.E se me cres ou me amas,rogote filha que sempre te prezes de muito recolhida,& de muyto assentada. Bem ves quão mal parece nas moças o aluoroço,& desassosego. Teus olhos misurados,& recolhidos,teu rir temperado,tuas falas poucas,& certas,& onde forem necessarias. E por cima de tudo as de ter tanto poder sobre ti mesma, que né por mais folias que ouças,ou brados,ou arroidos te bulas, ou te mouas donde estas. *Cam*. Eu assi o faço,& o farei sempre, porq̃ també minha condição me diz isso, *Cor*. Dà graças a nosso senhor que ta deu taõ boa. Porque veràs muitas que ainda que sejão ricas,& fermosas,saõ tão boliçosas,& aluoroçadas,q̃ tudo querem ver,& de tudo dar fè. A boa filha,que estima a honra,& a virtude à de quebrar os pes,& os olhos, hàse de presar mais de sua honestidade,que de pesas, nem thesouros,& mais quem os não té mal pecado. *Cam*. Em verdade mãy q̃ me auorrecé tanto hũs despejos,q̃ vejo em molheres q̃ sò por aquillo se fora homem naõ casara com ellas.

Cor.

Cor.O despejo filha, não he mao, se he honesto, & tem perado. Porque nem a moça ha de ser estatua, nem dia brete. Todalas cousas tẽ seu meyo. Naõ me contentão nada hũas fermosuras mortas q̃ vejo, nem outras tam viuas, que parece que estão acenando aos homens. Tu filha antre estes dous estremos (como te sempre digo) toma hum meyo para que naõ erres. *Cam*. Asi com hi ha essas, asi tambem auerà alguns doudos a que bem pareçam *Cor*. Bem disseste doudos, & mais no tempo de agora. Perdoe Deos a teu pay, que me dizia muitas vezes q̃ o principal dote, que o vencera acasar comigo fora meu siso, & recolhimento. *Cam*. Segundo nos Bristo diz, dessa mesma opiniam he Lionardo. *Cor*. Se quisesse ora Deos chegalo a isto, antes que eu morresse. *Cam*. Eu espero que seja mui cedo, porque asi o sinto nelle, & Bristo mo affirma. *Cor*. Faça Deos ho que for seu seruiço, elle te honre, & te ampare, pois a fortuna te desemparou. E tu filha isso lhe pide em tuas orações a elle so toma por teu casamenteiro, & ao Bemauenturado Sam Nicolao pay das orfãs desemparadas. *Cam*. muyto folguey com aquella deuaçam que nos ensinaram. *Cor*. Diz que por ella fez ja muitos milagres rezaa tu com muyta deuação. *Cam*. Asi o faço. *Cor*. Por derradeiro filha de cima vem tudo. Quem per si tẽ Deos tem todo bem, & toda a riqueza. Pareceme que vejo vir Bristo, là no fundo da rua pera ca vem. Grisca vaylhe abrir aquella porta.

AUTO

ACTO. IIII. SCENA. II.

Bristo ſoo.

AGora me não queixo de minhas mofinas, pois ſe mudão todas em boas venturas. Bem ſe diſſe, que ninguem julgue a tarde pela manhãa. Oje me vi em ta manhas tremuras que me dei por morto, agora eſtou taõ ſeguro, que não hei medo a fortuna. Fuy a caſa de Annibal metilhe em cabeça, que tinha cõcertado com Camilia, que eſta noite o iria ver, fica tam doudo que ey medo que perca o ſiſo, ainda que elle pouco tem q̃ perder, mal pecado. A Camilia, que lhe eu ei de leuar, à de ſer hũa moça de minha confraria, que lhe hà de fazer crer que he ella. O coitado nunca a vio bem, mais perdido anda pela fama, que pelos ſeus olhos. E eu eſta meſma noite a hei de deitar na cama com Lionardo, que aſsi o concertamos. Montaluam com lhe perdoar o furto, fica tam contente que me prometeo de me ajudar em tudo. Mas eu nam me hey de ter as ſuas coſtas. Eu tenho minhas contas feitas, porque nam ſei tambem que fim teram eſtas danças. Alexandre per hũa parte, Roberto per outra nam me haõ de poupar a vida, a verdade he roubar, & fogir. Voume a caſa de Cornelia, que tardo muito. Oulà aberta eſtà ſempre eſta porta, parece que me conhece.

ACTO. IIII. SCENA. III.

Pilarte. *Alexandre.*

NAM pode ser mor desastre no mundo. *Alex.* Sam cousas que as vezes acontecem, *Pil.* Teu pay veria enfiado. *Alex.* Tomoume, fechoume nũa camara sem querer, que minha mãy la entrasse, & descobriome ho negocio de como o achara com Bristo, & o que lhe ouuira. *Pil.* Hum perdido, que pelas ruas vai samcando seus segredos sem se precatar, de quẽ o pode ouuir. *Alex.* Rogoume, ameaçoume, & conjuroume, & que lhe dissesse a verdade sopena de sua bençam. Não pude alfazer, disselhe o que sabia. *Pil.* Hey medo que lhe ficasse de ti algũa sospeita. *Alex.* De que elle não ouuio a Bristo cousa, que me perjudicasse. Eu tambem disse lhe quãto sempre trabalhara cõ Lionardo de o desuiar de seu erro. *Pil.* Agorahe em casa de Roberto. *Alex.* Pera là creo eu que elle hia. *Pil.* Pois que determinas? *Alex.* Mas tu que me aconcelhas. *Pil.* Bofè Alexandre farias bem de tomar meu concelho. Bristo enganounos. Camilia nam te conhece, Lionardo dao por casado, tu nam tens remedio. Meu parecer era que pois se Deos quis lembrar de ty sejas em conhecimento desta merce tamanha, & ponhas diante dos olhos a vergonha de Lionardo, & a ira de seu pay. *Alex.* Bem vejo tudo is-

ſo, mas que farey que o amor me nam deixa. *Pil.* Se te nam deixa que o deixes tu. Em quanto te eu vi remedio ajudeite, ſabe Deos com que vontade, agora que o nam ha que queres que faça? *Alex.* Oh Pilarte meu amigo, nam ſabes onde chega entregar a affeiçam, quem a ſempre teue liure. *Pil.* Tambem eu ja quis bem, & fuy namorado. E por ventura perdi mais em meus amores do que tu ganhauas nos teus. Deume Deos eſtamago, & ſiſo pera eſquecer tudo. Ora nam o eſqueceras tu pois tanto te releua. *Alex.* Oh Camilia, oh minha Camilia? *Pil.* Alexandre peçote por amor de Deos, & pelo que deues a tua honra, & ao amor que te teu pay tem, que te nam percas, que nam deſcubras de ti ao Mundo o que te agora eſtà encuberto, pois niſſo nam ganhas mais, que infamia com os homens, perda tua, & aborrecimento com teu pay. *Alex.* Prouuera a Deos que me fauorecera a fortuna que eu poſera o roſto a todos eſſes encontros. *Pil.* Não te lembra quam feo te parecia o erro de Lionardo, quantas vezes lho reprehendias? *Alex.* Entam trazia eu ainda os olhos cegos. *Pil.* E agora os trazes claros. *Alex.* Entam nam tinha eu ainda viſto aquelles olhos de Camilia, que me abriram os meus. *Pil.* Oh coytado de mi, que farey a eſte moço? hey doo delle, hey doo de mi, hey doo de ſeu pay, & de ſua honra. *Alex.* Oh Lionardo bemauenturado, pois pera ty ſoo ſe guardou hum bem tamanho.

Pil. Oh Lionardo malauẽturado, pois naceste pêra deshonrar a ty, & teus parentes. Dizeme por tua vida, que ganhauas com hũa rapariga, pobre, orfam, seguida de quantos perdidos hà na terra? que hũa hora per outra auia de lançar mão de hũa esmolla pera seu mantimento, as custas do q̃ Deos sabe? *Alex.* Nam me digas isso, que todo o mundo diz bem della, Todos a tem por fermosa, por virtuosa, & por boa filha. *Pil.* Digo que seja asi. Todas essas calidades tem tua irmãa. E se lhe teu pay nam dera bom dote, naõ concertara Roberto o casamento de seu filho. *Alex.* Arrenego destes dotes q̃ as vezes sam dores. *Pil.* Arrenego destes amores que sempre sam dolores. *Alex.* Que melhor dote quero eu, q̃ amor & contentamento? *Pil.* Como isso he ainda de moço? E não sabes tu, que os mal casados sam os namorados? quem se vence por appetite, aos dous dias se enfada, quem casa por razão, este he o que ganha. Mas vos outros manos meus nam tendes conta com mais, q̃ com olhinhos, & com geitinhos, que a primeira noyte aborrecem. Entã presta muito arrepẽderdesuos. *Alex.* Oh que meu pay nam me quer tam pouco bem, que se nam amansara logo. *Pil.* Antes te digo que nam durara mais que em quanto o nam soubera. Bem sabes, que hum nojo mata mais que hũa peçonha. *Alex.* Como se isto fosse cousa, que se nunca vio no mundo. *Pil.* Não te vaz per hi. Não ha peccado taõ nouo que se nam fizesse ja, mas por isso nam deixa de ser mais graue.

Alex.

Al. Antes o costume faz estes erros menores. Pil. Enganaste que perhi se veyo destruir o mundo. Alex. De maneira que por força me q̃res tirar, doque eu tanto gosto? Pil. Deita tu todalas contas, veràs o que achas, Roberto nam ha de querer ver seu filho, velo fora de casa perdido, desemparado, a mãy carpida, a reuolta no pouo, que o hão de praguejar de madraço, paruo, q̃ se foy emburilhar com hũa moça sem pay. Ià me entendes? Entam que cuidas. Toda sua perda ha de ser teu proueito, que o pay por o mais magoar, hate de querer dar quanto tem com sua filha. A teu pay não falece rà genro. Se quiseres ter siso, aproueitartehas, se nam não sei q̃ te mais diga. Alex. Por taõ certo tens tu ser Lionardo ja casado. Pil. E eu nam o vez? Apostote que ou o he ja, ou que não escape doje. Alex. Pois hei de sofrer eu, que hum fanchono se va assi rindo de mi. Pil. Rindo, ou como? Espero eu de lhe fazer amargar os bocados, que comeo a nossa custa, & quãtos passos perdidos dei apos elle, ainda que dos quatro cruzados hũ so lhe dei. Os mais tenho aqui pera o que tu quiseres. Alex. Quem me desse tomalo em parte onde me vingasse da esperança falsa, em que tè qui me trouue. Pil. Deixame tu a mi, que eu lhe correrei a çapateta, nam ha couil, que nam saiba, pois arrenegaria de seu pay, & da senhora sua mãy, se com esta me escapasse. Alex. Por tua vida armemoslhe hũa silada. Pil. Velhaco mari nello, engana mininos. Alex. E homens podes dizer.

Pil. Que à mil dias que me traz apos sy quebrando calçadas. Eu prometo que o pagues a onzena. *Alex.* Que he este que quà vem correndo? Santa Maria, Lionardo he. Pressa vai là, vamonos, nam nos tope aqui. *Pil.* Bom sinal he este do que te disse. Em fim conselho de amigo val hum Reyno.

ACTO. IIII. SCENA. IIII.

Lionardo so.

COmo a rapaz, como a moço, ja eram à som grande pera arrepelões. Enuiauase a mi aos cabellos, pois arrenegaria eu do paruo velho, se me oje não fizesse a vontade. Mandoo eu raiuar, que Camilia hà de ser minha molher; & outra nam. Camilia lhe hà de erdar sua fazenda, & por derradeiro heilhe de dar dez couses sobre a coua. Ah pesar de mi co velho repetenado, ouuerame de matar se me nam acolhera. Se eu acho Alexandre em descuberto, eu lhe perguntarei, onde se costuma fazer tamanha treição aos amigos. Bem me dizia a mi Bristo que me naõ fiasse delle rapaz, tredor, & falso, eu viuirei comigo daqui por diante, & algué me auerà medo.

ACTO. IIII. SCENA. V.

Roberto. *Calidonio.* *Pilarte.*

Ah

AH caĩn de mi, que se me foi; que avida lhe ouuera de tirar. *Cal.* Roberto tem siso, olha o que fazes. *Rob.* Hum filho do diabo, que nunca o eu fiz nem Deos mo deu. *Cal.* Socega ora não te entregues tanto a yra. *Rob.* Oh Calidonio, porque me não deixauas, viras ho exemplo que daua aos pays, & aos filhos. *Cal.* Naó cuy dei que eras tã arrebatado. Deixa a furia pera teus imigos. *Rob.* Não tenho eu agora outro mayor neste mundo, magoado estou, porque me fogio. *Cal.* Quam perigosa cousa he amor, & colera. *Rob.* pois nam me ha de escapar onde quer que estiuer. Tudo hei de correr, ede buscar, & essas mas que mo enganaram, eu as porey por terra. *Cal.* Antes de mea ora, te as de arrepender do que tens feito. *Rob.* Fizerao eu, & arrependerame. *Cal.* Fizeste mal de nam tomares meu concelho. Se tomaras esse moço por bem, & com hũa reprehensam de pay mansamente, & por bons meyos nam pode ser que sua vergonha, & teus bons concelhos nam poderam com elle mais, que seu appetite, & assi per ventura se remedeara o negocio. *Rob.* Que remedio pode hauer em cousa tam perdida. *Cal.* Quanta ja agora pouca lhe vejo eu. Do que ate qui fez lhe dou culpa, do que mais fizer, tu a tens. *Rob,* Como eu viuia enganado cuidando que tinha filho, & que tinha herdeiro, & elle tornouseme imigo, & solapadamente me roubaua quanto tinha pera putas, & Alcouiteiros.

Pil. Naõ deixarei de ir espreitar o que se quâ passa em casa de Roberto por quanto ha no mundo. Alexandre fezlhe Deos bem, que tomou meu conselho. Temos ordenado de tomarmos este fanchono as mãos, heyo de seguir todalas noites por estas ruas ate que algũa acerte. *Rob.* Malauenturado he o homem, que deseja filhos quanto dera eu agora pelos nam ter, pois em minha velhice auia de auer tanto nojo de hum so, que me deram meus peccados. *Cal.* Roberto não te agastes. A paixam nunca remedeou nada. Por derradeiro a ty fazes mal, a elle nenhum bem. *Pil.* Grão reuolta vai quâ. *Rob.* Nam me faria ora Deos tamanha merce, que là por onde vai topasse a morte com elle. *Cal.* Guardeo Deos, isso has de dizer. *Rob.* Sy, o filho que nega o sangue de seu pay & o deshonra pera que he viuo. *Pil.* Se Alexandre isto ouuira. *Rob.* Nam se engane elle comigo, que eu nam sam como outros paruos, que esmorecem logo de nojo. Agora me hei de curar, e de poupar, & gastar quanto tenho em leuar muito boa vida. *Pil.* Em seu siso està o velho, mas tudo aquillo sam feros. *Cal.* Faras tu ja muy bem, & este he meu conselho, quanto mais que ainda o mal pode ter remedio, se lhe logo acudirmos. *Rob.* O que eu daqui mais sinto he a vergonha do mundo, & a conta em q̃ me tu podes ter, vendome criar em casa hũa besta fera, mas em emmenda disso, chama quâ Alexandre teu filho com que te Deos fez tam bem auẽturado, & darlhehey minha filha, & toda minha fazen-

da

da. *Pil.* Vede ora se me enganaua eu muyto. Tudo aquillo he nossa perda. *Cal.* Nam cuides tu Roberto, q̃ por meu interesse queira eu prejudicar a teu filho. *Rob.* Nam lhe chames meu filho, que nam o he, nem nunca o foy. *Cal.* O concerto que temos feito (se tu quiseres) ira por diante com tanto que se elle enmende, que eu nam creo que estè ja casado. E quãdo nam reparte tua fazenda com tua filha, & deixalhe seu quinham, porque depois te nam arrependas. *Pil.* Nam ouuis nosso amo? como he amigo de seu proueito? Em fim faz bem, aq̃l la he a verdade. *Rob.* Folgara agora de ter hum Reyno para to dar todo. *Cal.* Estàs apaixonado, espera q̃ se te abaxe a colera, & conformarteas com a razam. *Rob.* Digo que des daqui pera todo sempre o engeito de filho & o hey por desherdado de toda minha fazenda ate a valia do mais pequeno ceitil. E se sua mãy naõ fizer outro tanto, nam ha de viuer em meu poder dous dias. *Pil.* Ainda achara quem a agasalhe, danado esta ovelho. *Rob.* E entre tanto porque me nam esqueça, querome ir ao corregedor dar hũa querella dessas boas senhoras, que mo enganarão, & fazeres esfolar este Alcouuiteiro viuo, que se anda aqui criando hà custa de minha fazenda. *Cal.* Não hade amansar oje. Vonme apos elle, nam faça algũa doudice. *Pil.* Nunca vi velho tam quẽte do miolo, pareceme se topara o filho, que o comera aos dentes. Se Calidonio ora soubesse o perigo em que o seu andou. Por derradeiro a verdade de viuer liure,

& não

& nam estar sogeito a estas miserias. Eu não sei se me engano, mas para mi tenho q̃ jaque homem nasce para caminhar por esta estrada trabalhosa, he bem mal acõselhado em tomar as costas outra carga alem da sua. Sam tam comprados, & tam amargados hũs meyos gostos de hum bem casado, que quando ja chegam naõ se gostam. Que farà os dos mal casados? Tornome a Alexandre, que ficou esperando por mi.

ACTO. IIII. SCENA. VI.

Pinerso. *Pilarte.*

NAM crerei isto ate q̃ o não veja, & quando o vir, hei de crer que he pela arte do diabo. Hũa moça, muito virtuosa, muito fermosa, filha de hum homem muito honrado (segundo dizẽ) à de ter hũ marinelo poder de a enfeitiçar asi. *Pil.* Vieste Pinerso sẽpre por esta rua direita? *Pin.* Sy. porque o perguntas. *Pil.* Não sey se conheces o filho de meu Senhor. *Pin.* Quẽ, Alexãdre? *Pil.* Esse mesmo. Visteo por ventura ficar passeando là encima na primeira trauessa a mam direita. *Pin.* Nam atentei por isso, que leuo o cuidado em outra parte. *Pil.* Não seram amores. *Pin.* Mas amores de Cea. Saberme has dizer onde acharei mea duzia de perdizes. *Pil.* pera oje, *Pin.* pera esta noite. *Pil.* Como, ha là oje festa ẽ casa. *Pin.* Mal o sabes ainda. Ves aqui hum cruzado q̃ se me deu somẽte pera caça. *Pil.* Serão algũs ospedes. *Pin,* Ou ospe-

ospedes,ou ospadas,auemos nos oje de ter(como dizẽ) bona xira. Pil. Teu senhor foi sempre grande homẽ de feros,& de banquetes. Se te enculcar o q̃ buscas,nam partiras comigo? Pin. E mais dartehei bom ganho,q̃ a mi não me tomão conta. Pil. Ora vaite por aqui abaixo,no fundo da rua em virando pera amão esq̃rda està hũa trauessa estreita. Toma per ella acima,viràs dar nũ beco ondese faz hũ terreirinho. Pin. Bẽ te entendo. Pil. Na derradeira casa do canto, q̃ tem hũa grande pedra a porta,pousa hũa molher gorda,q̃ chamã a Braua dal cunha. Esta te darà toda a caça q̃ quiseres. Pin. Deos te auie sempre q̃ assi me auiaste agora. Pois sabes quanto vai nisto. Que me prometerão hũ vestido se as trouxesse. Pil. Não me diras q̃ gente he essa? Pin. pera q̃ te hey de negar a verdade? leua esta noite, Bristo, a meu amo hũa moça por quẽ anda perdido a mil annos. Pil Quẽ por tua vida. Pin. Quem eu não creo, nem tu creras Pil. Por vida de quem mo dize. Pin. Não to ey de dizer ate que a nam veja em casa. Pil. E todo este gasto he pera ella. Pin, Isto he o menos tem banquete pera hum Principe. Pil. E a que oras te parece,que vira. Pin. Bem tarde,quando ja todos jouuerem. Pil. Ora não te quero deter que se faz noyte, Pin. Ficate embora. Pil. Como o diabo sabe bem ordenar as cousas de proueito. Pareceuos q̃ podera eu topar cõ este em outro melhor tempo,necessario he,que vigiemos, esta noite,porque nos nam escape Bristo.

ACTO

ACTO. IIII. SCENA. VII.

Brisio. Licisca. Alexandre, Pilarte. Annibal. Montaluão.

NAM de balde dizem, enfeitai o cepo. Se te agora visses, espantartehias. *Licis.* Se eu tambem pareço como me os vestidos armaõ, por tua vida que fujamos *Bris.* Eu que te conheço te estou estranhando. *Licis.* Estes fazem as ricas fermosas, que nam seus olhos bellos. *Bris.* Dizes verdade mana, mocinhas conheço eu, que com o terço disto as teriam por Anjos. *Licis.* Não cuidaua eu, que Camilia era taõ galante. *Bris.* Pois não he isto nada. Se a viras agora da maneira que a eu deixey com Lionardo, parecerate hũa Princesa. *Licis.* Espanto me eu, que o dinheiro nam he tam basto. *Bris.* Estes vestidos foram da mãy quando era moça. Quando morreo o pay polos nella. *Licis.* Quanto eu nunca a vi senão muyto honesta. *Bris.* Assi o foy ella, & assi se tratou sẽpre desque o pay he na India, & depois com odo ficou nesse costume. Mas digote eu, que o que ella tem em vestidos, quisera eu pera hum par de annos. *Licis.* Foy muyto em todas suas necessidades nam os venderem. *Bris.* Nunca falta a merce de Deos, agora fica em poder de quem a manterà com muyta honra. *Licis.* Sy, mas o pay? *Bris.* Nunca essas pelejas durão ate a morte. A moça he tal, he tão bem estreada que farà delles ho

que

que quiser. *Lic.* E em casa da máy se fez o casamento? *Bris.* Agora embora. Não se lhe entende a ella taõ pouco. Como lhe eu leuei as nouas, foyse logo com a filha a casa de hũa sua parenta, & ali a vestio, & enfeitou, & per ante tres testemunhas muito honradas se recebe-ram. *Lic.* Deixeos Deos lograr por muitos annos. *Bris.* Não lhe ajas tu inueja por esta noite. *Lic.* Bofè, se estes vestidos foraõ meus, que me naõ trocara por ella. *Bris.* Apertate muito esse colete? *Lic.* Muito bom vem. Faz me os peitos mais pequenos. *Bris.* Grande acerto foi teres os cabellos louros. *Lic.* Ainda eu nam trocareyos meus cabellos, nem os meus olhos pelos de Camilia, nẽ doutra mais pintada que ella. *Bris.* Nam digas isso Liciſca, tem aquella moça hũs olhos de Anjo. Pois se lhe visses a garganta, & os peitos, asſi molher como es, não te poderias ter, que lhos nam comesses. *Lic.* O que me a mi mais contenta della, he a cintura, que me vai esta sua cota quebrando os quadris. *Bris.* Se te là agastares muyto, tudo he largar hum colchete. *Lic.* Ainda me nã conheces, ja eu fuy mais gorda do que agora saõ, & pera contrafazer hũa minina de onze annos, fuy vestida nos seus vestidos. *Bris.* Eu por isso te busquei, mas agora verey pera quanto es. *Lic.* Nam he esta a primeira. *Bris.* Ey medo que te pejes muyto de te conhecerem. *Lic.* Antes esta he grande ajuda. Cuidarà que o faço de medrosa, ou de pejuda. *Bris.* Pois no que te eu has de fundar, mais he na vergonha. Teus olhos no cham, & de

quan-

quando em quando polos nelle com geitinho namorã do,& em elle vindo cos seus tornalos a abaixar muyto vergonhosa. *Lic.* Não sei se te disse ja hũa manha que tenho,que tu verias em poucas. *Bris.* Que janda? *Lic.* No bulir de hũa pestana me torno tam corada como hum lacre. *Bris.* Como fazes isso. *Lic.* Com reter hum pouco o folego,& embridar assi a barba sobre o peito *Bris.* Ainda eu essa mestria nam sabia. *Lic.* Pois pera chorar não tenho necessidade que me espanquẽ. *Bris.* Quem me desse estar espreitando como te negauas. *Lic.* Porque. *Bris.* Porque ao longe pareceras melhor. *Lic.* Antes me a mi dizem, que ao perto sam mais fermosa. *Bris.* Enganaste. *Lic.* Por vida minha Bristo, que ainda oje mo jurou hum homem. *Bris.* Se te dissera ha verdade nam o creras, esse seria de hũs em cujo reyno correm sempre palauras por moeda. Nunca te fies desses enganos, mas sabes tu o que tens? hum assento nesse rosto, que quando estas sezuda, pareces hũa condessa. *Lic.* Muitos me disseram ja isso. Ora vamos que he tarde. *Bris.* Que pressa tens da cea, boa noite faz. Deos seja com nosco, concerta bem esse rebusso, nam te caya. *Lic.* Vamos pelo mais escuso. *Alex.* Se nos sentiram em casa. *Pil.* Não, segundo me parece. *Alex.* Daremos por aqui hũa reuolta, que a noite he escura, & azada pera desastres. *Lic.* Vamos per quà, que sinto laa vir gente. *Bril.* Pegate a mi que eu te leuarei por lugar seguro. *Pil.* Escuta assi. *Alex.* Que he isso. *Bris.* Estas sam as

pro-

proprias horas,como ha de estar quã o coitado aluora
çado. *Pil.* Que me maté se aquelle naõ he Bristo. *Alex.*
Tardamos muito.Não saõ estas as suas oras. *Pil.* Antes
nenhũas outras. Vemte por aqui conheceloemos. *Lic.*
Apos nos vem não sei quem. *Bris.* Quem-he, passe em-
bora.Não vai aqui quem deua nada a justiça. *Alex.* Ah
dum fanchono, puto,feiticeiro,que a mi deues tu a vi-
da. *Bris.* Iesu seja comigo.Homem q̃ mal te fiz. *Pil.* Tu
não falles,nem boquejes,se queres poupar a vida. *Bris.*
Ah que del Rey. *Alex.* Azado te parecia eu pera zombã
res de mi. *Lic.* Iustiça,justiça,ah que da justiça. *Alex.*
Não tenhas de ver com brados,dalhe,nam ho poupes.
Bris. Ay, Ay. *Alex.* Tapalhe essa boca afogao. *Bris.* Que
me matam. *Alex.* Pagaras por mi,& por outros, *Pil.* Va
monos que acode gente. *Alex.* Quem me dera tomar a-
quella puta que vay gritando. *Pil.* Casoume ovelhaco,
mas mais casado fica elle.Estas lhe lembraram por hũs
dias. *Bris.* Visinhos desta rua,que me ouuis:sedeme tes-
temunhas,como indo por aqui a estas oras,sem pao,&
sem pedra,em paz,& em saluo,saltarão comigo aquel
les dous homẽs,que aly vam,que eu bem conheço, &
me espançarão,& ferirão,sem lhes eufazer mal nenhũ.
Ann. Nã me enganaua eu,aquelle he Bristo. *Men.* Quẽ
auia de cuidar,q̃ tã perto da tua porta se atreuesse nin-
guẽ a tãto. *Bris.* Velhacos,ladrões , vadios,q̃ não tẽ ou-
tro oficio senão andar cuidando de dia o q̃ hã de fazer
denoite. *Ann.* Abaixa essa chuça.Cercaos per la,nã nos
fujão.

Bris.

Bris. Todo me romperão, todo me pisarão, nem hum so osso me deixarão sam no corpo. *Mon.* Ah pesar de meu pay, que tua mansidam he causa desta deshonra. *Bris.* Licisca? Huy por mi sese me foi Licisca. Acolheo se, ja estoutra he peor, coitado que farei agora. *Ann.* Bristo que cousa he esta? quaes saõ os rapazes que indo tu pera minha casa ousaram de te afrontar. *Bris.* Ay Senhor, não sey como me achas viuo. *Ann.* Dizemo, naõ chores, antes que os innocẽtes paguem pelos culpados. *Bris.* Nam sei quem sam, nem por onde foram. Vindo por aqui tam seguro, como quem nam tem feito cousa per que se tema, saltaram comigo, fizeramme tal qual me achas. *Mon.* Agora os nam culpo pois se souberam guardar de ty. Parece que de là lhes mete ste medo. *Ann.* Vinha mais alguem contigo. *Bris.* Vinha quem tu sabes, *Mon.* Maluado. Mas quem eu sey. *Bris.* E com a reuolta perdi o tento della. Não sei pera onde foy que isto sinto ja mais que minha mofina. *Mon.* Delicado feyto. *Ann.* Oh mundo, oh fortuna? Tamanha injuria se fez nunca a nenhum homem. *Bris.* Pareceme a my, que a senti ir gritando là pera baixo. Ia pode ser, que iria ter a tua casa. *Mon.* Nunca o Diabo a là leue, ficarà a cea por nossa. *Ann.* Porque nam foy isto de dia que mor diluuio ouuera de fazer, que o de Rhodes. Montaluam, onde te foste? *Mon.* Vite tam brauo, que te ouue medo. *An.* Agora te dou licença pera todalas cruezas. *Mon.* Que presta pois nam ha em que se

fa-

façaõ. *Ann.* Daqui faço voto solenne de nenhũ homẽ q̃ esta noite achar, deixar com vida. *Mon.* Mas de meu concelho já que se nos foram, encubramos o negocio por honra desta moça. E a manhaã deixame que eu tos descubrirei. *Ann.* Nunqua o diabo armou tamanho de sastre, vamonos a casa se a là nam acho nam me ha de ficar casa em toda a cidade.

ACTO. V. SCENA. I.

Pindaro pay. Arnolfo filho.

QVem auera agora aqui q̃ nos conheça, ou quem se nã espãtarà de nos ver, pois passa de dous annos q̃ nos tem por mortos. *Arn.* Conheço eu logo muy bẽ esta terra em q̃ nasci, & em q̃ me criei, louuores a nosso Senhor q̃ nos tornou a ella. *Pin.* Coitadinhas de tua mãy, & irmãa, que assi estarão ora aqui tristes desẽparadas, cubertas de dò de miseria, & de pobreza. *Arn.* Ia os trabalhos saõ passados, asi nossos como seus, agora virà o descanço, & o contẽtamento. *Pin.* Asi saõ as cousas deste mundo Arnolfo, filho se hi não ouuesse mal, não aueria bem, se não passassemos per trabalhos nom conheceriamos o descanso bemauenturado aquelle que soube passar por tudo. *Arn.* Esses seremos nos logo pois des que daqui saimos, toda nossa vida foi morte. *Pin.* Ves aqui filho q̃ cousa he ser pai, & ter filhos. Eu com qualq̃r cousa me contentara, vosoutros me desterrastes tão longe, a tantos anos q̃ indo mancebo torno velho. verdade he q̃ as soidades de minha molher, de minha fi

Bris. Todo me romperão, todo me pisarão, nem huũ so osso me deixarão sam no corpo. *Mon.* Ah pesar de meu pay, que tua mansidam he causa desta deshonra. *Bris.* Licisca? Huy por mi fese me foi Licisca. Acolheo se, ja estoutra he peor, coitado que farei agora. *Ann.* Bristo que cousa he esta? quaes saõ os rapazes que indo eu pera minha casa ousaram de te afrontar. *Bris.* Ay Senhor, não sey como me achas viuo. *Ann.* Dizemo, naõ chores, antes que os innocẽtes paguem pelos culpados. *Bris.* Nam sei quem sam, nem por onde foram. Vindo por aqui tam seguro, como quem nam tem feito cousa per que se tema, saltaram comigo, fizerãme tal qual me achas. *Mon.* Agora os nam culpo pois se souberam guardar de ty. Parece que de là lhes mete ste medo. *Ann.* Vinha mais alguem contigo. *Bris.* Vinha quem tu sabes, *Mon.* Maluado. Mas quem eu sey. *Bris.* E com a reuolta perdi o tento della. Não sei pera onde foy que isto sinto ja mais que minha mofina. *Mon.* Delicado feyto. *Ann.* Oh mundo, oh fortuna? Tamanha injuria se fez nunca a nenhum homem. *Bris.* Pareceme a my, que a senti ir gritando là pera baixo. Ia pode ser, que iria ter a tua casa. *Mon.* Nunca o Diabo a là leue, ficarâ a cea por nossa. *An.* Porque nam foy isto de dia que mor diluuio ouuera de fazer, que o de Rhodes. Montaluam, onde te foste? *Mon.* Vite tam brauo, que te ouue medo. *An.* Agora te dou licença pera toda las cruezas. *Mon.* Que presta pois nam ha em que se

fa-

fação. *Ann.* Daqui façovoto solenne de nenhũ homẽ q̃ esta noite achar, deixar com vida. *Mon.* Mas de meu concelho ja que se nos foram, encubramos o negocio por honra desta moça. E a manhaã deixame que eu tos descubrirei. *Ann.* Nunqua o diabo armou tamanho desastre, vamonos a casa se a là nam acho nam me ha de ficar casa em toda a cidade.

ACTO. V. SCENA. I.

Pindaro pay. Arnolfo filho.

QVem auera agorá aqui q̃ nos conheça, ou quem se nã espãtarà de nos ver, pois passa de dous annos q̃ nos tem por mortos. *Arn.* Conheço eu logo muy bẽ esta terra em q̃ nasci, & em q̃ me criei, louuores a nosso Senhor q̃ nos tornou a ella. *Pin.* Coitadinhas de tua mãy, & irmãa, que asi estarão ora aqui tristes desẽparadas, cubertas de dò de miseria, & de pobreza. *Arn.* Ia os trabalhos saõ passados, asi nossos como seus, agora virà o descanço, & o contẽtamento. *Pin.* Asi saõ as cousas deste mundo Arnolfo, filho se hi não ouuesse mal, não aueria bem, se não passassemos per trabalhos nom conheceriamos o descanso bemauenturado aquelle que soube passar por tudo. *Arn.* Esses seremos nos logo pois des que daqui saimos, toda nossa vida foi morte. *Pin.* Ves aqui filho q̃ cousa he ser pai, & ter filhos. Eu com qualq̃r cousa me contentara, vosoutros medesterrastes tão longe, a tantos anos q̃ indo mancebo torno velho. verdade he q̃ as soidades de minha molher, de minha fi

Bris. Todo me romperão, todo me pisarão, nem hum so osso me deixarão sam no corpo. *Mon.* Ah pesar de meu pay, que tua mansidam he causa desta deshonra. *Bris.* Licisca? Huy por mi sese me foi Licisca. Acolheo se, ja estoutra he peor, coitado que farei agora. *Ann.* Bristo que cousa he esta? quaes saõ os rapazes que indo tu pera minha casa ousaram de te afrontar. *Bris.* Ay Senhor, não sey como me achas viuo. *Ann.* Dizemo, naõ chores, antes que os innocétes paguem pelos culpados. *Bris.* Nam sei quem sam, nem por onde foram. Vindo por aqui tam seguro, como quem nam tem feito cousa per que se tema, saltaram comigo, fizeramme tal qual me achas. *Mon.* Agora os nam culpo pois se souberam guardar de ty. Parece que de là lhes meteste medo. *Ann.* Vinha mais alguem contigo. *Bris.* Vinha quem tu sabes, *Mon.* Maluado. Mas quem eu sey. *Bris.* E com a reuolta perdi o tento della. Não sei pera onde foy que isto sinto ja mais que minha mofina. *Mon.* Delicado feyto. *Ann.* Oh mundo, oh fortuna? Tamanha injuria se fez nunca a nenhum homem. *Bris.* Pareceme a my, que a senti ir gritando là pera baixo. Ia pode ser, que iria ter a tua casa. *Mon.* Nunca o Diabo a là leue, ficarà a cea por nossa. *An.* Porque nam foy isto de dia que mor diluuio ouuera de fazer, que o de Rhodes. Montaluam, onde te foste? *Mon.* Vite tam brauo, que te ouue medo. *An.* Agora te dou licença pera todas las cruezas. *Mon.* Que presta pois nam ha em que se fa-

fação. *Ann.* Daqui façovoto solenne de nenhũ homẽ q̃ esta noite achar, deixar com vida. *Mon.* Mas de meu concelho ja que se nos foram, encubramos o negocio por honra desta moça. E a manhaã deixame que eu tos descubrirei. *Ann.* Nunqua o diabo armou tamanho de sastre, vamonos a casa se a là nam acho nam me ha de ficar casa em toda a cidade.

ACTO. V. SCENA. I.

Pindaro pay. *Arnolfo filho.*

QVem auera agora aqui q̃ nos conheça, ou quem se nã espãtarà de nos ver, pois passa de dous annos q̃ nos tem por mortos. *Arn.* Conheço eu logo muy bẽ esta terra em q̃ nasci, & em q̃ me criei, louuores a nosso Senhor q̃ nos tornou a ella. *Pin.* Coitadinhas de tua mãy, & irmãa, que asi estarão ora aqui tristes desépara das, cubertas de dò de miseria, & de pobreza. *Arn.* Ia os trabalhos saõ passados, asi nossos como seus, agora virà o descanço, & o contẽtamento. *Pin.* Asi saõ as cousas deste mundo Arnolfo, filho se hi não ouuesse mal, não aueria bem, se não passassemos per trabalhos nom conheceriamos o descanso bemauenturado aquelle que soube passar por tudo. *Arn.* Esses seremos nos logo pois des que daqui saimos, toda nossa vida foi morte. *Pin.* Ves aqui filho q̃ cousa he ser pai, & ter filhos. Eu com qualq̃r cousa me contentara, vosoutros me desterrastes tão longe, a tantos anos q̃ indo mancebo torno velho. verdade he q̃ as soidades de minha molher, de minha fi

Brif. Todo me romperão, todo me pisarão, nem hum so osso me deixarão sam no corpo. *Mon.* Ah pesar de meu pay, que tua mansidam he causa desta deshonra. *Brif.* Licisca? Huy por mi sese me foi Licisca. Acolheo se, ja estoutra he peor, coitado que farei agora. *Ann.* Bristo que cousa he esta? quaes saõ os rapazes que indo tu pera minha casa ousaram de te afrontar. *Brif.* Ay Senhor, não sey como me achas viuo. *Ann.* Dizemo, naõ chores, antes que os innocẽtes paguem pelos culpados. *Brif.* Nam sei quem sam, nem por onde foram. Vindo por aqui tam seguro, como quem nam tem feito cousa per que se tema, saltaram comigo, fizerãme tal qual me achas. *Mon.* Agora os nam culpo pois se souberam guardar de ty. Parece que de là lhes meteste medo. *Ann.* Vinha mais alguem contigo. *Brif.* Vinha quem tu sabes, *Mon.* Maluado. Mas quem eu sey. *Brif.* E com a reuolta perdi o tento della. Não sei pera onde foy que isto sinto ja mais que minha mofina. *Mon.* Delicado feyto. *Ann.* Oh mundo, oh fortuna? Tamanha injuria se fez nunca a nenhum homem. *Brif.* Pareceme a my, que a senti ir gritando là pera baixo. Ia po de ser, que iria ter a tua casa. *Mon.* Nunca o Diabo a là leue, ficarà a cea por nossa. *An.* Porque nam foy isto de dia que mor diluuio ouuera de fazer, que o de Rhodes. Montaluam, onde te foste? *Mon.* Vite tam brauo, que te ouue medo. *An.* Agora te dou licença pera toda las cruezas. *Mon.* Que presta pois nam ha em que se

fa-

fação. *Ann.* Daqui façovoto solenne de nenhũ homẽ q̃ esta noite achar, deixar com vida. *Mon.* Mas de meu concelho já que se nos foram, encubramos o negocio por honra desta moça. E a manhaã deixame que eu vos descubrirei. *Ann.* Nunqua o diabo armou tamanho desastre, vamonos a casa se a là nam acho nam me ha de ficar casa em toda a cidade.

ACTO. V. SCENA. I.

Pindaro pay. *Arnolfo filho.*

QVem auera agora aqui q̃ nos conheça, ou quem se nã espãtarà de nos ver, pois passa de dous annos q̃ nos tem por mortos. *Arn.* Conheço eu logo muy bẽ esta terra em q̃ nasci, & em q̃ me criei, louuores a nosso Senhor q̃ nos tornou a ella. *Pin.* Coitadinhas de tua mãy, & irmãa, que asi estarão ora aqui tristes desẽparadas, cubertas de dò de miseria, & de pobreza. *Arn.* Ia os trabalhos saõ passados, asi nossos como seus, agora virà o descanço, & o contẽtamento. *Pin.* Asi saõ as cousas deste mundo Arnolfo, filho se hi não ouuesse mal, não aueria bem, se não passassemos per trabalhos nom conheceriamos o descanso bemauenturado aquelle que soube passar por tudo. *Arn.* Esses seremos nos logo pois des que daqui saimos, toda nossa vida foi morte. *Pin.* Ves aqui filho q̃ cousa he ser pai, & ter filhos. Eu com qualq̃r cousa me contentara, vosoutros medesterrastes tão longe, a tantos anos q̃ indo mancebo torno velho. verdade he q̃ as soidades de minha molher, de minha fi

Bris. Todo me romperão, todo me pisarão, nem hum so osso me deixarão sam no corpo. *Mon.* Ah pesar de meu pay, que tua mansidam he causa desta deshonra. *Bris.* Licisca? Huy por mi sese me foi Licisca. Acolheo se, ja estoutra he peor, coitado que farei agora. *Ann.* Bristo que cousa he esta? quaes saõ os rapazes que indo tu pera minha casa ousaram de te afrontar. *Bris.* Ay Senhor, não sey como me achas viuo. *Ann.* Dizemo, naõ chores, antes que os innocẽtes paguem pelos culpados. *Bris.* Nam sei quem sam, nem por onde foram. Vindo por aqui tam seguro, como quem nam tem feito cousa per que se tema, saltaram comigo, fizeramme tal qual me achas. *Mon.* Agora os nam culpo pois se souberam guardar de ty. Parece que de là lhes meteste medo. *Ann.* Vinha mais alguem contigo. *Bris.* Vinha quem tu sabes, *Mon.* Maluado. Mas quem eu sey. *Bris.* E com a reuolta perdi o tento della. Não sei pera onde foy que isto sinto ja mais que minha mofina. *Mon.* Delicado feyto. *Ann.* Oh mundo, oh fortuna? Tamanha injuria se fez nunca a nenhum homem. *Bris.* Pareceme a my, que a senti ir gritando là pera baixo. Ia pode ser, que iria ter a tua casa. *Mon.* Nunca o Diabo a là leue, ficarà a cea por nossa. *An.* Porque nam foy isto de dia que mor diluuio ouuera de fazer, que o de Rhodes. Montaluam, onde te foste? *Mon.* Vite tam brauo, que te ouue medo. *An.* Agora te dou licença pera todalas cruezas. *Mon.* Que presta pois nam ha em que se

fa-

façāo. *Ann.* Daqui façovoto solenne de nenhũ homẽ q̃ esta noite achar, deixar com vida. *Mon.* Mas de meu concelho já que se nos foram, encubramos o negocio por honra desta moça. E a manhaã deixame que eu tos descubrirei. *Ann.* Nunqua o diabo armou tamanho desastre, vamonos a casa se a là nam acho nam me ha de ficar casa em toda a cidade.

ACTO. V. SCENA. I.

Pindaro pay. *Arnolfo filho.*

QVem auera agorá aqui q̃ nos conheça, ou quem se nã espātarà de nos ver, pois passa de dous annos q̃ nos tem por mortos. *Arn.* Conheço eu logo muy bẽ esta terra em q̃ nasci, & em q̃ me criei, louuores a nosso Senhor q̃ nos tornou a ella. *Pin.* Coitadinhas de tua māy, & irmāa, que asi estarão ora aqui tristes desēparadas, cubertas de dò de miseria, & de pobreza. *Arn.* Ia os trabalhos saõ passados, asi nossos como seus, agora virà o descanço, & o contētamento. *Pin.* Asi saõ as cousas deste mundo Arnolfo, filho se hi não ouuesse mal, não aueria bem, se não passassemos per trabalhos nom conheceriamos o descanso bemauenturado aquelle que soube passar por tudo. *Arn.* Esses seremos nos logo pois des que daqui saimos, toda nossa vida foi morte. *Pin.* Ves aqui filho q̃ cousa he ser pai, & ter filhos. Eu com qualq̃r cousa me contentara, vos outros me desterrastes tão longe, a tantos anos q̃ indo mancebo torno velho. verdade he q̃ as soidades de minha molher, de minha fi

quando em quando polos nelle com geitinho namorado,& em elle vindo cos seus tornalos a abaixar muyto vergonhosa. *Lic.* Não sei se te disse ja hũa manha que tenho, que tu verias em poucas. *Bris.* Que janda? *Lic.* No bulir de hũa pestana me torno tam corada como hum lacre. *Bris.* Como fazes isso. *Lic.* Com reter hum pouco o folego,& embridar assi a barba sobre o peito *Bris.* Ainda eu essa mestria nam sabia. *Lic.* Pois pera chorar não tenho necessidade que me espanqué. *Bris.* Quem me desse estar espreitando como te negauas. *Lic.* Porque. *Bris.* Porque ao longe pareceras melhor. *Lic.* Antes me a mi dizem, que ao perto sam mais fermosa. *Bris.* Enganaste. *Lic.* Por vida minha Bristo, que ainda oje mo jurou hum homem. *Bris.* Se te dissera ha verdade nam o creras, esse seria de hũs em cujo reyno correm sempre palauras por moeda. Nunca te fies desses enganos, mas sabês tu o que tens? hum assento nesse rosto, que quando estas sezuda, pareces hũa condessa. *Lic.* Muitos me disseram ja isso. Ora vamos que he tarde. *Bris.* Que pressa tens da cea, boa noite faz. Deos seja com nosco, concerta bem esse rebusso, nam te caya. *Lic.* Vamos pelo mais escuso. *Alex.* Se nos sentiram em casa. *Pil.* Não, segundo me parece. *Alex.* Daremos por aqui hũa reuolta, que a noite he escura, & azada pera desastres. *Lic.* Vamos per quà, que sinto laa vir gente. *Bris.* Pegate a mi que eu te leuarei por lugar seguro. *Pil.* Escuta assi. *Alex.* Que he isso. *Bris.* Estas sam as

pro-

proprias horas,como ha de estar quã o coitado aluoraçado. *Pil.* Que me maté se aquelle naõ he Bristo. *Alex.* Tardamos muito. Não saõ estas as suas oras. *Pil.* Antes nenhũas outras. Vemte por aqui conhecelo emos. *Lic.* Apos nos vem não sei quem. *Bris.* Quem he, passe embora. Não vai aqui quem deua nada a justiça. *Alex.* Ah dum fanchono, puto, feiticeiro, que a mi deues tu a vida. *Bris.* Iesu seja comigo. Homem q̃ mal te fiz. *Pil.* Tu não falles, nem boquejes, se queres poupar a vida. *Bris.* Ah que del Rey. *Alex.* Azado te parecia eu pera zombares de mi. *Lic.* Iustiça, justiça, ah que da justiça. *Alex.* Não tenhas de ver com brados, dalhe, nam ho poupes. *Bris.* Ay, Ay. *Alex.* Tapalhe essa boca afogao. *Bris.* Que me matam. *Alex.* Pagaras por mi, & por outros, *Pil.* Vamonos que acode gente. *Alex.* Quem me dera tomar aquella puta que vay gritando. *Pil.* Casoume o velhaco, mas mais casado fica elle. Estas lhe lembraram por hũs dias. *Bris.* Visinhos desta rua, que me ouuis: sedeme testemunhas, como indo por aqui a estas oras, sem pao, & sem pedra, em paz, & em saluo, saltarão comigo aquelles dous homẽs, que aly vam, que eu bem conheço, & me espancarão, & ferirão, sem lhes eu fazer mal nenhũ. *Ann.* Nã me enganaua eu, aquelle he Bristo. *Men.* Quẽ auia de cuidar, q̃ tã perto da tua porta se atreuesse ninguẽ a tãto. *Bris.* Velhacos, ladrões, vadios, q̃ não tẽ outro oficio senão andar cuidando de dia o q̃ hã de fazer denoite. *Ann.* Abaixa essa chuça. Cercaos per la, nã nos fujão.

Bris.

fação. *Ann.* Daqui façovoto solenne de nenhũ homẽ q̃ esta noite achar, deixar com vida. *Mon.* Mas de meu concelho já que se nos foram, encubramos o negocio por honra desta moça. E a manhaã deixame que eu tos descubrirei. *Ann.* Nunqua o diabo armou tamanho de sastre, vamonos a casa se a là nam acho nam me ha de ficar casa em toda a cidade.

ACTO. V. SCENA. I.

Pindaro pay. *Arnolfo filho.*

QVem auera agora aqui q̃ nos conheça, ou quem se nã espãtarà de nos ver, pois passa de dous annos q̃ nos tem por mortos. *Arn.* Conheço eu logo muy bẽ esta terra em q̃ nasci, & em q̃ me criei, louuores a nosso Senhor q̃ nos tornou a ella. *Pin.* Coitadinhas de tua mãy, & irmãa, que asi estarão ora aqui tristes despara das, cubertas de dò de miseria, & de pobreza. *Arn.* Ia os trabalhos saõ passados, asi nossos como seus, agora virà o descanço, & o contẽtamento. *Pin.* Asi saõ as cousas deste mundo Arnolfo, filho se hi não ouuesse mal, não aueria bem, se não passassemos per trabalhos nom conheceriamos o descanso bemauenturado aquelle que soube passar por tudo. *Arn.* Esses seremos nos logo po is des que daqui saimos, toda nossa vida foi morte. *Pin.* Ves aqui filho q̃ cousa he ser pai, & ter filhos. Eu com qualq̃r cousa me contentara, vosoutros me desterrastes tão longe, a tantos anos q̃ indo mancebo torno velho. verdade he q̃ as soidades de minha molher, de minha fi

lha,& de minha casa me fizerã braco ante tẽpo,q̃ os trã balhos todos os lâ tẽ,& os passá. *Arn.* Seria bõ senhor q̃ tiuessemos algũ meo cõ q̃ ellas soubessẽ nossa vinda an tes q̃ nos vissem,porq̃ hũ prazer tão supito,& tã pouco esperado,as vezes se cõuerte em nojo. *Pin.* Dizes muito bẽ,& eu assi o trazia cuidado,mas onde iremos buscar quẽ nos conheça. *Arn.* Aqui perto me lẽbra a mi,q̃ foia morar hũa minha tia q̃ me conuidaua sẽpre quãdo ya a sua casa. *Pin.* Artusa prima de tua mãy muy virtuosa pessoa,se ella he viua,não será seu contentamento pou co. Mas mùyto estimara eu saber onde minha molher pousa,& irmola espreitar pera ver aquelle desemparo virtuoso com q̃ viuẽ. *Arn.* Não queiras ver tamanha piedade,bẽ sabes ja oq̃ de cà te escreuiã os amigos. *Pin.* Oh minha molher,minha amiga,q̃ agora sinto eu vos sas saudades mais que nunca, quão certe he q̃ de todos esses ninguem a conhece ja. *Arn.* Acho muitas nouida des nesta terra, cujas serão estas casas grandes q̃ tambẽ parecẽ. *Pin.* Naõ te espantes,em pouco tẽpo faz o tẽpo muitas mudãças. Os q̃ aqui deixaste mininos,velos hàs homẽs,os mancebos velhos,os velhos soterrados,q̃ esta he a nossa roda por õde andamos. Conheces por vẽtu ra este velho,q̃ ca vem?lẽbrate delle? *Arn.* Nã. *Pin.* Se gundo me dà o ar,este he Calidonio,q̃ eu deixei mãce bo,casado de pouco. *Arn.* Pode ser q̃ te nom conheça elle logo. *Pin.* Não sei a amisade nõ era tão pouca para lhe eu não lẽbrar, mas cõ tudo este he q̃ eu o conheço.

ACTO

ACTO. V. SCENA. II.

Calidonio. Pindaro. Arnolfo.

CAmanhos desarrãjos causa a ira,& a pertinacia.Vẽdes Roberto agora cõ o filho perdido,q̃ nem o acha nem nouas delle.Foiselhe a manẽcoria entrou a saudade nelle de maneira q̃ se não leuantou oje,a molher mea morta,medo ey,que lhe custẽ caro seus feros.*Pin.* Como passa per nos o tẽpo.Espantado estou de ver este homem tão branco, *Cal.*Eu,porque ouue dò delles. gastei toda esta manhãa com Alexandre em lho buscar mos cada hum por sua parte.Tenho pera mi,que se acolheo com a moça,porque as pousadas estão fechadas & não ha na visinhança quẽ nos saiba dar nouas delles, *Arn.*Falemoslhe,que elle nos guiarà.*Pin.*Deixayo chegar que pera cà vẽ. *Cal.*A moça ainda oje soube, q̃ era filha de Pindaro nosso cidadão, que morreo na India muito bom homẽ,& meu amigo.Mas q̃ presta,pois nõ tẽ nada,& se criou sempre em poder da mãi,não sei de qual delles he pera auer mor dor. *Pin.*De quanta gẽte por aqui passa , ainda ninguem conheci senão estes. *Cal.* Todo o homem prudente hà de por diante dos olhos o que pode acontecer. Que remedio tiuera eu agora pera recobrar a filha, & ha fazenda , se ambas juntamente tiuera entregues? Quantas cautelas se requerem para a vida deste mundo. Que homens sam estes que qua vem? parecem estrangeiros.

*Pin.*Eide ver se me conhece.Deos te salue senhor hõrado. *Cal.*Asi o faça a ti tambẽ. Eu vi ja este homẽ se me não engano.*Pin.*Nã es tu Calidonio filho de Alexãdre q̃ foi muito tẽpo guarda mor desta cidade.*Cal.*Si,q̃ he o q̃ mandas?*Pin.*Bẽ me parecia a mi,q̃ te conhecia. Folgo de te ver louuores a Deos viuo,e saõ,posto q̃ muito mudado do q̃ te deixei. *Cal.*Dõde me conheces.*Pin.*daqui.*Cal.*Estou enleado cõtigo,pareceme tambem q̃ te vi ja,não me lembra aonde. *Pin.* Não he muito, que o tempo,& a idade,te fação desconhecerme,mas ja aqui viui algũs dias.*Cal.*Por certo q̃ me tẽs cõfuso,& muito mais em te ouuir isso.*Pin.*Saberme às dizer onde pousa aqui hũa molher viuua chamada Cornelia. *Cal.*Santa Maria q̃ asi me aluoraçaste. Se seu marido fora viuo, eu jurara q̃ eras elle. *Pin.*Asi o podes jurar sẽ pecado. *Cal.*Como. Tu es Pindaro.*Pin.*Eu,não te bẽsas,q̃ viuo venho louuores a Deos,*Cal.*Tu es Pindaro nosso cidadão,q̃ dous annos à q̃ temos por morto.*Pin.*Eu Calidonio saõ teu amigo Pindaro,q̃ nosso Senhor trouue a esta terra milagrosamẽte.*Cal.*Nã o posso crer.*Pin* Este he Arnolfo meu filho,q̃ daqui leuei ẽ idade de sete annos.*Cal.*Ora verdadeiramẽte tu es.Ainda agora te conheci.Nã deixarei de te abraçar ainda q̃ não q̃iras.Pareceme q̃ sonho isto.*Pin.*Sabe Deos camanhos dezejos trazia de ver a ti,&a todos meus amigos. *Cal.*Tãbẽ ey de abraçar teu filho.Bẽzate Deos filho, q̃ asi vẽs feito homẽ.*Arn.*Nessa cõta me podes ter pera tudo o q̃ mãdares.*Cal.*

Cal. Oh senhor Deos quamanhos sam teus mysterios! Se soubesses ora meu amigo Pindaro quanto folgo cõ a tua vinda espantartehias. *Pin.* Eu to creo certamente & to mereço pela boa võtade que te sempre tiue. *Cal.* Ora bem, que milagre foy este tamanho, que asi me tem pasmado. *Pin.* Sam cousas de nosso Senhor. Passa de dous annos, & vay em tres que partimos da India. Deu a tormenta com nosco por nossos pecados, lançounos em terras estranhas, onde ouueramos de perder as vidas, & as fazendas. *Cal.* Asi vos tiuemos nos quà a todos por perdidos. *Pin.* Feznos Deos depois tamanha merce, que nos trouue a este Reyno, saõs, & saluos, & nam com muyta perda, segundo foram os desastres. *Cal.* Elle seja louuado pera sempre. Eu não te quero perguntar como vens, pois te vejo viuo. *Pin.* Bem sey eu que te nam pesara nada de meu bem, que he louuores a Deos mais do que mereci. *Cal.* Tu tens muyta rezam de vires dezejoso de ver tua molher, & filha, & ellas muyto mais de te verem. Mas porque as nam espantes vente a minha casa descansaràs, & farlhohaõ saber. *Pin.* Deos te aguardeça esse amor, & gasalhado. Eu trabalharei, que o naõ percas. *Cal* Espantame teu filho que o meu Alexandre nam he mais moço que elle, & vem (benzao Deos) que parece seu pay. *Arn.* Sam trabalhos senhor do mar, & de terras estranhas. *Cal.* Por certo, que nesses quisera eu antes ver criado meu filho, q̃ nos mimos de sua mãy. Pesame não estar agora aqui

perá ir logo visitar Cornelia. Mas eis aqui vẽ Pilarte, irmoha chamar.

ACTO. V. SCENA. III.

Pil. AGora me vẽ a mi cor de rir do desastre de Bristo. Quem me dera saber o que mais passou. Cal. Pilarte. Pil. Quẽ me chama. Cal. Vem cà. Pil. Nosso amo he, quem saõ os outros. Cal. Vaite a casa de Roberto muito correndo, chamame Alexandre, que là hà de estar. Pin. He esse Roberto nosso amigo antigo, cõ que nos criamos todos. Cal. Esse que não folgarà ora pouco cõ tua vinda. Pin. Agora deuo mais a Deos pois ainda acho viuos os meus amigos. Cal. Ora vamonos daqui, que não queria que te ninguem conhecesse primeiro, q̃ tua molher. Pil. Não me lembra q̃ visse nũca aquelles homẽs, nem creo que Alexãdre os conhecerà. Pin. que pressa he essa. Pil. o Pinerso. Pin. Onde vaz. Pil. A hũ negocio, mas primeiro eide saber de ti, quẽ era aqlla dama dõtẽ. Pin. Dao diabo. Todo o gasto foi perdido. Pil. como asi. Pin. Trazẽdoa Bristo cõsigo (o q̃ eu nã posso acabar de crer) faltarão cõ elle hũs bargãtes, q̃ lha tomarã, e o espãcarã. Pil. por tua vida. Pin. Quiznos Deos bem toda a cea foy nossa. Annibal andou toda a noyte correndo a cidade feito mouro, arrenegado do mar, & da terra. O fanchono foise por hy alẽ, não sabemos parte delle por õde eu sospeito, q̃ tudo foi mẽtira. Pil. Muyto me contas. Mas toda via quem era a senho-

ra? Pin. Hũa moça muyto fermosa filha de hũa viuuã muyto honrada que aqui mora, Pil. Como se chama? Pin. Camilia. Pil. Que me dizes? Pin. Mas eu nam o crerei em que mo pregue dom Paulo. Pil. Ay, Ay. Pin. Que hàs? Pil. Que graça tamanha. Pin. De que te ris? Pil. Deixame rir por tua vida. Pin. Que he isso? Pil. Ay que me afogo. Pin. Zombas, ou que fazes. Pil. Agora me nam quero espantar de nada pois esse fanchono te ue poder pera tanto. Pin. Em que? Pil. Em que? em roubar teu amo tegora, & per derradeiro zombar delle tam publicamente. Pin. Sempre eu isso pera mi tiue. Pil. Pois nam sabes como passa? Essa moça desdontem esta casada com Lionardo filho de Roberto. Pin. Isso he certo. Pil Dartehia o pay boa aluiçara, & não fosse asi. Pin. Como o sabes. Pil. Basta affirmarto eu, o coytado do velho jaz em cama pera morrer de nojo. Pin. Como pode ser. Que nos fomos esta noite, & oje pela manhãa a casa della, & achamola fechada. Pil. Como sesudas, querias que estiuessem hi aguardando o impeto de Roberto, & os terremotos, & brauuras de teu amo. Forãose a casa de hũa parenta sua, que ainda agora o soube de hũa pessoa de casa, q̃ mo disse em segredo. Pin. Quẽ me dizia a mi, q̃ tudo o deste Marinello erão bulras, o ladroices. Digote eu, se o meu amo sabe, q̃ à mister cachorrinhos. Mas eu nã heide deixar delho dizer, & hade ser logo, porq̃ te nã detenha. Pil. Fazes bẽ, q̃ eu vou depressa. Mas eis ca vẽ Alexãdre q̃ me tirarà della.

ACTO. V. SCENA. IIII.

Alexandre. Pilarte.

PER derradeiro o mor bem deste mundo he cumprir homem seus desejos. *Pil.* Iunto daquillo està que mor bem he não dezejar se não o que he licito. Oh Alexandre tiraste me de hum trabalho, agora ya eu em tua busca. *Alex.* Para que? *Pil.* Vem a casa sabelohas. *Alex.* Que negocios seram esses? *Pil.* Chegaram agora a teu pay hũs hospedes, que eu não conheço, quer (parece) que te vejão. *Alex.* Sabes nouas de Lionardo. *Pil.* Sey. *Alex.* Que taes? *Pil.* Que esta com sua molher. *Alex.* Com Camilia? *Pil.* Com Camilia. *Alex.* Quẽ queres que lhe nam aja inuẽja. *Pil.* Ainda lhe a este ficaram fezes Si, se o casamento fora so por estes tres dias. *Alex.* Oo que val mais hũa ora de contentamento q̃ mil annos de desgosto. *Pil.* Hy veras tu quanta merce te Deos fez que queres que faça o coitado com a molher & sogra as costas escornado do pay, & dos parentes de que as ha de manter? onde o ha de ir buscar? que vida ha de ter? Tu nam deitas estas contas? *Alex.* Deos que os ajuntou lhes darà com que viuam. *Pil.* Espera tu por esses milagres. *Alex.* O caso he, eu mais quisera agora ser Lionardo com todalas paixões de seu pay, que Alexandre com os mimos do meu. *Pil.* Olha o que fallas

não

nam te colha Deos em soberba. Dà ao demo esse amor cego que te cega, abre os olhos, conhece teu bem. Naõ te lembre Lionardo, nem Camilia, senam para averes doo delles, que tu veras este gostosinho de apetite cõuertido em lagrimas de arrependimento. Deixaos estar embora, que no suor de seus rostos viuiraõ. Vamos que tardamos muito. *Alex.* Tu ves aquelle doudo, como vem enfiado. *Pil.* Por vida tua que lhe fujamos, que vem danado, contartecy de que, & consolartehas.

ACTO. V SCENA. V.

Annibal. Montaluão.

TAmanha injurie como esta hei de sofrer eu Montaluão? Antes morte. Seria isso paciencia de cornudo. Se nam faço cousas que soem em todo o mundo. *Mon.* Pasmado estou de hum fanchono se atreuer contigo tanto, nam oposso crer. *Ann.* Vemte por aqui, que me naõ ha de escapar no ceo, nem na terra. *Mon.* Nem no inferno. *Ann.* Onde o achar, hi-o hey de deixar posto num pao a vista de todos. *Mon.* Outrem te tem a ty mor culpa. *Ann.* Quem? *Mon,* Quem se casou com ella. *Ann.* E quando cuidas tu, que hâ de durar este casamento? *Mon.* Ia elle pera minha condiçaõ dura muyto. *Ann.* Dame tu que o possa eu logo achar. *Mon.* Descubriloha o diabo. Se elle sabe oque te tem feito, como

que-

queres que pareça? *Ann.* Todolos diabos me enganaram, & me trouuerão a esta terra, que sendo em todalas outras honrado, amado, & temido de grandes, & de pequenos aqui me vejo de todos desprezado, & abatido. *Mon.* Bem te dizia eu, que tudo vai no foro, em q̃ se os homẽs poem. *Ann.* A la fé, sy. *Mon.* Se tu aqui entraras com soga, & cutelo, como fazias em outras partes, ninguem te leuantara os olhos. *Ann.* Dizes verdade eu tenho a culpa. *Mon.* As vezes he necessaria a colera & necessario seguila. *Ann.* Não, eu virarei a folha, & emendarei o passado. *Mon.* No presente temos nos bẽ que fazer, & ey medo que não façamos nada. *Ann.* Como, nada, quando os não achasse queimarlhehia as casas, & a fazenda. *Mon.* que lhe fizeras por tua vida, se o aqui tiueras. *Ann.* A quem? o Bristo. *Mon.* Nam falo nesse. Vergonha tua seria çujares as mãos nelle, deixao pera as minhas. Mas a Lionardo digo. *Ann.* Esse rapaz & a rapariga, porque nam soube conhecer o bem que lhe Deos fazia hum ao outro, os ouuera de fazer comer aos dentes. *Mon.* E se elles não quiseram. *Ann.* Comeraos eu cos meus. *Mon.* Ambos. *Ann.* E ficara ainda faminto. *Mon.* Boa sepultura lhes dauas. Mas hey medo arrebentasses. *Ann.* Riste, & gracejas. Bom tempo he este pera graças. Deixaas para quando eu estiuer gracioso. *Mon.* Isto nam sam graças, mas raiuas, que eu tenho de tua deshonra que mais a sinto do que cuydas. E pera saberes se he assi, faze o que te disser. *Ann.* Que.

Mon.

Mon. Pareceme que te dou bom concelho. *Ann.* Espritasse ora Deos em ty. *Mon.* Se te parecer bem, figueo. Se nam recebe a vontade. *Ann.* Dize. *Mon.* Este moço em quanto souber que es viuo escusado he buscarmolo. *Ann.* Asi me parece. *Mon.* Senam se te elle não teme. *Ann.* Auante. *Mon.* Dissimulemos com o negocio. *Ann.* De q̃ maneira. *Mon.* Eu to direi, fazete morto, & quando virmos, bom tem tempo resurgiras pera lhe dares a morte. *Ann.* E como se farà isso. *Mon.* Muyto bem. Vaite à tua comenda. *Ann.* Ouço. *Mon.* Vísteme de dò. *Ann.* Entendo. *Mon.* E eu virei qua pregoar as nouas. *Ann.* Deixame cuydar hum pouco: *Mon.* Este he o melhor remedio que vejo. O tempo, & o negocio nam sofrem outro. *Ann.* Sy. Mas minha tenção era nam prolongar a vingança, que mo nam sofre o estamago. *Mon.* E eu por encurtar to digo. Que te parece? Assentas nisto. *Ann.* Que hey de fazer, pois nam tenho outro remedio? *Mon.* Que farey? Quanto Bristo da manham por diante, onde quer que o vires, benzete delle. *Ann.* Mas rogote que mo tragas per ante my, porque gostarey muyto de o ver morrer. *Mon.* Ora vayte pera casa dissimula fortemente, & deyxame com o cargo. *Ann.* Se me isto fazes, heyte de fazer meu herdeyro.

Mon.

Montaluão.

VEde se he isto cousa para fazer arrebentar de riso os homẽs, & as pedras. Não sei como pude dissimular tanto. Nunca tal graça aconteceo no mundo. Eu por hũa parte hey do deste coytado, que nam seja mais que pelo pam que lhe como. Doutra parte quando o vejo tam doudo, que quereis que faça? Folgo de o atiçar pera o ver birrento, ainda que as vezes he muyto perigoso, mas nunca o eu vi tam aceso como hoje. Desque lhe Pinerso foy com aquellas nouas, cousas disse em casa que se naõ pode crer. Senam pegaramos delle, sahia ja como hum doudo com a espada nua pera matar quantos achasse por essas ruas sem lhe lembrar vida, nem honra, quis Deos que o desuiey disso, agora com este meu conselho amançou mais. Naõ vedes que graça? Que o que lhe eu dizia zombando, meteoselhe na cabeça, que me dà a mi? Per derradeiro tudo me cae em casa, escusarei brigas, & perigos, darey com elle nessa sua comenda entregarmehey do que puder, & yrei ganhar minha vida. Quem terra muda, muda ventura. Calejado vou que farte, nam ha mal que possa comigo, & quando a fortuna tanto mal me fizesse, ainda prestarei pera chocarreiro de hum Principe, que he o melhor officio que se agora vsa. Mas à mister mais siso que todos. E elles cuidam que anda em doudos. Vede

vos

vos qual he mais doudice? Que festa he esta que eu ouço? Que nouidade he esta? se endoudeceo este com as pancadas? Ia hey de saber o que he.

ACTO. V. SCENA vltima.

Bristo. *Montaluam.*

NAM se espante ninguem de me ver tam doudo, que o dia he de prazer, & de festa. *Mon.* Este vos digo eu que viue, todo o mais he vento. *Bris.* Quamanhos sam os milagres de Deos, que em hum momento a tristeza de muitos tempos muda em alegria, a pobreza em riqueza, a fortuna em prosperidade. *Mon.* E tuas lagrimas em riso. *Bris.* Não aja ninguem que se nam alegre comigo. Alegraiuos todos, folgay, festejay, nam se veja oje senão alegria, & festa. *Mon.* Bristo que cousa he esta? donde vé o agora o adufe. *Bris.* O Montaluão quanto folgo de te achar. *Mon.* Mais folgara Annibal de achar a ty. Mas a que Sancto vay isto? *Bris.* A hum Sancto que me liurara das mãos deste diabo. Ia passou o tempo que eu morria de seus medos. *Mon.* E porque nam agora? *Bris.* Porque ja tenho por mi na terra senhor, pay, & defensor. De que me ves tu tam alegre. *Mon.* Hum anno ha que to pergunto. *Bris.* Pois sabe, que Pindaro pay de Camilia, q̃ todos tinhamos por morto, chegou agora viuo, & são

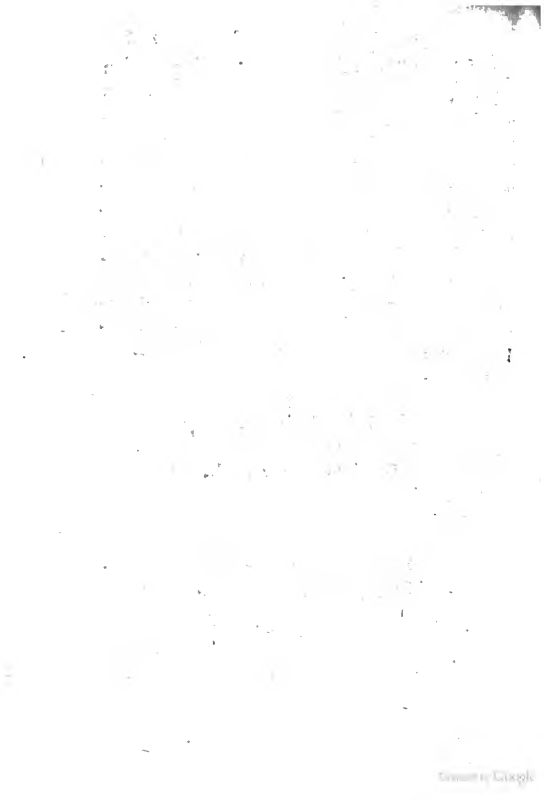
Mon.

Mon. Am? Bris. E seu filho consigo muito rico ambos, & muyto prosperos. Mon. Zombas. Bris. Eu tos mostrarei logo. Mon. Marauilhas me contas. Bris. A nossa Camilia que estaua casada com Lionardo, esta agora muyto contente, & muyto rica. Mon. Pasmado estou do q̃ me dizes. Bris. Ami q̃ o sei, & q̃ os vi me parece sonho estãdo nos oje muito escondidos, ẽ casa de Artusa, foy ter com nosco Alexandre com estas boas nouas. Mon. Iesu, essas molheres ficariaõ mortas. Bris. Asi ho naõ poderaõ crer logo, mas desque o crerão, cairão no chão taes, que as dauamos por defuntas. Mon. Nunca tamanho prazer aconteceo no mundo. Bris. Forãose logo là meas doudas. Mon. Onde. Bris. A casa de Calidonio, que os agasalhou. Antes que se dahi partissem, se fizerão amisades com Roberto que estaua pera morrer de nojo. E pera que o prazer coubesse a todos, ordenarãose casamentos de Alexandre com a irmãa de Lionardo, & ha irmãa de Alexandre, com Arnolfo filha de Pindaro. Mon. Não sei que diga a isso saõ cousas de Deos Bris. He agora la o prazer, & o aluoroço asi nos velhos, como nos moços, que não ha quem não folgue de os ver a todos. Mon. Coitado de Annibal, elle he o que leua o mal todo. Bris. Se tu agora quiseres minha amisade saberàs quam boa te serà sempre. Mon. Quem queres tu que a não tenha contigo pois hes taõ ditoso, que tudo te sahe bem. Bris. Ajudandonos hum do outro eu te seguro, que antes de hum

anno

ãnno sejamos Reys nesta terra. *Men.* Digo que sam muy contente. Mas he necessario que cumpra com Anibal, que està de caminho pera a sua comenda, como o là puser, logo sam contigo *Bris.* Sabe elle ja parte do casamento? *Men.* Està hum hereje sem ley, & sem alma. *Bris.* Metiaselhe em cabeça que auia eu de deshoarar tão boa filha, & a que Deos tinha tanto bem guardado. Ensinarseha pera outras. *Men.* Doute quanto tenho que os diabos do inferno senão atreuerão atanto. *Bris.* Se quiseres ter quinham nas vodas detemte hum par de dias. *Men.* Quando se fazem. *Bris.* Logo este Domingo. *Men.* Pera la me guardo. *Bris.* Ora vay consolar teu amo, que eu ando festejando este bom dia.

Valete, & plaudite.

Fim da Comedia de Bristo.

COME-

COMEDIA DO CIOSO.

Feyta pello Doutor Antonio Ferreira.

PESSOAS DA COMEDIA.

Bromia.	Velha.
Iulio.	Marido de Liuia.
Liuia.	Sua molher.
Ardelio.	Pagem.
Ianoto.	Pagem.
Clareta.	Moço de casa,
Cesar.	Velho pay de Liuia.
Bernardo.	Mancebo Portuguez.
Octauio.	Mancebo Venezeano.
Faustina.	Cortesam.
Porcia.	Matrona mãi de liuia
Valerio.	Velho Venezeano.
Inacio.	Velho Portuguez.

Entra logo Bromia velha soo, & diz.

AY, ay, homem que taes justiças faz, Iesu como não entende a justiça nos ciosos, como nos doudos,

Q que

que doudos ha, q̃ não fazem tanto mal. Coitadinha de ti Liuia minha filha, & minha Senhora, que eu criey a estes peitos, pois que pera tão mas fadas te criaua, não ouuera de auer amor no mũdo, se do amor, como elles dizem, vem a tanto mal, mas quanteu não sei como pode ser, nascer de amor obras de odio, & de crueza. Estes negros casamentos quem os acertara, bõ pay, mao pay, o mao pay, malauenturado casar, q̃ estimasse mais o dinheiro, que tua filha, que podias tu esperar de hum doudo criado sem pay, em tauernas, & em frascarias, mal ajão as suas riquezas, & os seus tratos pois que tam mal nos trataram. Que prestam as riquezas sem homẽ, que não seja melhor o homem sem ellas. Este ter, este nam ter faz desfazer os casamentos, que as virtudes, & os vicios auiam de fazer, & desfazer. Quantas vezes ouui dizer a minha mãy, que Deos perdoe. Filha no tempo que o ouro valer mais que as pessoas, metete numa coua, & eu assi ho fizera se podera acabar comigo deixar soo Liuia, mas nam posso, crieya. Determino morrer com ella, que segundo a cousa vai, não tardarà muito, q̃ se não passa dia, nem noite, q̃ o desastrado não estire a coitadinha no chão sem folego tal que parece que nam fica ja pera outras. Entam nam lhe ha de escapar ninguem em casa, que nam sinta a sua ira.

Micer,

Miscer Iulio cioso. Bromia.

VEremos quem pode mais, se hey eu de viuer com vosco, se vos comigo. *Brom.* Heilo vem coutada, cansou na molher, & virà descansar em mim, *Iul.* Que he desta boa velha. *Brom.* Que me queres. *Iul.* Que boa guarda? que boa ama? *Brom.* Ay Iulio. *Iul.* De quem me eu confio sobre quem eu deixo minha honra muyto segura. *Brom.* Que te fiz, coytada de mi. *Iul.* Nada, zombo. *Brom.* Que te fiz que te fiz. *Iul.* Faço isto por meu passatempo. *Brom.* Taes passatempos te de Deos nesta idade, se a ella chegares, mas que nunqua o elle queira. *Iul.* Ah pesar de mim, nam hey eu de viuer. *Brom.* Viues mais do que mereces. *Iul.* Nam hey eu de ter casa como os outros. *Brom.* Se tu como elles, cuja culpa. *Iul.* Nam terey eu hũa molher como as outras. *Brom.* Nam tera ella como os outros. *Iul.* Quem tem vergonha, & medo de seus maridos. *Brom.* Que as tratão com amor, & honra. *Iul.* Que resmugas tu estando. *Brom.* que tal marido lhe fosses tu, como te ella he molher. *Iul.* Tal molher me fosse ella, qual lhe eu sou marido. *Brom.* Assi a mereces tu. *Iul.* que he isso? *Brom.* que lhe achas, de que ta queixas, porque a matas, & a mi com ella. *Iul.* Parece que sam pao ou pedra. *Brom.* Mas es peor que pao, & pedra.

Iul. Asſi zombaõ do que eu faço, aſsi fazem o q̃ eu mãn do. *Brom.* Ay Iulio quanto deues à Liuia, & quam mal lho agradeces, *Iul.* Voume de caſa, deixo as janellas fechadas as freſtas tapadas, as portas que ſe nam abrão, re queiro, rogo, mando, & ameaço, que ſe não bula com ellas atè que eu torne que aprouecita. *Brom.* Vedes ali todos ſeus males. *Iul.* Torno acho logo finais, as janelas mal juntas que parece que entāo as acabarão de cerrar as freſtas que entra o ſol por ellas a võtade. *Brom.* Aue mos de viuer ſempre em treuas? *Iul.* Sy, *Brom.* Porque *Iul.* Porque eu quero. *Brom.* baſta. *Iul.* Não ſam eu ho Rey neſta caſa, não guardarão as leis que eu ponho? *Brom.* E as outras aſsi viuem. *Iul.* As boas viuem aſsi. *Brom.* Como te enganas. *Iul.* Os ſeſudos aſsi o fazem, *Brom.* E pera que fez Deos o dia. *Iul.* Pera os homens. *Brom.* E não pera as molheres. *Iul.* Não, em ſua caſa baſtelhe hũa candea que não nacerá para negociar fora. *Brom.* Eſſas leis lhe puſeſtes vos outros, que molheres ha no mundo que gouernam ſeus maridos. *Iul.* Deſſes nam quero eu ſer, & iſſo he o que trabalho. *Brom.* E ſe a tu deixas fechada num antreſolho, eſcuro, & ſem freſta, & ſem janella que lhe temes das janellas. *Iul.* Oh velha parnoa, que nam baſta para o mundo a virtude ſecreta, mas não auer ſoſpeita de maldade. *Brom.* De quã tas janellas tu ves abertas por eſſas ruas, de todas tu ſoſpeitas mal? *Iul.* De todas. *Bro.* E das molheres hõradas q̃ vão, ou vẽ das Igrejas, & de viſitações de ſuas amigas?

Iul.

Iul. Destas mais à duuida? *Brom.* Que Iuiz de virtudes.
Iul. A quem dão mais licença do que conuẽ, mais quer do que he bem, & seus maridos que lhe essa treladam bem lho merecem. *Brom.* Isso fazia teu pay. *Iul.* Não tinha elle molher a que fosse necessario mais guarda, q̃ sua vontade. *Brom.* Não tens tu molher, de que ella, & todas as outras não possão aprender muita honra, & muyta virtude, & honestidade. *Iul.* Bẽ o mostra. *Brom.* Ainda mais disimular tuas corolas, sofrer tão duro catiueiro sem se aqueixar a Deos nem ao mundo. *Iul.* Nã faça porque? *Brom.* Que hum coração de pedra. *Iul.* Nam se aqueixara. *Brom.* Não poderà com tanto. *Iul.* Molher q̃ a cinte quer infamar seu marido. *Brom.* Tu infamas a ti, & a ella, *Iul.* Não hei eu de ouuir falar em cornudos, sem me vir cor ao rosto. *Brom.* Maos dias, & negros, & poucos sejam os teus, & que culpa te tem ella nisso. *Iul.* Quero andar com meu rosto muyto seguro, & muyto confiado, & nam me deixam. *Brom.* Quẽ te nam deixa. *Iul.* Meus peccados que me foraõ catiuar tão miseramente. *Brom.* Delles te vinga, ou de ti pois te casaste. *Iul.* Ora nom mais, nam sei se esperas que faça meus esconjuros, como faço cada vez que sayo destas casas. *Brom.* Dos quaes tens bem pouca necessidade *Iul.* Mas pera que? eu tornarei então. *Brom.* Tornar queiras, & não possas. *Iul.* Lembroume agora que se me escusou aquella senhora com a visitaçã de sua mãy digo que nam quero que pay nem mãy, nem irmam,

nem parente,nem visinho,nem amigo,nem amiga, né compadre,nem comadre,nem Rey,nem Raynha,nem q̃ venhão do paraiso entrem nesta casa. *Brom.* Ma ora venhão a casa do diabo. *Iul.* A boa ventura, q̃ te venha bater a porta não quero q̃ lhe abras. *Brom.* Dessa estas tu seguro,eu to prometo que primeiro botaras a maa ventura fora. *Iul.* Não digão depois veio foão,mãdou foão,forão a casa de foão. *Brom* Agora quero eu estar à razão contigo,não queres ter prestança,nem visinhãça,como se costuma antre gente. *Iul.* Nam. *Brom.* Não vsaras do emprestimo pera que o aches? *Iul.* Naõ,não. *Brom.* Se nesta casa for necessario fogo,ou agoa,ou outra cousa,ou a vierem pedir de fora,não queres. *Iul.* Nã digo que nam quero esse fogo,& se em casa o houuer, matao logo,porque nam aja razam de ovirem buscar. A agoa digam que fugio,pineira,joeira,gral,caldeira, & tudo mais q̃ as importunas vesinhas soem pedir, dizelhe que o não ha hi,& que vierão os ladrões,& que o leuaram. *Brom.* E quem me crerà isso. *Iul.* Se to não creré que se enforquem,q̃ não,quero q̃ em minha casa entre ninguem sendo eu fora. Ah pesar de meu pay,nam me valerà a mi isto. *Brom.* Mas direi,& apregoarey q̃ he esta casa escomungada,& que nam communiquem com ella. *Iul.* Dize que he escomungada,& que morrẽ de peste nella. Dize,que andam nella todolos diabos, ou que està encantada,de maneira que quem nella entra sem minha licença logo morre. *Brom.* Mas depois

de

de tuã morte eu te prometo,que elles o aguardem. *Iul.* Que dizes? *Brom.* Que te não aqueixes do comer que a chares,pois sem agoa,& sem fogo o queres. *Iul.* Contentamento queria eu. *Brom.* Bem creo eu que vens tu de là bem farto de banquetes,& a coytadinha de Liuia não se farta de lagrimas. *Iul.* Desque ella for de tua ida de pode ser que então saira qua pera fora. *Brom.* Bom geito leua de chegar là,& mais com tal esperança. *Iul.* Mor bem lhe quero eu de q̃ tu cuydas. *Brom.* As obras o dizem. *Iul.* Ora eu vou. *Brom.* Em ora,q̃ nũca tornes.

Recolhese. Fica Iulio soo.

OH com que trabalhos sayo desta casa, o corpo ãnda pelas ruas, a alma quà fica espreitando as janellas,o porque hei mor inueja aos Reys,&Principes,por que sam tam bemauenturados,que vem os homẽs aos negocios, & passatempos buscalos a suas casas. Se me nam fora por fazer costumes nouos fechara estas portas,aquellas janellas mandaralhe deitar hũas trauessas. Mas antre tantos paruos de força he q̃ o seja. Nãoguardarei eu meu thesouro,& minha hõra,& minha fama, rimse, & naõ vem os cegos quanta differença vay da molher a bolsa,morrem sobre hũ pouco de ouro q̃ se acha por esse cham,cauamna,& escondemno,& vigiãno,& temno em reliquias,& nẽ elles mesmos o tocaõ. E a molher,q̃ he o seu verdadeiro thesouro deixãono,

desprezãono, & offerecemno aos ladrões, chama a hũ
destes confiado,& hum homem que he de espirito,que
estima sua molher, que he perdido por ella, & como
de pouco experimentados no mundo vos vem ha vos
outros paruos estes enganos, quem anda, quem ouue,
quem vè por terras estranhas,farà o que eu faço.Oh q̃
boa mestra he a experiencia,por isso dizia o outro bẽ
que mais proueito recebião os sesudos dos paruos, q̃
os paruos dos sesudos,os paruos me ensinaram, & não
acho hum sò,que queira aprender de mi. Deixai viuer
estes confiados,eu querome confiar de mi,& dos meus
olhos,que não he ainda segura confiança, mas não ha
outra. Minha molher desque foy comigo a porta da
Igreja,não sairà,senam pera a coua, quando eu primei
ro morrer,& ella for tam ditosa,entam leuarà boa vi-
da, os meus filhos crerei que saõ meus, os alheos suas
mãys o saibam.E não parece senam que quãto me ma-
is guardo,entam a cinte vejo mais continuar por esta
rua galantes,namorados,ociosos,mas caras,inuenções,
arroydos de noyte,asouios,brados, musicas, & por es-
toutras todas não.Onde estarà o fumo sem fogo,onde
estarão os olhos que se encubram, mas a mi me parece
certo melhor os de Faustina, se fosse eu em tam boa
ora,que os visse,mas que presta,que des que casey, to-
das me fogem,todas me querem mal. Oh em que tra-
balho se metem os homẽs,lembrarmea de que manei-
ra ficam estas portas.

Vayse

Vayse Iulio. Entra Bromia, & Liuia.

IA la vay o caseiro, bem podeis sair. *Liu.* Ay minha ama, minha amiga que vida he esta? que catiueiro he este? quem me matou? quem me catiuou? quem me leuou a terra de mouros? *Brom.* Senhora não choreis que vos ouuiram. *Liu.* Que nam chore, & isso me mandas tu. *Brom.* Que presta coitada de mi, pera que he chorar o que com lagrimas se nam pode remediar. *Liu.* Desabaso com ellas, abreme essas portas, que me quero yr gritando por toda a visinhança como hũa douda. *Bro.* Passo por amor de Deos, passo que te ouuiram. *Liu.* Ouça, vejame, acudame todo o mundo. *Brom.* Liuia, siso. *Liu.* Quero ir as ruas, & as praças, clamar, & bradar pedir justiça de mi, & de meu pay, & de quem me mata. *Brom.* E de ty, de que? *Liu.* Porque fuy tam mà, & tã paruoa, que por obedecer a meu pay, deixey de me casar com Bernardo, que me leuaua pera Portugal, sem querer de mi mais que minha pessoa. *Brom.* Não te arrependas que melhor he a mà vida na natureza, que ha boa na alhea. *Liu* E a isto chamas tu vida? *Brom.* Nunca ouuiste filha, que melhor he a maa mocidade que a boa velhice. *Liu.* Velhice, mateme Deos antes que daqui me bula. *Brom.* Guardete Deos de minha filha. *Liu.* Oh minha mocidade tam mal empregada. Oh meus cabellos douro tam maltratados. *Brom.* Liuia. *Liu.* Oh

minha

minha Bromia,minha velha que me criaste quaõ bem to pago. *Brom.* Liuia filha, *Liu.* Oh meu pay que me vẽdeste,& nam me casaste cruel,que em tal catiueiro me meteste. Senhora nam te mates, nam te aqueixes do q̃ Deos faz,que quando te nam precatares sera contigo. *Liu.* Bernardo,Bernardo,como te mereço isto. *Brom.* Enganaste com estes Portugueses. *Liu.* Este ao menos nam me engana. *Brom.* Ia ouui dizer, que sabiam melhor fingir hũas lagrimas, que nos mesmas. *Liu.* Nos seus olhos via eu como as lançaua,& elles me fallauam a verdade,& elles me prometeram o pera que eu nam fuy. *Brom.* E quem tolhia, que naõ tiueras la a mesma vida sem máy,que te dera outras chaues falsas pera teu folego. *Liu.* De quem me tamanho bem queria naõ se podia esperar isso. *Brom.* Quanto elle mayor he, dizẽ elles,que mores estremos faz que estes. *Liu.* Quem diz isso? *Brom.* Teu marido que do muito amor que te tem diz que vem guardarte tanto. *Liu.* Tal o tenhão,& mostré por onde quer que for,praza a Deos. *Brom.* Tu estas aqui,& nam sabes o que vay pelo mundo,não deue de ser elle so,ja ouui cõtar doutros,& doutras. *Liu.* Boa consolação me das. *Brom.* A quẽ tem os males sé cura filha naõ se da outra, *Liu.* Por isso eu não posso ter paciẽcia coitada de mi,moça paruoa enganada,onde podera eu ir que não viuera,ou nã morrera. *Brom.* Coitada de tua máy que tantas lagrimas lhe tem as tuas custadas q̃ sempre refusou este negro casamento. *Liu.* Conhecia

este

este diabo,conheciao.*Brom.*Parece q̃ sinto bater a porta.*Liu.*Ay,ve se he elle que ja tardaua.*Brom.*Fuge que elle he.*Liu.*Vemme fechar Bromia antes que lhe abras oh morte que vida he esta.

Saese Liuia,& entra Iulio.

Iul. BRomia.*Brom.*Que mandas.*Iul.*Se aqui vier hũ mancebo esquerdo Espanhol,ou recado seu, digãolhe que não posso aqui. *Brom.* Afadigado vem. *Iul.* Ouues.*Brom.* Como posso eu negar o que se pode saber da visinhança.*Iul.*Tens razaõ,dizelhe q̃ saõ fora. *Brom.*Da cidade. *Iul.*Mas que me mandou chamar ho Duque,isto he mais verisimil,ouues,em chegando me mandou chamar. *Brom.* Que medos seram estes. *Iul.* Eu irmeei a casa de Alberto,irei jugar este anel que leuaua para Faustina.*Brom.*Irtea la buscar.*Iul.*Va se quiser,ou lhe dize,q̃ costumo la tardar muyto.*Brom.*Que torne a tarde.*Iul.*Não,maa pascoa tenhas, naõ quero, que me ache aqui,nem em outra parte.*Brom.*Temese. E se aqui quiser esperar.*Iul.*Como esperar,onde ha de esperar.*Brom.*Por essa rua publica qué lho tolhe. *Iul.* Mà velha,tu estàs bebada,dize q̃ não espere q̃ não quero. *Brom.*Heilhe de dizer que se não espere,que nam queres.*Iul.*Não digo asi,hame de deter ate que o outro venha.*Brom.*Pois que dizes.*Iul.* A ti digo eu q̃ não quero que me espere, nem que qua entre , nem que somente falle contigo.

Brom.

Brom. Como lho tolherei eu. *Iul.* Tolhelhe logo à pratica, & dize nam he aqui, & fecha logo a janella. *Brom.* E se tu nam queres que falle comigo, como hey eu de fallar com elle. *Iul.* Nunca vi velha tam pernostica, cuido que o faz a cinte, se lhe poderes deixar de falar, naõ lhe falles. *Brom.* Iesus, que esconder de ladrões he este, se dizes mais. *Iul.* Nam ha nem sei se perguntara mais. *Brom.* Se algo deues a justiça ella te descubra. *Iul.* Parecceuos que me veo bom aluitre mancebo desposto, lustroso, gentil homem, Espanhol, & creo ainda que Portuguez, leuayo a vossa casa, mostrayo a vossa molher, agasalhayo de noyte, & de dia. O bom de Benedito o q̃ costumo em Genoa, cuida que sam eu obrigado a fazer qua: se elle he liberal de sua molher eu saõ muito escasso da minha, encomendeme elle outras cousas de boa amisade, acharmea.

Saese Iulio. Entrã Ardelio, & Ianeto moços, Bromia Ama.

NAM ha tal homem no mundo, hum Alexandre, â molher he pera ser senhora de Genoa, fermosa, reuerenda, liberal, prazenteira. *Ian.* Agora te creo, por que nestas cousas a molher he o principal. *Ard.* Que mais nos agasalhaua com seu rosto, que com iguarias, & mimos. *Ian.* O homem queria eu na praça, & a molher em casa. *Ard.* E tambem he ja costumada a banquetes, Benedito como digo, he grosso, & largo, nam

passa

passa dias em tres quatro homens. *Ian.* Que taes queixadas trazes. *Ard.* Pois digote que enmagreci na nao. *Ian.* De que mal se te enxerga. *Ard.* Asi de ensoado, como de hũas sertas saudades q̃ la ficão. *Ian.* De quẽ està bem fora de as ter de ty. *Ard.* Mas as alheas sinto eu mais que as minhas. *Ian.* Auia de auer hum espelho publico, onde se os homens vissem. *Ard.* E a que preposito. *Ian.* Por escusar enganos, q̃ estão em o mundo. *Ard.* E pera que, se cada hum os tem em sua casa, *Ian.* E se esses nam falam verdade. *Ard.* Da ao diabo esses amores velhos, que sempre reuerdecem. *Ian.* Como asi? *Ard.* Via là fermosas, falaua cõ fermosas, nenhũa achaua q̃ merecesse o nome de fermosa, senão Liuia. Quando lhe lembra seu pay, que a cinco annos que deyxou de o ver. *Ian.* Esqueçalhe. *Ard.* E na verdade, posto q̃ aquella terra seja bem abastada de bons olhos, & de boas graças, ja vereis que cousa he Genoa, eu os nam vi taes quaes os ella tem. *Ian.* Tinha, ouueras de dizer. *Ard.* Porque? *Ian.* porque ja os nam tem. *Ard.* Como nam tem. *Ian.* Agora sabes que nam vè. *Ard.* Não ve. *Ian.* Nam vè sol, nem lua, nem terra, nem gente, chamas tu a isto ver. *Ard.* Iesu que foy isso cegou. *Ian.* Arrancou lhe os olhos seu marido. *Ard.* Arrancoulhos. *Ian* Diz que lhe daua com elles ma vida. *Ard.* Tal a no mundo. *Ian.* Espantame, como es boçal. *Ard.* Ia te entendo meteisme em confusam. *Ian.* Desque a coytada caseu, anda em rifam por toda a visinhança. *Ard.* Mofina mo

ça. *Ian.* Marido tã desagastado, q̃ anda cego, chamã aos outros cegos. *Ard.* De maneira que a matarão em vez de a casarem. *Ian.* Mas não lhe fizeraõ ainda tão boa obra. *Ard.* Qué he elle, como se chama? *Ian.* Micer Iulio. *Ard.* Micer Iulio. *Ian.* Sy, *Ard.* Mercador *Ian.* Mercador. *Ard.* Onde mora. *Ian.* Aqui junto de S. Marcos pera onde imos. *Ard.* Ora nom mais entendido he? *Ian.* E porque dizes isso. *Ard.* Sabes tu onde nos hiamos. *Ian.* A casa do teu ospede, me disseste. *Ard.* Sabes qué he. *Ian.* Como o hei eu de saber se mo não dizes. *Ard.* O ospede que nos vinhamos buscar a que te disse q̃ demos a carta de Benedito pera nos agasalhar. *Ian.* Sy. *Ard.* He esse Micer Iulio. *Ian.* Certo. *Ard.* Senão se me tu mẽtes. *Ian.* A q̃ hospede negro vinhamos, & q̃ negro hospede lhe vinha, bom acerto foi o do nosso encontro, parece me que foreis a estalagem. *Ard.* Nos nos espãtamos da maneira que se tornou em lendo a carta. *Ian.* Conhecia uos elle. *Ard.* Nos ao menos não o conhecemos. *Ian.* Como se escusou. *Ard.* Não se escusou, nem nos fallou, fez q̃ hia fallar a hum homem, & nos quãdo nos precatamos, não o vimos. *Ian* Nem o has de achar. *Ard.* Cuidamos q̃ chegaua a casa dar recado. *Ian.* Diria q̃ o negassem, & fecharseya a mil chaues. *Ard.* Como faz a sua molher? toda via cheguemos là. *Ian.* A q̃ me parece que he *Ard.* Sãta Maria, isto he mosteiro, & gẽte viue aqui. *Ian.* Hũa gente estranha, q̃ não tem nunca dia, não ouuiste ja dizer, q̃ a auia no mũdo. *Ard.* Eu bato. *Brom.* Qué

està

esta ahi, *Ard.* Hũ recado ao senhor Micer Iulio. *Brom.* Não he ca. *Ard.* Naõ sae à janella. *Ian.* Nunca se nam quando elle là està, & ainda por regra. *Ard.* Chega a ja nella quem quer q̃ es? *Brom.* Que mandas? ja te digo, q̃ naõ està ca mandouo chamar o duque. *Ard.* Bromia nã me conheces. *Brom.* Ay Ardelio donde vês. *Ard.* ja sey tudo, Deos sabe o q̃ perdeo. *Brom.* Teu senhor he vindo. *Ard.* Vindo, mas se tal soubera. *Brom.* Forão pecados nossos. Vaite q̃ te não posso mais falar. *Ard.* Tal se sofre entre Christãos, & naõ tomão hũ doudo, & o degradaõ do mundo fora. *Ian.* Nunca por aqui passa ninguem, q̃ não chore o hũ, & pragueje o outro. *Ard.* Ah moças paruoas apetitosas cabecinhas devẽto. *Ian.* Que culpa tem. *Ard.* Naõ era meu senhor homẽ pera se ella auenturar cõ elle, mais q̃ segurarse cõ essoutro. *Ian.* Pareciaihe, q̃ escolhia o mais seguro. *Ard.* Mas saõ molheres os q̃ as pedẽ, desprezãonos, & os q̃ a não estimão, pedẽ. *Ian.* Creo eu, q̃ forçado foi o negocio. *Ard.* E pay q̃ tal faz. *Ian.* Bõ homem he o pay, mas enganouse como outros muitos. *Ard.* Bõ homẽ paruo façase frade, & não case filhas, se seu irmão fora. *Ian.* Mofina foi nisso. *Ard.* E não tendo outro filho, nem filha. *Ian.* Cegueiras deste mundo. *Ard.* Vayte pera casa, dà là estas nouas, que assi sem comer, nem beber, hei de correr toda a cidade ate que o ache, & veja com que se desculpa ao menos meteloey em afronta. *Ian.* Faras bem doudinha Clareta, que pressa que traz.

Saese

Saese Ardelio. Entra Clareta.

Clar. IAneto minha rosa. *Ian.* Clareta meu crauo. *Clar.* Ay que venho sem folego *Ian.* Viste algum Lobo. *Clar.* E peor que lobo. *Ian.* Como vês tão apressa. *Clar.* Deixame descansar oh diabo, oh malauẽturado. *Ian.* Quem. *Clar.* Quem me asi cançou, *Ian.* Quem he? *Clar.* Hia la pera casa com hum recado de Faustina, veyo dar comigo aquelle desestrado que desque casou, parece chupado das carouchas. *Ian.* Não me diras quem he? *Clar.* Ay senhor quão desmazelado se torna hum homem casado. *Ian.* Pareceme q̃ zombas? *Clar.* Espera que eu to direi. *Ian.* Porque ho nam dizes? *Clar.* Quem vio aquelle de antes, mancebo galante, gentil homem, polido, penteado, mais enfeytado que hũa dama, como o conheceram agora, çujo, magro, a capa caida, por isso nam casaria, senam com hum Principe. *Ian.* Voume. *Clar.* Vem quà este demo, digo de Iulio importunador de Faustina. *Ian.* Que te fez. *Clar.* Queriame deter em tanta parola, que lhe fogia, te que se enfadou de me seguir. *Ian.* Que te dizia? *Clar.* Mil juramentos, que saira oje de casa com hum anel de hum rubi muito fino, que trazia no dedo polegar pera lho dar. *Ian.* Como te entendo, quem lho telheo. *Clar.* Diz que ella q̃ se escondeo delle. *Ian.* Requerimentos trazes. *Clar.* Que requerimẽtos. *Ian.* Douuos

ão diabo todas, que tantos ardis sabeis. *Clar.* Bem lanço, & isso sospeitas tu de Faustina pera Octauio. *Ian.* Ia naõ sospeito senão quanto vejo, perdoeme Deos. *Cla.* Nam sabes tu, que o seu amor pera com elle he odio cris pera todolos outros. *Ian.* Ao fim o veremos, antes quisera que lhe quisera mal. *Clar.* Pois cre, que anda aquelle coitado perdido. *Ian.* Deos o encaminhe. *Clar.* Por Faustina digo. *Ian.* Foi la. *Clar.* Que pergunta, temme defeso, que se lhe naõ virar o rosto, & cuspir, onde quer que o achar que me não ha mais de ter em casa. *Ian.* Queres tu, que te crea eu isso. *Clar.* Como es mao. *Ian.* Sou tanto teu amigo que o farey por amor de ty. *Clar.* Vos outros soys os que desconcertais os estamagos. *Ian.* Vos outras sois as q̃ os tornais a cõcertar muito bẽ. *Clar.* Pois outro anda aqui bebẽdo os ventos *Ian.* Se não achares ainda outro, que me mates. *Clar.* Conheces Raphael patricio mancebo galante, liberal, que se desaueyo agora de Laura. *Ian.* O mãquiõ. *Clar.* Morto chorando de noite, & de dia, como minino. *Ian.* E Faustina taõ dura, q̃ o não amolentam essas lagrimas. *Clar.* Mais chorou, & chora oje em dia aquelle filho do mercador biscainho. *Ian.* Finalmente q̃ negociaçaõ he a tua. *Clar.* Mas ja te digo que nẽ o mesmo duque podera ter remedio. *Ian.* Acaba, tudo creyo. *Clar.* Não he por ser, parece que a encantou teu amo que nunca tal vi, hũa meya ora que o nam ve, nam dura, & a visitar o hya agora. *Ian.* E mais. *Clar.* Que mais. *Ian.* Tem ra-

zam dizem,que de rosto a rosto. *Clar.*Sabeis mais do necessario. *Ian.* Tu vès diante fazer o campo franco. *Clar.*Mas pera que vejas quão mao es,não quero là ir, dizelhe que me achaste no caminho. *Ian.* Tudo isso. *Clar.*Que diz Faustina,que a veja ainda oje.*Ian.* Tem hospedes, nam sey se podera. *Clar.* Não zombes, que em verdade mo disse quasi chorando.*Ian* Eu tambem lho direy quasi chorando. Nam sey em que isto ha de ir parar,ella se entrega ao inferno, & irse a coroar ha Roma,se ella he a que eu cuydo.*Clar.*Nunca vi moço mais trincado,que este Ianoto,outras ofarião a elle tão refolhado,que fora se lhe dissera, que prometera a Iulio hũa noite a furto de Octauio.Nam he aquelle anel pera engeitar Faustina, nãm sera tam paruoa, mas ella he perdida por estoutro,em tal hora o vio,com taes olhos o olhou,& tal graça lhe achou, q̃ todos os outros acha feyos desayrosos, desengraçados, nam sey quam bem o empregou.Eu por minha parte grangeo o que posso,não pode ser tão cru,q̃ hũas oras polas outras,nã deixe hũa pessa em casa.Que cousas somos taõ paruoas,ora roubamos todo mundo, ora nos deixamos roubar.Que velho he este o sogro do outro triste,bofe assi velho,como elle he,antes o eu tomara,que o genro.

Micer Cesar só.

Quem

QVem ve este mundo, que se não espãta, & verdadeiramente olhando bem todas as cousas por Deos criadas fazem direitamente seu oficio natural, se nam o homem nos sos andamos fora delle, ainda a razam entre nos tam cega, ou tam trocada, que a naõ vemos, ou quando nos parece, que a melhor seguimos, entam della mais nos desuiamos, não sohia de ser asi sempre o dia derradeiro he pior. Na quelles tempos bemauenturados quando eu naci (q̃ bem se podiam chamar douro) andaua a cousa em sua ordem natural, os moços eram moços, os mancebos mancebos, os velhos, velhos agora tudo ao reues, os moços homens, os mancebos velhos, os velhos sam moços. E quando eu com sesenta annos as costas tam branco, taõ calejado nas voltas deste mundo, & com tanta experiẽcia de fortuna meceguey me enganey, me distrahi, que se pode dizer, senam q̃ andamos desatinados sem olhos, sem juyzo, õde cuidei de casar hũa sò filha q̃ tinha, ali a fiz viuua, õde cuidei de a honrar a deshonrei, onde cuidei de a enriq̃cer, & descãçar a empobreci, & catiuei. O pensamẽtos vãos cegueiras deste mundo, quẽ cuida q̃ melhor ve, esse vai cego. A vida quẽ mais certas contas lança, esse cega, esse se engana, esse se perde. Que te farei minha filha, filha minha, que te farey, filha em que os meus olhos se reuião em que as minhas cãs descançauão, como te tirarey de tamanho catiueiro, pragueja de mi, pide de mi justiça a Deos, que eu te matei velho paruo, não fora melhor q̃

nam tiueras tu mais do que eu pera ti busquei, & cauei & ajuntei, entregar juntamente com a fazenda a quem destrue a ella, & mata a ty. Não dera eu agora quanto tenho, & quãto tinha por te ver liure por não ver os escandalos da visinhança, das justiças q̃ em ti fazem, & os brados de tua mãy, & suas lagrimas, & seus arrependimẽtos magoados. Oh cobiça quanto podes, nẽ nos das descanço neste mundo, nem a gloria no outro, nem sei que remedio tenha. Palauras boas, conselhos, amoestações encruaõno mais por onde o leuarei. Perdoe Deos a Micer Iulio, que se elle viuera, ou tu outro foras, ou nam viueras, & perdoeme Deos, que me enganei com sua amisade, & cõ o nome de seu filho, quiserão meus pecados que asi fosse, mas porque sofrerei o que sofro porque não vingarei minha honra, & minha filha, nam ha qui justiça, não ha qui homẽs, tal se ha de consentir, voume em sua busca, hey de morrer eu tão magoado nam queira Deos, segundo o que achar nelle asi o farey. *Iul.* Pera que tẽ virtude esta pedra de criar amor, onde o nam ha. Ah molheres, que nunca vos aceitam que nam tomeis, & que me fie eu da minha. *Cel.* Mas heylo acola vem, *Iul.* Se me aqui lla verdade falla, nunca anel vi melhor empregado. *Cel.* Que pensamentos seram aquelles, Deos os melhore. *Iul.* Com aluoroço nam quis ir a casa de Fabricio, nem o coração me daua esse vagar, quis antes vir ver, como receberam o hospede, nam sey se chegaria ja.

Cel.

Cef. Vou ã elle que outro caminho toma. *Iul.* Daqui estou seguro,& depois me virey segurar de toda a casa, mas heis outro demo, *Cef.* Iulio, Deos te salue. *Iul.* Nam pode homem fogir a fortunas. Deos te salue. *Cef.* Com que rosto, ah meus peccados. *Iul.* Virmeha quebrar a cabeça, como costuma. *Cef.* Rogote Iulio, que me queiras ouuir hum pouco repousadamente. *Iul.* Hum pouco te ouuirei, mas estou depressa. *Cef.* Sempre te acho com essas pressas. *Iul.* Pareceete q̃ he de espirito ocioso. *Cef.* Fosse de tua honra. *Iul.* Bem entras pera te ouuir muyto. *Cef.* Que he isso? *Iul.* Nada. Fiquei affigurado, cuydei que era o meu hospede. *Cef.* Socega, sempre andas como assombrado. *Iul.* Matarmehia se viesse aqui dar comigo. *Cef.* Eu Iulio, como ja muytas vezes te disse. *Iul.* Bastauaõ as ditas. *Cef.* Por Christão, ainda que mais obrigaçóes não ouuera, era obrigado, como tu a mi, a mostrarte nos teus erros secretos, quanto mais nos publicos, que escandalizam ao mundo sopena de os fazer meus na culpa,& pena. *Iul.* Auante. *Cef.* Ora tendote eu por filho como aquelle, a quem eu por dar minha filha aneguei a todos, como tu sabes. & tendote o amor que te tenho que te parece que deuo fazer. *Iul.* O que fazes auendo porque. *Cef.* Ainda mal, porque tanto porque hâ, porque os teus olhos andam tam seguros, porque o nam vem. *Iul.* Que hamde ver os meus olhos. *Cef.* O q̃ vem os de todo o mundo. *Iul.* Sempre me vés com hũs casos de morte de homens. *Cef.* Mais graues forão teus

erros. *Iul.* Muito grãde bem me queres, cuido que me poras na forca. *Ces.* Nã he mais graue matares tua molher. *Iul.* Si. *Ces.* Pois, porque a matas tão sem causa. *Iul.* Mas porq̃ me dizes isso tã sẽ causa *Ces.* Digao a visinhãça, digãono os que o ouuem, & o que eu vejo. *Iul.* E o q̃ eu faço das minhas portas a dentro ninguem o ouue, nem o sabe, se o tua filha nam palra. *Ces.* Folego lhe das tu pera isso, se o pensamento lhe poderas tirar, tambẽ o fizeras. *Iul.* O que tu ves he. *Ces.* Quantas vezes to dixe? *Iul.* Quantas vezes te respondi. *Ces.* Oh Iulio. *Iul.* Oh Cesar. *Ces.* Quero dissimular. *Iul.* Sam mais moço que ty, entendo muito bem o que cumpre a minha honra, & tua. *Ces.* Como o entendes, ou em que? *Iul.* Tu nam tens, senaõ pelo que presumes. *Ces.* Eu pressumo o que vejo. *Iul.* E naõ pelo que veras adiante. *Ces.* Que hey de ver. *Iul.* O siso, & o repouso, & a honestidade com q̃ tua filha sairà da forja quando for tempo. *Ces.* E quando sera esse tempo, se o ja nam for. *Iul.* Quando eu tiuer razam de me fiar della. *Ces.* Se a tu nam tens, ou tiueste ate qui, naõ me parece que a teras nunca. *Iul.* Se a eu não hei de ter melhor do que ate qui teue, nam me parece que a teras nunca. *Ces.* Paciencia de q̃ casa foi ella, cuja filha he, onde se criou pera te tu não honrares muyto della em todo o mũdo. *Iul.* Eu nã me deshõro ategora, mas segurome. *Ces.* Como te seguras. *Iul.* Tu es ainda daq̃lle bom tempo, quando jugauã as molheres o Aleo napraça. *Ces.* Por isso choro eu. *Iul.* Agora saõ outros tẽ

pos.

pos.Ces.Tu os fazes,que sempre os homẽs honrados hõ rão muito suas molheres,& as tratam igualmente.Iul. E eu que deshonro a minha. Ces.No que cuidas que a mais honras.Iul.Deque maneira.Ces. Em dares q̃ falar della aos ociosos.Iul.Como se todos meus trabalhos sã segurarlhe a fama cõtra a infamia.Ces.Tu veras como te enganas,nã queres tu, q̃ dos taes estremos pressumã grandes cousas.Iul. Antes as presumão, que as afirmar. Eu não quero que as presumão,nem menos que as aja não sabes quanto mais pode a opinião, que a verdade & de que ves valerem tanto os rostos magros,& defumados,& tam pouco as faces lauadas,como Deos manda.Iul. E nos andamos ao custume.Ces. Se te esse valesse no outro mundo,bem dizes.Iul.Ora dizeme aquem doe mais minha hõra a mi,ou a ti.Ces.Pode ser q̃ a mi. Iul.Mais me es tu logo do,q̃ me eu sou.Ces.E como sã & por isso me eu mato,& por isso sofro.Iul. Eu louuores a Deos nã saõ doudo,nẽ paruo,& cõtẽtome muyto de meu siso.Ces.Essa merce nos fez Deos, repart o de maneira q̃ cada hũ se cõtenta. Iul.Sã pera ẽsinar todos os velhos,e moços,& viuer cõ suas molheres.Ces.Espera te ẽsinarẽ todos os moços a viuer cõ tua molher,bẽ nã daras tu mais credito a estas cãs tãto tuas amigas,nã te parece q̃ fuy eu mãcebo,& q̃ vi,& andei,& fiz,nã sabes tu q̃ a amisade de teu pay me obriga ami a estes cõ federamẽtos.Iul.Obrigoute ati teu proueito.Ces.bẽ se ye.

Iul. Pois porque me enganaste, eu importuneite nũca.
Ces. Tu me enganaste, tu me destroiste, tu me roubaste
Iul. E tu agastaste. *Ces.* Não me agasto, q̃ se me agastara
ja estiuera desagastado, mas lembrame q̃ tenho a culpa
& com isso me componho. *Iul.* Queres tu Cesar, que
deixe eu andar tua filha pelas praças, & pelos banquey-
ros, & que me encerre eu em casa. *Ces.* Que estremos de
bom siso. *Iul.* Pois minha molher a pesar de todo o mũ
do hade viuer a meu modo. *Ces.* Pois eu sou Micer Ce
sar, que ainda tenho nome, & vida, & em quãto a tiuer
minha filha ha de ser outra. *Iul.* Ora nom mais isto vẽ
della, a casa iremos. *Ces.* Se he liure, que viua liure, se he
companheira que não seja escraua, & peor q̃ escraua,
pera que fez Deos a justiça no mundo se não pera bem
dos bons, & mal dos maos, *Iul.* Es velho nam te respon-
do. *Ces.* Asi velho se outras forças me nam atalharã as
minhas, mas estamos na rua. *Iul.* Eu tenho mais poder
sobre tua filha que ty, & heide fazer della o que quiser
presa, catiua, metida em ferros. *Ces.* Quebrado he o fio,
folgo muito, porque me corria do que passaua, minha
filha virà para minha casa, antes de oito dias se eu viuo
Iul. isso ganharas tu com todos esses teus feros, não ey
eu de tapar a boca a este velho, que nunca me deixa, an
do por me honrar, & tirar sua filha de infamia (como
todo bom, & prudente deue fazer) nam quer senão ar
rancarme os olhos nam he ja desses, ainda agora o aca-
bey de conhecer, sempre ate qui me fallou por outro
modo

modo tam brando. A senhora sua filha lhe deu aquelle esforço, naõ me tentem ambos com algũa doudice, asi nha eu quebrarei o banco, & darei, comigo em chipre velhos babosos, que tornão a engatinhar, não saõ ja pera fazerem differença entre bem, & mal, & querem ha pesar de todolos diabos que tomeis seus cõselhos, isto me faz ainda desconfiar mais da filha de hum homem, que tanta liberdade deu a sua molher. E se os cornos saissem pera fora quantos fariam o que eu faço.

Saese Cesar. Entra Ardelio.

SVado, & tressuado, ando, & não no posso descubrir, pois nam me ha de escapar. *Iul.* Que apressadohe este? *Ard.* O melhor que tenho he que elle não me conhece nem me vio, & não me ha de fugir. *Iul.* Voume a casa, antes que dem comigo. *Ard.* He elle aquelle que vay pera casa, aquelle he, ditoso fuy, aferro nelle antes que se me entre. *Iul.* Quem corre apos mi. *Ard.* Oh senhor. *Iul.* Que mandas. *Ard.* A ti buscaua. *Iul.* A mi, aqui me tens. *Ard.* Não es tu o senhor Micer Iulio. *Iul.* Asi me chamão, & cujo es tu. *Ard.* Daquelle mancebo Espanhol, que lhe oje fallou. *Iul.* que siso o meu, zombo contigo, não sou quem cuidas. *Ard.* Como nam. *Iul.* Em afronta me vejo. *Ard.* Não te vi eu agora no porto? *Iul.* A mi. *Ard.* E te deu meu senhor hũa carta. *Iul.* que carta. *Ard.* Ohque graça. *Iul.* De que te ris. *Ard.*

Não

Não tẽ deu hũa carta de Genoua. *Iul.* Quem? *Ard.* Bernardo Portuguez. *Iul.* Que Bernardo que Portuguez? *Ard.* De teu amigo Benedito. *Iul.* Não sabes com quẽ falas, em toda minha vida fuy a Genoua, sam perdido, se me não nego. *Ard.* Zombas. *Iul.* De quem eide zombar. *Ard.* Se foste a Genoua, não o sey, mas Benedito nũca o viste? *Iul.* Que Benedito. *Ard.* Oh desauergonhamento de homem. *Iul.* Mancebo ve se buscas alguem q̃ eu saiba encaminhartee? *Ard.* A quem me has de encaminhar, se me negas quem busco. *Iul.* Quẽ buscas. *Ard.* A ti busco. *Iul.* Quem sam eu? *Ard.* Eu te queimarei ho sangue, não es tu o senhor Micer Iulio Venezeano. *Iul.* Passo não brades. *Ard.* Quẽ pousa aqui nestas casas. *Iul.* Que has, digo que não. *Ard.* Naõ pousas aqui? *Iul.* Como o sabes. *Ard.* Porque ja aqui andei, bẽ de dias, & te conheço. *Iul.* Como me conheces, se te eu nũca vi. *Ard.* Auiate eu de ver com os meus olhos, ou cõ os teus *Iul.* Nunca me viste. *Ard.* Não me has assi de escapar gẽro de Micer Cesar. *Iul.* Não grites. *Ard.* E casado com sua filha. *Iul.* Que farei. *Ard.* Amigo de Benedito. *Iul.* Tu es douuo. *Ard.* Aonde te vaz. *Iul.* Que me queres. *Ard.* Porque te negas. Se o has por Bernardo, ja tem pousada. *Iul.* Vay ora buscar quem buscas, & deixame. *Ard.* Achamte a ty em dous lugares. *Iul.* Que desastre tamanho, estou corrido, nam sey que faça. *Ard.* De maneira que tu dizes, & affirmas, & confessas publicamente nesta rua, nesta rua publica, que nam es Micer Iulio.

Iul.

Iul. Digo que te nam conheço, & que nunqua te vi, & que nam sei quem es? *Ard.* Verdadeiramente eu jurara que eras elle, mas querote antes crer, que aos meus olhos, *Iul.* Nam te espantes, muytas vezes se enganam os olhos. *Ard.* Nunca vi leite mais semelhado a leite do que tu es com elle. *Iul.* Se eu fora porque me negara. *Ard.* Tu o saberas. pois conhecelo? *Iul.* Ia o ouui nomear. *Ard.* Não me parece que pode auer mais ruim homem no mundo. *Iul.* Não praguejes dos ausentes *Ard.* Heyme de vingar, por justiça o auião de lançar de Veneza, porque a infama. *Iul.* E porque, *Ard.* Micer Cesar velho taõ paruo, que sua filha lhe deu com elle. *Iul.* Fazes mal de fallar mal dos homens de bem. *Ard.* Chamas a Iulio homem debem. *Iul.* Pera isso ho buscauas. *Ard.* Nam sey ha quem chamaras homem de mal tam coytado, & tam misero. *Iul.* que te fez? *Ard.* Que foge aos homens, porque o vè nenhum homem. *Iul.* Coytado de mi, como me irey deste. *Ard.* Espantome, como esta nobre cidade tal consente, mandemlhe tomar a molher, & demna ha quem ha merece. *Iul.* Mancebo meu costume he nam ouuir praguejar de quem o merece, quanto mais de quem o nam merece. *Ard.* Nam dizes tu, que o nam conheces. *Iul.* Conheçoo por bom homem, & sesudo. *Ard.* Não o conheces. *Iul.* Como nam. *Ard.* A hum cioso malauenturado, desconfiado que martyriza a molher de dia, & de noyte chamas bõ, & sesudo.

Iul.

Iul. Ia pode ser, que o serà mais que todos. *Ard.* Ia pode ser, que sua molher, tal não fora. *Iul.* Que fora. *Ard.* Deos o sabe, naõ vè o paruo, que oque se mais guarda mais se deseja. *Iul.* Vay buscar quem te ouça, ondas se me vam, ondas se mevem, mas melhor be ja dissimular ate o cabo. *Ard.* Pois se o tu conheces, & o vires, dizelhe que Bendito lhe manda por aquelle seu amigo, de quem elle fogio certas pessas. *Iul.* Pessas, que pessas? *Ard.* Que o busque quanto elle buscou, & lhas darà. *Iul.* Como as aueroi. *Ard.* Ainda q̃ merecera negarlhas, como se lhe elle negou. *Iul.* Dizeme o que he pera lho saber dizer. *Ard.* Là vira na carta. *Iul.* Fui tam paruo, q̃ a nam acabei de ler. *Ard.* Mas ella foy escripta depressa, ja pode ser, que as confiaria Benedito de meu amo. *Iul.* E elle nam lhas dara. *Ard.* Onde, ou como, se o elle nam ve, nem o acha. *Iul.* De homem de bem he dar boa conta das encomendas. *Ard.* Por amor de Benedito o farà elle, que aquelloutro outra cousa lhe merece. *Iul.* Desbocado es. *Ard.* Eslhe tu algũa cousa. *Iul.* Amigo *Ard.* Como es amigo de tal homem. *Iul.* Ia me arrependo da dissimulução. *Ard.* Matoo, feruelhe osangue. *Iul.* Naõ folgara elle de saber isto. *Ard.* Assi to digo peraq̃ lho nam digas, nem he bem, pois me confio de ty, nam me diras onde pousa. *Iul.* Queres que o descubra a seus imigos. *Ard.* que imigos. *Iul.* Tu, & teu amo. *Ard.* Mal o sabes ainda. *Iul.* Quem o tambem praguejà, não sey que bem lhe querera. *Ard.* Quem quer que otambem

pra-

pregueja, nam sei que bem merece. *Iul.* Esse teu amo onde pousa. *Ard.* Não to quero dizer, busqueo. *Iul.* Ora mas não. *Ard.* Esta morto não sabe que diga. *Iul.* isto me parece melhor, elle nam he agora aqui, pode mandar o que quer, que he a casa de Fabricio Colonia, tão seguro como a sua. *Ard.* Bom recado he esse quem se nega a sy mesmo melhor negara o mais. Se o elle em pessoa não receber perante testemunhas, & com estromento publico, nam faça conta de nada. *Iul.* E se Fabricio fizer tudo isso. *Ard.* Não sei que meu senhor querera fazer, falemlhe, & respondera, *Iul.* Tens razam. *Ard.* E porque te fui algum tanto importuno aconselhotè que lhe não falem sem tabalião, & testemunhas presentes. *Iul.* Eu to agradeço, & pola amisade que com elle tenho, o negociarei. *Ard.* Não se detenha muito, que nos estamos de caminho. *Iul.* Logo sera feito, que desastre tamanho, mas creo que lhe fiz crer que não era eu. Voume a casa de Fabricio darlhe conta, porque se não perca o meu. Assi, assi cançaras, como eu cancei, & enganarte hão, como nos enganaste com que parto se tomaua, mais raposas tenho mortas neste mundo do que cuidas he cousa isto para se por em comedia. Quem me dera, que vos ouuira Bernardo, porque me não ha de crer. Mas pois se elle foy, nam hey de deixar de apalpar ha porta a entrada, eu enxerguey lagrimas na velha, pode ser que a mâ vista obrigue a algum desmancho. Liuia nunca quis mal a Bernardo, mas temeose de seu pay,

razam tem agora pera se vingar. Toda via melhor serà seguil ohum pouco a ver se torna do caminho, porque faça meu salto mais seguro, & tomarey este gosto por mantimento.

Entra Bernardo, & Octauio mancebos ambos.

TAM cheos de Veneza andauão os meus olhos que a cada passada a vião, & com isto descançauão, & agora de a verem, choram, & cançam, *Oct.* Nam te entregues a esses pensamentos, que elles se desfarão per si. *Bern.* Nam sey, tam viua trago eu a alma em Liuia q̃ em quanto viuer a heide achar sempre nella, *Oct.* Lembrete que a tem morta, & morrera tambẽ em ti. *Bern.* Mas isso he o q̃ a faz em si mais viua; com essa magoa não podem os meus olhos. *Oct.* Esta ja tal q̃ te aborrecerà se a vires. *Bern.* Nam pode ser, que com a sua alma andaua eu de amores. *Oct.* Com a sua alma. *Bern.* Espātaste. *Oct.* Nam queres que me espante damores taõ nouos. *Bern.* Pois cre, que o bom amor, & este he so dos homens. *Oct.* Quanto eu não me namoro, senam de hũ corpo bem feito, & de hũs olhos graciosos. *Bern.* Isso nam sam amores, mas de leite de amor. *Oct.* E tu que querias de sua alma. *Bern.* Honra, riquesa, contentamẽto. *Oct.* Tudo isso vias nella. *Bern.* Tudo. *Oct.* E como *Bern.* Com os meus olhos nos seus, agora sabes que ali se vem as almas, & se fallam. *Oct.* Pouco te dara lo-

go da prisam do corpo. *Bern.* Mas dame por ser corpo daquella alma. *Ost.* Eu te dou de boamente todas as almas de quantas molheres a no mundo, & dame tu os seus corpos. *Bern.* Os teus pensamentos sam differétes dos meus. *Ost.* Nam sey ser tam espiritual. *Bern.* Claro esta, que quem quer bem, nam quer mal aos olhos que o affeiçoam, mas quem bem o sabe querer, o deleyte poem a hũa parte, & o verdadeiro contentamento á outra que se isto nam ouuesse, pouca firmeza medarias nos matrimonios. *Ost.* Ainda tu queres mais poucas. *Bern.* E de que vem. *Ost.* Tu o dize. *Bern.* Delhe enfadarem os corpos, & aborrecerem as almas. E eu a Liuia buscaua mais honra que appetite. *Ost.* Quanto darias pola ver. *Bern.* E pera que. *Ost.* Todauia. *Bern.* Pera que. *Ost.* Partiras com esse gosto. *Bern.* Mas partirà como desgosto. *Ost.* Ella se algum bem te quis ficaria magoada de seu erro. *Bern.* Por ambas essas razões a nam veria. *Ost.* Bem lhe queres. *Bern.* Voume pera que lhe hey de lembrar, nem ella a mi, fique viua, descance, Deos lhe mude a sua ma ventura em outra boa. *Ost.* Passas por esta rua, como que se a nam conheces. *Bern.* Nam me lembrara, se mo naõ disseras, *Ost.* Conheces essas janellas. *Bern.* Oh casas, oh janellas, tam continuadas nos meus olhos, tam imaginadas na minha alma. *Ost.* Finge que a ves, como sohias. *Bern.* Outra graça lhe achaua eu certo, com outro aluoroço as via.

Ost.

Ost. Tu cuidas que pousa ahi. *Bern.* Pois onde? *Ost.* Vamonos auante, ves aqui o castello, em q̃ a tua Liuia esta. *Bern.* Aqui. *Ost.* Aqui. *Bern.* Aqui esta Liuia. *Ost.* Aqui està. *Bern.* Tem estas casas pera traz alguns jardins, ou quintaes? *Ost.* Tinha, & desfizeraõse. *Bern.* E porque? *Ost.* E hũas frestas, & janellas, que nellas cahiam taparãse. *Bern.* Quero mal a toda esta visinhança, *Ost.* Que queres que façam? *Bern.* Como que façaõ, tal cousa costumais vos outros, antes as molheres sam aqui mais liures que os homens. *Ost.* Na verdade isto se estranha muyto. *Bern.* Como se estranha pois se sofre. O minha Liuia neste catiueiro estas tu, quam mal respondeo a fortuna aos teus merecimentos. *Ost.* Tambem a hi molheres que sabes tu o que seu marido achou nella, se lhe enxergou algũas lagrimas, algũs sospiros, & algũs sinaes de desgosto, & arrependimento, que lhe desse causa a isto *Bern.* Nam a hi causa pera isto. *Ost.* Desapaxonado es. *Bern.* Ou a mate, ou a sofra. *Ost.* Tambẽ esses sam bons estremos. *Bern.* Nam he melhor que darlhe peor vida que a mesma morte. *Ost.* Temerse a de algũas sospeitas. *Bern.* E nam queres que todo o homẽ principalmente os que casaõ com fermosas dezejadas de muitos façam conta consigo, que podia ella em algum tempo desejar outro, *Ost.* Que queres q̃ faça dessa conta, *Bern.* Os de tam pouco saber, & taõ baixos espiritos o faraõ, mas o homem prudente ha de ser tam confiado quando casa, que querendo dante maõ ao que se pode

pode presumir pera que depois lhe nam seja nouo, cõ fie que sua pessoa pode fazer esquecer tudo. *Ost. Q*uanto a mi enfadarmehia muyto cuidar, que aos olhos de minha molher podiam ja outros parecer melhor, que os meus. *Bern.* Nam tens razam. *Ost.* Naõ. *Bern.* As molheres saõ de pao, ou de pedra nam sentem, nam gostã, nam tem olhos, nam se affeiçoam. *Ost.* Antes por mais fracas, & mais affeiçoadas nã sofreria eu sospeita. *Bern.* Por isso se tu tão discreto, que se nella conheces essa affeiçam tam viua, ou estão desconfiado, que te pode dar ma vida a deixes, & busques outra. *Ost.* Em amores me das tu esse vagar. *Bern.* E q̃res se te elles cegam & forção hũa vontade liure, vingarte em quem te não tem culpa. *Ost. Q*ue remedio. *Bern. Q*ue com mimos & branduras a affeiçoes, & nam com asperezas, & desconfianças. *Ost.* Oh que a molher, ou ama, ou auorrece. *Bern.* Sy, mas antes, que caya nesses estremos, passa por muytas obrigaçóes, & a hũa affeiçam de olhos somente nam os gera, de maneira que com seu marido a nam perca. *Ost.* Mofina Liuia quem te prendeo. *Bern.* Ella estara mais rica, mas certo que estiuera mais contente. *Ost.* Todauia vejamola. *Bern.* Nam pode ser, que por seu perigo o nam tentaria. *Ost.* Pera tudo ha hi remedio. *Bern.* Como se pode entrar forta Lezatão guardada. *Ost.* Com a vontade. *Bern.* E de quem. *Ost.* De Liuia. *Bern. Q*uam mal Iulio crera isso, que cuyda que os olhos sam os que peccam. E como a veremos?

*Oct.*Com te ver,ou saber de tua vinda. *Bern.* Esperã asi. *Oct.* Que he isso? *Bern.*He aquelle Ardelio que de la sae. *Oct.* Ardelio he. *Bern.* Aquelle? Iesus que cousa he esta. *Ard.*Oh fortuna cruel, & ma que sem razões sam as tuas. *Oct.*Chamemolo. *Bern.* Ardelio. *Ard.*Ah senhor. *Oct.* Quem te meteo nessa casa. *Ard.* Mereceo triumphar oje. *Bern.*De que? *Ard.*Se soubesses minhas auenturas. *Bern.*Dize por tua vida. *Ard.* Melhor serà em casa,q̃ eu nã comi oje,& a historia quervagar. *Oct.* Tem razão. *Bern.*Vamos logo.

ACTO. III. SCENA. I.

Faustina cortesaã. *Clareta moça.*

Fau. ADias q̃ tanto a minha vontade me não lauei,& enfeitei como agora. *Clar.*Se te o amor laua,& enfeita,nã queres ser diferente do q̃ dantes eras. *Faus.*Dizes verdade,aos olhos sos de meu Octauio me ẽfeito. *Cla.*Ditosos olhos,q̃poderá ser teus espelhos. *Fau.*Ora olha Clareta por tua vida,se ves ẽ mi algũ descõcerto, nã lhe q̃ria parecer mal ẽ nada. *Cla.*Pois por nã ser tão pechosa,nã seria namorada. *Fau.*Namorada nã,não sabes o q̃ perdes. Bẽauenturadas as casadas,q̃ vsão deste amor limpamẽte. *Cla.*Deixao logo pera ellas,q̃ tẽ sua vida segura,mas tu q̃ viues do comũ, porq̃ te fazes particular a hũ so. *Fau.*Porq̃,parecete mal. *Cla.*Antes me espãto de ti caires ẽtamanho erro,q̃ira Deos q̃ nã venhas cair na cõta,a tẽpo q̃ te nã preste. *Fau.*Como dizes isso. *Cla.*Enganaste Faustina cuidãdo, q̃ o as de ter sẽpre seguro,& certo,deixao ẽfadar,& veras. *Fau.*Isso q̃res tu,

q̃ eu espere de quẽ me tãto amor mostrã. *Cla.* Ay, como es paruoa, nã te lẽbra quãdo tu roubaste o outro cõ amores falsos, & lagrimas fingidas. *Fau.* E a q̃ proposito *Cla.* Como não cuidaras agora, q̃ as fingẽ tãbẽ por ti. *Fau.* A verdade he tã senhora q̃ logo o descobre. *Clar.* Mais senhora he a mẽtira, q̃ a lãça fora cada vez q̃ q̃r. Eu nã sei q̃ tu achas a este Octauio. *Fau.* Se o tu sẽtisses nã me culparias, *Cla.* q̃ te nã deua parecer melhor o rubi de Iulio, & a cadea de Patricio. *Fau.* O Clareta, q̃ isso he ouro, q̃ nã farta a alma, o outro he seu mãtimento. *Cla.* Pois eu prometilhe a noite, & eyo de cũprir. *Fau.* Nã q̃ria. *Cla.* q̃ cõtas sã as tuas Faustina desprezares todos por este, quãdo te elle deixar, como teras os outros *Fau.* Elles me buscarã. *Cla.* Nessa cõfiança viues, como se outra nã ouuesse de taes olhos, e taes cabelos. *Fau.* Encarecerme eu tãto, me fara mais dezejada. *Cla.* Mas encarecesste tãto, q̃ ey medo q̃ te nã vẽdas. *Fau.* Nũca falece hũ mais apetitoso q̃ pague pelos outros. *Cla.* E q̃res perder tã bõ bocado. *Fau.* Mas q̃res q̃ faça essa treiçã a Octauio. *Cla.* Ay mãi, & Octauio he teu marido, deixa me q̃eu darei maneira cõ q̃o nã sospeite. *Fau.* La te auẽ olha o pego, onde, & ẽ q̃ me metes. *Cla.* Mais perigoso serà o da velhice pobre, coitadas de nòs, senã somos como as formigas, q̃ encouã no verã para comer o inuerno. *Fau.* Estame bẽ esta saia. *Cla.* A graça he o q̃ lustra, q̃ o pano nã. *Fau.* Hũ bõ cõcerto muito affeiçoa. *Cla.* As fermosas quãto mais chãs mais fermosas, *Fau.* Cheirote

 bẽ. *Cla.*

Iul. Pois porque me enganaſte, eu importuneite nũca.
Ceſ. Tu me enganaſte, tu me deſtroiſte, tu me roubaſte
Iul. E tu agaſtaſte. *Ceſ.* Não me agaſto, q̃ ſe me agaſtara ja eſtiuera deſagaſtado, mas lembrame q̃ tenho a culpa & com iſſo me componho. *Iul.* Queres tu Ceſar, que deixe eu andar tua filha pelas praças, & pelos banqueyros, & que me encerre eu em caſa. *Ceſ.* Que eſtremos de bom ſiſo. *Iul.* Pois minha molher a peſar de todo o mũdo hade viuer a meu modo. *Ceſ.* Pois eu ſou Micer Ceſar, que ainda tenho nome, & vida, & em quãto a tiuer minha filha ha de ſer outra. *Iul.* Ora nom mais iſto vẽ della, a caſa iremos. *Ceſ.* Se he liure, que viua liure, ſe he companheira que não ſeja eſcraua, & peor q̃ eſcraua, pera que fez Deos a juſtiça no mundo ſe não pera bem dos bons, & mal dos maos, *Iul.* Es velho nam te reſpondo. *Ceſ.* Aſsi velho ſe outras forças me nam atalharã as minhas, mas eſtamos na rua. *Iul.* Eu tenho mais poder ſobre tua filha que ty, & heide fazer della o que quiſer preſa, catiua, metida em ferros. *Ceſ.* Quebrado he o fio, folgo muito, porque me corria do que paſſaua, minha filha virà para minha caſa, antes de oito dias ſe eu viuo *Iul.* iſſo ganharas tu com todos eſſes teus feros, não ey eu de tapar a boca a eſte velho, que nunca me deixa, ando por me honrar, & tirar ſua filha de infamia (como todo bom, & prudente deue fazer) nam quer ſenão arrancarme os olhos nam he ja deſſes, ainda agora o acabey de conhecer, ſempre ate qui me fallou por outro

modo

modo tam brando. A senhora sua filha lhe deu aquelle esforço, naõ me tentem ambos com algũa doudice, asi nha eu quebrarei o banco, & darei, comigo em chipre velhos babosos, que tornão a engatinhar, não o saõ ja pe ra fazerem differença entre bem, & mal, & querem ha pesar de todolos diabos que tomeis seus cõselhos, isto me faz ainda desconfiar mais da filha de hum homem, que tanta liberdade deu a sua molher. E se os cornos saissem pera fora quantos fariam o que eu faço.

Saese Cesar. Entra Ardelio.

SVado, & tressuado, ando, & não no posso descubrir, pois nam me ha de escapar. *Iul.* Que apressadohe este? *Ard.* O melhor que tenho he que elle não me co nhece nem me vio, & não me ha de fugir. *Iul.* Voume a casa, antes que dem comigo. *Ard.* He elle aquelle que vay pera casa, aquelle he, ditoso fuy, aferro nelle antes que se me entre. *Iul.* Quem corre apos mi. *Ard.* Oh se nhor. *Iul.* Que mandas. *Ard.* A ti buscaua. *Iul.* A mi, aqui me tens. *Ard.* Não es tu o senhor Micer Iulio. *Iul.* Asi me chamão, & cujo es tu. *Ard.* Daquelle mancebo Es panhol, que lhe oje fallou. *Iul.* que siso o meu, zombo contigo, não sou quem cuidas. *Ard.* Como nam. *Iul.* Em afronta me vejo. *Ard.* Não te vi eu agora no por to? *Iul.* A mi. *Ard.* E te deu meu senhor hũa carta. *Iul.* que carta. *Ard.* Ohque graça. *Iul.* De que te ris. *Ard.* Não

Não te deu hũa carta de Genoua. *Iul.* Quem? *Ard.* Bernardo Portuguez. *Iul.* Que Bernardo que Portuguez? *Ard.* De teu amigo Benedito. *Iul.* Não sabes com quẽ falas, em toda minha vida fuy a Genoua, sam perdido, se me não nego. *Ard.* Zombas. *Iul.* De quem eide zombar. *Ard.* Se foste a Genoua, não o sey, mas Benedito nũca o viste? *Iul.* Que Benedito. *Ard.* Oh desauergonhamento de homem. *Iul.* Mancebo ve se buscas alguem q̃ eu saiba encaminharteei? *Ard.* A quem me has de encaminhar, se me negas quem busco. *Iul.* Quẽ buscas. *Ard.* A ti busco? *Iul.* Quem sam eu? *Ard.* Eu te queimarei ho sangue, não es tu o senhor Micer Iulio Venezeano. *Iul.* Passo não brades. *Ard.* Quẽ pousa aqui nestas casas. *Iul.* Que has, digo que não. *Ard.* Nã õ pousas aqui? *Iul.* Como o sabes. *Ard.* Porque ja aqui andei, bẽ de dias, & te conheço. *Iul.* Como me conheces, se te eu nũca vi. *Ard.* Auiate eu de ver com os meus olhos, ou cõ os teus *Iul.* Nunca me viste. *Ard.* Não me has asi de escapar gẽro de Micer Cesar. *Iul.* Não grites. *Ard.* E casado com sua filha. *Iul.* Que farei. *Ard.* Amigo de Benedito. *Iul.* Tu es doudo. *Ard.* Aonde te vaz. *Iul.* Que me queres. *Ard.* Porque te negas. Se o has por Bernardo, ja tem pousada. *Iul.* Vay ora buscar quem buscas, & deixame. *Ard.* Achamte a ty em dous lugares. *Iul.* Que desastre tamanho, estou corrido, nam sey que faça. *Ard.* De maneira que tu dizes, & affirmas, & confessas publicamente nesta rua, nesta rua publica, que nam es Micer Iulio.

Iul.

Iul. Digo que te nam conheço, & que nunqua te vi, & que nam sei quem es? *Ard.* Verdadeiramente eu jurará que eras elle, mas querote antes crer, que aos meus olhos, *Iul.* Nam te espantes, muytas vezes se enganam os olhos. *Ard.* Nunca vi leite mais semelhado a leite do que tu es com elle. *Iul.* Se eu fora porque me negará. *Ard.* Tu o saberas. pois conhecelo? *Iul.* Ia o ouui nomear. *Ard.* Não me parece que pode auer mais ruim homem no mundo. *Iul.* Não praguejes dos ausentes *Ard.* Heyme de vingar, por justiça o auião de lançar de Veneza, porque a infama. *Iul.* E porque, *Ard.* Micer Cesar velho taõ paruo, que sua filha lhe deu com elle. *Iul.* Fazes mal de fallar mal dos homens de bem. *Ard.* Chamas a Iulio homem debem. *Iul.* Pera isso ho buscauas. *Ard.* Nam sey ha quem chamaras homem de mal tam coytado, & tam misero. *Iul.* que te fez? *Ard.* Que foge aos homens, porque o vè nenhum homem. *Iul.* Coytado de mi, como me irey deste. *Ard.* Espantome, como esta nobre cidade tal consente, mandemlhe tomar a molher, & demna ha quem ha merece. *Iul.* Mancebo meu costume he nam ouuir praguejar de quem o merece, quanto mais de quem o nam merece. *Ard.* Nam dizes tu, que o nam conheces. *Iul.* Conheçoo por bom homem, & sesudo. *Ard.* Não o conheces. *Iul.* Como nam. *Ard.* A hum cioso malauenturado, desconfiado que martyriza a molher de dia, & de noyte chamas bõ, & sesudo.

Iul.

Iul. Ia pode ser, que o serà mais que todos. *Ard.* Ia pode ser, que sua molher, tal não fora. *Iul.* Que fora. *Ard.* Deos o sabe, naõ vè o paruo, que oque se mais guarda mais se deseja. *Iul.* Vay buscar quem te ouça, ondas se me vam, ondas se mevem, mas melhor he ja dissimular ate o cabo. *Ard.* Pois se o tu conheces, & o vires, dizelhe que Bendito lhe manda por aquelle seu amigo, de quem elle fogio certas pessas. *Iul.* Pessas, que pessas? *Ard.* Que o busque quanto elle buscou, & lhas darà. *Iul.* Como as auerei. *Ard.* Ainda q̃ merecera negarlhas, como se lhe elle negou. *Iul.* Dizeme o que he pera lho saber dizer. *Ard.* Là vira na carta. *Iul.* Fui tam paruo, q̃ a nam acabei de ler. *Ard.* Mas ella foy escripta depressa, ja pode ser, que as confiaria Benedito de meu amo. *Iul.* E elle nam lhas dara. *Ard.* Onde, ou como, se o elle nam ve, nem o acha. *Iul.* De homem de bem he darboa conta das encomendas. *Ard.* Por amor de Benedito o farà elle, que aquelloutro outra cousa lhe merece. *Iul.* Desbocado es. *Ard.* Eslhe tu algũa cousa. *Iul.* Amigo *Ard.* Como es amigo de tal homem. *Iul.* Ia me arrependo da dissimulução. *Ard.* Matoo, feruelhe osangue. *Iul.* Naõ folgara elle de saber isto. *Ard.* Assi to digo peraq̃ lho nam digas, nem he bem, pois me confio de ty, nam me diras onde pousa. *Iul.* Queres que o descubra a seus imigos. *Ard.* que imigos. *Iul.* Tu, & teu amo. *Ard.* Mal o sabes ainda. *Iul.* Quem o tambem pragueja, não sey que bem lhe querera. *Ard.* Quem quer que otambem

pra-

prágueja, nam sei que bem merece. *Iul.* Esse teu amo onde pousa. *Ard.* Não to quero dizer, busqueo. *Iul.* Ora mas não. *Ard.* Esta morto não sabe que diga. *Iul.* isto me parece melhor, elle nam he agora aqui, pode mandar o que quer, que he a casa de Fabricio Colonia, taõ seguro como a sua. *Ard.* Bom recado he esse quem se nega a sy mesmo melhor negara o mais. Se o elle em pessoa naõ receber perante testemunhas, & com estromento publico, nam faça conta de nada. *Iul.* E se Fabricio fizer tudo isso. *Ard.* Não sei que meu senhor querera fazer, falemlhe, & respondera, *Iul.* Tens razam. *Ard.* E porque te fui algum tanto importuno aconselhote que lhe não falem sem tabalião, & testemunhas presentes. *Iul.* Eu to agradeço, & pola amisade que com elle tenho, o negociarei. *Ard.* Não se detenha muito, que nos estamos de caminho. *Iul.* Logo sera feito, que desastre tamanho, mas creo que lhe fiz crer que não era eu. Voume a casa de Fabricio darlhe conta, porque se não perca o meu. Asi, asi cançaras, como eu cancei, & enganarte hão, como nos enganaste com que paruo se tomaua, mais raposas tenho mortas neste mundo do que cuidas he cousa isto para se por em comedia. Quem me dera, que vos ouuira Bernardo, porque me não ha de crer. Mas pois se elle foy, nam hey de deixar de apalpar ha porta a entrada, eu enxerguey lagrimas na velha, pode ser que a mâ vista obrigue a algum desmancho. Liuia nunca quis mal a Bernardo, mas temeose de seu pay,

razam

razãm tem agora pera se vingar. Toda via melhor serà seguil ohum pouco a ver se torna do caminho, porque faça meu salto mais seguro, & tomarey este gosto por mantimento.

Entra Bernardo, & Octauio mancebos ambos.

TAM cheos de Veneza andauão os meus olhos que a cada passada a vião, & com isto descançauão, & agora de a verem, choram, & cançam, *Oct.* Nam te entregues a esses pensamentos, que elles se desfarão per si. *Bern.* Nam sey, tam viua trago eu a alma em Liuia q̃ em quanto viuer a heide achar sempre nella, *Oct.* Lembrete que a tem morta, & morrera tambẽ em ti. *Bern.* Mas isso he o q̃ a faz em si mais viua; com essa magoa não podem os meus olhos. *Oct.* Esta ja tal q̃ te aborrecerà se a vires. *Bern.* Nam pode ser, que com a sua alma andaua eu de amores. *Oct.* Com a sua alma. *Bern.* Espátaste. *Oct.* Nam queres que me espante damores taõ nouos. *Bern.* Pois cre, que o bom amor, & este he so dos homens. *Oct.* Quanto eu não me namoro, senam de hũ corpo bem feito, & de hũs olhos graciosos. *Bern.* Isso nam sam amores, mas de leite de amor. *Oct.* E tu que querias de sua alma. *Bern.* Honra, riquesa, contentamẽto. *Oct.* Tudo isso vias nella. *Bern.* Tudo. *Oct.* E como *Bern.* Com os meus olhos nos seus, agora sabes que ali se vem as almas, & se fallam. *Oct.* Pouco te dara lo-

go da prisam do corpo. *Bern.* Mas dame por ser corpo daquella alma. *Ost.* Eu te dou de boamente todas as almas de quantas molheres a no mundo, & dame tu os seus corpos. *Bern.* Os teus pensamentos sam differẽtes dos meus. *Ost.* Nam sey ser tam espiritual. *Bern.* Claro esta, que quem quer bem, nam quer mal aos olhos que o affeiçoam, mas quem bem o sabe querer, o deleyte poem a hũa parte, & o verdadeiro contentamento á outra que se isto nam ouuesse, pouca firmeza medarias nos matrimonios. *Ost.* Ainda tu queres mais poucas. *Bern.* E de que vem. *Ost.* Tu o dize. *Bern.* Delhe enfadarem os corpos, & aborrecerem as almas. E eu a Liuia buscaua mais honra que appetite. *Ost.* Quanto darias pola ver. *Bern.* E pera que. *Ost.* Todauia. *Bern.* Pera que. *Ost.* Partiras com esse gosto. *Bern.* Mas partirà como desgosto. *Ost.* Ella se algum bem te quis ficaria magoada de seu erro. *Bern.* Por ambas essas razões a nam veria. *Ost.* Bem lhe queres. *Bern.* Voume pera que lhe hey de lembrar, nem ella a mi, fique viua, descance, Deos lhe mude a sua ma ventura em outra boa. *Ost.* Passas por esta rua, como que se a nam conheces. *Bern.* Nam me lembrara, se mo naõ disseras, *Ost.* Conheces essas janellas. *Bern.* Oh casas, oh janellas, tam continuadas nos meus olhos, tam imaginadas na minha alma. *Ost.* Finge que a ves, como sonhas. *Bern.* Outra graça lhe achaua eu certo, com outro aluoroço as via.

Ost.

Ost. Tu cuidas que pousa ahi. *Bern*. Pois onde? *Ost*. Vamonos auante, ves aqui o castello, em q̃ a tua Liuia esta. *Bern*. Aqui. *Ost*. Aqui. *Bern*. Aqui esta Liuia. *Ost*. Aqui està. *Bern*. Tem estas casas pera traz alguns jardins, ou quintaes? *Ost*. Tinha, & desfizeraõse. *Bern*. E porque? *Ost*. E hũas frestas, & janellas, que nellas cahiam taparãse. *Bern*. Quero mal a toda esta visinhança, *Ost*. Que queres que façam? *Bern*. Como que façaõ, tal cousa costumais vos outros, antes as molheres sam aqui mais liures que os homens. *Ost*. Na verdade isto se estranha muyto. *Bern*. Como se estranha pois se sofre. O minha Liuia neste catiueiro estas tu, quam mal respondeo a fortuna aos teus merecimentos. *Ost*. Tambem a hi molheres que sabes tu o que seu marido achou nella, se lhe enxergou a'gũas lagrimas, algũs sospiros, & algũs sinaes de desgosto, & arrependimento, que lhe desse causa a isto *Bern*. Nam a hi causa pera isto. *Ost*. Desapaxonado es. *Bern*. Ou a mate, ou a sofra. *Ost*. Tambẽ esses sam bons estremos, *Bern*. Nam he melhor que darlhe peor vida que a mesma morte. *Ost*. Temerseã de algũas sospeitas. *Bern*. E nam queres que todo o homẽ principalmente os que casaõ com fermosas dezejadas de muitos façam conta consigo, que podia ella em algum tempo desejar outro, *Ost*. Que queres q̃ faça dessa conta, *Bern*. Os de tam pouco saber, & taõ baixos espiritos o faraõ, mas o homem prudente ha de ser tam confiado quando casa, que querendo dante maõ ao que se

pode

pode presumir pera que depois lhe nam seja nouo, cõ fie que sua pessoa pode fazer esquecer tudo. *Ost.* Quanto a mi enfadarmehia muyto cuidar, que aos olhos de minha molher podiam ja outros parecer melhor, que os meus. *Bern.* Nam tens razam. *Ost.* Naõ. *Bern.* As molheres saõ de pao, ou de pedra nam sentem, nam gostã, nam tem olhos, nam se affeiçoam. *Ost.* Antes por mais fracas, & mais affeiçoadas nã sofreria eu sospeita. *Bern.* Por isso se tu tão discreto, que se nella conheces essa affeiçam tam viua, ou es tão desconfiado, que te pode dar ma vida a deixes, & busques outra. *Ost.* Em amores me das tu esse vagar. *Bern.* E q̃res se te elles cegam & forção hũa vontade liure, vingarte em quem te não tem culpa. *Ost.* Que remedio. *Bern.* Que com mimos & branduras a affeiçoes, & nam com asperezas, & desconfianças. *Ost.* Oh que a molher, ou ama, ou auorrece. *Bern.* Sy, mas antes, que caya nesses estremos, passa por muytas obrigações, & a hũa affeiçam de olhos somente nam os gera, de maneira que com seu marido a nam perca. *Ost.* Mofina Liuia quem te prendeo. *Bern.* Ella estara mais rica, mas certo que estiuera mais contente. *Ost.* Todauia vejamola. *Bern.* Nam pode ser, que por seu perigo o nam tentaria. *Ost.* Pera tudo ha hi remedio. *Bern.* Como se pode entrar forta Lezatão guardada. *Ost.* Com a vontade. *Bern.* E de quem. *Ost.* De Liuia. *Bern.* Quam mal Iulio crera isso, que cuyda que os olhos sam os que peccam. E como a veremos?

Oct. Com te ver, ou saber de tua vinda. *Bern.* Esperã asi. *Oct.* Que he isso? *Bern.* He aquelle Ardelio que de la sae. *Oct.* Ardelio he. *Bern.* Aquelle? Iesus que cousa he esta. *Ard.* Oh fortuna cruel, & ma que sem razões sam as tuas. *Oct.* Chamemolo. *Bern.* Ardelio. *Ard.* Ah senhor. *Oct.* Quem te meteo nessa casa. *Ard.* Mereceo triumphar oje. *Bern.* De que? *Ard.* Se soubesses minhas auenturas. *Bern.* Dize por tua vida. *Ard.* Melhor serà em casa, q̃ eu nã comi oje, & a historia quer vagar. *Oct.* Tem razão. *Bern.* Vamos logo.

ACTO. III. SCENA. I.

Faustina cortesãa. *Clareta moça.*

ADias q̃ tanto a minha vontade me não lauei, & enfeitei como agora. *Clar.* Se te o amor laua, & enfeita, nã queres ser diferente do q̃ dantes eras. *Faus.* Dizes verdade, aos olhos sos de meu Octauio me ẽfeito. *Cla.* Ditosos olhos, q̃poderá ser teus espelhos. *Fau.* Ora olha Clareta por tua vida, se ves ẽ mi algũ descõcerto, nã lhe q̃ria parecer mal ẽ nada. *Cla.* Pois por nã ser tão pechosa, nã seria namorada. *Fau.* Namorada nã, não sabes o q̃ perdes. Bẽauenturadas as casadas, q̃ vsão deste amor limpamẽte. *Cla.* Deixao logo pera ellas, q̃ tẽ sua vida segura, mas tu q̃ viues do comũ, porq̃ te fazes particular a hũ so. *Fau.* Porq̃, pareceete mal. *Cla.* Antes me espãto de ti caires ẽtamanho erro, q̃ira Deos q̃ nã venhas cair na cõta, a tẽpo q̃ te nã preste. *Fau.* Como dizes isso. *Cla.* Enganaste Faustina cuidãdo, q̃ o as de ter sẽpre seguro, & certo, deixao ẽ fadar, & veras. *Fau.* Isso q̃res tu,

q̃ eu eſpere de quẽ me tãto amor moſtrã. *Cla.* Ay,como es paruoa,nã te lẽbra quãdo tu roubaſte o outro cõ amores falſos,& lagrimas fingidas. *Fau.* E a q̃ propoſito *Cla.* Como não cuidaras agora,q̃ as fingẽ tãbẽ por ti. *Fau.* A verdade he tã ſenhora q̃ logo o deſcobre. *Clar.* Mais ſenhora he a mẽtira,q̃ a lãça fora cada vez q̃ q̃r. Eu nã ſei q̃ tu achas a eſte Octauio. *Fau.* Se o tu ſẽtiſſes nã me culparias, *Cla.* q̃ te nã deua parecer melhor o rubi de Iulio,& a cadea de Patricio. *Fau.* O Clareta,q̃ iſſo he ouro,q̃ nã farta a alma, o outro he ſeu mãtimento. *Cla.* Pois eu prometilhe a noite,& eyo de cũprir. *Fau.* Nã q̃ria. *Cla.* q̃ cõtas ſã as tuas Fauſtina deſprezares todos por eſte,quãdo te elle deixar,como teras os outros *Fau.* Elles me buſcarã. *Cla.* Neſſa cõfiança viues, como ſe outra nã ouueſſe de taes olhos,e taes cabelos. *Fau.* En carecerme eu tãto,me fara mais dezejada. *Cla.* Mas en careceſte tãto,q̃ ey medo q̃ te nã vẽdas. *Fau.* Nũca falece hũ mais apetitoſo q̃ pague pelos outros. *Cla.* E q̃res perder tã bõ bocado. *Fau.* Mas q̃res q̃ faça eſſa treiçã a Octauio. *Cla.* Ay mãi,& Octauio he teu marido,deixa me q̃eu darei maneira cõ q̃o nã ſoſpeite. *Fau.* La te auẽ olha o pego,onde,& ẽ q̃ me metes. *Cla.* Mais perigoſo ſerà o da velhice pobre,coitadas de nòs,ſenã ſomos como as formigas,q̃ encouã no verã para comer o inuerno. *Fau.* Eſtame bẽ eſta ſaia. *Cla.* A graça he o q̃ luſtra,q̃ o pano nã. *Fau.* Hũ bõ cõcerto muito affeiçoa. *Cla.* As fermoſas quãto mais chãs mais fermoſas, *Fau.* Cheirote

Clar. Nam queria que cheirasses. *Fauſ.* Porque. *Clar.* Deixa isso a essas velhas desdentadas, que querem encobrir a velhice com affeites entam fazem la hũas mogenifadas de misturadas de agoas de oleos, & de cheiros que com o suor, em vez de cheirar fedem. *Fauſ.* Se as velhas o fazẽ, que faraõ as moças, *Clar.* A moça cheyra muito bem quando naõ cheira. *Fauſ.* Que dizes logo a estes mancebos vntados, & perfumedos. *Clar.* Merecíam ser molheres, homẽs, que taes cousas fazem, como os consentem os outros homẽs. *Fauſ.* Quem te ensinou tanta cousa. *Clar.* Quẽ tinha mais experiencia do mundo que ti, aquella te digo eu, que viuia, & roubaua, & enganaua. *Fauſ.* Asſi o sohia eu de fazer. *Clar.* Asſi o faze, & Octauio enforquese casara hũm dia destes, & tu ficaras viuua. *Fauſ.* Naõ mo praguejes por tua vida. *Clar.* Bem escusada fora agora la esta ida. *Fauſ.* Eu vou la por meu gosto, & nam pelo seu. *Clar.* Por isso te estima elle tão pouco. Se queres bẽ, não o encubriras. *Fau.* Não posso. *Clar.* Não podes. *Fauſ.* Iesu como es crua. *Clar.* Cre tu, que se eu fora ati, outra fora. *Fauſ.* Vamos por tua vida, q̃ me canças com tua parola. *Clar.* Nam te venha mais cançar a fome, & a necesſidade. *Fauſ.* Bom marinheiro temos, & Deos o acrescentarà. *Clar.* Deos queres que o acrecente. *Fauſ.* Que queres que diga. *Clar.* Espera não sayas, parece que enxergo la vir Octauio. *Fauſ.* Ve pois se he elle. *Clar.* Aquelle he pera qua deue de vir.

SCENA

SCENA. II.

Octauio soo.

QVAM pouco sabe hum homem em quanto he mancebo, quantos segredos tem o mundo que qua nam crem. Pareciame a mi, que todo o siso estaua em não crer nada, agora me parece que está em crer ja tudo. A quem crera eu, ou quando, que hũa molher tal vida passasse qual passa Liuia, & tanto se enganasse hum homem como se engaua Iulio. Cousas nos contou Ardelio, cruezes, miserias, & vergonhas, que so de lhas ouuirmos choramos. E no meyo destas miserias, tal esforço em hũa molher, que nam abafa, ou nam se mata. E tem taes ardis, & artes, que a furto do marido, anda, come, pratica com quer, cuidando elle que a deixa como em coua. Paruo, porque naõ ves nem entendes, q̃ a malicia da molher, quando quer, nam abastam portas. Se eu caso, eu nam amostrarei nunca a minha molher, desconfiança, que eu por baixeza, & paruoice não culpo a coitada no que comete. Manda pedir a Bernardo com grandes rogos, & lagrimas que a veja pois seus peccados lhe estoruaram tanto bem, mas o meyo nam sey como he. Diz que hey eu de pedir a outra, q̃ me quer mayor bem, que a si, que de hũa noite a Iulio pera elle qua ter entrada mais segura. Pareceuos que cabe em razam cometer eu isto a Faustina? ou que será sem razã

ẽm me não querer ver nunca, mas que hey ja defazer, rogoume, abraçoume, choroume, venceome. Eu auenturo honra, ou perda dalgũa cousa? perda he toda via agrauar hũa vontade tanto minha, vergonha me hà de ser, mas a amisade então se ve quãdo se em mor pressa proua. La me vou nam sei com que palauras lho peça, reuolta sinto qua em casa de Cesar.

SCENA. III.

Porcia Matrona. Micer Cesar seu marido.

PEra que era isso coitada de mi, foste lançar o azeitẽ no fogo, com os concelhos, & rogos, se escandaliza que faria cõ injurias, & ameaços. *Ces.* Leuantouseme a corola. *Por.* Mas leuantastelha a elle para se ir fartar em minha filha, que he certo que a tẽ ja morta. *Ces.* Quem quereres que tenha tanta paciencia. *Por.* Quem tem necessidade della, agora te deixou ella mais que nunca. *Ces.* Agora porque tambem me falou mais descortes q̃ nunca. *Por.* Sofreralo como fizeste sempre. *Ces.* Naõ pude, & espero que seja por melhor, *Por.* Melhor fora, & mais seguro disimulares, & sem o elle saber, ireste ao senado chamar & pedir, que te dessem tua filha. *Ces.* Assi o farey. *Por.* Ay Cesar, Cesar, que nunqua me cresteriaste de minhas lagrimas, & zombauas de meus medos, os meus olhos, & o meu coraçam viam ja o que agora

gorã choram,& vem. *Ces.* He verdade que eu me engã
nei, mas quem se nam enganara. *Por.* Se me tu creras, se
me tu ouuiras, nam te enganaras, sempre zõbaste dos
meus conselhos, sempre fizeste tua võtade. *Ces.* O feito
he feyto, no mais atalharemos. *Por.* Atalhelho Deos, q̃
elle so pode, filha que eu sempre te prophetizey este
mal tamanho, & assi te entreguei a esse como a hum
enemigo. *Ces.* Ah fortuna. *Por.* Nam te aqueixes da for
tuna senam de ty so, que culpa tem ella a quem se en-
trega ao mal. *Ces.* Ora tudo tera remedio, eu venho
sem folego, & tu queresmo acabar de tirar. *Por.* Nam
queres que grite, & endoudeça, & que me mate lem-
brandome o que te sempre disse. Cesar este mancebo
criado sem pay, viue a sua vontade, sem deyxar con-
uersações doutros taes como elle, porque queres horã
auenturar tua fazenda, & tua honra, porque queres
ora por cobiça de mais dous reis, perderes o q̃ tens,
& veres nojos em tua velhice, nam te engane o seu
trato, ho seu dinheiro, que a somenos parte no ho-
mem he ho dinheiro, & a riqueza. Quantas vezes
clamey isto, quantas lagrimas chorey, quam mal
me creste sempre. *Ces.* E eu porque o fiz? por ven-
tura era Liuia, mais tua filha que minha, presu-
mia eu, ou era bem que presumisse, que de Micer
Iulio meu amigo tam bom homem, & tam sesudo
nacesse hum tal como esse.

Por. Porque nam presumias o que vias, & porque nam preguntaras por sua vida, & tam semelhantes viste tu sempre os pais com os filhos. Ces. Pois que queres agora, queres que me mate. Por. Mas que naõ deixe matar tua filha. Ces. Forte molher he esta, & eu que faço as cõsolações que me ella da, os conselhos, & os remedios. Por. E tu queres meus conselhos, nem quiseste os nunca. Ces. E teus conselhos tem razam em nada, senam acertos, desastres, & appetites. Por. Bem o tens visto, dessa confiança te vem a ti teresme em tam pouco. Ces. Parece que o quiseram meus peccados, que acertasses tu nisto para mor trabalho meu, & pera cada dia me tirares os olhos, & a alma. Por. A mi a tirara eu de boamente, se podera. Ces. Fizeras qua pouca falta. Por. Bem creyo eu, que a ti a faria eu menos pelo moyto amor que me mostraste sempre, que nunca ja hũa ora me fizeste a võtade em nada. Ces. Prouuera a Deos que fora assi, q̃ outra vida tiuera eu, & outra tenho. Parecevos que se pode isto sofrer, se a filha tal he nam culpo o que faz o outro. Por. Coytada de mi, a mi se tornam todas as culpas mas os homens que desprezão os conselhos de suas molheres, caem nestes erros, como se ellas nam tiuessem razam como elles, entam aos erros das coytadas nam ha desculpas os seus tem trinta mil. Minhas contas erão boas faziao por taes respeitos, quem hauia de cuydar se me isso a mi parecera. Com isso passam, & querem que as molheres nam tenham juizo, nem entendimen-

to, & que nãm vejam o que vem, & que nam entendam o que entendem.

SCENA. IIII.

Cesar sóo.

NAM podera eu viuer neste mundo sem molher, & filhos bemauenturados os que nam casam, & malauenturados os que o dezejam, que nam sabem o bem que tem, & o mal que buscam. Em quanto hum homem viue duas obrigações tem, hũa do mundo, & outra de Deos, destas ambas pode melhor vsar sendo solteyro, que casado, pode conuersar os homens mais soltamente, desenfadarse com mais gosto, lograrse da vida, de maneira que ganhe tambem a outra com menos trabalho. Naõ sei quem nos cega, quem nos engana, parece que ordenou Deos este appetite nos homẽs, porque sem elle, mal se entregara ninguem a tamanho catiueiro, mal se conseruarà a geraçaõ humana, que nã sem causa chamou o outro a molher, mal necessario. Cuidais, que vos hão de leuar nada em conta Se algũa ora acertam a ter razam aueis lhe de confessar, que sabem mais que vos. Se quereis ter vida, ou lha aueis de tirar porque vos nam matem. De dia, & de noyte na mesa, & na cama em casa, & fora de casa nunca me deixa. Tu o fizeste, tu o quiseste, tal o tens. E nam cuida q̃ aquillo he o que mais doe, que o mesmo engano meu.

Nam

Não sei que farei aquelle doudo, eu vou fazer o que a mi conuem, Que mancebo he este, ja o eu aquivi outro ra, homem de bem parece. Nam sey que he isto, que a todo o homem de bem ey agora inueja, a todo homem quisera antes ter entregue minha filha com mais ainda do que tenho, & do que lhe dei, que quem a tem coitados de nos, que a mais certa cousa que temos, he o arrependimento, mas de que vem? de se errarem os principios, donde se seguem os maos fins.

SCENA. V.

Bernardo. *Ardelio,*

POR tua vida Ardelio que me digas, que rostro tẽ mostrou Liuia quando entraste. *Ard.* O que tinha, *Bern.* Nam se lhe mudou ja. *Ard.* Não auia ahi mudar, nem contrafazer, & se alguã mudança fez, foy de mais tristeza, & de mais lagrimas. *Ber.* Que te disse. *Ard.* Nam to disse ja. *Bern.* Dirias, mas eu nam sey se te ouui nam me lembra, *Ard.* Para que perguntas logo, senam ouues, nem te lembra. *Bern.* Este gosto soo me ficou, rego te que mo mostres. *Ard.* Eu naõ sabia que to auia de dizer tantas vezes como to disse, nam o queiras mais saber. *Bern.* Que lhe disseste vendoa assi? *Ard.* O que se me offereceo. *Bern.* Que. *Ard.* Que, bofe que me nam lembra. *Bern.* Oh lembrete por tua vida, *Ard.* Que te parece a ty, que lhe eu diria. *Bern.* Muyto hauia

que

que dizer. *Ard.* Desse muyto lhe disse eu hum pouco. *Bern.* Que pouco. *Ard.* Oh que enfadamento este? tres vezes lho contey ja, & nam o acabou de ouuir. *Bern.* Nam mo queres dizer? *Ard.* Ouuilohas tu. *Bern.* E eu porque o pergunto. *Ard.* Para mo tornares ha perguntar logo. *Bern.* Dizemo que eu to ouuirey. *Ard.* Ora lembrete que to digo. Disselhe que agora veria, onde chegaua hum engano, & hum arrependimento. *Bern.* E mais. *Ard.* Que mais. *Bern.* Vay por diante. *Ard.* E outras palauras conforme aos mesmos propositos, *Bern.* Quaes? *Ard.* Quaes tu mesmo lhe disseres. *Bern.* E ella. *Ard.* Nisto leuanta os olhos aos ceos, ou aos telhados (nam queria nunca mentir em nada) chorando, & çaluçando, & torcendo as mãos. *Bern.* Dizendo. *Ard.* Nada, mas tornouos abaixar sem poder dizer palaura com o grande impeto das lagrimas. *Bern.* Nam chorauas por tua vida. *Ard.* Esta he outra demanda, nam. *Bern.* Nam. *Ard.* Bofe não. *Bern.* Porque? *Ard.* Ná pude, saõ muito seco dos olhos, & todos por onde vimos, assi o somos. *Bern.* De q̃ choraras logo. *Ard.* De nada. Verdade he, q̃ dezejei eu de chorar hum pouco por amor della, & de ti. *Ber.* O quãto folgara cõ isso, porq̃ ẽ ti conheecera ella o meu amor, & a minha magoa. *Ard.* Quanto se sẽ lagrimas saõ os amores secos não me fez Deos parceles. Morreo meu pai, & minha mãi, & meus auos, & meus irmãos, & nũca chorey nẽ me parece q̃ choraria, ainda que me visse morrer.

Bern. Chorarias se tu bem quisesses. *Ard.* Antes por nam chorar hei de trabalhar por querer sempre mal. *Bern.* Gracioso estâs que em tamanha magoa me fazes rir por força. *Ard.* Nam he melhor que chorar por võtade. *Bern.* Finalmente em que ficaste. *Ard.* No que ja sabes. *Bern.* Eu que sey? *Ard.* Cuido que me queres fazer chorar de rayua com tanta pergunta. *Bern.* Com que palauras to disse, com que geito, com que olhos? *Ard.* As palauras creyo eu, que erão Venezeanos, o geito me nam lembra, nem os olhos. *Bern.* Pareceme que queres chocarrear assinte. *Ard.* Muytos outros chocarreiros veras assinte, & que por ventura ganham mais com suas graças contra feitas, que eu cõ as minhas naturaes. *Bern.* Assi que te disse que me queria ver, & falar *Ard.* E mais a noite, que he gram pessa. *Bern.* Como se nam teme do marido. *Ard.* Porque lhe nam quer bem. *Bern.* Tens razam. *Ard.* Cuidas tu que pode com hũa molher mais o medo, que o amor. *Bern.* Nem com os homens tam pouco. *Ard.* Esta a coytada, que nam pede senam morte, nem deseja outra cousa, & arreceara cometer nada. *Bern.* Se Octauio faz o que me prometeo quem he mais ditoso que eu. *Ard.* Agora o saberas, que eylo sae. *Bern.* Que voltas me da o coraçam, mandeme Deos ora algũas boas nouas, mas a que se torna dentro.

SCENA. VI.

Octauio. Bernardo. Ardelio.

Oct. OVtra vez te prometo, esse amor, & essas lagrimas minhas. Faustina naõ me merecē enganarte pesame somente de teu desgosto, nem desconfies q̃ eu sou teu, & o serei sẽpre. *Bern.* Muito se detē. *Ard.* E sae afrontado. *Oct.* Se tal soubera, rirame de Bernardo, corrido venho do que passei com esta, tãto que lhe toquei no caso, deuse por auorrecida de mi, & a mim por enfadado, *Bern.* Pareceme que o enxergo triste. *Oct.* Lançou mãos aos cabelos, & aos toucados chamãdose enganada, & fazendo estremos de hũa douda, naõ cuidei que nestas molheres se achasse amor tam inteiro, *Bern.* Nam posso mais esperar. *Oct.* Em fim nam fiz mais que anojar a ella, & ella enuergonar a mi, que nem me deixou dizer pera que lho pedia. *Bern.* Que nouas trazes, q̃ nouas me das meu Octauio. *Oct.* Não quis Faustina. *Bern.* Nam quis. *Oct.* Digote, que mais me quisera morto, que verme na afronta, em que vi com ella. *Bern.* Que farei logo. *Oct.* Nam te agastes, Iulio he bargante, nam pode ser que em quanto aqui estiueres, nam acertemos hũa noite. *Bern.* Oh que naõ nacco pera mi nenhum bom acerto. *Ard.* Ninguem entende essa senam eu. *Oct* Que entendes. *Ard.* Ella o mostrara cedo, tu vigia, & guarte, *Bern.* Pois a fortuna se vingou em mi, no mais eu não o hey de estranhar, ao menos lograrse Iulio do que lhe ella deu, & a mi negou *Oct.* Este parece elle, que qua vem. *Ard.* Quem. *Oct.* Iulio. *Bern.* Este he. *Ard.* Não he. *Bern.* Não he este Iulio.

Ard.

Ard. Nāo. *Oct.* Como nam. *Ard.* Quem o ſaberá melhor elle, ou tu, he hum ſeu amigo que lhe anda arrecadando as peſſas. *Ber.* Octauio ha, ha, ha. *Ard.* De ma graça vem, deixaime com elle, & eſcondeiuos pera aqui, & rireis hum pouco.

SCENA. VI.

Iulio. Ardelio. Octauio. Bernardo.

NAm ſey quem diz que hum mal he começo de hũ bem, eu digo que hum bem he começo de hum mal, & hum mal começo de muytos males. *Ard.* Bernardo, matemos eſte, que mata Liuia, ſos eſtamos nam ha teſtemunha. *Oct.* Tal colerico ouuera ahi, que tomara teu conſelho. *Iul.* Dou aho diabo Benedito, dou aho diabo meu ſogro, dou aho diabo aquelle rapagaõ, que zombou de mi, que aſsi todos me enfadaram, & cançaram. *Ard.* Dou aho diabo eſte Iulio amigo de Benedito que o naõ poſſo deſcobrir oje. *Oct.* Hà, ha, ha, he, *Ard.* Dou ao diabo aquelloutro ſeu amigo com que oje falley que o nam vejo, nem parece. *Oct.* Vales quanto ano mundo. *Iul.* Quem ouço eu *Ard.* Viome, chegome. *Iul.* Que farei, hei de ſofrer, que ſe vingue eſte aſsi de mi. *Ard.* Oh amigo de Iulio tens ja preſtes. *Iul.* Que hei de ter preſtes. *Ard.* Teu eſtormẽto, & tuas teſtemunhas. *Iul.* Taõ pouca vergonha tens?

Que

Que fora se mándara vir Iulio donde esta pera arrecadar o vento. *Ard.* Que vento? *Iul.* Que pessas ou que mentiras sam as tuas. *Ard.* Iulio, ou digo amigo de Iulio, se mal falares, mal ouuiras. *Iul.* Fui saber do Piloto da nao de Genoua, disseme q̃ naõ trazia esse teu amo mais fato, que o de sua pessoa, & que o sabia em certo. *Ard.* Isso te disse. *Iul.* Perante trinta homens, que diraõ o mesmo. *Ard.* Foste ditoso em o creres logo. *Iul.* Em que. *Ard.* Se apertaras com elle, cairas na verdade que meu senhor polas saluar do frete, & dos direitos as escõdeo, que as nam visse elle. *Bern.* Que diras a este. *Oct.* He diabo, atarracouo. *Iul.* Onde as tem? *Ard.* Naõ tens necessidade disso, vira Iulio, & achalasha se as quiser pois te tu enfadas de as negociar por elle. *Iul.* Perdoame que cuidei que me enganaras. *Ard.* Nam me espanto, porque, que amigos pode ter esse. *Iul.* Mas por tua vida ja que me meti nisso, & tenho fallado a Fabricio, & com tudo prestes quando fuy a nao, cuydey, que era engano, que ordenes de maneira com que lhe eu faça esta boa obra. *Ard.* Como te chamam, *Iul.* Pera que o perguntas. *Ard* Nam queres que diga a meu amo com quem fallei. *Iul.* Nam he necessario, basta, que sam hum amigo de Iulio, de que elle confiara tudo. *Ard.* Tirando ha molher. *Iul.* Ora te digo, que a molher tambem *Ard.* Nam es tu logo seu amigo, mas es seu corpo, & sua alma. *Iul.* Asi sam sua alma, & elle he ha minha. *Ard.* Muyto ruym alma tens.

Iul.

*Iul.*Digo porque antre os bons amigos a hũa so alma.
*Ard.*Essa serà boa,mas do amigo mao como esse, serà
tam ma que danara as outras.*Iul.*Tu nam o conheces,
& quereslhe mal.*Ard.*Peor he conhecerelo tu, & que-
rereslhe bem.*Bern.*Eu senaõ vira isto naõ o crera.*Ost.*
Nem o crera ninguem a quem o contar. *Iul.* Ora eu
me torno a negociar,pode ser,que ainda oje se arreca
dem.*Ard.*Vejote doutro cabo tam sollicito,que pare-
ce,que tens nisto algum quinhaõ. *Iul.*Que melhor qui-
nham queres tu,que a boa amisade.O homem de bem
ha tanto de folgar com o bem de seu amigo, como cõ
o seu proprio,que outro dia fara elle por mi o mesmo
*Ard.*Mas cuido que faz sempre.Em fim là ta vem,& se
tardares, tu perderas esse gosto, & elle seu proueito.
Meu senhor esta de caminho,como te disse,tornalasha
a mandar a Genoua.*Iul.*Pareceme que hei de vir ainda
a dar ao diabo as pessas com tantos encarregos, ja este
dia assi ha de passar,o outro que vier Deos o melhore
*Ard.*Apeçonhentado vai,que vos parece.*Ost.*Coytada
da molher,& do sogro,que tam boa honra tem neste.
Bern. Mas coitada de mi,a quem estimaram menos q̃
a elle. *Ard.* Souberas tu tambem caçar desque teue a
prea nas mãos tornou ao seu.Nam he a condiçam cou
sa que se tanto tempo encubra. *Ost.* Andaua aquelle
velho tam cego,que o mal deste lhe parecia bem,ago
ra algum bem se o tiuer lhe parecera outro tanto mal
Bern. Ora nos vamos,vigiemos esta noyte. *Ard.* As

vezes

vezes eſtam os acertos guardados ha quem os buſca.

SCENA. VIII.

Clareta. *Fauſtina.*

AY Clareta tal ha no mundo,& taes ſam os homens *Clar.* Ay Fauſtina ,que te dizia eu? aprenderas as tuas cuſtas,pois não quiſeſte as alheas. *Fauſ.* Somos tam coitadas,& taõ paruoas,que os queremos,& dezejamos *Clar.* Agora ſaberas que o amor tanto ſe eſtima, quam caro ſe vende. *Fauſ.* O que não he iſſo amor,mas roubo que creras ja,ou a quem creram. Oh meu Octauio, oh meu amor,ou meu man o. *Clar.* Oh teu ladrão,oh teu rafião,oh teu enganador. *Fauſ.* A quem me eu dei toda que tantas vezes juraua, que outra couſa nam queria, *Clar.* Se naõ lograrſe de ti quantas vezes quis,& depois paſſarte a outro. *Fauſ.* Não pode ſer ſenão que me quis tentar. *Clar.* Ay como te vejo tornar a meter no fogo. Fauſtina olha o que te cumpre, eſtes paruos dormem tã ſeguros ſobre ſeus enganos, que nam acordam ſenam depois, que ſe acha nelles,ja que tambem contrafizeſte teu nojo,deixame que eu o trarei às redes. Vou onde te diſſe. *Fauſ.* Coytada de mi que farey, que me nam ſofre o coração lançar fora a quem tamanho lugar dey nelle,quem me mudou tanto daque dantes era,quantos ſe mataram por mi,quantos ſe deſtruiram,quantos choraram de dia, & de noite, huns enganados, outros roubados ſem minha vontade ſe dar ha algum. Eſte

T Octa-

*Iul.*Digo porque antre os bons amigos a hũa ſo alma. *Ard.*Eſſa ſerà boa,mas do amigo mao como eſſe, ſerà tam ma que danara as outras.*Iul.*Tu nam o conheces, & quereslhe mal.*Ard.*Peor he conhecerelo tu, & quereslhe bem.*Bern.*Eu ſenaõ vira iſto naõ o crera.*Oſt.* Nem o crera ninguem a quem o contar. *Iul.* Ora eu me torno a negociar,pode ſer,que ainda oje ſe arrecadem.*Ard.*Vejote doutro cabo tam ſollicito,que parece,que tens niſto algum quinhaõ. *Iul.*Que melhor quinham queres tu,que a boa amiſade.O homem de bem ha tanto de folgar com o bem de ſeu amigo, como cõ o ſeu proprio,que outro dia fara elle por mi o meſmo *Ard.*Mas cuido que faz ſempre.Em fim là ta vem,&ſe tardares, tu perderas eſſe goſto, & elle ſeu proueito. Meu ſenhor eſta de caminho,como te diſſe,tornalasha a mandar a Genoua.*Iul.*Pareceme que hei de vir ainda a dar ao diabo as peſſas com tantos encarregos, ja eſte dia aſsi ha de paſſar,o outro que vier Deos o melhore *Ard.*Apeçonhentado vai,que vos parece.*Oſt.*Coytada da molher,& do ſogro,que tam boa honra tem neſte. *Bern.* Mas coitada de mi,a quem eſtimaram menos q̃ a elle. *Ard.* Souberas tu tambem caçar deſque teue a prea nas mãos tornou ao ſeu.Nam he a condiçam couſa que ſe tanto tempo encubra. *Oſt.* Andaua aquelle velho tam cego, que o mal deſte lhe parecia bem,agora algum bem ſe o tiuer lhe parecera outro tanto mal. *Bern.* Ora nos vamos,vigiemos eſta noyte. *Ard.* As

vezes

vezes eſtam os acertos guardados ha quem os buſca.

SCENA. VIII.

Clareta. *Fauſtina.*

AY Clareta tal ha no mundo,& taes ſam os homens *Clar.* Ay Fauſtina ,que te dizia eu? aprenderas as tuas cuſtas,pois não quiſeſte as alheas. *Fauſ.* Somos tam coitadas,& taõ paruoas,que os queremos,& dezejamos *Clar.* Agora ſaberas que o amor tanto ſe eſtima, quam caro ſe vende. *Fauſ.* O que não he iſſo amor,mas roubo que creras ja,ou a quem creram. Oh meu Octauio, oh meu amor,ou meu mano. *Clar.* Oh teu ladrão,oh teu rafião,oh teu enganador. *Fauſ.* A quem me eu dei toda que tantas vezes juraua, que outra couſa nam queria, *Clar.* Se naõ lograrſe de ti quantas vezes quis,& depois paſſarte a outro. *Fauſ.* Não pode ſer ſenão que me quis tentar. *Clar.* Ay como te vejo tornar a meter no fogo. Fauſtina olha o que te cumpre, eſtes paruos dormem tã ſeguros ſobre ſeus enganos, que nam acordam ſenam depois, que ſe acha nelles, ja que tambem contrafizeſte teu nojo,deixame que eu o trarei às redes. Vou onde te diſſe. *Fauſ.* Coytada de mi que farey, que me nam ſofre o coração lançar fora a quem tamanho lugar dey nelle,quem me mudou tanto daque dantes era,quantos ſe mataram por mi,quantos ſe deſtruiram,quantos choraram de dia, & de noite, huns enganados, outros roubados ſem minha vontade ſe dar ha algum. Eſte

Iul. Digo porque antre os bons amigos a hũa ſo almã. *Ard.* Eſſa ſerà boa, mas do amigo mao como eſſe, ſerà tam ma que danara as outras. *Iul.* Tu nam o conheces, & quereslhe mal. *Ard.* Peor he conhecerelo tu, & quereresIhe bem. *Bern.* Eu ſenaõ vira iſto naõ o crera. *Oſt.* Nem o crera ninguem a quem o contar. *Iul.* Ora eu me torno a negociar, pode ſer, que ainda oje ſe arrecadem. *Ard.* Vejote doutro cabo tam ſollicito, que parece, que tens niſto algum quinhaõ. *Iul.* Que melhor quinham queres tu, que a boa amiſade. O homem de bem ha tanto de folgar com o bem de ſeu amigo, como cõ o ſeu proprio, que outro dia fara elle por mi o meſmo *Ard.* Mas cuido que faz ſempre. Em fim là ta vem, & ſe tardares, tu perderas eſſe goſto, & elle ſeu proueito. Meu ſenhor eſta de caminho, como te diſſe, tornalasha a mandar a Genoua. *Iul.* Pareceme que hei de vir ainda a dar ao diabo as peſſas com tantos encarregos, ja eſte dia aſsi ha de paſſar, o outro que vier Deos o melhore *Ard.* Apeçonhentado vai, que vos parece. *Oſt.* Coytada da molher, & do ſogro, que tam boa honra tem neſte. *Bern.* Mas coitada de mi, a quem eſtimaram menos q̃ a elle. *Ard.* Souberas tu tambem caçar deſque teue a prea nas mãos tornou ao ſeu. Nam he a condiçam couſa que ſe tanto tempo encubra. *Oſt.* Andaua aquelle velho tam cego, que o mal deſte lhe parecia bem, agora algum bem ſe o tiuer lhe parecera outro tanto mal *Bern.* Ora nos vamos, vigiemos eſta noyte. *Ard.* As

vezes

vezes estam os acertos guardados ha quem os busca.

SCENA. VIII.

Clareta. *Faustina.*

AY Clareta tal ha no mundo,& taes sam os homens (*Clar.* Ay Faustina ,que te dizia eu? aprenderas as tuas custas,pois não quiseste as alheas. *Fau.* Somos tam coitadas,& taõ paruoas,que os queremos,& dezejamos *Clar.* Agora saberas que o amor tanto se estima, quam caro se vende. *Fau.* O que não he isso amor,mas roubo que creras ja,ou a quem creram. Oh meu Octauio, oh meu amor,ou meu mano. *Clar.* Oh teu ladrão,oh teu rafião,oh teu enganador. *Fau.* A quem me eu dei toda que tantas vezes juraua, que outra cousa nam queria, *Clar.* Se naõ lograrse de ti quantas vezes quis,& depois passarte a outro. *Fau.* Não pode ser senão que me quis tentar. *Clar.* Ay como te vejo tornar a meter no fogo. Faustina olha o que te cumpre, estes paruos dormem tã seguros sobre seus enganos, que nam acordam senam depois, que se acha nelles, ja que tambem contrafizeste teu nojo,deixame que eu o trarei às redes. Vou onde te disse. *Fau.* Coytada de mi que farey, que me nam sofre o coração lançar fora a quem tamanho lugar dey nelle,quem me mudou tanto daque dantes era,quantos se mataram por mi,quantos se destruiram,quantos choraram de dia, & de noite, huns enganados, outros roubados sem minha vontade se dar ha algum. Este

Iul. Digo porque antre os bons amigos a hũa ſo almā.
Ard. Eſſa ſerà boa, mas do amigo mao como eſſe, ſerà tam ma que danara as outras. *Iul.* Tu nam o conheces, & quereslhe mal. *Ard.* Peor he conhecerelo tu, & quereslhe bem. *Bern.* Eu ſenaõ vira iſto naõ o crera. *Oſt.* Nem o crera ninguem a quem o contar. *Iul.* Ora eu me torno a negociar, pode ſer, que ainda oje ſe arreca dem. *Ard.* Vejote doutro cabo tam ſollicito, que parece, que tens niſto algum quinhaõ. *Iul.* Que melhor quinham queres tu, que a boa amiſade. O homem de bem ha tanto de folgar com o bem de ſeu amigo, como cõ o ſeu proprio, que outro dia fara elle por mi o meſmo *Ard.* Mas cuido que faz ſempre. Em fim là ta vem, & ſe tardares, tu perderas eſſe goſto, & elle ſeu proueito. Meu ſenhor eſta de caminho, como te diſſe, tornalasha a mandar a Genoua. *Iul.* Pareceme que hei de vir ainda a dar ao diabo as peſſas com tantos encarregos, ja eſte dia aſsi ha de paſſar, o outro que vier Deos o melhore *Ard.* Apeçonhentado vai, que vos parece. *Oſt.* Coytada da molher, & do ſogro, que tam boa honra tem neſte. *Brn.* Mas coitada de mi, a quem eſtimaram menos q̃ a elle. *Ard.* Souberas tu tambem caçar deſque teue a prea nas mãos tornou ao ſeu. Nam he a condiçam couſa que ſe tanto tempo encubra. *Oſt.* Andaua aquelle velho tam cego, que o mal deſte lhe parecia bem, agora algum bem ſe o tiuer lhe parecera outro tanto mal *Bern.* Ora nos vamos, vigiemos eſta noyte. *Ard.* As

vezes

vezes estam os acertos guardados ha quem os busca.

SCENA. VIII.

Claretta. *Faustina.*

AY Claretta tal ha no mundo,& taes sam os homens *Clar.* Ay Faustina ,que te dizia eu? aprenderas as tuas custas,pois não quiseste as alheas. *Fau.* Somos tam coitadas,& taõ paruoas,que os queremos,& dezejamos *Clar.* Agora saberas que o amor tanto se estima, quam caro se vende. *Fau.* O que não he isso amor,mas roubo que creras ja,ou a quem creram. Oh meu Octauio, oh meu amor,ou meu mano. *Clar.* Oh teu ladrão,oh teu rafião,oh teu enganador. *Fau.* A quem me eu dei toda que tantas vezes juraua; que outra cousa nam queria, *Clar.* Se naõ lograrse de ti quantas vezes quis,& depois passarte a outro. *Fau.* Não pode ser senão que me quis tentar. *Clar.* Ay como te vejo tornar a meter no fogo. Faustina olha o que te cumpre, estes paruos dormem tã seguros sobre seus enganos, que nam acordam senam depois, que se acha nelles, ja que tambem contrafizeste teu nojo,deixame que eu o trarei às redes. Vou onde te disse. *Fau.* Coytada de mi que farey, que me nam sofre o coração lançar fora a quem tamanho lugar dey nelle,quem me mudou tanto daque dantes era,quantos se mataram por mi,quantos se destruiram,quantos choraram de dia, & de noite, huns enganados, outros roubados sem minha vontade se dar ha algum. Este

Ard. Não. *Oct.* Como nam. *Ard.* Quem o saberá melhor elle, ou tu, he hum seu amigo que lhe anda arrecadando as pessas. *Ber.* Octauio ha, ha, ha. *Ard.* De ma graça vem, deixaime com elle, & escondeiuos pera aqui, & rireis hum pouco.

SCENA. VI.

Iulio. Ardelio. Octauio. Bernardo.

NAm sey quem diz que hum mal he começo de hũ bem, eu digo que hum bem he começo de hum mal, & hum mal começo de muytos males. *Ard.* Bernardo, matemos este, que mata Liuia, sos estamos nam ha testemunha. *Oct.* Tal colerico ouuera abi, que tomara teu conselho. *Iul.* Dou aho diabo Benedito, dou aho diabo meu sogro, dou aho diabo aquelle rapagaõ, que zombou de mi, que asi todos me enfadaram, & cançaram. *Ard.* Dou aho diabo este Iulio amigo de Benedito que o naõ posso descobrir oje. *Oct.* Hà, ha, ha, he, *Ard.* Dou ao diabo aquelloutro seu amigo com que oje falley que o nam vejo, nem parece. *Oct.* Vales quanto ano mundo. *Iul.* Quem ouço eu *Ard.* Viome, chegome. *Iul.* Que farei, hei de sofrer, que se vingue este asi de mi. *Ard.* Oh amigo de Iulio tens ja prestes. *Iul.* Que hei de ter prestes. *Ard.* Teu estormẽto, & tuas testemunhas. *Iul.* Taõ pouca vergonha tens?

Que

Que fora se mandara vir Iulio donde esta pera arrecadar o vento. *Ard.* Que vento? *Iul.* Que pessas ou que mentiras sam as tuas. *Ard.* Iulio, ou digo amigo de Iulio, se mal falares, mal ouuiras. *Iul.* Fui saber do Piloto da nao de Genoua, dissseme q̃ naõ trazia esse teu amo mais fato, que o de sua pessoa, & que o sabia em certo. *Ard.* Isso te disse. *Iul.* Perante trinta homens, que diraõ o mesmo. *Ard.* Foste ditoso em o creres logo. *Iul.* Em que. *Ard.* Se apertaras com elle, cairas na verdade que meu senhor polas saluar do frete, & dos direitos as escõdeo, que as nam visse elle. *Bern.* Que diras a este. *Ost.* He diabo, atarracouo. *Iul.* Onde as tem? *Ard.* Naõ tens necessidade disso, vira Iulio, & achalasha se as quiser pois te tu enfadas de as negociar por elle. *Iul.* Perdoame que cuidei que me enganaras. *Ard.* Nam me espanto, porque, que amigos pode ter esse. *Iul.* Mas por tua vida ja que me meti nisso, & tenho fallado a Fabricio, & com tudo prestes quando fuy a nao, cuydey, que era engano, que ordenes de maneira com que lhe eu faça esta boa obra. *Ard.* Como te chamam, *Iul.* Pera que o perguntas. *Ard* Nam queres que diga ameu amo com quem fallei. *Iul.* Nam he necessario, basta, que sam hum amigo de Iulio, de que elle confiara tudo. *Ard.* Tirando ha molher. *Iul.* Ora te digo, que a molher tambem *Ard.* Nam es tu logo seu amigo, mas es seu corpo, & sua alma. *Iul.* Assi sam sua alma, & elle he ha minha. *Ard.* Muyto ruym alma tens.

Iul.

vezes estam os acertos guardados ha quem os busca.

SCENA. VIII.

Clareta. *Faustina.*

AY Clareta tal ha no mundo,& taes sam os homens *Clar.* Ay Faustina , que te dizia eu? aprenderas as tuas custas,pois não quiseste as alheas. *Fau.* Somos tam coitadas,& taõ paruoas,que os queremos,& dezejamos *Clar.* Agora saberas que o amor tanto se estima, quam caro se vende. *Fau.* O que não he isso amor,mas roubo que creras ja,ou a quem creram. Oh meu Octauio, oh meu amor,ou meu man o. *Clar.* Oh teu ladrão,oh teu rafião,oh teu enganador. *Fau.* A quem me eu dei toda que tantas vezes juraua, que outra cousa nam queria, *Clar.* Se naõ lograrse de ti quantas vezes quis,& depois passarte a outro. *Fau.* Não pode ser senão que me quis tentar. *Clar.* Ay como te vejo tornar a meter no fogo. Faustina olha o que te cumpre, estes paruos dormem tã seguros sobre seus enganos, que nam acordam senam depois, que se acha nelles, ja que tambem contrafizeste teu nojo,deixame que eu o trarei às redes. Vou onde te disse. *Fau.* Coytada de mi que farey, que me nam sofre o coração lançar fora a quem tamanho lugar dey nelle,quem me mudou tanto daque dantes era,quantos se mataram por mi,quantos se destruiram,quantos choraram de dia, & de noite, huns enganados, outros roubados sem minha vontade se dar ha algum. Este

Octauio me affeiçoou, assi que nam sei viuer sem elle, amoo, dezejoo, nelle cuido, nelle sonho, olhae quam bẽ o embrego. Nam me pode lẽbrar sem lagrimas o rosto & a desemuoltura com q̃ me veyo com aquelle requerimẽto, então guardai verdade, tende amor aninguẽ. Coitadas de nos se amamos somos aborrecidas, senão amamos roubamos, & em fim melhor he o roubo pois nos enriqce, & os roubados vã mais cõtentes, mas minha cõdição não era essa, sempre desejei hũ bõ amor, agora q̃ cuidaua, que o tinha não o vejo. Enganasteme Octauio, não to merecia, trabalho me sera esquecerte. Trabalho serão aos meus olhos não te verẽ, mas perq̃ outra vez nã se enganem, fiquẽ com esta magoa. Clareta por derradeiro he minha amiga, porque terei eu amor a quẽ mo não tem.

ACTO. IIII. SCENA. I.

Iulio. *Bromia.*

NAm cuidei, que tambem acabasse o dia, forte cobiça de anel foi esta, que o nam guardou Faustina pera mais tarde, logo eu hoje enxerguei na moça bons dezejos, & com tanto aluoroço me veyo chamar agora, que parecia que lhe fogia. Mas com que mentira encobrirei eu esta minha ida a taes horas que me nam entendam. Dou ao diabo esta velha que ja estiue por vezes pera a lançar fora de casa, & heyo de vir a fazer, nam sey quem a fez tão endiabrada, parece, que tem algum espi

rito familiar,que lhe diz,quanto eu faço, que ja agora no seu rosto,& nos seus olhos entendo eu,que me entem de,mas como a enganarei,ora andar,boa disimulaçam tenho.Bromia.*Brom.*Ia me chama, começara com seus esconjuros.*Iul.*Bromia.*Brom.*Que mandas.*Iul.*Quanto me deues pela confiança,que em ti tenho.*Brom.*Deos o sabe.*Iul.*Eu sam conuidado pera hũa certa festa de hum meu amigo,por isso vou asi de festa,nam me parece, q̃ tornarei esta noite,*Brom.*Pera que me das essas contas, auesado es ires,& vires quando,& cada vez que queres achaste por ventura algũa ora as portas abertas a outrẽ, & fechadas a ty.*Iul.* Nam papees por isso to digo, porque durmas descançada de me vires abrir.*Brom.*Quem tiuesse o teu descanço?*Iul.*A porta da maneira que a eu deixar asi fique ate que eu torne. *Brom.* Que nam seja mais que pelo costume ella o fara ja de sy.*Iul.*E porque muytas vezes acontecem enganos falo isto pelo que ja vi,ainda que outrem venha com recado meu,ou diga q̃ sam eu nam lho creas.*Brom.*De que seruem tantos medos por tua vida quem ves,ou quem ouues pera os teres de ninguem.*Iul.*Isto nam sam medos,mas sisos, as vezes acontece o que homem nam cuida,& por nam cuydar no que pode acontecer vem acair no perigo sem remedio.*Brom.*Bom he atalhar em tempo. Mas. *Iul.* E que melhor tempo q̃ este,sabes tu se esta ali por ventura alguem espreitando quando eu sayo,& me pode contrafazer tambem a fala,que te engane,& lhe vas abrir.

Brom. Ay que mao homem. Ora doulhe que á conteçã isto, em entrando nam auera ahi olhos que o conheção. *Iul.* Em entrando. E querias que entrasse, *Brom.* Que peccado era entrar, cuydando que eras tu. *Iul.* Mas que peccado he auisarte eu, pera que nam entre, nam poderà elle mais que ty, nam te matara, ou nam te tapara essa boca para fazer tudo ha seu saluo. *Brom.* Como te pode çair isso no pensamento, que nunqua se vio, nem se ouuio. *Iul.* Porque o tu nam viste, nem ouuiste cres logo, que ninguem ho veria nem faria por isso, eu digo, que quem nam vee nam sabe ho caso, & eu nam quero que ainda que eu mesmo torne. Olha ho que te digo, ainda que eu mesmo torne, nam quero, que me abras. *Brom.* Que dizes? *Iul.* Isto que ouues. *Brom.* Ainda que tornes. *Iul.* Ainda que eu torne. *Brom.* Que te nam abra. *Iul.* Que me nam abras. *Brom.* Isso me mandas, nam cuidaras, que te pode acontecer cousa por ventura que te obrigue a vir a casa, ou se te arrependeras da yda, & do caminho. *Iul.* Eu que to digo, bem sey que nam hey de tornar. *Brom.* Se tornares. *Iul.* Matame, & nam me abras, ainda que brade, & que grite, & tu me vejas, & conheças, cre que he o diabo, & nam sam eu, porque eu vou pera nam tornar, nẽ mãndar recado algum, ouuesme tu. *Bro.* Ouço, mas não sei como isso seja, não queria ter mais guerra cõtigo da que tenho. Eyte de ver eu estar batendo a porta, & não te hei de abrir. *Iul.* Se te digo. Esta he a mais perra velha

do

do mundo, q̃ nem ey de tornar, nem me as de ver, & ainda que me vejas, me não abras. *Brom.* Digo que assi o farei, pois mo mandas, quem crera tal. *Iul.* Deitauos logo apagai a candea, & dormi descançadamente. *Brom.* A osadas. *Iul.* E lembreuos o q̃ vos sempre digo, q̃ viuamos em paz. *Brom.* De quantos desastres os bõs achaõ pello mundo, não auera hum so pera este mao que o mate, ho mem he isto, alma tem este? Rezão tem este fazme crer que cheirou ja os recados de Bernardo, & que nos vay espreitar a todos. Coitada de mi, que nunca pude tirar Liuia de tamanho cometimento, offerecida està a seu perigo, o odio que tem a este, & o amor de Bernardo lhe da este animo, & afouteza. Oje lhe mandou dizer, q̃ a dezejaua ver, oje se foy ordenando, como se vissem. O ciosos enganados, cegos, quero ver antes que o outro acerte de vir, se a posso tirar de sua teyma.

SCENA. II.

Iulio soo.

BEm cuidada deixo a minha mẽtira, mas que aluoroço he este, que eu leuo no meu espirito, voume assi deixo minha molher moça, toda hũa noite sò offerecida a se vingar de mi, & fazer o q̃ quiser. Mas que pode acõtecer, ella fica fechada, & sera ja deitada, taõ mofino serei eu, que logo o perigo estè mais prestes agora, que outrora, mal fiz de dizer q̃ nam auia de tornar, melhor

forã telas seguras com meu modo, o aluoroço me engã nou torno là: mas pera que, tão pouco me temem, que ousem nada. Hũa noite asinha se passa com o prazer de Faustina me esquecerà este medo.

SCENA. III.

Bernardo. Octauio. Ardelio. Ianoto.

BRomia to disse Ardelio, como pode. *Ard.* Não sey como pode mas dissemo. *Bern.* Não receyo, senão ser tão mofino, que em tamanho prazer, como este me queira empecer a fortuna acinte. *Oct.* De que te vẽ essa desconfiança, naõ tẽs que arrecear. *Ard.* Bom coraçam, & costas que te seguraraõ o campo, de que has medo. *Bern.* Mal me entendeis ambos, se com minha morte se encobrisse a infamia de Liuia, seguro, & perfeito seria o meu gosto. *Oct.* Ora te digo que he esse hum bõ escru pulo se ella isso não teme, porque o temes tu. *Bern.* Por que o amor que me tem, me faz nam temer, & eu nam lho queria pagar mal. *Ard.* Nam ha de que temer, Iulio he fora nos vigiaremos, lograte da noite, & nam esperes a manham. *Bern.* Nam creo que me hey de ver em tamanho bem, ate que me nam veja nelle. *Oct.* Porque temes logo o mal, sem te veres nelle. *Bern.* No mor bem se ha de arrecear mais o mal. *Ard.* Ora espera, hai mi me parece, que acho hum bom seguro. *Bern.* Dize por tua vida. *Ard.* E tu Octauio julga se falo bem.

Tor-

Tornate pera casa irey a Liuia, dirlhehei que nam queres ir. *Bern.* Que dizes, bom. *Ard.* Este he o melhor remedio pera teu medo. *Oct.* Hà, ha, ha, he. *Bern.* Velhaco que fazes, onde vaz? *Ard.* Que me queres, segurote. *Oct.* Nunqua melhor fallou. *Bern.* Chegate a porta, ve se he tempo. *Ard.* Olha o que fazes, os desastres andam muy corrẽtes, & mais de noite, pode ser que aches hũa bombarda nos peitos em entrando. *Bern.* Nam curemos de mais graças. *Oct.* Aconselhate bem, à fala esta. *Ard.* Aqui esta ce, ce. *Oct.* Acolhete, & entregate. *Bern.* Oh fortuna, acaba bem tam bons começos. *Oct.* Boa foy a entrada. *Ard.* Tal sera a sayda. *Oct.* Que faremos agora. *Ard.* Eu to direi, quem vem la cantando. *Oct.* Aquelle parece Ianoto. *Ard.* Ianoto. *Ian.* Quem he. *Ard.* A bom tempo vens, o negocio esta pacifico tu te deuias ir que nos abastamos. *Oct.* Assi me parece. Eu onde posso ja melhor passar esta noite que com Faustina. Se algũa cousa acontecer, voc Ianoto.

SCENA. IIII.

Octauio so.

Quam gostosas saõ as obras da amisade, que ho teu trabalho tomas por grande gosto, & o gosto do teu amigo por teu propio. Parece q̃ se me carrega a cõsciẽcia ẽ me ir agora daqui. He este Bernardo de tã boa

arte, q̃ ſendo eſtrangeiro não ſomente o ey por natural mas por amigo, & por irmão, quantas vontades prende a boa condiçã, & ſiſo, peſame na alma de ſe ir deſta terra. Dera muito do meu pelo ver caſado com Liuia, & melhores foraõ ſeu fados do que ſaõ, ao menos creo eu, que outro nenhum tão bello lhe pudera fazer oque agora fez por elle. Vede ora ſe a puderaõ ter todas as priſões, & chaues? E Iulio tão cego, que nem lhe vem pelo pẽſamento, aq̃ vierão parar todos os ardis dos ſeus ciumes oula, q̃ deſcuydo foy eſte? porta aberta a taes oras.

SCENA. V.

Ardelio. *Ianoto.* *Iulio.*

QVãta agora vingar, boſe Ianoto nos vamonos buſcar noſſa vida. *Ian.* Bẽ te parece iſſo, & Bernardo. *Ard.* Naõ he eſta a primeira auentura, homem he q̃ dara bom recado de ſi em toda a parte. *Iul.* Aſsi ſe faz iſſo ah rafião, traidor, infame. *Ian.* Que brados ſaõ os q̃ ouço *Iul.* Ah treiçaõ, ah puta, ciuil encubridora de ladrões. *Ard.* Eu nam conheço aquella falla. *Iul.* Tinhãoſe concertado, eu te conhecerei quem quer q̃ es. *Ian.* Pera qua vem. *Iul.* Antes damenhãa a eſtas oras hum, & outro ſaberão com quem o ouuerain. Pois depenaria eu quantas barbas tenho, ſe com eſta me eſcapaſſem. Pareceuos ſe foy grande valentia ſaltar com quem eſtaua a meſa pera cear tam ſeguro como quem eſtaua com hũa mo-

lhei às portas fechadas, & ella tinha as abertas ao rafião, ah beleguinazo, fugidiço das gales, eu o acolherei. *Ian.* Este parece Iulio. *Iul.* Não de balde me detinha ella em jogos, & em trapaças, & toda a festa era ao meu anel, q̃ me logo arrebatou em entrando. *Ard.* Ianoto, boa, este he Iulio. *Ian.* E vaise direito a casa. *Iul.* Ta, ta, ta. *Ard.* Ianoto boa, pode ser mor mofina. *Ian.* Escondamonos hũ pouco pera aqui veremos ẽm q̃ para. *Iul.* Não ouuẽ, tras tras, tras. *Ian.* Que graça senaõ ouuissem, nẽ abrissem.

SCENA. VI.

Bromia. Iulio. Ardelio. Ianoto.

COitada de mi se he Iulio, que farei? *Iul.* Tras, tras, tras, tras. *Brom.* Quem esta ahi? quem bate. *Iul.* Abre la. *Brom.* Quem he, *Iul.* Quem ha de ser, outrem costuma por ventura bater a esta porta, senam eu. *Brom.* Somos perdidos, elle he. Escondeiuos bem em quãto o detenho & quem es tu. *Iul.* Abre que eu saõ. *Brom.* Naõ te conheço, nomeate. *Iul.* Sam Iulio, conhecesme. *Brom.* Saõ Iulio conhecesme. *Brom.* Iulio não pode ser, o diabo seras tu mais azinha. *Iul.* Nam mẽ conheces? *Brom.* Deos? Ainda seus esconjuros me valem não entraras ca oje. *Iul.* Porq̃. *Brom.* Porque aqui nam entra senaõ Iulio, cuja a pousada he. *Iul.* E eu quem saõ. *Brom.* Tu o saberas. *Iul.* Nam sam eu Iulio que fui daqui esta tarde? *Brom.* Não te parece que o conheceram aqui. *Iul.* Pois como me nam

conhe-

conheces. *Brom.* Porque nam sei quem es. *Ard.* Oh boa velha, Deos te faça moça se lhe nam abres. *Iul.* Ia, ja, lembrame o que deixei dito, aconteceo tornar, que remedio, nam me ves tu. *Brom.* Vejo que nam es elle, nem que o fosses te abriria. *Iul.* Que farei. *Brom.* Vai embora se es espia q̃ qua manda, dizelhe que bem pouca necessidade tem dellas. *Ard.* Ianoto viuo, esta velha me segurou não lhe quer abrir. *Ian.* Como nam. *Ard.* Negao, como se elle oje negaua. *Iul.* Bromia nam gracejes, que nã sam horas, abre, & senam. *Brom.* Mãy, quem es tu, com quem falas, ou a quem hei de abrir. *Iul.* A mi. *Brom.* E porque es tu Iulio. *Iul.* Pois quem. *Brom.* Ou sejas, ou nã sejas, podeste tornar por onde vieste. *Ard.* Nam me parece, que o diabo ousara tanto. *Ian.* Seram feros de Bernardo, que o nam deixem entrar. *Iul.* Velha que graças estas tuas. *Brom.* As que ves, como podes tu ser Iulio, se elle deixou dito que nam auia de vir. *Iul.* He verdade, q̃ disse eu isso, porque cuidei, que não tornasse, mas se me ves, & ouues. *Brom.* Ouço, & vejo mas tu nam es esse, & se esse es, tu me disseste que te nam cresse. *Ard* Podese crer isto. *Ian.* Nam te rias tam alto, que te ouuirão. *Iul.* Nam me queres abrir. *Brom.* Nam te queres ir, não he esta a casa em que de dia, nem de noyte, quanto o mais a estas oras costuma entrar ninguem, se nam seu dono. *Iul.* Ah cã de mi, & quem he seu dono. *Brom.* Ao menos naõ ja tu. Se erras a porta, acertaa, que nam pousa aqui quem cuidas. *Iul.* Velha malauenturada, comida dos bichos

chos,alma do diabo,porque me não abres. *Brom.* Agora sy,com esses rogos,bem podes entrar. *Ard.* Fechoulhe a janella. *Iul.* Tamanha ma ventura foy a minha,que me trouue a isto. Sou eu Iulio,ou nam. Conheçome eu ou perdime. *Ian.* Viste tal acontecer. *Iul.* Fazem mais a hum cornudo. *Ard.* justamente fallou ao pe da letra. *Ian.* Ainda o elle nam cre. *Iul.* Que farei,onde me irey a estas oras,medo hei que me ouuisse a visinhança,parecenos que tenho molher,ou casa,ou honra. *Ard.* Em ponto estou de o fazermos ir mais depressa. *Ian.* Demoslhe hũa coçadura. *Ard.* Nam he bem, que perigara Liuia, & Bernardo. *Iul.* Nam fora eu antes morto,que passar estas vergonhas, que passey desque oje sahi desta casa a te gora. *Ard.* Se tu algũa tiuesses,nam passarias por ellas. *Iul.* Que dia malauenturado foi este, *ian.* Pois a noite podes tu gabar. *Iul.* Que noite de diabos foy esta. Ah molheres quem vos ve,quem vos quer, quem vos dezeja. *Ard,* Donde veria agora este. *Iul.* Quero tornar a bater. Tras,tras,tras. *Ian.* Respondelhe Ardelio, *Iul.* He por demais ja nam dezejo,se nam o dia, se eu nam mouro, eu farey justiças. Nam sey quem la vem,voume a casa de meu sogro,se me quiser abrir contarlhecy a honra que me da sua filha,,

SCENA VII.

Octauio. *Ardelio.* *Ianeto.*

Nam

NAm sei quem cà vem, guarde Deos Bernardo, & Liuia de vergonha, & de perigo. Se soubera que era Iulio, & me aquella puta deixara, viera mais cedo. Meteome em cabeça, que elle se me viera meter em casa por força, com rogos, & piedades que lha fizeraõ ter delle, & com outras mayores, & mais lagrimas me pedio perdam. Enganase, feyto he, nam sou dos que esperam pela segunda, o perigo de Bernardo temo que naõ sei, como saira, que gente enxergo eu la? Ardelio. *Ard.* Escuta. *Oct.* Ianoto, *Ian.* Quem chama, quem he; *Oct.* chega qua. *Ard.* O Octauio. *Oct.* Manço, nam nos ouça ninguem, como passastes ca? *Ard.* Se soubesses, pasmarias. *Oct.* E Bernardo. *Ian.* Ainda la jaz. *Ard.* Vaite a casa, & la saberas tudo, que eu hei ja de esperar amanhãa per essas ruas. *Oct.* Naõ farey, vigiemos fortemente, cada hũ por sua parte, tu por la, & eu por qua, nam he isto cousa pera se assi deixar a ventura. *Ard.* Esta he a noite das auenturas, podera mais acontecer, por isso dizem, que andaõ os diabos de noite, & as almas peccadoras, não me posso ter ao riso com as mofinas deste coitado, tanto se matou oje por não ser Iulio ate q̃ o não foi no tempo, q̃ o mais ouuera de ser. Em quanto Bernardo naõ sae, vou ver a onde se mete.

SCENA. VIII.

Bernardo so.

Espe-

ESPERA vercy se passa alguem.Bem he,ninguem̃ parece. Deos fique contigo. Que desastres vam pello mundo,& que acontecimento? se se pode imaginar cousa que nam aja. Bem me prophetizaua a mi ho meu espiritu tudo o que passey, que eu nam sinto por minha a causa,mas por Liuia, que por mi se auenturou a tamanho perigo,em que fica. Oh Liuia,Liuia quanto te deuo,& quam pouco deues a quem tam mal te trata, nam o posso dizer sem lagrimas. Coytadinha de ti Liuia moça fermosa,tam sesuda,& tam boa filha, hũa soo filha,& hum pay tam rico, & tam honrado, criada em tanto mimo, & em tamanhas esperanças, empregada em quẽ em vez de te venerar,te deshonra assi, & te mata. Melhor me fora nam te ver, qual te deixo, mas pois nisso te fiz a vontade, queixarmehei soo da fortuna que te leuou de mi, & me deixou com esta magoa, pera que cuidareis hora que me mandou ella chamar, pera desabafar soo comigo,& me pedir perdam de seu erro com os olhos, & rosto banhados em lagrimas me sahio a receber com hum abraço mais de amisade que de amor,tam differente do que dantes a conhecia, que no primeiro impeto a desconheci.Todos tres nos assentamos chorando,& chorando começa ella.Bernardo auenturarme eu a isto não he bem que o atribuas senaõ a parte porque o faço,quisesteme bem,& eu to quis, ha fortuna soo me quis tanto mal que em pago do que te deuia,me obrigou pedirte perdam da ma vida que por mi

mi paſſaſte,porque a que eu agora paſſo,ſei que me dei xara cedo. E porque aquelle amor paſſado nam he ja em mi poderto pagar com outro que elle merecia,contentate com eſtas lagrimas de meu arrependimento. E niſto corriáo ellas de maneira que por hum eſpaço lhe impediam a pratica,& as minhas lhe começarão a fazer boa companhia.Entam me deu conta de toda ſua vida, a que ella chamaua morte, ſem eu poder acabar comigo de a deixar de ouuir,ou lançar mão do mais do q̃ me ſua virtude,& honeſtidade concedia.Finalmente,q̃ gaſtada a mor parte da noite neſtas couſas , concruyo por derradeiro.Rogote Bernardo,q̃ iſto que contigo poſſo ninguem o ſaiba ſenão tu,ou ſe quiſeres q̃ o ſaibão,matem e,porq̃ o eu não ouça,ſei q̃ me podes ter em ma conta,& eu quero q̃ ſaibas pera q̃ te nã enganes,q̃ o eſprito de hũa molher magoada he tão grande q̃ nã recea eſtes perigos. Aquella q̃ merecer a Deos o q̃ eu em ti perdi, trataa melhor do q̃ me tratão,porq̃ a não obrigue a algum deſpejo como eſte.Que diria eu aqui.ou que faria fiquei confuſo, & paſmado do ſaber, & virtude de hũa moça.Aquelle amor q̃ lhe ſempre tiue,ſe me acrecẽtou então,de maneira que acabando ella,comecei eu a chorar minha deſauentura em a perder,ſenam quando ho marido bate a porta,com que ella ficou morta,&eu ma is morto por ella. Medo hey ſegundo elle he que naõ baſtem eſcuſas da velha pera o tirar da ſoſpeita ſahime logo conſolandoa aſsi, & offerecendome a auentu-

far a vida por sua honra, sem entre nos hauer mais quē lagrimas magoadas de amor, & de saudade. Alguns se riram de mi, principalmente estes endiabrados perdidos por homēs, que se agora costumão, mas eu certo me não arrependo do que fiz folgo de lhe deuer aquelle amor tão casto, & tão honesto, ey ja de esperar o q̄ sobre isto passa, Deos o remedee, que se Liuia mal passa, nam me sofrera o estamago deixala sem vingança.

ACTO. V. SCENA. I.

Micer Cesar soo.

QVe farei, quē me aconselhara em tamanha afronta tenho minha honra, & minha filha offerecida a fortuna. Ah, velho paruo de mim, quem me cegou quem me matou. Oh ouro tam perigoso neste mundo pera tanto mal achado, nam sey que diga, nam sey que faça? Entrou aquelle doudo em minha casa esta noyte, tal que houue medo delle, jurando, brasfemando que hauia de matar minha filha. Ah filha mal fadada, por meu mal nacida. Minha molher esta morta, & eu pera me matar. Estrondos fez, diabruras, & terremotos, que acordou ha visinhança, acodiram meus amigos, poseramse ha amançalo, entam se indignaua mais, os seus juramentos sam pera crer, o caso nam he pera crer, como hauia

de

de auer no mundo bater elle a sua porta, & nam lhe a-
brirem sonhouo, inuentouo o diabo pera me acabar de
matar. Vou saber de Liuia como passou o negocio, que
ainda me Deos fez grande merce em mo trazer a casa,
que ja gora nam tiuera filha.

SCENA. II.

Valerio. *Ignacio.*

SEGVNDO os sinaes que me das, nam pode ser outro. Octauio com quem conuersa, he muyto bom filho, & bemquisto nesta terra, & eu oconheço de minino de quando o derão ao Duque. *Ign.* Prouuesse o ra a Deos, que hey medo de nam achar ja o pay viuo, que so na vida deste filho tinha sua honra, & sua vida. *Val.* Nam lhe ficou outro. *Ign.* Nam. De dous que lhe Deos deu, hum lhe desapareceo em Lisboa em idade de cinco annos, & nunca mais soubemos delle, cremos que mouros, ou Franceses lho furtaram. Este Bernardo soo que lhe ficaua, dezejoso de ver terras, o importunou tan to, que lhe deu licença temendo irse sem ella. *Val.* Esse he o primeiro impeto da mocidade. *Ign.* Como se os ho mens todos nam fossem homens, & todo o ceo hum. *Val.* Bom he hũa pouca de experiencia. *Ign.* Oh que se danam qua muito com a soltura, & liberdade, se fosse pera ir buscar virtudes, & exemplos de bem viuer bem

me

me està, mas nam he senam pera vicios, & pera ter que
contar depois, ou mentiras, ou peccados, que eu desses
dias que ja por aqui gastey, nam tirey mais que aconse-
lhar a todos que viuam em suas terras. *Val.* Esse he ho
mais seguro, mas a mocidade ferue, & em quanto ferue
não lhe lançar agoa, que sera peor, os mais delles tornão
tam escaldados dos desastres, & dos perigos que se con-
tentam quando vem de se verem fora delles. *Ign.* Deu-
lhe o pay licença a este por dous annos, & passa ja de cin
quo, que qua anda. Entam que quereis que cuyde hum
velho triste, ou he morto ou he catiuo, que do dò, que
ouue delle, me offereci a este trabalho. *Val.* Foste ditoso
em vires aqui ter, porque sem duuida aquelle he. *Igna.*
Com isso descanço, & viuo, & esse seu amigo quem he.
Val. Dirtohei, porque por ventura ninguem mais delle
sabe que eu. Ha ja bem de annos que Micer Octauio
foy daqui por embaxador ao gram Turco, acompanhe
yo eu: depois de acabarmos este negocio da embaxada
vindonos a embarcar em Constantinopla, vimos vender
ao pregam certos mininos Christãos entre os quaes lan
çando Octauio os olhos, asi os affeiçoou a hum que o
comprou em idade, que nam podia dar mais razam de
si que mostrar que era Portuguez na lingua, & trazen-
doo aqui o deu Octauio ao duque em cuja casa se criou
ategora, & he este Octauio que te digo a que ficou ono
me de seu senhor, se se asi pode chamar. *Ign.* Ditoso acõ
tecimento que diras aos males que vam pello mundo.

V *Val.*

Val. E logo hi soubemos, que Francesses ovẽderão. *Ign.* Ay ja pode ser que entre esses iria o meu Ambrosio que eu criei irmam de Bernardo. *Val.* Bem aposto eu que não lembre isto a Octauio que se ha por mais natural da terra que eu. *Ign.* Nam sei que aluoroço sinto ao espirito, mas que pode ser a tanto tempo. *Val.* Que falas contigo, *Ign.* Nada, afigurauaseme se por desastre poderia ser esse. *Val.* Grandes sam os milagres de Deos. *Ign.* Sy. Mas quem lhos merece. *Val.* As vezes os faz elle aquem lhe apraz, & tu conhecelohias. *Ign.* Sy, que o criey, mas isto sam sonhos com Bernardo me contentaria, rogote que tornemos la, pode ser que sera vindo. *Val.* Vamos mas deuias ver primeiro esta cidade, que tanto ha que a deixaste ainda que a quem vem de Lisboa nenhũa outra cousa parece grande. *Ign.* Senam Veneza, que certo he cousa grande, & de cada vez mayor, mas hi fica tempo depois, vamos que me nam repousa o coraçam. *Val.* Quisera dar hũa palaura a este homem, que qua vem, depois o farey.

SCENA. III.

Iulio soo.

NVNCA ninguem tambem ordenou sua vida, que o tempo, & as mudanças delle, lhe nam trouxessem algũa nouidade, & ensinassem, que aquillo que tinha

tinha por melhor, experimentado o ouuesse por peor como a mi agora acõteceo. Desque casei ategora segui hũa maneira de viuer, q̃ ao meu juizo era melhor, & mais segura pera minha honra, & descanço, agora vejo q̃ não tão somente não era vida, mas hũa vergonha, & baixeza. Olhae as cegueiras, & desenganos, ainda hoje quiz mal, & deshonrey a quem me dizia que me enganaua. Agora que acabei de me ver, & que me lembra o passado asi me aborreço a mi mesmo, como a hum imigo, agora conheço que todos aquelles meus fundamentos, & boas razões eram cegueiras, & doudices, & todas aquellas minhas contas, em que eu cuidaua q̃ mais que todos acertaua, erão erradas, & bestiaes. Tal força tiuerão as razões, & os concelhos, que em q̃ me pez me derão, q̃ de cego que era, me abrirão os olhos, de danado, & determinado de matar minha molher, & por fogo as casas me tornarão tão manso, que não sey ja senam chorar as tristezas, & magoas, com que ate qui a tratey. Que cousa he o peccado tam pesado, & desgostoso. Em todo este tempo que viuia, eu tinha gosto de nada, no mor contentamento entristecia, no mais pesado sono acordaua em casa, & fora de casa, que vida era a minha, temiame dos homens, das molheres, dos vẽtos, & das sombras, & não me temia de mi mesmo, & do meu pecado de q̃e mais deuera. Louuores a nosso Senhor que tanta merce me fez, ja sey q̃ cousa he ser casado, & este nome de matrimonio quão honrado he, & quã gostoso a quẽ

ſabe vſar delle. Ia ſei, que me deu Deos molher pera mi nha igual companheira em meus prazeres, & trabalhos & mais que molher? Oh Liuia com que olhos te olharey agora. Liuia quam pouco amor me deues, mas eu o emendarey ſus, ſus, daqui por diante noua vida, ſe ate qui foſte minha catiua, ſeras daqui por diante minha ſenhora da caſa, & da fazenda, faras o que quiſeres, & de mi tambem. E não viuirei eu como os outros homens? De crer he, como me a mi dizião, que eu ſó ſou o que acerte, & todos errem, nam pode ſer. Os que me dantes conhecião, vejãome, & conheçãome nouamente, quantos ſabião os meus erros venhão ver a minha emenda. Se podera tomar outro nome, deixara o que tenho, pera que em tudo parecera nouo homem. Ia nam ſam aquel le mao Iulio que ſohia, as vergonhas que paſſei com Bernardo, he neceſſario, que lhas emende com outra mor honra. Quiſera buſcalo, & deſculparme, como melhor poder, nam ſaiba Benedito, ou não ſoſpeite, que eſtimo pouco ſua amiſade, conuidalohei, & ficarmeha por hoſpede, mais vergonhoſa couſa he o pecado, que a emenda della, pois pelo peor paſſei, nam he razão que o melhor recee. Qua vem o ſeu criado, dirmeha delle.

SCENA. IIII.

Ardelio. *Iulio.*

Couſa

COusa ha ahi, que parece, que acinte ás ordena o diabo, & as desta noite taes foram. Eu nam sey do que mais me ria, se da paruoice de Bernardo, ou dos desastres de Iulio ou da lealdade de Faustina com Octauio Pareceuos q̃hũ frade capucho tiuera a cõsciẽcia de meu amo, chamado de hũa molher a que queria bem, & que o q̃ria a elle, & q̃ se auenturaua atamanho risco, sair se assi sem hum so abraço della, viose nunca tal paciencia? *Iul.* Que grão trauesso, repetenado, de que se vẽ rindo? *Ard.* Se o Liuia ja quiser ver, que me matem, ora deixai o Octauio, não me posso ter, desculpar a puta. Ha, ha, & diz que si, que lhe quer grande bem, que entrou Iulio por força, & jura que he verdade, que ella lho jurou, & chorou. *Iul.* Em quantas vergonhas me meteram meus peccados, corrido estou do que passou por mi. *Ard.* Aquella velha tam endiabrada, que negou o outro, pareceme que o sonhei, tal aconteceo todavia, he verdade q̃ a mi me lembra que não dormi esta noite. Andei desde então ategora vigiando, & não vi sinal de nada. As portas, & as janellas estam, como se vem, não creo que tornou ainda. *Iul.* Deuagar vem. *Ard.* Mas heilo acola vejoo tam paciente que hei do delle. Nam sei se o cometa *Iul.* Voume a elle. Por tua vida mancebo que me faças hum prazer. *Ard.* As pessas? Perdoame, que te enganey, jurara que as trazia Bernardo, folgo de o nam termos dito a Iulio. *Iul.* Nam digo isso, mas que me mostres teu amo, que me releua muyto. *Ard.* Pera que. *Iul.* Eu sou

 Iulio.

Iulio. *Ard.* Iulio? como pode ser? *Iul.* Encobrime ategora, ou neguéime, porque me temi de hum certo negocio de Genoa. *Ard.* Como se ouuesse muyto, que eu falley contigo *Iul.* Nam zombo. *Ard.* E como crerei, que es tu agora mais que dantes. *Iul.* O que te eu digo, he assi. *Ard.* Muyto se parece contigo aquelle teu amigo. *Iul.* Que amigo. *Ard.* Hum que la andaua muyto negociador por tua parte. *Iul.* Tens razam, porque eu era ho mesmo. *Ard.* Perdoame logo, porque tu me tiraste de meu siso, se creras que era Iulio, como eu cria, nam cançaramos tāto. *Iul.* Perdoame tu o que eu passei contigo que eu te perdoo todas tuas graças, mas Bernardo desejo muyto de ver. *Ard.* que lhe queres? *Iul.* Pedirlhe perdam de minhas culpas, que eu creyo que me elle dara sabendo a causa. Rogote que me leues, ou lhe dize de minha parte, que me faça mercē de me dar licēça para me ver com elle. *Ard.* Fatohei isto, que sera.. *Iul.* E seja oje por tua vida. *Ard.* queres que vá elle la dar contigo. *Iul.* Se o nam tomar por trabalho. *Ard.* A tua casa. *Iul.* Sy. *Ard.* Iesu, que ouço, se endoudeceo este, ira ter contigo a tua casa. *Iul.* Sy. E quanto mais cedo mais folgarei. *Ard.* ora nom mais, isto be trato nam nos paparas, como eu estaua paruo. *Iul.* Faloas assi. *Ard.* Eu te direy (pois ja queres, que te conheçamos, elle he ido desdontē pola manham fora da cidade, nam sei se tornara boje, *Iul.* He fora. *Ard.* Sy. *Iul.* Oh doume a Deos, & anda elle ja de caminho. *Ard.* Tomai la nāo se detera nada, nam

digo

digo bem, eu nam sey todauia, creo que ainda esta de uagar. *Iul.* Por tua vida que me nam enganes, porque me vay muito nisto. *Ard.* A nos vay mais que a ty, he como te digo, & bem o podes saber. *Iul.* Ora eu terey cuydado de o buscar, ficate embora sentirey muito irseme assi sem algũa desculpa, ou comprimento por amor de Benedito escreuerlhe ha quam mal o fiz com elle, eisme sem amigo. *Ard.* Que me matem se isto nam he manha, voume com tempo dar auiso as partes.

SCENA. V.

Clareta soo.

QVE direis a tamanho desastre, a tamanho descuydo, a tamanhã paruoice minha, ficarme asi a porta aberta a tal tempo estou pera arrebentar. Faustina fica comendo os pes, & as mãos desespera ja de se vingar de Octauio. Em fim Iulio pagou por elle, coitado estaua com a mesa posta, & a cama feita, & nem de mesa, nem de cama leuou bocado. Nos ja estamos de leuante, que elle ou se ha de vingar, ou ha de querer tornar hauer o seu anel, a isto vieram passar todos os amores, & lagrimas de Faustina. Folguey em parte, porque sabera viuer daqui auante.

SCENA.

Val. Eu o creyo,mas se o queres entender, vay onde tẽ disse,que eu vou depressa.

SCENA. VIII.

Ardelio. *Ianoto.*

IESV, que prazer,& boa dita. *Ian.* Não sey que diz aquelle velho,ca vem Ardelio. *Ard.* Que dia tão bem auenturado. *Ian.* Que pressa he esta,parece doudo. *Ard.* Ainda que em nossa mam fora dar bom fim a tres perigos,nam podera ser,como aconteceo. *Ian.* Ardelio,que he isso. *Ard.* Oh Ianoto heyte de abraçar. *Ian.* Que ouueste,de que vens tam aluoraçado. *Ard.* Ha Portugal,ha Portugal. *Ian.* Que dizes? *Ard,* Que auemos de ir todos a Portugal. *Ian.* Quaes todos, *Ard.* Bernardo, & Octauio,& Ardelio,& Ianoto. *Ian.* Tu es doudo, *Ard.* Nam se pode crer Iulio,ja nam he Iulio. *Ian.* Morreo? *Ard.* Mas mudouse de maneira;que o nam conheceras,digo te que aquelle desastre dontem foy bemauenturado pera Liuia,ja he molher,ja he casada, ja viue. *Ian.* Muito assombrado vens, começas hũa cousa, & faltas noutra. *Ard.* Cuidas que estou em mim. *Ian.* Toma folego,nam te afogues, *Ard.* Em fim pera que me hey de deter em palauras,veyo aqui em nossa busca Ignacio amo de Bernardo,foy dar com elle a casa de Celar , onde o leuou Iulio conuidado pera hum banquete , que faz por festa

de

de sua noua vida. *Ian.* Que me contás, *Ard.* Espera, to-
pao nessa rua com Octauio, leuouos ambos com gran-
des desculpas, & perdam do passado, inspiroulhe Deos
graça pera se conhecer, & arrependerse da vida passada
desoje por diante toma outra, & oje faz conta que rece
be sua molher. *Ian.* E por isso auemos de ir a Portugal.
Ard. Nam sei o que conto, isso te ouuera dizer primei-
ro, Ambrosio he irmam de Bernardo. *Ian.* Qual Am-
brosio? *Ard.* Octauio teu senhor. *Ian.* Hum, tu tens siso.
Ard. Nam duuidas, conhecerãono agora milagrosamē-
te. *Ian.* Como estou encantado. *Ard.* E eu tambem hũ
velho natural daqui contou a sua historia, & Ignacio o
nosso amo o conheceo por sinaes como quem o criou.
Ian. Isso he assi. *Ard.* Assi. *Ian.* Que he Octauio irmaõ de
teu senhor. *Ard.* Pera que he estar contigo em praticas,
vem, & velohas com o olho. *Ian.* Iesu, Iesu Ardelio. *Ard.*
Heylo velho sae chorando de prazer.

SCENA. vltima.

Cesar soo.

QVanto deuo a Deos pello prazer q̃ me mostrou o-
je liurar minha filha de infamia, & de hum peri-
go tam certo tamanho, tamanho era ha sospeita que ho
marido tomou della. E na verdade posto q̃ tiuessem
algũa desculpa de seu medo, que elle auesado era a dizer
& fazer. Porem não se sofria todauia velo bater a porta

& não

Val. Eu o creyo, mas se o queres entender, vay onde tẽ disse, que eu vou depressa.

SCENA. VIII.

Ardelio. *Ianoto.*

IESV, que prazer, & boa dita. *Ian.* Não sey que diz aquelle velho, ca vem Ardelio. *Ard.* Que dia tão bem auenturado. *Ian.* Que pressa he esta, parece doudo. *Ard.* Ainda que em nossa mam fora dar bom fim a tees perigos, nam podera ser, como aconteceo. *Ian.* Ardelio, que he isso. *Ard.* Oh Ianoto heyte de abraçar. *Ian.* Que ouueste, de que vens tam aluoraçado. *Ard.* Ha Portugal, ha Portugal. *Ian.* Que dizes? *Ard*, Que auemos de ir todos a Portugal. *Ian.* Quaes todos, *Ard.* Bernardo, & Octauio, & Ardelio, & Ianoto. *Ian.* Tu es doudo, *Ard.* Nam se pode crer Iulio, ja nam he Iulio. *Ian.* Morreo? *Ard.* Mas mudouse de maneira, que o nam conheceras, digote que aquelle desastre dontem foy bemauenturado pera Liuia, ja he molher, ja he casada, ja viue. *Ian.* Muito assombrado vens, começas hũa cousa, & saltas noutra. *Ard.* Cuidas que estou em mim. *Ian.* Toma folego, nam te afogues, *Ard.* Em fim pera que me hey de deter em palauras, veyo aqui em nossa busca Ignacio amo de Bernardo, foy dar com elle a casa de Cesar, onde o leuou Iulio conuidado pera hum banquete, que faz por festa

de

de sua noua vida. *Ian.* Que me contás, *Ard.* Espera, topao nessa rua com Octauio, leuouos ambos com grandes desculpas, & perdam do passado, inspiroulhe Deos graça pera se conhecer, & arrependerse da vida passada desoje por diante toma outra, & oje faz conta que recebe sua molher. *Ian.* E por isso auemos de ir a Portugal. *Ard.* Nam sei o que conto, isso te ouuera dizer primeiro, Ambrosio he irmam de Bernardo. *Ian.* Qual Ambrosio? *Ard.* Octauio teu senhor. *Ian.* Hum, tu tens siso. *Ard.* Nam duuidas, conhecerãono agora milagrosamēte. *Ian.* Como estou encantado. *Ard.* E eu tambem hũ velho natural daqui contou a sua historia, & Ignacio o nosso amo o conheceo por sinaes como quem o criou. *Ian.* Isso he asi. *Ard.* Asi. *Ian.* Que he Octauio irmaõ de teu senhor. *Ard.* Pera que he estar contigo em praticas, vem, & velohas com o olho. *Ian.* Iesu, Iesu Ardelio. *Ard.* Heylo velho sae chorando de prazer.

SCENA. vltima.

Cesar soo.

QVanto deuo a Deos pello prazer q̃ me mostrou oje liurar minha filha de infamia, & de hum perigo tam certo tamanho, tamanho era ha sospeita que ho marido tomou della. E na verdade posto q̃ tiuessem algũa desculpa de seu medo, que elle aueſado era a dizer & fazer. Porem não se sofria todauia velo bater a porta

Val. Eu o creyo, mas se o queres entender, vay onde tẽ disse, que eu vou depressa.

SCENA. VIII.

Ardelio. *Ianoto.*

IESV, que prazer, & boa dita. *Ian.* Não sey que diz aquelle velho, ca vem Ardelio. *Ard.* Que dia tão bem auenturado. *Ian.* Que pressa he esta, parece doudo. *Ard.* Ainda que em nossa mam fora dar bom fim a tees perigos, nam podera ser, como aconteceo. *Ian.* Ardelio, que he isso. *Ard.* Oh Ianoto heyte de abraçar. *Ian.* Que ouueste, de que vens tam aluoraçado. *Ard.* Ha Portugal, ha Portugal. *Ian.* Que dizes? *Ard,* Que auemos de ir todos a Portugal. *Ian.* Quaes todos, *Ard.* Bernardo, & Octauio, & Ardelio, & Ianoto. *Ian.* Tu es doudo, *Ard.* Nam se pode crer Iulio, ja nam he Iulio. *Ian.* Morreo? *Ard.* Mas mudouse de maneira, que o nam conheceras, digote que aquelle desastre dontem foy bemauenturado pera Liuia, ja he molher, ja he casada, ja viue. *Ian.* Muito assombrado vens, começas nũa cousa, & saltas noutra. *Ard.* Cuidas que estou em mim. *Ian.* Toma folego, nam te afogues, *Ard.* Em fim pera que me hey de deter em palauras, veyo aqui em nossa busca Ignacio amo de Bernardo, foy dar com elle a casa de Cesar, onde o leuou Iulio conuidado pera hum banquete, que faz por festa

de

de sua noua vida. *Ian.* Que me contás, *Ard.* Espera, topao nessa rua com Octauio, leuouos ambos com grandes desculpas, & perdam do passado, inspiroulhe Deos graça pera se conhecer, & arrependerse da vida passada desoje por diante toma outra, & oje faz conta que recebe sua molher. *Ian.* E por isso auemos de ir a Portugal. *Ard.* Nam sei o que conto, isso te ouuera dizer primeiro, Ambrosio he irmam de Bernardo. *Ian.* Qual Ambrosio? *Ard.* Octauio teu senhor. *Ian.* Hum, tu tens siso. *Ard.* Nam duuidas, conhecerãono agora milagrosamẽte. *Ian.* Como estou encantado. *Ard.* E eu tambem hũ velho natural daqui contou a sua historia, & Ignacio o nosso amo o conheceo por sinaes como quem o criou. *Ian.* Isso he asi. *Ard.* Asi. *Ian.* Que he Octauio irmaõ de teu senhor. *Ard.* Pera que he estar contigo em praticas, vem, & velohas com o olho. *Ian.* Iesu, Iesu Ardelio. *Ard.* Heylo velho sae chorando de prazer.

SCENA. vltima.

Cesar soo.

QVanto deuo a Deos pello prazer q̃ me mostrou oje liurar minha filha de infamia, & de hum perigo tam certo tamanho, tamanho era ha sospeita que ho marido tomou della. E na verdade posto q̃ tiuessem algũa desculpa de seu medo, que elle auesado era a dizer & fazer. Porem não se sofria todauia velo bater a porta

Val. Eu o creyo, mas se o queres entender, vay onde tẽ disse, que eu vou depressa.

SCENA. VIII.

Ardelio. *Ianoto.*

IESV, que prazer, & boa dita. *Ian.* Não sey que diz aquelle velho, ca vem Ardelio. *Ard.* Que dia tão bem auenturado. *Ian.* Que pressa he esta, parece doudo. *Ard.* Ainda que em nossa mam fora dar bom fim a tees perigos, nam podera ser, como aconteceo. *Ian.* Ardelio, que he isso. *Ard.* Oh Ianoto heyte de abraçar. *Ian.* Que ouueste, de que vens tam aluoraçado. *Ard.* Ha Portugal, ha Portugal. *Ian.* Que dizes? *Ard,* Que auemos de ir todos a Portugal. *Ian.* Quaes todos, *Ard.* Bernardo, & Octauio, & Ardelio, & Ianoto. *Ian.* Tu es doudo, *Ard.* Nam se pode crer Iulio, ja nam he Iulio. *Ian.* Morreo? *Ard.* Mas mudouse de maneira, que o nam conheceras, digote que aquelle desastre dontem foy bemauenturado pera Liuia, ja he molher, ja he casada, ja viue. *Ian.* Muito assombrado vens, começas hũa cousa, & saltas noutra. *Ard.* Cuidas que estou em mim. *Ian.* Toma folego, nam te afogues, *Ard.* Em fim pera que me hey de deter em palauras, veyo aqui em nossa busca Ignacio amo de Bernardo, foy dar com elle a casa de Cesar, onde o leuou Iulio conuidado pera hum banquete, que faz por festa

de

de sua noua vida. *Ian.* Que me contás, *Ard.* Espera, topao nessa rua com Octauio, leuouos ambos com grandes desculpas, & perdam do passado, inspiroulhe Deos graça pera se conhecer, & arrependerse da vida passada desoje por diante toma outra, & oje faz conta que recebe sua molher. *Ian.* E por isso auemos de ir a Portugal. *Ard.* Nam sei o que conto, isso te ouuera dizer primeiro, Ambrosio he irmam de Bernardo. *Ian.* Qual Ambrosio? *Ard.* Octauio teu senhor. *Ian.* Hum, tu tens siso. *Ard.* Nam duuidas, conheceráono agora milagrosamẽte. *Ian.* Como estou encantado. *Ard.* E eu tambem hũ velho natural daqui contou a sua historia, & Ignacio o nosso amo o conheceo por sinaes como quem o criou. *Ian.* Isso he asi. *Ard.* Asi. *Ian.* Que he Octauio irmaõ de teu senhor. *Ard.* Pera que he estar contigo em praticas, vem, & velohas com o olho. *Ian.* Iesu, Iesu Ardelio. *Ard.* Heylo velho sae chorando de prazer.

SCENA. vltima.

Cesar soo.

QVanto deuo a Deos pello prazer q̃ me mostrou oje liurar minha filha de infamia, & de hum perigo tam certo tamanho, tamanho era ha sospeita que ho marido tomou della. E na verdade posto q̃ tiuessem algũa desculpa de seu medo, que elle aousado era a dizer, & fazer. Porem não se sofria todauia velo bater a porta

& n

ſabe vſar delle. Ia ſei, que me deu Deos molher perã mi nha igual companheira em meus prazeres, & trabalhos & mais que molher? Oh Liuia com que olhos te olharey agora. Liuia quam pouco amor me deues, mas eu o enmendarey ſus, ſus, daqui por diante noua vida, ſe ate qui foſte minha catiua, ſerasdaqui por diante minha ſenhora da caſa, & da fazenda, faras o que quiſeres, & de mi tambem. E não viuirei eu como os outros homens? De crer he, como me a mi dizião, que eu ſó ſou o que acerte, & todos errem, nam pode ſer. Os que me dantes conhecião, vejãome, & conheçãome nouamente, quantos ſabião os meus erros venhão ver a minha emenda. Se podera tomar outro nome, deixara o que tenho, pera que em tudo parecera nouo homem. Ia nam ſam aquel le mao Iulio que ſohia, as vergonhas que paſſei com Bernardo, he neceſſario, que lhas emende com outra mor honra. Quiſera buſcalo, & deſculparme, como melhor poder, nam ſaiba Benedito, ou não ſoſpeite, que eſtimo pouco ſua amiſade, conuidalohei, & ficarmeha por hoſpede, mais vergonhoſa couſa he o pecado, que a emenda della, pois pelo peor paſſei, nam he razão que o melhor recee. Qua vem o ſeu criado, dirmeha delle.

SCENA. IIII.

Ardelio. *Iulio.*

Couſa

COusa ha ahi, que parece, que acinte ás ordena o diabo, & as desta noite taes foram. Eu nam sey do que mais me ria, se da paruoice de Bernardo, ou dos desastres de Iulio ou da lealdade de Faustina com Octauio Pareceuos q̃ hũ frade capucho tiuera a cõsciẽcia de meu amo, chamado de hũa molher a que queria bem, & que o q̃ria a elle, & q̃ se auenturaua a tamanho risco, saisse assi sem hum so abraço della, viose nunca tal paciencia? *Iul.* Que grão traueço, repetenado, de que se vẽ rindo? *Ard.* Se o Liuia ja quiser ver, que me matem, ora deixai o Octauio, não me posso ter, desculpar a puta. Ha, ha, & diz que si, que lhe quer grande bem, que entrou Iulio por força, & jura que he verdade, que ella lho jurou, & chorou. *Iul.* Em quantas vergonhas me meteram meus peccados, corrido estou do que passou por mi. *Ard.* Aquella velha tam endiabrada, que negou o outro, pareceme que o sonhei, tal aconteceo todavia, he verdade q̃ a mi me lembra que não dormi esta noite. Andei desde então ategora vigiando, & não vi sinal de nada. As portas, & as janellas estam, como se vem, não creo que tornou hainda. *Iul.* Deuagar vem. *Ard.* Mas heilo acola vejoo tam paciente que hei do delle. Nam sei se o cometa *Iul.* Voume a elle. Por tua vida mancebo que me façass hum prazer. *Ard.* As pessas? Perdoame, que te enganey, jurara que as trazia Bernardo, folgo de o nam termos dito a Iulio. *Iul.* Nam digo isso, mas que me mostres teu amo, que me releua muyto. *Ard.* Pera que. *Iul.* Eu sou

 Iulio.

Iulio. *Ard.* Iulio? como pode ser? *Iul.* Encobrime ategora, ou neguéime, porque me temi de hum certo negocio de Genoa. *Ard.* Como se ouuesse muyto, que eu falley contigo *Iul.* Nam zombo. *Ard.* E como crerei, que es tu agora mais que dantes. *Iul.* O que te eu digo, he asi. *Ard.* Muyto se parece contigo aquelle teu amigo. *Iul.* Que amigo. *Ard.* Hum que la andaua muyto negociador por tua parte. *Iul.* Tens razam, porque eu era ho mesmo. *Ard.* Perdoame logo, porque tu me tiraste de meu siso, se creras que era Iulio, como eu cria, nam cançaramos tãto. *Iul.* Perdoame tu o que eu passei contigo que eu te perdoo todas tuas graças, mas Bernardo desejo muyto de ver. *Ard.* que lhe queres? *Iul.* Pedirlhe perdam de minhas culpas, que eu creyo que me elle dara sabendo a causa. Rogote que me leues, ou lhe dize de minha parte, que me faça merce de me dar licẽça para me ver com elle. *Ard.* Fatohei isto, que sera.. *Iul.* E seja oje por tua vida. *Ard.* queres que vá elle la dar contigo. *Iul.* Se o nam tomar por trabalho. *Ard.* A tua casa. *Iul.* Sy. *Ard.* Iesu, que ouço, se endoudeceo este, ira ter contigo a tua casa. *Iul.* Sy. E quanto mais cedo mais folgarei. *Ard.* ora nom mais, isto he trato nam nos paparas, como eu estaua paruo. *Iul.* Faloas asi. *Ard.* Eu te direy (pois ja queres, que te conheçamos, elle he ido desdontẽ pola manham fora da cidade, nam sei se tornara hoje. *Iul.* He fora. *Ard.* Sy. *Iul.* Oh doume a Deos, & anda elle já de caminho. *Ard.* Tomai la não se detera nada, nam

digo

digo bem, eu nam sey todauia, creo que ainda esta de uagar. *Iul.* Por tua vida que me nam enganes, porque me vay muito nisto. *Ard.* A nos vay mais que a ty, he como te digo, & bem o podes saber. *Iul.* Ora eu terey cuydado de o buscar, ficate embora sentirey muito irseme asi sem algũa desculpa, ou comprimento por amor de Benedito escreuerlhe ha quam mal o fiz com elle, cisme sem amigo. *Ard.* Que me matem se isto nam he manha, voume com tempo dar auiso as partes.

SCENA. V.

Clareta soo.

QVE direis a tamanho desastre, a tamanho descuydo, a tamanha paruoice minha, ficarme asi a porta aberta a tal tempo estou pera arrebentar. Faustina fica comendo os pes, & as mãos desespera ja de se vingar de Octauio. Em fim Iulio pagou por elle, coitado estaua com a mesa posta, & a cama feita, & nem de mesa, nem de cama leuou bocado. Nos ja estamos de leuante, que elle ou se ha de vingar, ou ha de querer tornar hauer o seu anel, a isto vieram passar todos os amores, & lagrimas de Faustina. Folguey em parte, porque sabera viuer daqui auante.

SCENA VI.

Ianoto. *Clareta.*

ONde poderei achar Octauio, ou Bernardo, ou Ardelio? *Clar.* Este he Ianoto, eyo de tentar. *Ian.* Dizemme, que andam aqui dous homens muito mortos apos elles, nam sei que seja. *Clar.* Se pudesse ora chorar hum pouco. *Ian.* Medo hey que pairam aquellas bacorinhas algum mal. *Clar.* Ay, ay Faustina quam pouco do auerei de ti quem te mata. *Ian.* Quem chora aqui. *Clar.* Coitadinha, que te não merecem esse amor. *Ian.* O Clareta que he isso? de que choras. *Clar.* Ay Ianoto onde esta Octauio, *Ian.* Que has, que lhe queres. *Clar.* Morre Faustina, deixeya tal. *Ian.* Falla. *Clar.* Que não parece viua. *Ian.* Que fez, quem lhe fez mal? *Clar.* Estirada no meyo da casa como hum corpo morto. *Ian.* De que. *Clar.* Eu toda està noite andei com ella com agoas, & com cheiros, parece que arrebenta, & que lhe falta o coração fora. *Ian.* Ia entendo. *Clar.* Diz que se lhe Octauio nam fala, & a nam ouue, que sobre elle carregue a sua morte *Ian.* Hà, ha, he. *Clar.* E riste. *Ian.* Endiabrada es, mas eu te direi hũa mofina não vem sem outra. *Clar.* Bem parece em ti se lhe merece Octauio o que por elle passa. *Ian.* Clareta não me enganes, essas lagrimas sam de mostarda, andastes muyto mal em vossos raposios. *Clar.* Assi, as pagamos ainda que todo o mal he da coitadinha. *Ian.* Pois se soubesses pera quẽ Octauio negociaua aquillo.

Clar.

Clar. Perã quẽm, que ainda Faustinã crẽ quẽ era zombaria. Ian. Porque hei do della, & de ty, to quero dizer. Pera Iulio. Clar. Pera Iulio? Ian. E foy tam recatado que o entendeo. Clar. Zombas, mas por tua vida que digas a teu amo q̃ aja do dequem por elle tal fica. Ian. Zombo, mas tu com aluoroço deixaste a porta aberta a Octauio vay, vay, bem paruo he quem escapa de hũa, & se torna a meter em outra. Faustina tome outros amores de melhor rendimento. Clar. Foyse se tal he q̃ paciencia terâ Faustina pera Iulio, agora cremos que nos outras somos âs paruoas, & as coutadas, algum peccador virà, em que se tudo emende, o traydor, como me entendeo.

SCENA. VII.

Valerio. Ianoto.

ADias, que tanto prâzer nam tiue, como oje. Oh Senhor Deos que grandezas sam as vossas. Quem cuidara depois de vinte annos, que tanto auera, que viemos do Turco, se viesse a descobrir o que agora por minha causa se descobrio. Pera algum bem grande guardou Deos aquelle moço. Ian. Valerio, visteme por aqui Octauio. Val. Qual Octauio? nam he se nam Ambrosio. Ian. Como Ambrosio? eu digo meu amo. Val. Eu digo teu amo, ja nam he Octauio. Ian. Como nam. Val. Vayte a casa de Cesar, la o veras. Ian. Nam te entendo.

Val. Eu o creyo, mas se o queres entender, vay onde tẽ disse, que eu vou depressa.

SCENA. VIII.

Ardelio. *Ianoto.*

IESV, que prazer, & boa dita. *Ian.* Não sey que diz aquelle velho, ca vem Ardelio. *Ard.* Que dia tão bem auenturado. *Ian.* Que pressa he esta, parece doudo. *Ard.* Ainda que em nossa mam fora dar bom fim a tees perigos, nam podera ser, como aconteceo. *Ian.* Ardelio, que he isso. *Ard.* Oh Ianoto heyte de abraçar. *Ian.* Que ouueste, de que vens tam aluoraçado. *Ard.* Ha Portugal, ha Portugal. *Ian.* Que dizes? *Ard,* Que auemos de ir todos a Portugal. *Ian.* Quaes todos, *Ard.* Bernardo, & Octauio, & Ardelio, & Ianoto. *Ian.* Tu es doudo, *Ard.* Nam se pode crer Iulio, ja nam he Iulio. *Ian.* Morreo? *Ard.* Mas mudouse de maneira, que o nam conheceras, digo te que aquelle desastre dontem foy bemauenturado pera Liuia, ja he molher, ja he casada, ja viue. *Ian.* Muito assombrado vens, começas hũa cousa, & saltas noutra. *Ard.* Cuidas que estou em mim. *Ian.* Toma folego, nam te afogues, *Ard.* Em fim pera que me hey de deter em palauras, veyo aqui em nossa busca Ignacio amo de Bernardo, foy dar com elle a casa de Cesar, onde o leuou Iulio conuidado pera hum banquete, que faz por festa

de

de sua noua vida. *Ian.* Que me contas, *Ard.* Espera, topao nessa rua com Octauio, leuouos ambos com grandes desculpas, & perdam do passado, inspiroulhe Deos graça pera se conhecer, & arrependerse da vida passada desoje por diante toma outra, & oje faz conta que recebe sua molher. *Ian.* E por isso auemos de ir a Portugal. *Ard.* Nam sei o que conto, isso te ouuera dizer primeiro, Ambrosio he irmam de Bernardo. *Ian.* Qual Ambrosio? *Ard.* Octauio teu senhor. *Ian.* Hum, tu tens siso. *Ard.* Nam duuidas, conheceraono agora milagrosamẽte. *Ian.* Como estou encantado. *Ard.* E eu tambem hũ velho natural daqui contou a sua historia, & Ignacio o nosso amo o conheceo por sinaes como quem o criou. *Ian.* Isso he assi. *Ard.* Assi. *Ian.* Que he Octauio irmaõ de teu senhor. *Ard.* Pera que he estar contigo em praticas, vem, & velohas com o olho. *Ian.* Iesu, Iesu Ardelio. *Ard.* Heylo velho sae chorando de prazer.

SCENA. vltima.

Cesar soo.

QVanto deuo a Deos pello prazer q̃ me mostrou oje liurar minha filha de infamia, & de hum perigo tam certo tamanho, tamanho era ha sospeita que ho marido tomou della. E na verdade posto q̃ tiuessem algũa desculpa de seu medo, que elle acusado era a dizer & fazer. Porem não se sofria todauia velo bater a porta

& não

& nam lhe abrir, nosso Senhor espirou noua alma, & noua vida quando mais parecia, que estaua fora della. Vay ter a casa, & lançase aos pes de Liuia, & quisme beijar os meus, com lagrimas o leuantei, & com lagrimas conto isto. Ajuntouse outro prazer daquelles mancebos que se chamam irmãos, que velos a elles, & a hum velho seu amo he pera louuar a Deos, Liuia estaua morta, jagora viue, ja terà vida que lhe sempre desejei, que segũdo o que enxergo nelle, vay ja caindo em outro estremo demasiado. Vou conuidar meus parentes, & amigos que me ajudem a rir, & a folgar como dantes me ajudauam a chorar, & vos tambem festejay este meu contentamento.

Fin da Comedia do Cioso.

EM LISBOA. Com licença da Sancta Inquisiçaõ, & do Ordinario, & de sua Magestade.
Por Antonio Aluarez Impressor, & mercador de liuros.
E feitas a sua custa. Anno 1622.